



A movie poster for 'Rabiosa'. The background is dark with blue and yellow lighting. On the left, a large, muscular man is shown from the chest up, looking towards the center. In the center, a woman with dark hair, wearing a black sequined top and fishnet stockings, is climbing a vertical pole. On the right, a man's face is visible in a blue-tinted, semi-transparent overlay. The title 'RABIOSA' is written in large, bold, yellow letters. Below it, the subtitle 'MÉNAGE À TROIS' is written in smaller, orange letters. At the bottom right, the name 'CAROLINE ANDRADE' is written in yellow letters.

RABIOSA

MÉNAGE À TROIS

CAROLINE ANDRADE



RABI MÉNAGE À TROIS OSA

CAROLINE ANDRADE

Copyright © 2020 - Caroline Andrade

1a Edição, 2020. Todos os direitos reservados. Direitos reservados a autora desta obra. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora. Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos é mera coincidência.

Design de Capa: Mellody Ruy

Diagramação: Yasmim Mahmud Kader

Revisão: Yasmim Mahmud Kader

Imagens: PNG Tree

*A maior prisão é a da mente fechada. Toda
forma de amor é válida. Se existe amor, não é
erro... é dádiva!*





Zelda estava preparada para tudo em sua vida: uma híbrida latino Afro-Americana com sangue quente que desejava apenas ter uma chance para mostrar que não veio ao mundo para brincar. Queria um lugar ao sol entre as indústrias de construção civil. O que ela não imaginava, no entanto, ao aceitar o estágio na Indústrias Ozbornes, era que, junto com a porta do seus sonhos ao mundo do negócios, também se abriria a porta dos desejos e fantasias quente como o inferno: seus dois chefões em ascensão.



RAIVOSA

8 de dezembro

— *Hijos de puta* — a pequena mulher, andando pela casa, deixava o sangue latino de sua *madre* correr forte em suas veias. Parou na sala, ia de um lado ao outro no pequeno cômodo, sem acreditar no que estava escrito no maldito papel à sua frente — *Mierda, mierda* de vida, o que faço agora, senhor Piter?

Seus olhos vão para o cachorro que a olhava tranquilamente, esticando suas patas. Ele boceja voltando a deitar sua cabeça no sofá, nem ao menos dando um sinal que se importava com o desespero de Zel.

— *Madre vai me matar assim que souber disso...* como pode ser tão burra, Zelda! — Ela gritou com ódio, amassando o papel enquanto seu corpo desliza para o sofá, ao lado de seu cachorro.

O que acontece em Vegas, fica em Vegas, docinho.

Zel sentia seu corpo inteiro protestar com a pequena lembrança das vozes malditas em seus ouvidos. Como ela podia sequer achar que essa ideia teria acabado bem... o que era para ser uma curiosidade se transformou em fogo e, agora, trazia uma consequência eterna. Logo, a ira jogou toda a sensação que seu corpo desejava para o chão enquanto se levantava com raiva. Queria que as malditas lembranças não atrapalhassem sua raiva, mas seu corpo caiu outra vez. Ainda podia sentir em suas narinas o cheiro da colônia amadeirada junto ao almíscar, os olhos felinos azuis e quentes se

complementavam ao rosto quadrado e másculo, fundindo-se ao leves platinados de grisalho misturado ao negro do cabelo em corte militar de Tauro Osborne.

Na outra ponta da lança que cravou em seu destino, misturado a um grande porre de tequila com morangos, estava o perfume amadeirado de Bruce Osborne. O maldito devia ser proibido de sair com aquela colônia que fazia uma freira se queimar em baixo de sua bata. Os olhos negros em contraste com sua pele clara e cabelos tão negros como a noite a faziam querer chorar assim que pousaram em cima dela daquela forma tão dominante.

E a grande cereja do bolo: a maldita calcinha molhada e sua vagina safada que não pôde conter a curiosidade dos boatos que ouvia pela empresa. Os desejos que nutria pelos belos homens implacáveis... se recriminava por ter sido tão tola, devia ter apenas trepado como em uma maldita farra para se despedir dos três longos anos de estágio dentro da Empresa Ozbornes, não devia ter misturado seu coração.

— *Cabrones de MIERDA*. — Ela deixa a lágrima solitária descer por seu rosto, sentindo o coração que tinha remendado caquinho por caquinho se quebrar outra vez. — Fui uma grande tola, senhor Piter, por que fui esquecer a porcaria do anticoncepcional.

O velho labrador caramelo empurrou sua grande cabeça em seu colo, esfregando o focinho em sua barriga com seus olhos grandes e expressivos. Uma forma de consolo à pobre dona solitária e chorona.

Conferência de expansão da empresa Ozbornes, Las Vegas.

ZELDA

Não tinha como eu não me sentir maravilhada em estar participando de algo tão grande como a anual conferência de expansão de Empresas. Eu estava radiante quando sai da sala de Dylan Osborne há três dias. O poderoso homem, um dos três pilares da empresa Ozbornes, me comunicou que eu participaria esse ano.

Para uma estagiária em administração empresarial civil, esse era o meu maior sonho: estar diante de várias grandes multibilionárias empresas em ascensão, mas o principal era estar com o crachá da Ozbornes, uma das maiores no ramo de construção civil. Estava certo que eu não fui a primeira escolha, nem a segunda, estava mais para a escolha de desespero, já que a maioria dos funcionários estavam se negando a viajar com Tauro e Bruce, os dois pilares junto a Dylan. Todos sabiam da fama de carrasco que eles tinham, faziam as secretárias saírem chorando de sua sala em apenas um minuto. Mas a verdade era que eu não poderia recusar esse convite, pois assim eu encerraria meu estágio com chave de ouro, alavancando ainda mais a minha graduação e me rendendo a melhor chance de crescer em minha área de trabalho. Iria com força e fé, mesmo sabendo que estar entre os dois implacáveis seria um teste de paciência.

Eu me recordava da primeira vez que vi os dois primos passarem por mim três anos atrás. Um homem alto na faixa dos seus 32 anos com um semblante fechado. Ele trazia o cheiro almíscar que fez minha vagina aplaudir de felicidade ao olhar aquele macho de um metro de noventa e sete andando em linha reta com sua calça *jeans* apertada, sua camisa preta escondida por uma jaqueta de avião na cor marrom. O corpo musculoso que não escondia horas e horas de trabalho duro naqueles braços e costas largas e firmes como um tanque ambulante. Os cabelos em corte militar, o traço fechado de mandíbula firme... Ele apenas olhou para mim, por segundos, com olhos felinos e cruéis, em um azul tão profundo que podia jurar que esse homem leria minha alma.

Não me enquadrava em um patamar de freiras recatadas, mas também não podia se vangloriar de minha vida sexual parada. Houve um namorico no colegial que perdi minha virgindade, não durando muito, já que consegui a bolsa para faculdade e o pobre rapaz não. Na faculdade, tive alguns beijos e amasso em bancos traseiros de carros no estacionamento da biblioteca. Eu não sofria de nenhum tipo de flagelação sexual, era extremamente saudável e curiosa sobre o ato, mas meu foco nos estudos e na carreira que eu desejava me faziam deixar em segundo plano os namorados. No segundo semestre,

conheci Octor, ele era um rapaz inteligente de uma maneira esplêndida, não possuíamos nem um tipo de paixão avassaladora, mas eu gostava como conseguíamos conciliar a amizade com a necessidade, já que era bem a cara da gente ficar dentro dos laboratórios e bibliotecas estudando.

Mas ali, naquele momento, eu sabia que nunca tinha sentido um calor como aquele.

Era óbvio que para mim, uma estagiaria quase saindo da faculdade com míseros 22 anos, ele era uma porrada de testosteronas ambulante mexendo com minha libido.

Seus olhos se desviaram, voltando para sua rota; e, rapidamente, logo atrás dele, a grande porta se abriu. Um homem viril em seu terno negro *Armani* caminhava tranquilamente com seu telefone na orelha. Eu praticamente ronronei ao observar a grande mão firme que saiu do bolso da calça enquanto ele parava, olhando em seu pulso. Seu corpo alto era cruel em cada detalhe atlético, devia ser proibido existir homens assim... seus cabelos negros como a noite brilhavam em contraste com sua pele clara. Eu vi as linhas grossas de suas sobrancelhas. Os olhos, de um negro como seus cabelos, tinham, como comparsa, um nariz fino imponente junto à boca tão bela e apetitosa. Eu podia ser devorada pela boca dele sem nenhuma reclamação. Deixei-me perder em seu corpo, braços longos combinando com suas pernas. Quem olhasse dizia que ele acabou de sair de uma revista GQ: a calça social, que era parte do seu terno, não escondia muito bem o volume adormecido ao lado. Desejei ter visto mais paus em minha vida. Os dois que pude ver pessoalmente não eram grandes coisas, literalmente. Em uma escala de 0 a 10 em me fazer ter um orgasmo, Octor poderia receber um 3 de nota, o outro era melhor nem comentar. Imaginei-me com aquele homem à minha frente, eu aceitaria até fazer anal como aceitei com meu amigo. Meu rosto me aquecia com a ideia, eu gostava de imaginar aquilo, mas meu nariz se repuxou imaginando a dor junto ao prazer. E como sempre curiosa, me perdia pensando mais sobre o assunto.

Acho que ele provavelmente achou que eu sofria de algum problema mental porque, assim que parei de desvendar seu corpo, voltando para seu rosto, sorrindo, percebo-o me encarando. Desmanchei o sorriso no momento que me foquei na sobrancelha arqueada junto aos olhos negros. Engoli em seco enquanto saía correndo, o mais rápido que minhas pernas deixassem. E foi assim que tive a minha calcinha molhada no primeiro dia de trabalho. E, sim, elas continuaram no mesmo estado ao longo dos anos.

Eu apenas ficava olhando para eles da minha mesa... ou quando passavam por mim na sala do café. O maldito lugar ficava com o cheiro inteiro de machos potentes. Sempre sérios, um colado ao outro, e me pegava os estudando como gladiadores mortais. Eu particularmente me sentia uma pesquisadora do *National Geographic* ao meu ver tão perto dos grandes animais selvagens. A diferença entre eles e os animais de fato era que estes estavam de terno e andavam firmemente em suas pernas com seus olhos predadores, aniquilando cada presa indefesa ou um funcionário desavisado que ficavam marcando bobeira no horário de trabalho, com apenas uma arqueada de sobrancelha. Tinha dias que até podia jurar que ouvia os rugidos dos grandes felinos pelo escritório, mas a minha parte favorita dos estudos era poder admirar a bela parte frontal daquelas calças jeans apertadas de Tauro, imaginando em minha cabeça fértil o tamanho do que se escondia ali. Já Bruce, me dava a melhor visão de um traseiro másculo e firme que me fazia pensar o que aconteceria se eu o mordesse.

Uma coisa que era fato: funcionários adoravam fazer fofoca dos seus patrões e quando uma certa conversa chegou ao meus ouvido, descobri que os primos eram ligados de uma maneira peculiar e tentadora ao dividir mais do que só a chave do carro. E sim... as namoradas. Isso acabou por instigar mais meu cérebro curioso que me induzia a adentrar no mundo sombrio das pornografias de sites de moral, digamos, que duvidosas.

Para uma hispânica mestiça, eu tentava não parecer tão desajeitada e tentava andar em uma linha tênue ao qual me sentia bem e não escandalosamente chamativa. Minha pele tão chocolate, herdada do meu *padre* junto aos cabelos negros e cacheados da minha *madre* me deixaram entre dois mundos. Eu não pertencia a nenhum, não era nem latina com pele dourada e cabelos lisos com olhos quentes e nem negra o suficiente para família do meu *padre*, com minha pele meio termo, como minha tia dizia... Era uma grande *mierda*. Essa era a verdade. Por mais que amasse a profissão administrativa, tive que aperfeiçoar a paixão por se maquiar de minha *madre*, que sempre me dizia que: quem iria entrar no mundo dos negócios precisava sempre se vestir com uma bela armadura... A pequena mulher latina de olhos expressivos sempre me fazia rir.

Podia até ser apenas uma estagiaria, mas eu fazia questão de estar sempre em minha melhor apresentação. Afinal, como meu *padre* sempre me alertava, nunca sabemos quando nosso futuro nos chama. Nunca vulgar, a minha saia de corte modelado, dois dedos acima dos joelhos, sempre fazia

uma bela parceria com meu blazer escuro. Os saltos, minha perdição eterna, levavam todo o dinheiro do meu estágio, dividindo apenas com as despesas de casa.



A CIDADE DO PECADO

ZELDA

Las Vegas, a Cidade do Pecado, onde todos seus sonhos se realizam!

Bom, era isso que o panfleto do hotel cassino dizia ao lado do telefone da cabeceira da cama. Mas era uma grande *mierda* de mentira. Eu olhava a hora no relógio, garantindo que estaria pegando um lanche pelo telefone até meu quarto, pois estaria cansada demais para ver a linda cidade noturna. Nem um desejo realizado, nem uma porcaria de pecado, nem um palavrão eu disse até aquela manhã. Apenas a mais pura escravidão eterna andando como um Yorkshire Terrier adestrado, correndo de um lado ao outro com meus chefes, garantindo que não perderia os horários das palestras e nem esqueceria ou trocaria o nome de algum colaborador empresarial conhecido. Aturei as indiretas cruéis por terem me escolhido, para acompanhá-los. Mencionavam como eu era nova e que essa não era a função de uma estagiaria. Meu cérebro até me alertava para manter minha boca

fechada, mas o sangue quente da minha *madre* escapava e, quando me via, estava outra vez em discussões ou batalhas de olhares. Eu preferia me queimar viva do que desviar a atenção das esferas azuis e pretas.

— Senhorita Zelda! — Virei meu rosto para o grande peitoral parado ao meu lado em seu terno de costura sob medida. Elevei mais o olhar e os grandes olhos negros me encararam. Era meu chefe, Bruce, que me olhava, arqueando a sobrancelha de um jeito dominante como apenas ele sabia ter. O maldito homem exalava poder de seus poros. Nesses últimos anos, finalizando o meu estágio na Ozbornes, eu ainda não consigo aplacar essa maldita vagina que fica eufórica quando o vê.

— Sim, *señor*? — Voltei meus pensamentos para a realidade enquanto ordenava meu corpo a se acalmar.

Eu o vi trincar do seu maxilar quando o chamei de *señor*. Ele me olhou, deixando seus olhos nublados, quase como prata. Nem pareciam mais negros. Eu havia começado a prestar atenção nisso, como ele tinha o costume de dilatar suas pupilas em certos momentos. Reparei nisso depois do evento na sala de café, no segundo ano, quando eu estava distraída, arrumando minha sandália. Eu pude jurar que estava sozinha, meu quadril empurrado para cima com minhas costas curvadas, o que deixava uma bela visão do meu traseiro apertado na saia. O limpar de garganta me fez pular com as mãos no coração enquanto olhava para o grande homem que esmagava forte a maçaneta da porta.

— *Dios mio, señor!* — *Eu tinha arrumado minha postura, tentando não deixar minha cara tão assustada.*

— *Não acho que seria apropriado ficar curvada dessa forma, senhorita Alonso, ainda mais quando temos como maioria homens na empresa. É melhor deixar sua traseira endireitada e poupar a empresa de algum processo de assédio sexual — e ele se calou depois disso, deixando-me me perder na forma que seus olhos ficavam de um prata escuro quase grafite percorrendo por meu corpo, voltando para meu rosto — Estagiarias podem se mostrar apenas na hora livre do serviço, de preferência bem longe da empresa. Tenha isso como um aviso!*

Ele havia me dado uma olhada de advertência enquanto meu rosto queimava sob minha pele chocolate. Quem pensava que era?! Ele se virou, caminhando para fora da sala depois de me dar uma puxada de orelha, querendo insinuar que fiz de propósito aquela cena.

— *Cabrón!* — Sussurrei baixo enquanto apertava as unhas em

minhas mãos com vergonha de deixar minha bunda daquela forma em sua direção.

— *Debe tener cuidado con tu lengua, cariño*^[1]! — A voz alta soou atrás da porta entreaberta, pegando-me de surpresa com a forma como ele falava espanhol perfeitamente. Então, ele saiu de vez, seguido por uma risada amarga.

— Anotou tudo o que foi dito aqui nesta palestra, senhorita Zelda, ou apenas ficou observando os homens pela sala?

Maldito homem! Xinguei perdidamente em minha mente enquanto erguia o bloco de anotações para ele. Eu havia anotado tudo que poderia ser bom para empresa. Já era a sexta palestra que eles me arrastavam, fazendo-me anotar cada maldita palavra.

— Sim. — Eu lhe respondi séria, sentindo dor em minhas pernas por estar tanto tempo de pé. Meu desejo era apenas correr para o quarto do hotel e me jogar naquela tentadora banheira.

— Sim? — Ele enfiou sua mão no bolso enquanto me olhava com a expressão irônica.

— *Dio*, sim. Eu fiz todas as anotações — Ergui o bloco, balançando no ar. — E, sim, olhei os homens também, se quer saber. Eu até que tentei, *señor*, mas tinha apenas homens velhos nesse lugar. — Sorrio docilmente, lhe mostrando o sorriso mais falso que tinha em meu rosto.

Eu pude jurar que ouvi um pequeno xingamento sair da sua boca sofisticada. Maldito homem em seus ternos caros. Antes que desse muitos passos, meu corpo colidiu nas costas largas que se viraram, me olhando, os olhos felinos me analisavam de cima a baixo, parando *bem* no decote da minha camisa de seda, soltando o ar lentamente. Deus! Como pude aceitar vir parar nesse lugar com os homens mais malditamente quente que fazem meu corpo ferver tanto de raiva como desejo?! O cheiro amadeirado que vem dele me fez pensar em coisas que tenho vergonha de confessar até com um padre. A camisa branca pólo, apertada, deixando seu peito mais modelado o possível, junto aos músculos grandes dos braços, me fazia desejar saber como era ser empurrada e erguida por eles. *Vagina, para!* Tentei controlar meus pensamentos, fazendo-o voltar.

— Achei que já estaria em alguma área de recreação juvenil por aí, senhorita Alonso. — A voz de Tauro era como um motor forte acelerando de um Maverick, o cara era quente. Malditos homens.

— Não, *señor* Osborne, estava ao fundo da sala, não quis interromper

sua conversa, por isso fiquei acompanhando de lá a palestra.

Meus olhos, por mais atentados ao homem no palco, não deixaram de perceber a forma como ele conversava junto a uma criatura magra com cabelos lisos em sua roupa executiva decotada, quase jogando as tetas em cima dele.

Ele me encarou e, antes mesmo de falar alguma coisa, a cobra míope deslambida alisou seu braço, cochichando em seu ouvido enquanto seus olhos azuis continuavam presos aos meus. Era algo que eu não desejava ver, por isso fitei meus belos sapatos ao invés da cena degradante à minha frente. Tive um vislumbre das mãos salientes com unhas pintadas em um vermelhão chamativo deslizar no bolso da calça preta um pequeno cartão magnético.

Soltando uma lufada de ar em raiva, desviei minha atenção para outra direção. Ótimo, agora tinha que registrar a vadia que lhe dava o cartão extra do quarto. Ok, eu sabia que nessas conferências a maioria desses idiotas ficavam de putaria, eu não era ingênua, estamos em Las Vegas, a cidade do pecado; e até eu queria por meus pecados em dia. Mas qual é? O filho da *madre* nem sequer tinha largado outras nas três últimas conferências! Ele ia fazer o quê?! Comer uma a cada hora, abrindo sua porta de hora em hora para gritar ‘*próxima*’?

— Está com algum problema, senhorita Alonso?

Voltei meus olhos para ele, vendo que a cobra não estava mais colada em seu ouvido, mas o cheiro enjoativo ainda exalava no ar. Balancei minha cabeça em negativo, voltando a minha postura profissional. O que eu lhe diria: *Ei, cabrón, meu problema é que és um puto!* NÃO, eu não podia. O problema de ser mulher no meio de vários homens, e ainda por cima ser considerada nova como o próprio Tauro gosta de falar, e negra-latina, era não poder baixar a guarda por nenhum segundo. Eu precisava ser uma grande fortaleza, *nunca deixe os tubarões sentirem cheiro de sangue...* essa era a regra. E isso vale o triplo quando se tem um grande tubarão branco à sua frente, observando cada gesto da sua expressão.

Eu odiava Tauro muito mais que Bruce, pois a forma como ele conseguia fazer uma leitura corporal sem nem piscar era um golpe baixo... uma merda de desvantagem. Eu tinha consciência que ele já me pegou algumas vezes o admirando, e não de uma forma profissional.

— Creio que é hora de criança estar na cama. — Virei-me, olhando com raiva para Bruce que encarava sério por cima do meu ombro, chamando a atenção do seu primo.

Eu me virei enquanto xingava mais ainda dentro de mim, sem deixar ele ver minha ira. Homem meticoloso, controlador de *mierda*! Estava a ponto de ficar descalça pelo piso carpetado em vermelho escuro, concedendo o desejo dos meus pés a ficarem livres.

— Creio que sí, *señor*. — Olhei para meu relógio, voltando a cara feia para ele. — Assim como os velhos já estão se recolhendo, procurando por suas cuidadoras.

Eu senti o ar em cima da minha cabeça, saindo com raiva. Tauro apenas me encarou sem demonstrar nenhuma reação. A pequena faísca em seus olhos azuis cresceu ainda mais enquanto ele me encarou, fechando seu semblante.

— Devo deduzir que sou velho diante da senhorita, então? — A voz grossa dele era baixa, como se pudesse me fazer desejar engolir as palavras outra vez. — Realmente homens mais velhos procuram mulheres que os cuidem bem, ensinar para essa juventude não é para nós!

Eu quase senti a pontada da fincada que ele me deu, me fazendo encolher, mais do que já estava.

— Os chineses estão abrindo um contrato, a melhor irá morder essa baleia, temos que planejar o que será feito, quero essa empreitada para a empresa. — Bruce passou por nós, os dois foram caminhando à frente, me largando para trás como se minha existência fosse nula.

Iniciei os meus passos atrás deles como um pequeno bichinho de estimação que eles levavam para passear. Sabia que seria uma oportunidade única, por isso, quando fui convocada, aceitei na mesma hora, estava farta apenas de levar café ou passar ligações quando já sabia tanta coisa. Eu havia evoluído dentro da empresa, fazia muitos trabalhos que não eram meus e, mesmo assim, os outros ganhavam os parabéns. O hotel em Las Vegas estava cheio de empresários, era um cenário novo, eu podia mostrar que realmente estava pronta para seguir em frente. Então, vi os dois parando próximos ao elevador enquanto conversam mais sobre como iriam abordar a Ching. Na conversa acalorada, se tinha algo que admirava, era que os dois tinham uma energia contagiante no mundo dos negócios. Era para eles quase um dia no parque, dominando cada manobra para abocanhar as grandes baleias como eles chamavam as grandes empresas.

— Os chineses procuram por qualidade, eles tendem a ter mais certeza em fechar um acordo se for algo familiar, ainda mais que, para a cultura deles, a família é sagrada. — Eu ouvia minha voz falando aquilo na

mesma animação que eles, à minha frente, viraram-se para mim. — Apenas duas Empresas tem o porte grande o suficiente para entrar nessa briga... — Dei de ombros, observando os olhos silenciosos me encarando. — A Trank e Ozbornes. Pelo que percebi, a Trank não estava presente na segunda palestra dos chineses, não tinha ninguém do comitê representando a empresa, o que significa que estamos em vantagem por saber essa informação primeiro. Talvez se convidar o senhor Chan para um almoço de negócios poderia lhe mostrar mais sobre nossa infraestrutura — Eu me arrisquei a erguer meus olhos para os dois homens sérios que me encaravam, analisando cada palavra que saía dos meus lábios. — E como a empresa vem crescendo nos últimos anos, alcançando mais nossas dinâmicas e objetivos em tempo recorde, nenhuma outra empreiteira consegue acabar tão rápido as obras como Ozbornes. Eu aconselharia leva-lo direto ao Cassino Rooltes, já que foi nosso maior recorde em qualquer continente para deixá-lo ver com seus próprios olhos o trabalho que fizemos lá em questão de meses. — Os olhos dos dois se encontraram como se conversassem entre eles. Mesmo assim, eu usava de toda coragem que me restava, querendo lhes mostrar meu ponto de vista e que eu não era a moça do café apenas. — E não anos como a maioria oferece. Poderíamos oferecer 5% de desconto em mão de obra, nenhuma empresa ofereça acordo melhor; e, mesmo assim, não iremos perder, já que ganhamos 45% em cima de todos os materiais que compramos. Exportamos nosso material para lá, ainda assim nos deixaria um lucro bom. Nem a Trank poderia oferecer algo assim.

Eu soltei o ar dos meus pulmões enquanto os dois grandes homens à minha frente olhavam para mim com curiosidade.

— Como uma estagiaria sabe tanto sobre a infraestrutura da empresa, senhorita Alonso, e sobre a economia de porcentagens das peças? — Bruce foi o primeiro a me interrogar enquanto voltava seus olhos para Tauro.

Eu não podia simplesmente dizer que sou eu que faço o serviço de verdade da sua secretaria preguiçosa e vadia; então, eu apenas apertei a maldita pasta em meus dedos, desviando meu olhar.

— Eu já estou no meu último ano de estágio, *señor*, aprendi muitas coisas na empresa.

Bruce apenas balançou sua cabeça, esticando mais seu corpo, deixando-me me sentir um grilo diante dos dois. Tauro, com seus braços cruzados e sua cara fechada, olhou para mim com seu peito estufado, querendo me fazer desejar ser invisível aos olhos dos dois outra vez. Mas

estava farta de ser apenas o pequeno peixe beta naquele grande mar. Eu estava pronta para ser um tubarão.

— Acho que devíamos entrar em contato com a equipe do senhor Chan então.

A voz grossa dele, mas de uma forma séria e não brava, falou enquanto ele me olhava com um brilho grande aos olhos. Eu até podia jurar que quase vi um pequeno sorriso se esboçar em seu rosto quadrado.

— Na verdade, *senhores*, Chian estava presente na quarta palestra sentado ao meu lado, começamos a conversar depois que ele pediu minha caneta emprestada.

— Sua caneta? — A voz de Tauro foi polida, mas podia sentir uma pontada de sarcasmo e insinuação.

— Sim, *senhor*, *mi* caneta! — Tentei me prender ao meu lado pouco controlável, voltando para meus argumentos. — Chian Kong é filho de senhor Chan... Ele estava lá ouvindo a respeito de como anda o desenvolvimento do comercio sul, então ele me convidou para almoçar com ele e...

— Claro, que novidade! A estagiaria estava paquerando! — Os olhos negros me fitaram em zombaria, quase como se estivesse com raiva, não entendia porque o *señor* Bruce era tão desagradável comigo.

Eu quase apertei aquela maldita garganta branca de raiva para que eles me deixassem falar.

— *Dios mio, cabrón!* — Rangi em meus dentes, tentando não gritar de raiva. Claro que não iria lhe contar a total verdade... Depois de longos minutos conversando fervorosamente sobre o mercado industrial com o jovem chinês, ele me perguntou se estaria interessada em uma vaga com horário integral diante o comitê de administração de Chicago da empresa Ching Na.

— Por que trouxemos essa maldita estagiaria, Tauro? — E ele voltou seus olhos para seu primo, me encarando com raiva. — Se me chamar de bastardo outra vez, vou te pôr em meus joelhos e lhe dar os tapas que tanto pede.

Meus olhos se arregalaram assim que ele falou aquilo e pude ver nitidamente que ele falava sério sobre os tapas. Sua boca se exprimiu enquanto ele me olhava, quase me queimando.

— Por que meu adorável primo, seu irmão, queria testar nossa paciência... — Tauro rangeu os dentes, voltando a me olhar, gesticulando

com as mãos. — Continue sua história, senhorita Alonso!

— Bom, como falava, ele me convidou para almoçar com ele e sua equipe ao qual seu pai, Chan, estará presente. — E voltei meus olhos para Bruce, o fuzilando. — Automaticamente, eu sugeri que seria melhor no Cassino Rooltes e disse que levaria meus chefes comigo!

Eu terminei de falar com orgulho, cruzando meus braços enquanto estufava meu peito, meu rosto erguido encarando os dois. Eu não tinha entrado nesse mundo para perder, queria deixar isso claro para eles. Um raio que me partisse se eu fosse jogar longos anos de estudo, trancada dentro de uma biblioteca, para se tornar a moça do café.

— Sua pequena diabinha latina! — Foi a primeira vez que vi Tauro me dando, mesmo que fosse torta, uma forma de elogio. Eu sorri mais para os dois.

— Iremos ter uma vantagem sobre Trank, vamos pegar aquela baleia inteira, não só partes. Deus, como essa estagiaria é maquiavélica.

— Vou tomar isso como um elogio, *señor* Bruce!

Antes mesmo de argumentar, um bando de empresários nos empurrou quando a porta do elevador foi aberta. Senti a mão forte em meu ombro me segurando para não cair enquanto me puxava para dentro, junto ao segundo par de mãos em minha cintura. Eu quase fui esmagada quando todos se afundaram lá dentro. E antes mesmo da grande porta se fechar, eu tive a consciência de estar no meio dos dois grandes homens mais assustadores e malditamente *sexies* que invadiam meus sonhos. Tauro deixou seus dedos deslizarem sobre meus braços, como se estivesse me acalmando. E eu nem sinal de me afastar dele. O cheiro do homem me invadiu por inteira enquanto suas grandes mãos, firmes e ríspidas, deslizavam e subiam, meus dedos espalmados em seu peito. Eu sentia a firmeza de como era sólido e deliciosamente gostoso aquele peitoral.

— Você tá bem, pequena? — A voz baixa dele, próxima ao meu ouvido, foi como um ar quente diante de um sorvete: eu me derreti rapidamente.

— Sí, *señor*... — sussurrei baixinho, limpando minha garganta.

— Bom... muito bom, não queremos que nossa pequena diabinha se machuque, não é?

Ele ergueu seu rosto enquanto seus olhos azuis iam escurecendo olhando para trás de mim. Eu senti a respiração morna em cima da minha cabeça e, mesmo com o salto, eu ainda era uma pulga entre eles. Tive noção

que quatro mãos estavam no meu corpo quando os dedos suaves e firmes apertaram minha cintura, ajeitando-me entre os dois.

— Não. Não queremos!

— *Dios mio!* — Eu tive a percepção em grande *zoom* ao sentir os dois corpos que me rodeavam assim que o elevador parou no primeiro andar, enchendo mais.

O som rouco atrás de mim me apertou mais entre eles, deixando-me exatamente onde qualquer mulher poderia desejar. *Mierda!* O que apertava minha bunda na parte de cima realmente não era um celular. Eu sentia a pressão, mesmo adormecida, roçando em minha pele, as mãos em minha cintura se apertavam mais, como se em posse; e, entre os dois, era como estar protegida dos outros para que não me tocassem. Acho que as pessoas nem sabiam que estava ali, de tão colada a eles.

— Poderia ir só um pouco mais para trás? — A voz alta atrás de Bruce falou, empurrando-o, e mesmo apertando seu peso ao chão para não me esmagar, ele me pressionou lentamente ao corpo de Tauro.

Minha bolsa escapou dos meus dedos e, como em desespero para conseguir pegá-la, deslizei meus dedos rapidamente entre nós para pegar a maldita porcaria, mas fui apertada entre os dois outra vez. Meus olhos se arregalaram assim que minha mão segurou em *algo* entre mim e Tauro... e senti o leve pulsar adormecido que vibrou sob o meu toque. Isso definitivamente não era alça da minha bolsa.

— *Dios!* — Ergui meus olhos na mesma hora para Tauro enquanto sentia mais e mais da forma grossa que estava acordando.

— Acho que isso não é a sua bolsa... docinho. — A voz rouca que sussurrava perto do meu ouvido fez meu corpo inteiro arder, deixando-me arrepiada de cima a baixo. Senti o solavanco do elevador em algum andar e, então, a aproximação de Bruce atrás de mim, mais forte. O meu corpo queimou como fogo quando sua respiração pairou tão perto do meu pescoço, inalando meu cheiro. Era uma maldita mistura de amadeirado com almíscar... eu estava me sentindo drogada pelos dois.

Seu pau roçou em minha bunda, e eu sabia que não era sem querer dessa vez. O som baixo de sua respiração me fez fechar os olhos enquanto tentava fazer meu cérebro voltar ao normal.

Ok... aquilo estava saindo fora do controle.

Eu sabia que não devia estar naquela situação, mas, inferno, o que estava acontecendo nesse momento?! Eu tinha ouvido boatos sobre os dois. O

primo criado junto aos irmãos Ozbornes convivia muito mais com o irmão caçula. Os dois cresceram juntos dividindo tudo que tinham, eram quase imbatíveis, imparciais e implacáveis, tendo apenas 5 anos de diferença de idade, mas com pensamentos iguais. Eles realmente gostavam de dividir. A fama que os rodava por baixo dos panos entre os funcionários era que gostavam de algo fora dos padrões. Eu ouvi histórias que dividiam as namoradas e gostavam de ter um poder grande sobre elas. Aquilo, no momento, até me assustou, mas depois, sozinha em casa, fiquei até imaginando como seria ser tomada pelos dois. Mas logo empurrei aquela fantasia doida para o fundo da minha cabeça. Agora, porém, nunca desejei tanto algo pecaminoso.

Os dedos firmes que subiam sobre meu ombro brincaram com minha trança escama de peixe, jogando-a para o lado enquanto alisava a linha do meu pescoço. E, porra, a maldita calcinha estava molhada. Eu sabia que tinha uma voz dentro de mim apitando, como existe em todos quando se está preste a fazer uma merda. Eu devia parar. Mas a voz que eu ouvia era apenas a da minha vagina safada pedindo para realizar todos os sonhos que eu tinha. *Vagina má!* Eu me recriminava tentando não me deixar ir por esse caminho, mas, *mierda*, como eu podia pensar com clareza quando Bruce baixou lentamente suas pernas apenas para se encaixar um pouco mais em minha forma curvilínea, encoxando minha bunda redonda.

— *Señor...* — Minha voz saiu praticamente como um gemido quando sussurrei. Sentia o pulsar mais forte em minha mão, que ainda não tinha se desvencilhado do pau que crescia dentro da calça a minha frente. Deixei os meus dedos se apertarem um pouco mais ao volume, movendo-os lentamente.

O som rouco que saiu da boca de Tauro me fez abrir os olhos, voltando minha atenção para o grande rosto que me olhava com mais luxúria. Eu era capaz de senti-la em meu corpo. Perdi-me encarando sua boca, a qual, por tantas noites, imaginei me perdendo. Aqueles lábios que eu devoraria rapidamente, o que arrancou mais gemidos e mais agonia do meu corpo. E quando ele se aproximou mais de mim, baixando o seu rosto másculo, pude sentir sua boca seca que deseja mais. Estava preste a fechar meus olhos quando ele moveu seu rosto para perto do meu pescoço, deixando seu nariz esfregar por minha pele, deixando seu corpo mais em fogo, implorando pela combustão.

— Chegamos no seu andar, pequena *ninã*... — Disse com a voz rouca em meu ouvido. Ele deixou apenas as pontas dos dentes rasparem a pele, me

torturando. — Preciso que solte meu pau, docinho, antes que acabe tendo que brincar de verdade!

O corpo de Bruce se moveu rapidamente atrás de mim, deixando-me com a sensação de perda; e, com as palavras de Tauro, me caiu a ficha. Eu ainda tinha o pau do meu chefe em minha mão. Larguei-o rapidamente e desejei me afundar dentro daquele elevador. Meu corpo se moveu enquanto eu evitava olhar para os dois. O maldito elevador, que agora estava vazio, não trazia ninguém para me salvar do constrangimento, que acabei de passar. Eu estava tão perdida em minha luxúria que sequer percebi que havíamos chegado ao décimo sexto andar e estávamos apenas os três.

— Sua bolsa, Zelda... — Bruce a pegou, entregando para mim. Eu estiquei minha mão para pegá-la, querendo correr para longe.

— Eu.. hoo... é... Obrigada, *señor!* — *Pegue a bolsa e corra!* Era tudo que meu cérebro me ordenava. Eu nem sequer quis arriscar olhar para os olhos negros e dominantes que Bruce tinha; e muito menos para o olhar enigmático de Tauro. Queria apenas correr para longe o mais rápido possível.

— O prazer foi meu, *cariño!*

Meu rosto se levantou pegando uma centelha de brilho em seus olhos antes deles voltarem ao negro habitual, fechando sua expressão.

— Boa noite, senhorita Alonso! — Tauro segurou a porta do elevador, encarando-me.

— Boa noite, *senñores.*

Eu corri para bem longe dos dois, sem olhar para trás, rezando para minhas pernas moles não vacilarem enquanto a porta do elevador ainda estava aberta. Meu corpo parou frente ao quarto. Arranquei o cartão-chave da bolsa com meus dedos trêmulos, liberando a entrada. Por um instante, meu rosto se virou para a direção que vim; e, lá, encontrei dois pares de olhos silenciosos que me encaravam do elevador. Tauro segurava a porta enquanto seus olhos azuis me observavam em silêncio, dando um passo para trás e parando ao lado de Bruce, que continha as duas esferas negras bem presas a mim, as mãos no bolso do terno.

— *Dios mio!*

Minha cabeça se encostou à porta do quarto assim que a bati com força atrás de mim.

— *Mierda!*



BAILANDO

TAURO

— Lhe mandaremos nossa resposta logo que chegarem a Chicago, senhor Ozbornes... — Chien, filho e diretor geral da Ching Na, uma das maiores hotelarias do oriente, apertava forte os meus dedos enquanto eu curvava o meu corpo em sinal de respeito a ele e seu pai. A pequena diaba tinha sido praticamente um gênio criminoso, me passando os papéis por debaixo da mesa, deixando os pequenos dedos rasparem por minha coxa assim que entregou as folhas. Eu peguei sua reação e gostava como seus olhos dilatavam, deixando seu peito acelerado em rápidas batidas, forçando sua face parecer normal. Gostei de retirar lentamente aqueles papéis de suas mãos, apenas para vê-la se engasgar.

Rabiosa era ligeira. A minha estagiaria demonstrou ser ardilosa, manipulando os chineses a aceitar a proposta. Oferecíamos 25% de desconto no pagamento se atrasássemos a obra depois da data estipulada, mas em

contrapartida eles estariam nos pagando uma bonificação se terminássemos antes. Ela tinha deixado Bruce impactado ao ver o singelo valor de seis dígitos.

O chinês soltou meus dedos, cumprimentando meu primo e os outros à mesa. Eu vi os olhos do oriental pousarem na pequena diaba que irradiava luz em seu vestido azul de corte reto, sua trança alta em seus cabelos, que estavam para cima em um coque, deixando o seu pescoço como alvo... E eu senti meu maxilar se apertar lentamente assim que a face de chocolate se expandiu em um sorriso baixo com alguma coisa que o chinês lhe falou ao pé do ouvido.

O som de uma respiração forte que foi solta como um touro na arena ao meu lado. Não me deixou dúvidas que Bruce acompanhava de perto o derretimento da pequena diaba geniosa. Trocamos um olhar em silêncio, meu primo arqueou a sobrancelha, fechando mais a carranca como se me dissesse “*que merda é essa*”. Eu, como sempre, conhecia as faces de Bruce como ninguém; e, dividindo o mesmo pensamento, apenas o olhei em resposta “*chinês filho da puta*”.

— Senhorita Alonso. — Eu a chamei, fazendo-a voltar sua atenção para mim. Os grandes olhos negros quentes se ergueram, encarando-me com sua pequena bravura atrevida, mas logo os desviou, afastando-se amigavelmente do empresário. Então, ela ergueu seus olhos para mim outra vez como uma criança birrenta. Mas, com apenas um olhar meu, eu a fiz caminhar, parando exatamente ao meu lado. Meus olhos acompanharam a pequena criatura que agora estava arrisca, com seus dedos apertando a pequena bolsa de mão, a bolsa negra combinava perfeitamente com o salto alto em seus pés. A sandália era preta com pequenas pedrarias, discreta, deixando em destaque os pequeninos pés com o esmalte rosado. Era quase inocente e cômico ver uma mulher escondida no corpo dessa pirralha atrevida.

Eu sentia o cheiro floral que vinha dela e apenas por causa desse maldito perfume, o meu pau pulsava forte em minhas calças... aquela lembrança dos dedos curiosos e macios me estudando por cima da roupa me fez tomar uma maldita ducha fria antes que derrubasse abaixo a porta do quarto dela. Por um momento, ponderei a ideia de levá-la para meu quarto, despindo-a lentamente enquanto segurava a porta do elevador. O olhar de Bruce dizia a mesma coisa que passava em minha mente. Nós dois estávamos confusos com a pequena raivosa que nos foi posta garganta abaixo. Eu sabia

que tinha sido uma péssima ideia trazer a pequena estagiaria para Las Vegas já que corríamos dela como o diabo corria da cruz, sempre evitando os curiosos olhos negros *rabiosos*.

— Podemos ir. — Meu rosto se ergueu para Bruce que agora estava parado ao outro lado da pequena enquanto encarava o empresário chinês.

— Sim. — E caminhei à frente logo, voltando seus olhos para trás, a pequena estava quase congelada enquanto ficava em dúvida se continuava dentro do cassino ou se ia para fora. — Algum problema, senhorita Alonso?

— *Señor...* eu... eu queria dar uma volta por aí. — Ela falou, tomando coragem, erguendo seu rosto para mim, o leve batom em sua boca carnuda destacava seu rosto de uma forma natural, não obsceno. — Como no itinerário diz que só amanhã voltam as palestras, eu supus que estaria com a tarde de folga, já que foi bem-sucedido o almoço... não? — Eu quase achei belo o beicinho que ela fez, nervosa, apertando a bolsa nos dedos. Eu sabia que a pequena diaba estava nos evitando desde a manhã. Ela simplesmente deixou para descer no último segundo e, no carro, fez questão de pôr os fones de ouvido quase se colando à porta enquanto escrevia em seu notebook. O mau-humor de Bruce estava visível, já que ele também passou pelo mesmo inferno da noite passada como eu.

Eu voltei meu rosto para Bruce que estava parado ao lado com as mãos nos bolsos do terno, com sua cara fechada. A resposta em seus olhos era clara e firme: *não!*

— Creio que suposições não estão em seus deveres nessa viagem, senhorita Alonso. — Bruce rangeu os dentes, voltando seu olhar para os empresários que estavam se afastando. — Ainda está à serviço, não é uma viagem de férias e namoricos, pode muito bem trocar telefone com seu *novo affair* como toda adolescente normal.

— Eu não creio que estou ouvindo isso, *señor!* E não sou uma adolescente, tenho 25 anos e sei muito bem cada passo que dou. — A voz dela estava quase áspera junto com seus olhos que brilhavam mais de raiva, voltando seu rosto para Bruce, fuzilando-o com o olhar. — Fiz meu serviço com mérito e deixei todo material pronto e lhe indiquei todos os pontos. Acha que estou brincando aqui de namorico com quem?

Essa era a pequena diaba que eu conhecia! A que batia de frente com Bruce e o fazia perder o controle. Eu quase ria da cara do meu primo, os três longos anos de estágio já estavam quase nos matando.

— Volte para o hotel, senhorita Alonso, tem serviços e documentos

para serem preparados, não está de férias. — Eu sentenciei a ordem, sabia que Bruce estava imaginando o mesmo que eu: provavelmente a pequena diaba estaria indo para seu encontro com o *novo affair* chinês.

A cara dela se voltando para mim me fazia lembrar de um touro pequeno e bravo enquanto apertava mais forte ainda sua bolsa. Eu provavelmente teria dor se aquilo fosse meu pau em suas mãos.

A pequena diaba raivosa travou seu maxilar, soltando uma bufada enquanto caminha para longe de Bruce, passando por ele sem nem olhar para o lado.

— E senhorita Alonso... — Eu gesticulei, cruzando os braços acima do peito, vendo-a se virar lentamente com seu corpo travado de raiva. Eu quase não pude segurar o riso ao ver a cena dela no meio do cassino, parecendo uma pequena gata selvagem e arrisca. — Quero relatórios de tudo que está acontecendo na empresa em Chicago, e quero para hoje, senhorita, diria que se for agora... até as 23:45 dessa noite estará me entregando.

— Mas... mas... eu...

Dou um passo mais à frente, soltando meus braços enquanto a via dando dois passos para trás, recuando, seu rosto olhou por cima do meu ombro enquanto Bruce soltava uma pequena risada de deboche.

— *Sí, señor!* — Ela se virou com raiva, voltando a rebolar seu belo rabo redondo naquele vestido quase colado azul, o corte em sua saia na lateral deixava as graciosas pernas roliças de fora, mostrando um pouco mais a cada passo.

— Vamos, preciso de uma bebida antes que mate aquela garota!

Bruce riu, caminhando para longe depois que nós a vimos saindo do cassino, entrando no táxi.

Eu precisava de uma bebida também. A pequena diaba tinha o dom de testar meu controle. Eu não gostava da forma como ela me afetava e também como afetava Bruce; e como a cumplicidade que nós tínhamos, entendíamos perfeitamente a complexidade que era ter desejos assombrosos pela mesma mulher. Nós havíamos até trocado frases sobre a pequena *rabiosa* que nos torturava, mas estávamos em um consenso: a pequena estava fora do limite. Quando jovens, logo depois de ir para seu próprio apartamento, Bruce veio ficar uma temporada comigo enquanto terminava a faculdade. Nos dois gostávamos da divisão com as belas mulheres, chegamos até a ficar um ano dividindo a mesma mulher em minha casa. Katrina, uma estudante de moda

que conhecemos em uma noite de festa da fraternidade de Bruce. Ela gostava da ideia de nos ter juntos ao mesmo tempo ou passar um tempo só com um de nós. Era uma mulher inteligente, sabia que era mais vantagem viver com nós dois, assim poupava despesas; em contrapartida, aceitávamos dividi-la, mas não tínhamos nenhum tipo de vínculo afetivo. Com o tempo, optamos por terminar, era algo que realmente foi uma experiência única. Algumas vezes depois disso, voltamos a fazer casos de uma noite, isso era tudo que podíamos oferecer.

Eu já tinha passado da medida de jovens cheias de curiosidade. Antes de entrar na empresa, eu havia me comprometido com uma mulher, uma maldita ao qual era cego e fazia de tudo para lhe dar o que desejava. Nunca neguei nada, mas a pequena gananciosa sempre desejava mais. Eu quase coloquei um fim ao casamento, mas o teste de gravidez me segurou. Estava feliz, era uma boa ideia ser pai... não tive um pai ou uma família sólida. Se não fosse pelos tios que me levaram para morar junto com eles, nem Deus saberia o meu destino. Enfim... eu estava feliz em ser pai, o que me matou foi quando me ligaram em uma de minhas viagens. A minha mulher tinha perdido o bebê e senti a perda como um soco no estômago. E mais um ano da minha vida se arrastou junto com Harley, minha esposa; isso até o dia que ela, embriagada, confessou em uma briga que jamais desejou ser mãe, que agradecia que aquela coisa em sua barriga tinha morrido, que valeu a pena ter tirado. Eu apenas saí de lá antes que minhas mãos apertassem seu pescoço.

A pequena gananciosa estagiaria não era diferente de Harley, queria subir mais e mais, não queria ser apenas a estagiaria. Eu até admirava um ponto: a gana e esperteza da menina. Mas sabia que junto com isso acompanhava o mau caráter e a ambição... Mulheres como Zelda e Harley eram cobras perigosas e, por mais que meu pau estivesse desejando conhecer mais daquelas mãos, teria uma puta merda de distância daquela diaba ambiciosa.

Eu me recordava da primeira vez que realmente foquei nela. Tinha pedido meus documentos há horas no almoxarifado, nenhuma estagiaria apareceu, nem mesmo a secretária, para me entregar o que pedi. Os meus passos eram pesados pela empresa, olhava pelos corredores e boxes, todos os outros em seus serviços; e, ao fundo, uma risada alegre fez o lugar ganhar vida. Eu caminhei mais rápido, olhando a placa do almoxarifado, de onde vinha a risada escandalosa.

— *Dio, Elly, precisava ouvir que coisa mais nojenta, ela gemendo*

alto enquanto a cama batia na parede, colada com a minha! — A voz doce e alegre inconfundível da pequena estagiaria rindo mexia em algo dentro de mim. Eu caminhava devagar, olhando a cena, enquanto a via sentada na mesa da amiga que procurava algo no armário. A pequena Elly, criatura doce e calma, ria das loucuras da estagiaria que fechava seus olhos, mordendo os lábios, imitando a tal coisa nojenta. — Ela gemia, alto tipo: HOOO, SIII, SIII, ME FODA... MAIS, MAIS FORTE... ohh! — Eu sentia o meu corpo quente assim que sua pequena boca abriu em O, jogando sua cabeça para trás. O meu pau pulsou forte, as pernas cruzadas deixando um pedaço de suas coxas não escondia a pequena cinta liga que prendia a meia $\frac{3}{4}$ para não descer por elas. A pele cremosa parecia ser a coisa mais gostosa para pôr na boca. Ela estufava mais seu peito, empurrando os gloriosos seios cheios para cima com sua respiração.

— Não acredito que ficou ouvindo isso a noite toda, Zel! — Elly enfim achou o que procurava, virando-se para porta enquanto seus olhos se arregalavam para mim, voltando a olhar em desespero para amiga.

— Oh, não, meu bem, o gran finali foi ouvir ela estourar os tímpanos do pobre homem! — Ela desceu da mesa, arrumando-se, passando as mãos pelas coxas e endireitando a saia enquanto pegava a pasta que segurava firme. — A vadia ainda teve a capacidade de mentir dizendo a grandiosa frase: EU NUNCA FUI FODIDA POR UM PAU TÃO GRANDE COMO O SEU! — Ela virava exatamente no momento que terminava a frase, deixando seus olhos presos aos meus enquanto se assustava. — Mierda!

Olhei entre as duas, voltando meus olhos para ela que respirava acelerada.

— Na minha sala agora!

Depois da bronca que lhe dei, solicitei que sua saia ficasse dois dedos para além do seu joelho, vendo-a indignada com minha ação e saindo como uma criança que acabou de levar uma bronca. Em seguida, fui obrigado a me trancar no banheiro e usar minhas próprias mãos para pôr a excitação para fora... antes que alguém me visse de pau duro pela empresa.

— Devemos dizer ao hotel que ela está proibida de sair? — Bruce me tirou dos meus pensamentos. Sentamos à mesa do bar e pedimos duas doses de whisky.

— Ela vai estar definitivamente ocupada demais para sair, primo... — e ele sorriu, lembrando-me que essa semana seria de fechamento. Então, a empresa estaria atolada de informações de todos os cantos do continente. A

pirralha ficaria trancafiada no quarto até o próximo dia.

Meu primo entendeu agora o porquê de dar a ordem dos relatórios e sorriu comigo, maquiavelicamente.

— Genioso Tauro, quase posso sentir pena, eu disse quase! — e ele sorriu, descansando agora enquanto olhava em volta. — Talvez depois de vermos as obras ao sul de Las Vegas, enfim poderemos aproveitar uma noite de descanso. Amanhã ao fim da tarde a única coisa que quero é estar um inferno longe daquela garota.

— Está incomodado com sua *rabiosa*, primo?

Ele faz uma carranca, forçando seu rosto para as outras mesas.

— Dá mesma forma que você, não negue, ainda posso sentir aquela maldita bunda se empinando mais ao roçar do meu pau nela. Eu fiquei com uma puta ereção a noite toda que nem banho gelado resolveu.

Ergo meu copo para ele rindo.

— Bem-vindo ao clube!

BRUCE

Ainda tentava compreender porque meus dedos não esmagaram aquele pescoço fino enquanto ela se desculpava por ser tão atrevida. Ou melhor: por que minha mão ainda não tinha dado umas belas palmadas em seu rabo redondo e moreno apenas para depois de bem doloridos e arrebitados, foder forte e duro até ela gritar meu nome. Simples! Porque a pequena diaba era encrenca, essa era a verdade, uma encrenca das grandes.

Eu não iria se atrever a chegar perto dela, ainda mais por ser apenas uma pirralha aos meus olhos, uma malcriada, cheia de atrevimento com seu linguajar afiado. Mas o meu pau pulsava toda vez que *señor* saía da boca carnuda, dirigindo-se a mim. E, inferno, eu tinha ódio até se ela falasse aquilo para outro homem que não fosse eu ou Tauro. Eu sabia que não tinha sido

uma boa ideia trazê-la, e ontem a noite quando o elevador se encheu, eu poderia sim ter me afastado da pequena *rabiosa*, como gostava de chamá-la. Ela era como uma gata raivosa; sim, ela era isso, eu precisava admitir.

Mas admitia mais ainda que gostei de saber como ela se encaixava perfeitamente entre nós. Era quase como feita na medida, tão pequena e quente, sua bunda redonda e cheia, que era a minha ruína, empinara lentamente apenas para sentir se realmente era o meu pau roçando em seu rabo. Eu me aconcheguei um pouco mais, deixando-a ter certeza do que era... e, inferno, o pequeno gemido me tirou dos trilhos. Criatura dos infernos!

Eu, como diretor Junior, entendia de todas as manobras, fui criado junto ao meu irmão que era um tubarão das águas empresarial. Dylan olhava o que queria e tomava para si; ele esperava o mesmo de seu irmão caçula, eu no caso. Quando nos três, eu, Dylan e Tauro, resolvemos abrir a empresa, queríamos expandir ir para longe e além. Dylan trabalhou a vida toda com meu pai, o qual foi seu maior professor, as obras, as construções de condomínios, tudo foi nos dando uma direção para onde eles desejavam que a empresa fosse. Eu, no entanto, era mais próximo de Tauro do que do meu irmão mais velho, que já, desde jovem, trabalhava com meu pai.

A diversão ficou por conta minha e de Tauro, que era como o meu irmão do meio. Nós dois tínhamos afinidade e curtíamos a faculdade em nossos tempos. Resolvemos dividir uma namorada que nos afeiçoamos e foi uma experiência boa. Nela, descobrimos formas de torturar e de levar uma mulher a um orgasmo único, de sentir a forma como seu corpo nos recebia ao mesmo tempo, o que me fez gostar mais ainda disso tudo. Às vezes, eu gostava de brincar em clubes de Dom, onde achava as minhas pequenas *subbs* que gostavam de serem tomadas por dois homens ao mesmo tempo. Tauro e eu gostávamos da forma como levávamos a vida, e isso estava caminhando bem... até encontrarmos a pequena *rabiosa* latina.

E desde então, percebemos a preferência que tínhamos por mulheres baixas e roliças com pele de chocolate e sangue quente em nossas camas. A maldita garota tinha me infernizado a ponto de me fazer, toda vez que eu tomava uma mulher de quatro, ver apenas o seu belo traseiro redondo. Eu sabia que a *rabiosa* estava fora do meu limite. Uma mulher para aceitar o que eu e Tauro estávamos procurando tinha que ser mansa, calma, para aturar o poder dos nós dois, tanto na cama como fora; principalmente, Tauro. Ele tinha um gênio dominante ao qual gostava do controle e da calma, e a pequena de boca atrevida era tudo menos calma e submissa. Tínhamos

conversado sobre voltar a ter alguém. Já tivemos, cada um, nossas experiências com mulheres, sozinhas no caso, mas era agradável imaginar alguém para retornar, alguém que nos esperasse. E aquela criatura diabólica com certeza estaria perdida em nossas mãos.

Mas gostava de como eu também podia tirá-la do sério. As palavras em espanhol que saía da sua boca quando estava com raiva eram sexy de uma forma que me fazia querer prendê-la na cama enquanto me afundava entre suas pernas, fazendo-a implorar por clemência.

— Ela está fora de cogitação... — Meu primo comentou, sombrio, assim que o carro voltou para o hotel, depois das visitas às obras que a Ozbones estava responsável.

— Sim! Definitivamente fora! — Meus lábios se comprimiram em aceno.

Queríamos algo mais... tanto eu como Tauro desejávamos achar uma que talvez desejasse mais junto a nós. Tínhamos tentando um casamento, não deu certo. Minha parceira, por achar que era deixada de lado, com um ciúme abusivo e doentio, me fez larga-la no primeiro ano de casamento. Foi tortuoso se livrar de Sofia... Ela entrava na firma chorando ou gritando comigo, implorando para voltar, mas não era o que eu queria. Depois de ameaçar prendê-la, ela finalmente parou de ficar colada a mim como uma sombra.

— Podemos sair um pouco hoje, talvez isso ajude. Vou para o quarto tomar um banho... já falei com Dylan, ele está na América do Sul, está indo tudo bem por lá. Podemos enfim ter um descanso e ver se achamos algo que chame nossa atenção... — Eu confirmei para Tauro. Realmente seria bom ter outra coisa em meus pensamentos e principalmente em minhas mãos.

ZELDA

Uma ova que estaria passando a minha noite dentro do quarto do hotel! Por mais belo que fosse, eu realmente não estaria deixando meu rabo preso aqui dentro. Ainda mais depois de quase espancar a porcaria da porta do quarto de Tauro para lhe entregar todas as notas que ele pediu. E nada do *cabrón* me atender. Meus passos rodaram pelo corredor até a porta de Bruce e nada lá também. Jogando os papéis por debaixo da porta, caminhei a passos rápidos até o elevador.

Mordendo o canto do dedo, eu observava cada detalhe da maldita caixa de metal. Eu não podia deixar de pensar no que aconteceu, nem tinha como, já que a sensação dos corpos ao meu não saía de minha cabeça.

— *Mierda*, Zel... — Eu balancei o rosto e o cobri.

Realmente, eu tinha ficado chocada como meu corpo safado respondeu tão rápido e caminhei por horas e horas dentro do quarto pensando no que tinha acontecido no elevador. Se aquilo realmente foi real ou se era coisa da minha cabeça. Por mais tentador que parecesse, e me fizesse arder, preferi jogar para o fundo os meus pensamentos assim que as grandes portas douradas se abriram no andar selecionado.

Eu caminhava já traçando meus planos... Ele me mandou voltar ao hotel, mas não disse que teria que ficar dentro do quarto. Tinha coisas interessantes dentro do lugar, muitas coisas interessantes. Eu tinha lido sobre tudo que o Hotel Cassino oferecia, poderia tentar a chance nas jogatinas, quem sabe teria sorte?

— A boate! — A palavra pulou dos meus lábios assim que me lembrei desse pequeno, e maravilhoso, detalhe.

Eu fui quase correndo para meu quarto, já pensava em qual vestido usaria; e, sim, o meu sorriso aumentou ao lembrar do pano negro que Elly jogou dentro da minha bolsa enquanto fazia as malas. A moça ganhou de presente de uma de suas amigas do orfanato, mas odiou o vestido assim que o viu. Eu ri da careta dela olhando para o vestido negro. E, então, ela jogou dentro da bolsa.

Assim que sai do banho, meus dedos correram pelo zíper, abrindo a mala, procurando pela peça; e, lá ao fundo, estava o presente rejeitado. Os longos cachos caíram por minhas costas nuas assim que me virei diante do espelho, olhando para minha bunda.

— *Mierda* de rabo pequeno, Elly... — minha amiga tinha a bunda um pouco menor. Por mais que fossemos do mesmo tamanho, eu ainda assim tinha formas mais roliças que ela. Mas a forma como ele ficava em minha

pele mesmo estando um pouco curto para o meu gosto. A parte frontal trazia apenas duas tiras e se prendia ao pescoço junto a uma corrente brilhante. — Las Vegas, Zel... não tem que ser uma freira aqui!

Eu ri, decidindo que usaria o vestido. Terminei a minha maquiagem, prendo as grandes argolas em minhas orelhas. Fiquei agradecida por trocar a cor do esmalte da unha dos meus pés ao final da tarde, o vermelho estava perfeito com a delicada sandália de salto fino. E com uma última olhada ao espelho, saí e tranquei a porta do quarto.



Me perdi rindo por tantas luzes e vidas que vibravam dentro do cassino, o som das máquinas de jogatinas, os gritos de alegria e raiva dos jogadores. Tudo me fazia se sentir mais liberta conforme desfilava olhando tudo com curiosidade.

Peguei uma ficha no balcão, deposei na grande máquina, puxando a alavanca. O som alto brilhava, piscando suas luzes, misturando-se ao cair dos pares de jogos.

— *Mierda!*

Eu resmunguei quando a grande máquina me mostrou que não saiu nada em par.

— Sabe como diz o ditado... — Eu me virei, olhando para a senhora alegre que ia depositando fichas na máquina. — Azar no jogo, sorte no amor, pequena.

Eu sorri, balançando a cabeça em negativo. Definitivamente, não

tinha sorte no amor.

— Creio que *no...* Sou azarada em tudo... — minha voz falou, doce, para senhora que ria.

— Dedo podre?

— Creio que *sí*.

— Sei como é, também tenho. Por isso eu só jogo. — A mulher depositava mais ficha, dando de ombros.

— Um drinque, senhorita? — A linda garçonete parou ao meu lado com várias bebidas na bandeja.

— Eu... eu não sei. Não sou de beber muito.

— Deixe disso, estamos em Vegas, meu anjo, não acordando casada está valendo.

Caio na risada, alegrando-me com a senhora risonha. Ela empurrou seu copo vazio, pegando outro e entregando um para mim.

— Comece por essa, irá gostar! — Ao levar aos lábios, o gosto de tequila com morango explodia em minha garganta, descendo queimando.

— *Dios...* — Aperto meus olhos, forçando a bebida. — *Es tequila...*

— Sim! — A mulher ria com minha cara. — Venha, joguemos mais um pouco, te garanto que depois do segundo copo, vai parecer suco de morango apenas.

Levo o canudo à boca, sugando mais da bebida. *Dios!* Eu estaria mais para o quinto copo para poder beber isso como suco.

Na verdade, foram seis, e não precisou que minha então amiga me ajudasse a tomar mais. Meus dedos mesmos se erguiam para os garçons enquanto me partia rindo com a maldita máquina que nunca me dava nada.

— *Dios!* Acho que ela não gosta de mim! — Gritava alto, batendo na máquina.

— Ela é uma cadela, sabia? Também não gosta de mim!

Nós duas ríamos, escorando-se uma a outra. Uma coisa era certa: ao entrar em um lugar com bebida, era provável sair de lá com uma amizade de infância, um segredo do passado, uma viagem marcada que nunca se realizaria e uma puta ressaca. Mas mesmo assim, eu continuava aproveitando a minha noite.

Era a minha farra, a quase despedida da Ozbornes! Queria aproveitar minha despedida de fim de estágio com gosto... O som alto das músicas tocando no cassino vibravam em meu corpo, junto com o sexto copo da batida de morango com tequila.

— Devemos deixá-las! — Eu me pegava falando alto, procurando por onde chegava à boate do hotel.

— Para onde iríamos? — A mulher me olhou confusa, segurando meu ombro.

— Dançar, *mi amiga... uno mas!* — Meu copo se ergueu ao garçom, rindo, pedindo outra bebida.

Não precisei me desesperar tanto assim: eu seguia as batidas altas e quando *Poker Face*, de Lady Gaga, se fez mais alta em um corredor escuro com várias luzes neon brilhando, corpos empurrando uns aos outros que vinham e iam, eu soube que estava ao lugar certo.

— Eu acho que preferia as máquinas, querida.

— Ohh, não... Dios! Dançamos, veja, sinta o ritmo! — Meus dedos puxam os delas, levando-a entre o corredor escuro, caindo dentro de uma grande pista repleta de corpos. Os meus olhos brilhavam olhando tudo, apaixonada. As mulheres lindas dançavam dentro de taças gigantes cheias de espumas enquanto outras ficavam no palco, fazendo coreografia no *pole dance*.

Eu puxei a minha nova amiga, levando-a mais para perto. Meu corpo já balançava. Se tinha algo que me animava era as batidas das melodias! Desde menina, eu cresci com minha *madre* estourando os vidros com o som no último volume enquanto ria, dançando para mim. Minha *madre* era como uma bela dançarina, e me fez aprender tudo, e eu amava poder me soltar depois de tanto tempo sem poder.

Os meus dedos se esfregavam ao meu corpo enquanto eu me deixava levar pela música. Com movimentos livres, eu dançava por horas, sentindo meus cabelos colando às costas, não percebendo que chamava mais e mais atenção. Meu corpo simplesmente se expandiu assim que reconheceu a melodia latina. Shakira era preferida de minha *madre*. E me deixei voltar à pequena saleta onde dançávamos e minha madre me mostrava como eram os movimentos livres da música latina. Eu segurei a cintura do vestido, batendo o quadril, deixando minhas pernas se embalarem no ritmo.

Um homem a minha volta ria, segurando minha mão ao alto, rodando-me como peão. Meus pés ficaram na ponta do salto, e ergui a outra perna na altura da panturrilha, o que me deu mais liberdade aos movimentos. Meu cabelo rodeava junto comigo. O homem me soltou e o meu pé bateu ao chão, como uma verdadeira latina, rebolando a cintura enquanto brincava com ele. Me mexi tanto que nem percebi que já me colava no palco. Uma fina mão me

assustou quando tocou em meus dedos. A dançarina do palco de *pole dance* ria, batendo palmas, me chamando para cima.

E antes que pudesse recusar, senti meu corpo sendo levado para cima. As mãos se espalhavam por minha pele, erguendo-me ao redor. Eu ria mais ainda... e *Dios!* Estava em Vegas, por que não?

E me perdi em cada movimento que meu corpo fazia.

BRUCE

Nos encontrávamos na boate do hotel.

Era Vegas, não tínhamos que ir muito longe: o lugar era um palácio de marfim que fazia qualquer outro ser uma estrela. Passamos pelas mesas de jogos, mas como isso não nos chamava atenção, entramos direto para a boate que tocava músicas altas. As mesas, ao canto, davam liberdade para todos dançarem; e, ao meio da grande pista, dançarinas profissionais rodopiavam no *pole dance*.

Com a bebida em meus dedos, eu fazia uma varredura por tudo, procurando alguma que chamasse a nossa atenção. Eu observei meu pulso, passava-se da meia noite. A pequena diaba já estaria desmaiada em cima dos documentos em seu quarto.

— Desejam mais alguma coisa, rapazes? — A garçonete de vestido extremamente apertado, que deixava o grande vale dos seus seios à mostra, perguntou.

— Não, obrigado. — Tauro respondeu polido, virando-se para pista, olhando tudo.

— Os chineses gostaram do que viram... — e levei a bebida aos meus lábios, lembrando-me da reunião. Zelda tinha deixado tudo mastigado. Para uma estagiaria, ela era rápida. Com todos os pontos e créditos em suas pastas que entregava como portfólio da empresa. Eu olhava curioso como ela tinha

se desenvolvido desde então, sempre calma e serena. Ela sorria, deixando o lugar agradável enquanto conversava com os outros executivos. Ao fim da reunião mais cedo, pude ter um relance dos olhos dela, que nos observava com felicidade. Era quase como se realmente estivesse feliz pelo acordo ter dado certo e não porque seríamos obrigado a dar uma gratificação a ela.

Seus olhos tinham parado em mim, e seu sorriso continuava lá, com seus olhos negros e meigos, alegres aos meus. Senti ódio quando o filho de Chan chamou sua atenção, fazendo-a se desviar, abrindo mais ainda seu sorriso para ele. Filho da puta! Aquele sorriso era meu.

— Estaremos expandindo muito mais... A pequena diaba merece um crédito, estou pensando em algo para ela. — Tauro falou baixo e observou o copo.

— Vai lhe dar um bônus?

— O estágio dela está acabando, eu verifiquei todas as informações, ontem à noite estava sem sono. — ele levou a bebida à boca, voltando seus olhos aos meus. — Ela só tem mais alguns dias. A verdade é essa: quando voltarmos ela pode já ser liberada, estou precisando de uma secretaria administrativa, achei que talvez ela se encaixasse.

Olho para ele por um segundo. Tauro tinha o mesmo pensamento que o meu. Por mais infernal ela fosse, e fôssemos com ela, não queríamos ver a pequena diaba longe.

— Secretária? — Analisou a minha pergunta. — O que vamos fazer com a Fran?

— A verdade que ela não é a melhor secretária do mundo... e hoje depois do almoço, ver toda meticulosidade do trabalho que ela apresentou foi o suficiente. Creio que não foi bem a Fran que andou fazendo nossos relatórios. Pense, ela iria ficar entre nossas portas, poderíamos ter uma boa secretaria para nós dois, ela é esperta, seria bom.

— É, seria. Talvez.

Imaginar toda manhã ser recebido pela pequena diaba, com seus olhos negros, sorrindo com um “*bom dia, señor*” fez o meu pau se apertar. Não parecia uma boa vendo por esse lado.

Eu pensaria sobre isso. Ficaria com os olhos presos na pequena *rabiosa* o dia todo e realmente iria amar vê-la se abaixando para pegar os documentos que misteriosamente caíam ao chão. Acho que o meu humor até deu uma melhorada.

— Somos dois masoquistas, sabia? — Eu respondi a Tauro,

imaginando a tortura que seria isso e caímos na risada.

Acredito que nosso humor tenha melhorado.

— Por hora, esqueceremos dela e vamos procurar alguma mulher quente para tirar essa maldita dor do meio das minhas pernas.

Tauro se virou rindo, e logo uma música latina começou a tocar alto. *Rabiosa* da Shakira explodiu na boate enquanto eu soltava o ar. O *DJ* não estava ajudando, inferno! Todos começaram a dançar mais ao som quente da música. Meus olhos, então, focaram-se ao centro da multidão, que ia se apertando perto do palco enquanto as mulheres dançavam quentes. A mulher no *pole dance* se mexia enquanto ria batendo palma. Ela, em seguida, abaixou-se perto do palco e seus dedos se esticaram. Logo, do meio da multidão, um pequeno corpo foi erguido para cima pelos rapazes que estavam lá perto. A pequena fêmea fatal estava com cabelos soltos até sua bunda, cacheados, rebolando, balançando o seu quadril junto à dançarina.

— Merda, eu gosto daquela visão... — Eu não precisava virar para meu primo para saber que ele olhava também a mulher ao palco com vestido de renda. As mãos delas desciam pela bela bunda enquanto se requebrava lentamente, as pernas torneadas junto ao salto alto e fino que combinava com as pequenas pedrarias do seu vestido. Ela jogou seus cabelos para o lado enquanto segurou a barra do *pole dance*, balançando seu corpo de uma forma sugestiva.

Fui obrigado a me arrumar na cadeira, endireitando meu pau que já estava atendo àquilo. Suas costas limpas, expostas, deixavam quase a sensação que aquele pedaço de pano em sua bunda ia cair. Seu quadril se requebra, ela se segurava com uma mão só, dando um giro na barra de ferro, deixando suas pernas se apertarem sobre o metal. A grande cascata de cabelos caiu em seu rosto, deixando-a mais *sexy* conforme ela ia se esfregando no *pole*. Sua bunda se colou ao material e escorregou em um vai e vem lento. Ela soltou a barra, deixando seus dedos acariciarem seu seio, descendo lentamente pela cintura, deslizando em suas laterais. Sua cabeça se quebra junto com seu traseiro, jogando todo seu cabelo para o lado. Os dois dançarinos do outro palco sobem junto a ela enquanto os três faziam uma dança envolvente, tampando seu rosto, deixando aparecer apenas a curva macia do pescoço de pele morena.

Os brincos de argola em dourado brilhavam mais junto à sua pele. Ela deixou seus dedos se espalmarem contra o homem, que se prendeu à sua cintura fina. O segundo, logo atrás dela, deixava seus dedos um pouco abaixo

dos seios. Então, soltaram os movimentos juntos com a música latino-americana. Eles a mexeram como se ela fosse a pequena boneca deles, seu grande cabelo caiu para trás quando ela encostou sua cabeça no peitoral do homem. As pessoas embaixo do palco assobiavam, gritando para os três enquanto eles iam descendo lentamente em uma dança sensual.

A grande bunda redonda se empinou, rebolando, deslizando seus dedos pelo peito do cara à sua frente. Eu me concentrei um pouco mais naquele traseiro, que estava quase sendo amassado entre os dois caras, e senti meu sangue ferver enquanto todo o meu rosto se fechava. Eu me virei na mesma hora para Tauro, olhando-o sério. Ele arqueou a sobrancelha para mim em uma pergunta silenciosa de *o que foi?* e bati minha mão na mesa, empurrando minha cabeça na direção da pista... porque eu conhecia aquele rabo redondo.

PORRA!

Voltamos nossa atenção para o trio ternura dançante, e *touché*! O rosto dela se virou enquanto ria com o batom vermelho alegre em seus lábios carnudos, os olhos endiabrados.

— VOU MATA-LÁ! — A cadeira ao meu lado caiu junto com a minha quando reconheci aquele rosto fodidamente sexy e arteiro.

— Filha da puta!

Eu avancei pelos demais no meio da boate, empurrando-os, tentando ter acesso ao maldito palco. Eu iria arrancar ela de lá pelos cabelos se necessário! Porra, como ela estava desse jeito! Nunca a tinha visto com os cabelos soltos e livres, era sempre em um coque, uma trança de colegial. A parte da frente da porcaria da roupa era minúscula. Era praticamente dois riscos que subiam, tampando apenas seus seios, deixando o meio do seu corpo à vista. Tinha apenas duas correntes delicadas que se erguiam se prendendo atrás da sua nuca. Ela dançava mais enquanto todos ao seu redor iam gritando, uivando como malditos cachorros no cio.

— Sai, caralho! — Empurrei o cara à minha frente. Tauro já ia se aproximando junto comigo do outro lado da pista.

A diaba estava muito encrencada.

Assim que cheguei, vi perfeitamente suas pernas livres de perto. Se ela se abaixasse mais um pouco, qualquer um poderia ver a sua maldita calcinha, se é que ela estava usando uma. Tauro já estava em cima do palco, empurrando os dançarinos; e, antes que ela fugisse, segurou seus braços quando ela se ergueu acima da sua cabeça, dançando. Seus olhos se

assustaram ao vê-lo rugindo em sua orelha. Ela tentou fugir, mas seguro seus tornozelos a puxando para mim. Tauro nem lhe deu tempo: jogou seu corpo sobre minhas costas, fazendo-a cair em meus ombros. Seu corpo *rabioso* balançou com ela gritando de raiva. Esperei por Tauro enquanto apertava forte a mão em sua bunda, segurando seu vestido para que não mostrasse mais do que já tinha mostrado.

— Me solte, Bruce! — Eu sentia a raiva da voz dela que gritava, tentando me machucar, batendo em minhas costas. — *Cabrón, sueltame agora! Rataza! Hijo de Puta!*

Rosnei com raiva, com o pouco de controle que me sobrava. Mas não restou muito quando reconheci a bunda mais cedo. Então, puxo-a um pouco para baixo, fazendo-a gritar de susto. E logo, ela grita mais alto assim que meus dentes se cravaram em seu belo rabo, a pele macia e sedosa agora se esfregava em meu rosto sem mais nada para me atrapalhar. Zelda urrou com a mordida que dei com gosto, fazendo-a parar de se mexer.

— *Cabra! Desgraçado...* — Ela chorava, eu podia ouvir seu soluço. — Me mordeu, *cabrón!*

Mordo ela mais leve dessa vez, deixando minha língua passar por sua pele suada. Era doce, o cheiro de flor que vinha dela era quase comestível.

— *Senôr... Senôr*, Tauro! — Ela reclamava enquanto eu caminhava. Vi a imagem de Tauro parando à nossa frente, abrindo espaço. — Bruce me mordeu! Isso é crime! Não pode me morder, eu fiz o que me pediram, deixei todo o meu serviço pronto, não admito ser tratada assim.

Vi os olhos azuis se fecharem... ele estava furioso; e, logo, um sorriso se ergueu em seus lábios, olhando para mim. Estava feito, decidido apenas com um olhar. Iríamos a farra essa noite: ela teria uma lição e nós dois um pouco de paz e muito prazer.

Mudança de planos!

— Não devia se preocupar com a mordida, docinho... O que planejo para você é um pouco pior!

— *Cabrones de mierda! No puede ser justo! Hijos de puta!*

— Não, *cariño*, isso é muito justo... — Alisei seu rabo redondo, soltando um tapa forte assim que me recordo da maldita imagem dela entre aqueles bastardos... — Não gostou de como ficou amparada por dois machos?

Todos olhavam para nós que caminhávamos com a pequena malfeitora sobre meus ombros, gritando vários insultos em espanhol. Ela

socava as minhas costas assim que chegamos ao elevador. Tauro olhou de cara feia para os dois caras que iam entrar com a gente; e, logo, eles estavam dando um passo para fora, nos deixando entrar.

— Sua diaba teimosa! — A voz brava de Tauro rugiu assim que soltei ela ao chão. Seu corpo nem conseguiu fugir porque eu a presei entre meu primo e eu, olhando-a com raiva.

— Não tinha recebido uma ordem, pequena?! — E ela ergueu seus olhos bravos para mim. Antes que sua mão se erguesse em meu rosto, apertei forte o seu punho no ar, levantando-o para cima de sua cabeça, suas mãos foram presas no alto por Tauro, que deixou suas costas presas à parede do elevador. — Tão raivosa, pequena, mas saiba que até seu andar tem bastante chão.

— Não tem o direito de fazer isso comigo, nenhum dos dois! Eu vim pela empresa e não sou escrava de vocês! — Ela tentou virar seu rosto para Tauro, nos xingando com raiva. — Não fiz nada de errado... e se pensar direito, vai ver que obedeci suas ordens, pois nem do hotel eu saí, não disse que tinha que ficar trancada no quarto.

— Ô, docinho, o problema não foi só a dança e a sua teimosia em não ficar em seu quarto, mas, sim, isso que chama de roupa e a forma como dançou belamente com aqueles homens!

Putos de merda! Eu sentia raiva só de imaginar as malditas mãos em algo que era meu. O pensamento do que acabou de passar em minha cabeça caiu como uma bomba dentro de mim. Eu nunca tinha me sentindo tão dominante por algo ou alguém... a vontade de trancá-la algemada em uma cama era tudo que vinha em minha mente, enquanto voltava à boate só para socar cada centímetro daqueles caras.

Deixei meus olhos pegar cada pedaço dela. O pano negro que mal cobria os seios, que respiravam depressa, a pele morena de chocolate suada com seus longos cabelos cacheados caindo por seu quadril. Ô, sim, um inferno que isso não era meu!

— Aí que se engana, *cariño*. — Eu sentia meu corpo queimando alto. — Estamos em Vegas, bebê... O que acontece em Vegas...

— Fica em Vegas, docinho! — Tauro sussurrou próximo ao seu ouvido e vi seu corpo pequeno arrepiando, deixando rastro de pelos erguidos em seu braço.

Ri mais alto assim que seus olhos viraram para mim, assustados.

— Não sou a puta de vocês, podem me soltar, se acham que isso vai

rolar comigo, podem esquecer! E se me levar à força para aquele quarto, eu juro que vou chutar a bunda branca de vocês, *cabrones*!

A risada foi alta enquanto ela tentava enfrentar nos dois. Tauro se aproximou mais de seu corpo, prendendo alto os seus braços acima da sua cabeça.

— Agora sei porque gostou disso... bela bunda e macia para se fuder, docinho...

Ela se engasgou, voltando seus olhos para mim. Deixei meus dedos escorregarem lentamente entre sua garganta, descendo entre o vale aberto dos seus seios, que tinha livre acesso por sua barriga. Sua pele quente se arrepiava ao meu toque, com seu peito batendo forte como um coelho assustado.

— *Señor...* — Sua voz tinha se tornado um ronronar baixo enquanto ela me olhava quase se desmanchando.

— Porra, *cariño*.

Soltei seu corpo, segurando sua face, trazendo-a para mim. Meus lábios pegaram os seus, macios e quentes com gosto de morango, chupando-a com mais força enquanto me perdia em seu sabor delicioso. O som baixo que ela soltou enquanto seu corpo se tremia, sua língua tão atrevida, era delicioso de se ouvir. Rugi alto, prensando-a mais, sentindo seu espanto assim que meu quadril se chocou com seu ventre. Ela choramingou, balançando mais ainda seu vestido, que foi se levantando até sua pele nua se encostar em meu terno.

— Minha vez, primo! — A voz rouca de Tauro falava baixa, soltando suas mãos enquanto separava nossas bocas, virando-a para ele. Suas costas caíram sobre meu peito, e deixei minhas mãos se colarem em sua bunda, erguendo aquele pano desgraçado.

Tauro a prendeu forte, passando as mãos em suas costas, colando-a nele enquanto a fazia gemer, amolecendo em entre nós. Deixei meus dedos brincarem com sua pele cremosa, dedilhando cada canto macio daquele rabo carnudo. Ela gemeu mais quando ergui seu vestido, deixando meu pau se prensar à sua pele.

— Merda, docinho, essa sua boca foi feita para ser devorada.

Tauro a soltou, rindo enquanto ela ficava perdida entre nós dois, respirando com dificuldade. Eu apertei o botão, fazendo o elevador travar no andar dela; e, antes que a porta se abrisse, dei um espaço entre nós para ela saber que estava livre se assim desejasse. Tauro e eu não éramos monstros.

— Você sabe o que queremos não sabe, *cariño*? Sabe o que eu e

Tauro curtimos?

Ela balançou a cabeça lentamente com seus olhos expressivos. Eu sentia seu corpo quente que vibrava vida como se fosse fogo.

— Não vamos obrigar você ir em frente se não quiser, Zel. Não temos meio termo e nem futuro. Isso, essa noite, é tudo que podemos lhe oferecer.

A voz rouca de Tauro murmurou enquanto alisava o seu ombro, depositando um beijo lá e dando um passo atrás.

— *Dios... Señores...* eu... eu...

Ela falou em um quase sussurro, eu a via pensando em tudo... queríamos ela, porra, meu pau estava quase a fodendo aqui mesmo.

— Não vamos ficar bravos, Zel, pode ir para seu quarto, se desejar. Apenas não provoque mais com o que não pode lidar. Mas se desejar ficar, o comando estará apenas nas minhas mãos e nas de Tauro.

— Não sei se posso. Não teria como lidar... nunca fiz isso, como lidar com o que oferece...

— Estaremos lhe oferecendo prazer, *cariño*... Prazer em dobro!

Eu dei dois passos para perto da tecla do elevador, e antes que meus braços se esticassem, senti os dedos pequenos em meu pulso. Virei-me para ela e vi seu rosto virado para o grande espelho do elevador. Tauro olhava direto para lá junto a ela, observando o reflexo de nos três. Ele saiu da parede, parando ao seu lado, deixando seu braço descansar em sua pequena cintura, puxando-a mais para ele. Vi a forma como sua cabeça tombou em seu peito: ela olhava para nós, focando seus olhos aos meus, deixando sua outra mão alisar o braço de Tauro sobre ela, que beijava seu ombro. Zelda suspirou. Os olhos negros brilharam dilatados quando ela apertou seus lábios, borrados pelo batom, pelo beijo que lhe demos. Era a criatura mais sexy, foddidamente perdida em seu desejo, os lábios inchados junto a bagunça desalinhada daquelas cascatas negras que caíam por seus ombros, os olhos de ansiosos piscaram um segundo antes dela soltar o ar em resposta:

— *A la mierda!*

Ela puxou meu braço, colando ao seu corpo enquanto se entrelaçavam ao meu pescoço. Seu corpo se alavancou assim que Tauro a puxou por baixo, encaixando-a em nós dois. As mãos dele, firmes em sua bunda, a prendia forte no lugar, junto às suas pernas que rodeavam minha cintura e me forçavam mais a ela. Eu beijava sua boca, raspando meu pau entre o tecido molhado; seus dedos se emaranharam em meus cabelos enquanto ela gemia baixo. Soltei seus lábios macios apenas para deixar ela livre para Tauro, que

puxou seu rosto, virando-a para ele que a beijou com uma fome tão grande como a minha. Apertei o botão, fazendo o elevador se mover, levando-nos para cima no nosso quarto. Então, deixei a minha boca voltar para sua garganta livre, beijando cada canto. Meus dedos soltaram a delicada corrente que segurava as tiras na frente dos seus seios, derrubando-a por completo, deixando-os livres para mim.

Meu pau endureceu como rocha ao olhar para as duas esferas redondas cheia de carne, as auréolas marrom-escuras com bicos gordinhos e duros arrepiados imploravam para estar em minha boca. Eu me perdi o sugando com leveza, passando minha língua ao redor, fazendo-a gemer mais alto na boca de Tauro. Fiz o mesmo no outro seio enquanto ela o estufava mais para mim. Tauro a sugava em um beijo avassalador que compartilhava a maldita necessidade com ele.

Seu corpo estremeceu assim que saímos com ela do elevador. Zelda apertou mais forte o meu pescoço, assustada e com medo que fosse ao chão. Se ela soubesse que seria mais fácil ter que chamar um pelotão inteiro para tirar ela de lá, não se sentiria dessa forma.

— Estamos segurando você, docinho, bem firme... — Tauro resmungou em seu ouvido, mordendo seu ombro. — Segura nosso pacotinho de doce, Bruce, vou abrir essa maldita porta antes que começamos aqui mesmo.

Ele retirou a mão de baixo dela, deixando-me a ter por completo. Presa a mim, suas pernas moles se firmam mais em minha cintura, me viro colando ela na parede, prensando seu corpo.

— Peguei você, *cariño*... — Sussurrei baixo em seu ouvido, descendo por seu pescoço.

— *Señor*... — A voz rouca de desejo saía dos seus lábios, e essa maldita palavra era um gatilho bem no meio do meu tesão, fazendo-me querer me enterrar dentro dela nessa parede mesmo.

Peguei sua boca para mim enquanto a beijava com pura luxúria, fazendo-a se derreter. Uma das minhas mãos escorrega entre sua bunda, chegando perto da porcaria da calcinha fina. Eu deixei meus dedos a esfregarem lentamente, puxando para trás quando ele mordeu meus lábios, esfregando-se mais a mim. Soltei sua boca, dando uma palmada em sua pele. Ela gritou com o susto enquanto olhava com pura posse para ela. Seu sorriso arteiro aumentou, deixando seus dedos tocar a ponta dos meus lábios.

— *Lo siento, señor*... — era uma mentirosa descarada enquanto sorria

diabólica para mim.

— Ainda não, *cariño*, ainda não!

— Vem aqui agora, Docinho. — Tauro a puxou de mim enquanto a arrastava para dentro do quarto.

Inferno! Estávamos mesmo indo fazer uma loucura dessas!

O que acontece em Vegas...

.... Fica em Vegas!

TAURO

Eu achava que nada poderia ser pior que tê-la andando pelo escritório ou soltando sua risada que me fazia ficar dominante sobre ela. Mas tinha algo muito pior do que isso: ver seu corpo de gata manhosa esparramada na cama. Ela se esticou, olhando para mim com seus olhos atrevidos, mordendo um dos dedos em sua boca. O grande colchão se afundou assim que subi nele, puxando seus tornozelos para mim, seu corpo seminu com seios redondos e fartos à mostra, empinados em minha direção. Retirei a camisa, jogando-a ao chão, vendo-a curiosa, olhando para nos dois.

Bruce deu a volta na cama enquanto retirava seu terno, atirando-o no chão também. Eu acho que nunca vi esse homem fazer isso em toda sua vida. Sempre tinha que retirar e dobrar peça a peça, deixando na cadeira. Ele voltou seus olhos aos meus, dando de ombros como se me dissesse que nem ele entendia o que estava acontecendo. Mas, ao fim, nós dois sabíamos o motivo: e ele estava completamente esparramado sobre o colchão.

Eu puxei as pernas dela, fazendo-a soltar um grito, deixando o quarto todo se invadir por sua risada escandalosa. Minha pequena *rabiosa* era quente, deixando-nos em fogo. Permiti que meus dedos deslizassem por sua

perna, subindo lentamente. Minha boca beijou cada canto que me arrastei, lambendo suas pernas roliças. O som baixo que escapou dos seus lábios me faz rir, soltando sua perna. Deixei meus dedos escorregarem mais entre sua entrada, ela tremeu ao primeiro contato, fazendo seu corpo se esticar. O colchão grande balançou ao nosso lado assim que Bruce se ajoelhou na cama, alisando a grande cascata de cabelos negros cacheados e esparramados.

— Como escondeu esses cabelos por tanto tempo, *cariño*. — A voz embargada de luxúria de Bruce sussurrava enquanto ele se movia, baixando mais sua cabeça, roubando seus lábios. Ela moveu mais seu corpo, arqueando para cima, deixando seus seios livres brilhando para cima.

Meus dedos puxaram o resto de pano que ela usava como vestido, jogando ao chão, deixando-a apenas com a maldita calcinha de renda fina e preta com detalhes de *strass* na lateral de sua cintura. Os saltos altos em seus pequenos pés ainda estavam belos, agora com suas unhas pintada em um vermelho vivo. Ela gemeu, ronronando mais entre o beijo assim que as mãos de Bruce se prenderam em seu seio, apertando lentamente o bico até tê-lo bem preso em seus dedos.

— *Dios...* dói... — Ela resmungou, estapeando seu ombro enquanto ele se afastava, rindo.

— Ô, docinho, isso não é dor, isso é prazer! — Seu corpo se arcou em resposta assim que deixei meus dedos escorregarem entre os lábios carnudos de sua boceta molhada.

Ela tremeu, apertando forte o colchão, segurando um segundo gemido.

— Acho que nossa bebê ainda não sabe como nos deixou bravos, Tauro, ela ainda não teve uma lição sobre não nos desobedecer...

Vi seus olhos negros se expandirem quando ela apoiou seus cotovelos no colchão, nos olhando assustada.

— Do que estão falando?

— Sobre como nos deixou putos, docinho, ao sair do seu quarto indo se espremer entre outros naquela boate.

— Mas não fiz nada demais. — Seus olhos negros brilharam em alarme. — Estava apenas dançando, me jogaram dentro daquele quarto a tarde inteira, fiz todo meu serviço, se não acredita volta para o quarto do *señor* Bruce... deixei tudo lá embaixo da porta...

Olhei para Bruce que ia se sentando à cadeira enquanto se arrumava, encarando-a com prazer.

— Veja, docinho, Bruce não se sentiu confortável ao ver como sua bunda estava quase se chocando com aquele cara, aquilo realmente lhe deixou muito bravo.

— Pois que sofra em silêncio, não vou pedir perdão! — Ela puxou suas pernas, tentando se livrar do meu aperto. — *Cabron!* Solte-me!

A raiva brilhava junto ao seu peito eufórico que subia e descia rapidamente enquanto ela voltava seus olhos malvados para Bruce. Me viro, olhando-o ele a encarava na mesma medida. Ela tinha espírito, isso tinha que admitir, encarava Bruce sem medo, mesmo sabendo que estava a um passo de perder. Bruce voltou seus olhos para mim, deixando bem claro o que queria: *traga!*

— Vamos ter regras nesse jogo, docinho, queremos muito, muito estar bem fundo dentro de você, mas aqui dentro do quarto, quem manda somos nós! Bruce lhe avisou, não se esqueça!

— *Sí*, mas não me disse que iria ser repreendida como uma criança malcriada! O que farás?! Irá me bater, *señor*? — Ela curvou sua boca em provocação, olhando para ele, mas assim que vi seus olhos arregalados, sabia que ela tinha a resposta com apenas uma carranca de Bruce. — Não! Não se atreveria!

— Venha, Zelda! — Bruce bateu em suas pernas, encarando-a, deixando saber que não teria escolha. — Cinco palmadas no mínimo por ter se exibido daquela forma...

— Está louco se acha que vou livremente caminhar até você dócil e deixar me espancar.

— Não vou lhe espancar, até porque nunca fiz isso a uma mulher, cariño, mas irei lhe dar no mínimo cinco palmadas por sua teimosia e, depois, quando estiver esticada em minhas pernas, vou afundar meus dedos em sua boceta molhada, entrando e saindo lentamente dela enquanto Tauro fode essa sua boca malcriada por ter nós xingado de tantos nomes feios. — Ela engoliu seco, voltando seus olhos para mim, soltei uma piscada para ela enquanto puxava suas pernas, levantando-nos da cama. Meu pau que já latejava forte com a ideia de tê-lo dentro daquela boca carnuda e ficou feliz quando o libertei da maldita cueca boxer.

— Veja, docinho, irá ser punida por sua arte e depois te prometo te recompensar gloriosamente.

— Não quero apanhar. Eu gosto da parte dos dedos e do seu pau em minha boca, mas apanhar está fora de cogitação.

— Se não é punida não pode ter a recompensa, Zelda!

Bruce bateu em sua perna outra vez. Deixamos ela ali, sabia que não devíamos empurrá-la de uma vez só ao nosso mundo, ela tinha que ir entrando aos poucos, mas desobedecer a nós dois... isso era algo que ela tinha que aprender agora: que iria ter punição.

— E se doer muito?

— Se Bruce forçar muito, docinho, pode usar uma palavra de alerta. Diga vermelho, em alto e bom som, que na mesma hora ele para.

Ela arcou e fechou seu semblante, pensando sobre o assunto, seus olhos voltando aos meus em socorro. Mas eu apenas continuo sério.

— Se algum dia contar isso a alguém, *cabrón*, chuto seu traseiro branco para fora da sua boca!

Ela cruzou o quarto, indo para ele e, por mais que quisesse rir da forma *rabiosa* que ela dizia, meu modo dominador já tinha sido ativado. Os grandes cabelos negros estavam presos em minhas mãos quando a puxei com força, a fazendo gritar, colando-a em meu peito. Soltei o aperto levemente, deixando meus dentes rasparem por seu pescoço, seu corpo trêmulo colando mais ao meu corpo e empurrando meu pau em sua bunda, o que a fez respirar alto na mesma hora.

— Dentro do quarto somos seus donos, Zelda, deve obediência a nós... lembre-se quem está no controle. — Mordi seu ombro e deixei meus dedos massagearem seu seio, fazendo-a gemer entre a dor e o prazer.

— *Sí, señor...* — Solto seus cabelos ouvindo sua voz mole, enquanto abaixou seu corpo ir se dobrando lentamente na perna de Bruce.

Era quase brutal a forma bela como sua bela bunda estava. O peito alto de Bruce subia e descia lentamente enquanto ele soltava suas lufadas de ar, acariciando suas costas, seus grandes cabelos foram jogados para o lado, enquanto ele alisava mais sua pele.

— Sabe por que vou ter que punir você, *cariño*? — A voz em comando falou baixa, levantando ao ar a sua mão lentamente.

— Porque é um sádico *hijo* de puta... — sua voz sussurrou seguida de um grito assim que ele solta o peso da mão na linda bunda redonda de chocolate. — Dio mio... — Ela resmungou se retorcendo em seu colo. Eu caminhei até ela enquanto alisava seu cabelo, vendo Bruce esfregando o local que ele aplicou a primeira batida. Ela foi se acalmando, deixando seu corpo relaxado.

— Não, *cariño*, está sendo punida por que foi teimosa e nos desafiou

indo para uma pista de dança com aquele tipo de roupa. — Ele ergueu seu braço outra vez, soltando um tapa com mais força, Zel gritou alto, apertando suas unhas em minhas mãos enquanto o xingava. — Já pensou que poderia ter acabado pior se Tauro e eu não lhe fizéssemos, qualquer um poderia achar que estava apenas lá se oferecendo como um pedaço de carne... e algo muito ruim aconteceria.

— Está me batendo, *señor*, o que acha que alguém podia me fazer pior do que já está?

O terceiro tapa fez seu rosto se fechar em dor enquanto seus olhos marejavam, mas ela mordida os lábios para não dar o gosto do choro. Eu gostava de estar no controle, mas deixava para Bruce os castigos. Realmente preferia uma tortura diferente ao qual acabava sempre em longos prazeres. Inclinei-me perto dela, alisando sua face bela.

— Aqueles caras no palco... eles atravessaram o salão para poder ir dançar com você, docinho, acha que eu e Bruce fomos os únicos que ficamos duros quando lhe vimos? Tenho certeza que não. — Ela me olhava com os olhos mais teimosos, implorando para chorar, mas não o fazia. — Nunca veio a Vegas, tem ideia de tantos assassinatos que acontecem nesse lugar? Não lhe mandamos para o quarto por castigo, mas sim porque estaria segura lá... está sob a nossa responsabilidade, docinho, nosso dever é cuidar de você.

Merda, eu realmente estava falando sério. Meus instintos se alertaram no exato momento que voltei meu rosto para pista reconhecendo Zelda toda mole entre os dois idiotas... Só queria agir como um homem das cavernas rugindo para todos e arrastando-a pelos cabelos para o quarto. Beije com ardor sua boca, que vai se derretendo sobre a minha. O gosto doce de morango de sua bebida ia me fazendo a devorar mais e mais, ela gritou em dor quando a quarta palmada explodiu em sua bunda.

— *Dios, lo siento...* — Ela gritou mais, fechando seus olhos. Bruce alisou sua bunda, beijando lentamente suas costas, raspando o rosto nela.

— Nem tem ideia de como desejo voltar lá, Zelda, apenas para quebrar aqueles dedos que lhe tocaram... — Ele levantou sua mão outra vez, soltando a quinta palmada em seu rabo, fazendo-a morder os lábios. — Agora, *cariño*, me diga por que estou lhe dando um castigo?

— Porque saí mesmo depois de me deixaram sabendo que não podia. — Sua voz baixa sussurrou quando Bruce alisou a bunda sensível, que ardia com as palmadas.

— Isso aí, bebê, agora sabe que não pode mais fazer esse tipo de arte!

— Ele ergueu sua mão, batendo forte outra vez e ela gritou em raiva, virando-se com ódio para ele.

— Puto! Me disse que seria cinco, seu mentiroso. — Bruce apertou seu maxilar, segurando o riso enquanto olhava para ela.

— Eu disse que o mínimo seria cinco palmadas!

Ela berrou outra vez. Só que agora eram para os dedos que entraram dentro de sua boceta, fazendo-a gemer alto.

Parei à sua frente, alisando seu rosto enquanto jogava seus cabelos para o lado, deixando passagem para meu pau que apontava reto para ela.

— Abra essa boca suja, docinho! — Apertei meus olhos enquanto ela ia abrindo a boca lentamente. Dei a ordem para que ela ficasse daquela forma e meu pau foi entrando devagar... e, porra, aquilo era bom! A língua atrevida dela me sugava, deixando apenas a ponta dos seus dentes rasparem pelo meu pau.

Bruce começou a foder mais rápido, prendendo-a no lugar com o outro braço para que não escapasse. Deixei meus dedos se prenderem em sua cabeça enquanto ela ia acomodando mais e mais o meu pau dentro de sua boca. Apertei forte seus cabelos quando percebi que seu orgasmo estava próximo nas mãos de Bruce. Ela arregalou os olhos, olhando-me com pânico e, logo, seu corpo estremeceu forte com sua boca aberta engolindo todo o meu pau. Sendo sugado com força, soltei seus cabelos, retirando meu membro de sua boca enquanto ela ia se desmanchando como manteiga nas pernas de Bruce.

Ele a ergueu, virando seu corpo para ele, que resmungou assim que sua bunda toca sua pele. Os braços passaram por seu corpo, erguendo-a com carinho para levá-la à cama.

— Tauro, preciso que segure nosso pacotinho de doce. — Já estava na cama deitado esperando por ela quando ele a deixou sobre mim.

Seus olhos lindos e expressivos me olhavam com medo enquanto a deitava mais aconchegante sobre meu peito. Segurei seu rosto em minhas mãos, beijando-a com força enquanto ela ia cravando suas unhas em meus braços, suspirando mais alto. Bruce jogou a caixa de preservativos no canto da cama, arrumando um em seu pau livre. Ele lançou um ao meu lado e, assim que termina o seu, foi a erguendo sobre seus joelhos, jogando o pedaço de calcinha fora.

— Essa maldita bunda me torturou, sabia? — A voz dele falou rindo, enquanto alisava suas costas.

Peguei meu preservativo, passando meus braços por debaixo dela enquanto ia desenrolando sobre meu pau. Vi seus olhos curiosos acompanhando cada movimento dos meus dedos.

— Na próxima, será você que vai fazer esse serviço, docinho! — Pisquei para ela que me presenteia com um sorriso travesso.

— Só essa noite, lembra, *señor*? Essas foram suas palavras!

Eu morreria antes de admitir que fodidamente essa não seria nossa última noite juntos. Seu gosto estava entranhado dentro de mim enquanto implorava por mais e mais dela.

Meus olhos foram para cima de seus ombros e vi o rosto de Bruce com seu semblante franzido. *Ela é nossa!* Seus olhos praticamente gritavam na minha cara. *Inferno, eu sei!* E puxei o seu corpo para mim, abraçando-a, deslizando meus dedos sobre seu corpo. Bruce soltou um palavrão assim que a viu se encolhendo com seu rosto, retorcendo-se em dor misturado ao prazer.

— Relaxa, docinho, não vamos lhe tomar de uma vez só essa noite.

— Caralho, essa é a boceta mais apertada que tento entrar... — Bruce foi voltando enquanto seus dedos apertavam mais forte o rabo dela.

Vi seu rosto escondido entre os cabelos enquanto ela tentava ocultar sua reação.

— Zelda, com quantos já dormiu?

BRUCE

Meu corpo congelou no momento que ouvi a voz rouca de Tauro. O silêncio dela deixava o quarto todo congelado enquanto meu pau estava na entrada da sua boceta. Ela baixou seu rosto, querendo se esconder no peito de Tauro, mas ele segurou-a e a fez olhar para ele.

— Zelda, quantos?

— Eu não sou virgem, se é isso que quer saber. — Ela sussurrou. Eu

quase pude sentir meu coração voltar a bater outra vez depois de ouvir sua voz dizendo aquilo.

Porra, seria uma merda se justo nesse momento descobríssemos que ela era virgem. Eu e Tauro duros como rocha tendo ela inocente entre a gente. Isso nos custaria nossa alma no inferno. Mas sabia que só o fato de já estarmos aqui já era o suficiente para garantir nossa passagem para lá.

Senti a dificuldade que foi para meus dedos entrarem lá, mas sabia que não tinha nenhuma barreira, deixando-os para fora. No entanto, sentir a pressão da entrada da sua boceta sobre meu pau, isso sim me fez ficar preocupado se ela iria conseguir nos tomar. Não éramos algo anormal, mas tanto eu como Tauro podíamos dizer que estávamos alguns centímetros acima da média.

— Mas ainda assim não me respondeu, docinho. — Ela estava ficando tensa, sentia isso em seu corpo entre nós. Meus dedos alisaram suas costas enquanto me curvo mais beijando seu ombro, deixando minha mão escorregar entre sua cintura, alisando seu doce montículo liso.

— Dois caras! Um no ginásio e outro na faculdade... eles eram pequenos, é isso. — Ela respondeu baixo como se estivesse envergonhada, soltei uma risada beijando seu ombro.

— Então sem chance de brincar nessa sua linda bunda, pelo que entendi, não é, *cariño*? — O som abafado de sua risada no peito de Tauro fez ela ficar mais relaxada enquanto eu continuava a esfregar em círculos o seu clitóris.

— Já fiz anal, *señor*. — A voz doce dela saiu baixa assim que seu rosto se virou por cima do ombro, olhando para mim. Eu não podia resistir a segurar aquele rosto pequeno a beijando com carinho, roubando mais e mais dela para mim.

— E gostou? — Alisei lentamente sua bunda, vendo-a fechar seus olhos, soltando pequenos gemidos.

— Não sei... — um pequeno sorriso se fez em seus lábios enquanto esfregava meus dedos em sua boceta molhada, arrastando para cima. — Não tive prazer...

— Lhe garanto que terá, *cariño*...

Beijo seu ombro, o grande idiota que teve a chance de lhe tocar não passava de um pau inútil... como poderia ter algo tão quente em suas mãos como Zelda e conseguir pensar só nele?

— Confia em nós, *cariño*... — Arrastei os meus lábios por sua orelha

mordendo a pele, sussurrando.

— *Sí... hooo... Sí.* — Beije o canto de sua boca, arrancando gemidos dela, que ronronava como uma pequena gata noturna.

Voltei meus dedos para seu clitóris, que agora pulsava forte, esfregando-os em sua boceta molhada a fazendo suspirar. Eu segurei o meu pau em sua entrada por baixo de suas pernas, arrumando-o em enquanto entrava lentamente. Seu corpo rígido ficou firme quando soltei sua boca, segurando sua cintura mais forte.

— Lhe prometo apenas prazer com a gente, *cariño*. Muito prazer.

Tauro a puxou para ele, sugando seu seio que balançava em sua face, deixando pequenos gemidos escapar dos seus lábios.

— Porra. — Meus dedos esmagam sua pele, afundando mais dentro dela, voltando a sair lentamente enquanto ela ia se esticando, acomodando seu corpo ao meu tamanho. Era uma maldita de boceta molhada e quente, tão apertada como um punho sobre meu pau latejante. — Inferno de quente, Tauro, caralho, vai amar se afundar aqui tanto quanto eu, primo.

— Oh! *Señor...* — A voz dela gemendo enquanto ia me recebendo mais me excitou mais. Eu coleí a minha pélvis com toda pele macia de sua bunda, enterrando-me bem fundo dentro dela. Voltei meu corpo, saindo outra vez, apenas para entrar mais forte. Não queria ser bruto, mas, porra, estava feito um adolescente pronto para gozar se ela continuasse me apertando com tanta força.

A voz manhosa da pequena *rabiosa* gemendo mais e mais enquanto meu pau martelava em sua cavidade molhada, me sugando para dentro, me causava espasmos mais fortes a cada solavanco. Tauro passou a mão por suas costas, a segurando firme no lugar enquanto eu soltava toda força que continha nesse tempo. Meus dedos deslizam sobre ela, voltando para seu clitóris inchado que foi pulsando mais forte enquanto o circulava, rápido e duro, como meu pau que entrava dentro dela. O grito que ela soltou assim que seu corpo começou a tremer foi o ápice.

— Hoooo, *Dios, si...* Hoh... mais forte... mais... Hooo, *DIOS MIO, señor!*

Ouvir sua voz doce me gloriando com tanto gosto me fazia explodir em fortes apunhalada dentro dela, sentindo cada nervo novo que me apertava mais forte, tocando em cada terminação. Ela gritou mais enquanto Tauro sugava seu seio, a chupando com leite feito um maldito bezerro desgrehado e meu pau bomba, a fodendo lindamente como sempre desejei.

Eu a fazia gemer mais quando o segundo orgasmo a rasgou, me levando com ela quando me apertou com tanta força, prendendo meu pau dentro da sucção deliciosa da sua vagina.

— Caralho, *cariño*... — Caio sobre suas costas a beijando com amor em cada canto daquela pele morna e quente.

Retiro meu pau de dentro dela assim que consigo me mexer. Tauro levantou sua bunda por baixo de suas pernas, a encaixando sobre ele, fazendo-a o receber.

— *Dios*... é... és muito, muito, *señor*! — Segurei seus braços que tentava se equilibrar em algo para se levantar. O rosto de Tauro mostrava a agonia que sentia em estar dentro dela.

— Agora entende o que falei! — Ele apertou o maxilar mais forte, deixando-a ir se encaixando devagar.

— Porra, docinho, essa é a boceta que quero morar dentro para sempre. — Ele apertou seu quadril, fazendo-a se mover lentamente para frente e para trás. — Vamos, docinho, faça essa cabeceira bater forte na parede.

Como um estopim que ardia dentro dela, seus olhos brilharam em diversão. Solto seus dedos, aperto seu queixo, a beijando mais forte. A cama agora balançava em movimentos pesados quando ela começa a cavalgar, firme e forte em cima de Tauro, levando-o a apertar mais sua pele. Ela sorria diabolicamente enquanto descia e subia, parando ao meio, deixando seus dedos espalmados em sua barriga, e, como se estivesse em uma doce tortura, foi descendo lentamente. Eu me levanto, parando ao seu lado, saindo da cama, puxando seus cabelos para mim.

— Limpa meu pau, *cariño*. — Seu sorriso arteiro aumentou enquanto eu tirava a camisinha, jogando ao chão.

— *Si, señor*. — Seus lábios carnudos se prendem em meu pau, lambendo desde o topo da cabeça sensível até a última gota de porra. Eu queria morrer ali sentindo os tremores pelo meu corpo. A pequena amazona cavalgava firme no pau de Tauro, fazendo-o rugir enquanto sua mão se prende ao outro seio livre.

Ela soltou meu pau assim que ele puxou seu corpo para cima, junto com ela, prendendo-a forte nos braços. Tauro andou com ela, parando à minha frente, deixando suas costas colar em meu peito. Eu passei meus braços por baixo de suas pernas deixando-os no encaixe do seu pau, que arrematava para dentro. Minha boca deslizou sobre meu pescoço, beijando a

carne, até sentir meus dentes cravando a pele lisa. Tauro se prendeu ao outro lado do seu pescoço, chupando-o com força. Ela gemeu alto e segurou mais forte, enquanto tremia alto com uma mão presa ao braço do meu primo e a outra ao meu, gritando nossos nomes. Sua linda boceta esguicha, fazendo-a tremer como uma descarga grande e elétrica sobre seu corpo. Tauro ergue sua cabeça, soltando um gemido alto e sonoro, enquanto martelava mais forte, prendendo-a no lugar quando gozou com tanta força, fundindo-se a ela. A pequena *rabiosa* treme entre nós dois com seu corpo ainda em espasmos.

— Estamos segurando você, *cariño*... — Beijeí onde meus dentes se afundaram em sua pele, alisando seus cabelos. Sua pele brilhosa e suada tremeu, colando mais suas costas ao meu peito com sua respiração irregular. Tauro ergueu seu rosto para ela, perdendo-se em seus olhos dengosos, trazendo-a para ele enquanto a beijava com doçura. Beijo seu ombro, alisando sua bunda onde há pouco tinha espancado.

Merda, o que tínhamos feito? Não tinha ideia de como ela se encaixaria tão bem entre nós... feita sob medida. Tauro se afastou de sua boca enquanto alisava sua face; e, pelo seu olhar, sabia o que estava passando em sua cabeça porque era o que passava na minha: *o que fizemos?*!

Levei seu corpo mole para cama, esticando-a no colchão enquanto empurrava seus cabelos para os lados. Ela me olhava dengosa com um sorriso frágil.

— Isso com certeza foi a melhor coisa que já fiz e irei fazer na minha vida, *señor*! — Eu me perdi nos olhos negros e brilhantes que me sugavam mais e mais a ela, deixando-me sem reação.

Baixei meu rosto para beijar sua boca enquanto ela se derramava em meus braços, circulando meu pescoço. A cama se moveu e logo o grande corpo de Tauro pairou atrás dela. Ela me libertou dos seus lábios, virando seu corpo para ele enquanto ele a abraçava com cuidado, deixando-a deitar sua cabeça embaixo do seu braço. Logo, senti as pequenas mãos sobre mim, puxando-me para mais perto dela enquanto seu delicioso rabo se encaixa em minhas pernas. Eu me virei de lado, deixando-a de conchinha, jogando minhas pernas sobre ela com seu rosto enterrado no pescoço de Tauro e sua mão bem firme segurando meu braço para não se afastar... E aos poucos fomos ouvindo o ritmo baixo de sua respiração.

Olhei para Tauro que me encarava, não precisávamos conversar e nem trocar olhares, mas sabia que ela tinha fugido à regra, não ficávamos na mesma cama depois que terminávamos nosso *ménage*. Era cada um para seu

canto, nem quando moramos juntos na época de faculdade com uma namorada. Ela desejava seu próprio quarto, indo dormir lá depois do sexo. Não me lembro nem de dormir assim com minha própria mulher quando casei. Mas agora era quase como se fosse impossível erguer meu corpo para longe dela.

Como diz a pequena *rabiosa*, que *MIERDA*!



LA TORTURA

ZELDA

Ok, eu estava ciente de estar sentada dentro daquela palestra com os dois homens mais quentes, um de cada lado. Eu até podia dizer que quis fugir depois da noite passada, mas acordar dentro de quatro, braços firmes me prendendo a eles, foi uma experiência única. Nunca tinha dormido tão bem, era como se lá fosse o lugar mais seguro que poderia escolher para ficar. *Mierda*, o que tinha na cabeça para fazer uma loucura como aquela? O que iriam dizer de mim se isso caísse na boca das pessoas ao qual trabalho? Nunca pensei que realmente teria alguma chance de isso acontecer longe das minhas fantasias em meu quarto. Sempre fora focada aos meus estudos e o que desejava para o meu futuro, mas, maldição, sabia que minhas noites tinham se transformado em agonia depois de ouvir os boatos da empresa. E meu corpo se aquecia sempre que um deles passava por mim.

Talvez eu tenha realmente pensando em mandar os dois a *mierda* quando Bruce espancou minha bunda. Dei uma olhada para minha direita e, de relance, vi o grande homem em seu terno azul escuro marinho sob medida,

o relógio de ouro brilhava em seu pulso, deixando a sua grande mão em foco. Era macia mesmo sendo grande com dedos finos e ágeis, eu odiei sentir a força dela em minha bunda, mas, caralho, hoje de manhã no banho o cara me fez ir aos céus com elas, e quando achava que já estava no infinito, ele conseguiu me foder mais forte e duro, colada na parede do box, levando-me literalmente ao além. Ele bateu fora todo raciocínio do meu cérebro. Ele se virou lentamente, olhando para mim, e senti minha pele se aquecer como fogo quando seus olhos negros leram meus pensamentos tão facilmente. Um sorriso descarado se fez em seus lábios.

Hijo de puta!

Volto meus olhos para frente rapidamente, tentando me focar naquela palestra chata, eu nem sabia mais o que esse homem estava falando. Tantas empresas se dividiam mostrando seu avanço, as grandes cadeiras estofas de vermelho, uma colada à outra, deixavam todos agrupados como um bando de formigas. Eu sentia o ar quase faltando em meus pulmões, meu corpo vibrou quando a grande mão grossa e áspera tocou minha perna lentamente, acariciando-a. Voltei meus olhos para os braços grandes e firmes de Tauro, sentado à minha esquerda. Ele mexia em círculos seus dedos em minha perna, quase me fazendo chorar.

Recordei-me de como ele poderia ser hábil com aqueles círculos bem definidos. Sua boca realmente foi feita para devorar e foi exatamente isso que ele fez quando sua boca sugou forte o meu clitóris, brincando com sua língua. Meus olhos passaram por seus cabelos negros que continham alguns fios platinados, gostei de sentir seu cabelo em meus dedos quando gozei forte, agarrando-me a eles. Eu me senti caindo no abismo, havíamos passado a manhã toda dentro daquele quarto fodendo como animais no cio, e foi bom demais, isso eu não podia negar. O pau grosso e duro que me encheu logo que desabei na cama me fez voltar à vida como um choque elétrico. Ele continuava a socar fundo e duro em meu corpo sensível, quase nem sabia mais onde começava ou terminava, apenas tive consentimento para me afastar quando precisei de roupas para estar decente para a palestra. Não tinha como continuar desfilando com a roupa gigante de Tauro sobre meu corpo já que os dois jogaram meu lindo vestido pela janela do quarto do hotel.

Após ser escoltada pelos dois gigantes até a porta do meu quarto, pude finalmente tentar pôr em ordem os meus pensamentos. Como iria ser de agora em diante? Se não fosse o caso de estar quase me desvencilhando da empresa, jamais faria isso. Eu tinha rota para meu futuro, estive todos esses

anos traçando caminhos que dariam orgulho, para mim e para minha *madre*. Desde menina, sabia o que queria, estaria lidando no topo de uma grande empresa. Por isso não tive tempo de namoricos no colegial, estava focada demais tentando ser excelente em tudo para conseguir uma bolsa para faculdade. Minha família de renda média não possuía tantos bens assim para bancar quatro anos de mensalidades, e foi com orgulho que mostrei para minha *madre* quando ganhei a bolsa de estudos. Logo no primeiro ano, minhas notas foram tão boas que meu professor me sugeriu o estágio. Assim, quando eu estivesse finalizando os estudos, também já teria a carga horária de estágio completa, deixando-me livre para apresentar minha tese para a banca. Eu me esforçava para conseguir as coisas, trabalhava duro e estudava até de madrugada para deixar minhas notas altas.

Minha *madre*, que desejou voltar para Espanha, não conseguiu me fazer desistir de meus planos. Eu amava demais a minha *madre* e foi com coração estufado que bati o pé lhe dizendo que ficaria em minha cidade natal, a cidade de meu *padre*. Minha *aboela* me deixou sua casa como herança depois que faleceu, era tão carinhosa comigo e tinha o mesmo sangue enérgico que eu: de sempre desejar o melhor do futuro e nunca ser dependente de ninguém. Eu me orgulhava da minha vida e de como estava evoluindo em meus 25 anos. Eu tinha tudo planejado, mas agora quase coloquei tudo a perder por uma fantasia doida que me levou a estar não só ligada a um dos meus chefes, mas sim os dois.

Onde ganha o pão não se come a carne, Zelda! Quase pude ouvir a voz da minha *madre* me recriminando. Meus olhos pararam diante do espelho, observando meu corpo com seios e quadril doloridos, e uma maldita paz interna que nunca senti. Se era errado o que fiz, por que eu não conseguia me sentir assim? Meus olhos pararam em meu pescoço, cada lado trazia uma marca intensa. Eu xinguei baixo, indo para o banho.

— Relaxa, docinho. — A voz de Tauro me trouxe à realidade, fazendo-me perceber que ele me encarava sério. — Está bem?

— Eu acho que preciso de ar. — Meus dedos foram à gola alta, que fui obrigada a vestir para tampar o que fizeram em meu pescoço.

— Não devia ter vestido essa roupa apertada! — a voz séria de Bruce falou com um rosnado ao meu lado.

— Se alguém não tivesse brincado de Drácula em meu pescoço, talvez não precisasse, *señor!* — Eu tinha dado graças por ter posto a roupa de gola alta cinza. Era quente como inferno, mas por sorte tinha a saia que

combinava perfeitamente em tom neutro, me dando mais vida. A sapatilha baixa que coloquei nos pés aliviava as pernas, já que eu não tinha confiança em minha coordenação motora para caminhar em linha reta com um salto alto depois da noite passada. Nem me lembrava de ter tirado a sandália já que foi a única coisa que me restou no corpo, mas quando acordei a vi descansando ao chão cuidadosamente arrumada uma ao lado da outra.

— Gosto da saia! — A voz baixa de Tauro suspirou, deixando sua grande mão descansar em minha perna.

— Preferia ver seu pescoço livre, mas gosto da saia também. — Bruce deixou seus dedos tocarem na ponta da minha orelha, fazendo-me soltar um pequeno gemido involuntário. Era quase como se meu corpo safado nem sequer me pertencesse mais e a voz safada da maldita vagina gritava em felicidade: *ainda bem que eu tomei a decisão dessa vez!*

Eles riram baixo pelo som de gata manhosa que saiu dos meus lábios enquanto sentia meu rosto queimando em vergonha. Eu podia perceber alguns olhares peculiares à nossa volta, algumas mulheres ao longe na quinta fileira voltaram seu rosto para frente assim que as encarei.

Dio, mierda, o que estava fazendo? Devia estar focada em todas essas palestras, devia estar me preparando para apresentar minha tese à banca da faculdade. Eu já tinha tudo pronto, mas não queria que nada desse errado, as mulheres cochichavam uma ao ouvido da outra, soltando risos, sentia minha mão ficando úmida e gelada, fazendo-me ter certeza que meu coração batia três vezes mais do que o normal. Era um ataque de pânico ou qualquer coisa parecida, uma coisa como essa poderia manchar minha carreira que ainda nem tinha começado direito. Boatos eram como pólvora, o que seria de mim depois que eles voltassem para suas vidas? Foi apenas por uma noite, mas ainda assim teve a manhã; e agora os dois agiam dessa forma. Pelos dois primeiros dias que se seguiram desde que chegamos a Las Vegas, eles mal olharam para mim ou apenas me faziam ficar atrás deles fazendo anotações e pegando os contatos de todos que podiam serem úteis. Estava confusa, não entendia onde isso seria bom para mim, por isso tentei fazer minha respiração sair natural.

Meu corpo se moveu rapidamente ao me levantar, tentando chamar menos atenção possível. Eu senti o aperto forte em minha perna na hora que levantei, mas mesmo assim, precisava sair dali e já estava pedindo licença enquanto me retirava de dentro do auditório, do hotel.

Meus braços empurraram as portas, caminhando rapidamente em

minhas pernas pequenas.

— Zelda! — A voz grave de Bruce veio primeiro antes de sentir as mãos de Tauro em meu braço, segurando-me enquanto me virava para ele.

— O que aconteceu, está passando mal? — A grande mão áspera de Tauro alisou minha testa enquanto ele me olhava preocupado. Bruce, tão silencioso, parou, avaliando-me enquanto acariciava meus braços, eu podia sentir os olhares aumentando enquanto todos os outros empresários prestavam mais atenção na pequena cena no corredor. *Mierda*, sou uma estagiaria... apenas a estagiaria. Eu sabia que seria anormal essa aproximação, estava jogando todo meu futuro no lixo.

Sentia meus olhos arderem, não lembrava quando foi a última vez que tive vontade de chorar... ou sim eu sabia. Chorei quando *chica* pequena pela perda de meu *padre*, quando ele se foi para sempre, foi a última vez que me permiti ser solitária e sem ninguém. Tive que ser forte por mim e por minha *madre*, que ficou sem rumo pela perda de seu grande amor, entrando em uma depressão profunda. Então, nunca mais caí. Era sempre a fortaleza da minha *madre*. O que estava acontecendo comigo? Queria gritar, correr ou apenas me jogar entre os dois homens altos à minha frente e implorar para que me protegessem de algo que nem sabia o que era.

Nunca tinha sido fraca outra vez em minha vida, e nunca me senti tão necessitada de estar entre alguém mais forte que me desse carinho. Os dois homens me olhavam preocupados, mas o que diria a eles? Eu sou uma tola que acabou de perceber a armadilha que caiu, como poderia dizer isso? Eles estariam voltando para Chicago e, logo, os dois nem sequer voltariam a olhar para mim outra vez. Eles avisaram, não poderiam oferecer nada mais e como poderiam oferecer? Nada além de ser a puta dos meus chefes. Era isso que eu seria para sempre e minha vida e carreira tinha ido por água abaixo.

— Converse conosco, *cariño*. — A voz suave de Bruce alisando minha face me fez quase gritar. Estava morrendo um pouco mais toda vez que ele dizia aquela palavra com tanto carinho.

— O que foi, docinho, esta machucada? Fomos muito duros, foi isso? — Tauro parecia querer devorar minha alma enquanto analisava toda minha expressão corporal, ele já sabia que eu estava tendo uma crise de pânico.

— Não... estou bem, eu tenho que voltar ao meu quarto, preciso arrumar minha mala, devo confirmar nossas passagens para hoje à tarde.

Meus olhos se focavam nas pessoas que nos olhavam, mais curiosos agora. Vi os grandes homens virar seus rostos, encarando-os; e logo todos

voltavam a fazer de conta que estavam olhando para outro lado. Aproveitei esse segundo deles enquanto batia em retirada, movendo minhas pernas o mais rápido possível para o elevador. Até tentei respirar sem pânico quando entrei, mas vi as grandes mãos de Tauro quando segurou a porta, fazendo-a se abrir e deixando os dois grandes corpos entrarem junto às outras pessoas.

Consegui apenas me jogar ao canto, do outro lado do elevador, antes que os dois me tivessem engaiolada outra vez entre eles. As pessoas conversando no celular, distante do que se passava entre nos três, me serviam como escudo. Eu apertava meus dedos em meus braços enquanto ficava ainda mais nervosa.

— Qual andar? — Um rapaz parado próximo ao botão olhava para mim.

— Vigésimo. — A voz controladora de Bruce respondeu na minha frente enquanto voltava me olhando de cara feia.

— Por favor, décimo sexto. — Sussurrei para o rapaz, virando meu rosto para longe deles. Pelo canto do olho vi o movimento de Tauro que tentava chegar até mim.

Avancei mais à frente, ficando longe dele, próximo à porta, deixando duas senhoras entre nós. Ele arqueou sua sobrancelha, me encarando, fechando seu semblante enquanto esmagava seu maxilar.

— Alonso! — Sua voz grossa e baixa era como um aviso, sabia disso, mas balancei minha cabeça em negativo, sentindo meus olhos arderem. Tinha que ficar longe, apenas isso, me trancar naquele quarto até a hora do nosso voo e pronto! Voltava para casa e a vida seguiria.

— *Lo siento...* — Me desculpei com o homem à minha frente quando passei rápido por ele assim que as portas se abriram, apertando minha bolsa em baixo do braço, tentando pegar o maldito cartão para abrir meu quarto.

Eu até jurei que realmente iria conseguir abrir aquela porta, mas sabe os documentários de vida selvagem ‘Predadores Mortais’ do Animal Planet? Então, era exatamente isso que via à minha frente e, não, eu realmente não era em nenhum sentido a espécie predadora. Estava mais para o pequeno antílope, acuada, quando via os dois leões do Serengeti saindo da grama alta e dourada, correndo em minha direção com suas presas bem abertas, quase rugindo.

— *Mierda!*

Tentei em desespero voltar meus olhos para porta, passando com raiva o cartão do lado errado.

— Nem tenta, docinho!

Antes que pudesse largar a bolsa e o cartão no chão e sair correndo, Tauro já me erguia enquanto me esperneava, gritando em raiva, querendo socar seu peito.

— *Señor*, me solta... — A porcaria da trança foi se desfazendo do coque, caindo de uma única vez em minhas costas.

— Traz nosso pacotinho de doce, Tauro!

— Não sou um pacote de doces de vocês, seus *desgraciados imbéciles*!

— Vou gostar de foder essa boca suja, bebê!

Bruce já tirava as coisas das minhas mãos voltando para o elevador, os dois caminhavam em passos rápidos e firmes. A respiração de Tauro era alta e estava rangendo os dentes enquanto me prendia forte. Vi a pequena porta sendo aberta pela senhora de idade elegante que segurava o cachorro pequeno em seus dedos, nos olhando com cautela.

— *Ayudame*! São dois loucos me raptando!

Gritei com raiva, olhando para ela. O som alto do tapa que Tauro soltou em minha bunda fez meu corpo arder como se estivesse já se preparando para o que vinha depois da dor e me odiei por ter percebido aquilo.

— Sinto muito. — Bruce olhou com carinho para a senhora, alisando o cachorro, a fazendo sorrir toda derramando para ele. — A pobre moça sofre de transtorno mental, acabou que não tomou o suficiente de sua medicação hoje.

— Parece tão jovem, coitada! — A mulher idosa me olhava com pena enquanto voltava para dentro de seu quarto.

— *Hijo de puta*!

Ele parou na frente do elevador, esperando a porta ser aberta, seus olhos negros se voltaram para mim enquanto Tauro me apertava bem em seus braços. Eu sentia seus olhos furiosos me olhando.

— Me deixa voltar para meu quarto, Tauro! — Implorei para seu bom senso, sabia que entre os dois ele era o que mais se mantinha calmo.

— Por que fugiu? — Ele me olhou de cara feia, arqueando a sobrancelha.

— Preciso arrumar nossa ida, eu lhe avisei!

— Ela mente! — Bruce resmungou, bravo, entrando no elevador. Eu o vi apertando o maldito botão para o vigésimo andar, não tinha uma alma

dentro daquele elevador.

— Eu não sou mentirosa! — E seus olhos se viram para mim, me encarando com raiva. Eu sentia a ira dele e meu corpo, como proteção, se encolheu enquanto apertava mais meus dedos ao peito de Tauro, querendo que ele me deixasse longe de Bruce. — Não me bata de novo, *señor*!

Minha voz saiu baixa enquanto tentava apertar me mais ao corpo de Tauro. Ele pressionou seus braços mais ao meu corpo, fazendo-me me sentir uma *ninã*.

— Não vou lhe bater, Zel... — o vi arrumando seus cabelos enquanto voltava seus olhos para frente. — Ao menos que nos diga por que fugiu.

Sua voz saiu baixa, atravessando a porta assim que a abriu; e, em questão de segundos, estávamos atravessando a porta da suíte de Tauro, a grande cama king ainda bagunçada segurou meu peso assim que Tauro me deixou nela, e os dois pararam sérios, me olhando com braços cruzados.

— Desenvolva Zel, agora! — Bruce soltou o primeiro botão do seu paletó, o deixando sobre a bancada de mármore, cruzando seus braços sobre seu peito. Eu vi Tauro fazendo o mesmo que ele enquanto os dois exalavam testosterona por todo o quarto da suíte.

Puxo minhas pernas, olhando com receio para os dois.

— Não sei porque estão assim e nem entendo porque me trouxeram de volta aqui, me disseram que era só por uma noite e ainda teve essa manhã, não foi? — Ergui meus olhos a Tauro. — Estava falando sério, tenho que arrumar minha mala, é minha responsabilidade cuidar das confirmações da passagem do nosso carro e volta para Chicago.

Eles se olharam entre eles, e logo se voltaram para mim, Tauro soltou a respiração lentamente. Ele se abaixou, se sentando à cama e fiquei grata, por que ter dois homens do meu tamanho me encarando.

— Zel, o que lhe assustou? — Sua voz foi baixa, deixando sua grande mão se esticar em minha perna, a puxando para ele enquanto retirava a sapatilha dos meus pés. — Foram as pessoas ao nosso redor, ficou com medo do que elas iriam pensar? — E limpei meu rosto querendo forçar a lágrimas para dentro, eles não entendiam que isso seria uma mancha que jamais tiraria da minha carreira, tentei virar meu rosto, mas seus dedos são mais rápidos, me fazendo ficar focada em seus olhos. — Foi isso, não foi? Achou que eles estariam lhe julgando porque o que fez é errado, acha que o que fez é errado, docinho?

— Não! — Minha voz saiu em choro quando olhei para eles, Bruce

puxou uma cadeira próxima à cama e se sentou com calma enquanto nos olhava. — Mas jamais serei vista como uma profissional de verdade pelos outros se acharem que sou apenas a puta de vocês!

— Não é nossa puta, Zel, e não quero você se referindo outra vez assim. — Bruce relaxou os ombros respirando com calma agora. — As pessoas não precisam saber o que fizemos, Zel. Tauro e eu jamais iremos sair por aí fazendo esse tipo de coisa, somos homens, *cariño*, não dois adolescentes curioso.

— Eu sei... — Sussurrei baixo, trazendo meus joelhos para perto do meu rosto enquanto segurava minhas pernas. — Apenas fiquei assustada, não sabia o que viria depois, não pensei sobre isso.

Tauro ergueu seus dedos alisando minha face, arrumando uma mecha que escapou da trança para trás da orelha.

— Devo realmente preparar nossa volta e *lo siento*... — Eu estava com medo. Na minha cabeça, jurava que tinha uma placa gritante em minha testa: estou transando com dois homens.

— Não sinta, docinho... — a voz baixa de Tauro foi calma quando ele depositou um beijo em meu joelho, me olhando com carinho.

Eu sentia meu corpo se derreter por aqueles olhos azuis. Inferno, o que estava acontecendo dentro de mim? Sabia que tinha uma queda grande por ele, era claro, mas era apenas carnal, nada além disso. Só que a cada palavra carinhosa que saía dos seus lábios, dirigida a mim, me fazia desejar se jogar naqueles grandes braços e ficar lá para sempre.

— Eu gostei do que aconteceu, não quero que pensem errado. — Sussurrei baixo. — Minha vida sexual não foi de uma atriz pornô e muito menos fui freira, mas realmente gostei. Mas isso não quer dizer que serei de vocês. E nem que vou ficar colada nos dois, sei que foi algo casual, vocês me falaram isso, não precisa achar que serei chorona implorando por atenção. Iremos voltar e tudo será igual antes, logo estarei finalizado meu estágio e nem nos veremos mais.

Bruce resmungou algo, fazendo-me olhar para ele, mas seus olhos ficaram focados em Tauro como se me deixassem de fora do que conversavam mentalmente.

— Zel, por que aceitou?

A voz de Tauro me pegou em cheio como bala enquanto seus olhos estavam presos em minha reação.

— Porque *sí*...

— Zelda responda... — Fechei meus olhos querendo apenas correr dos dois, mas sabia que não me deixaria ir muito longe. Soltei a respiração, arrumando toda coragem que não tinha.

— Por que me sinto atraída pelos dois e também sabia dos seus gostos e... *Mierda*... — Resmunguei baixo, mordendo meus lábios. — Por que minha vagina é uma safada e devo sofrer de alguma doença sádica e masoquista por me fazer desejar saber mais sobre como isso funcionaria na pratica... Fora dos vídeos que assistia... — Eu fui sincera o máximo que pude, não iria admitir os sonhos eróticos que tinha com os dois.

Tauro cruzou os braços, virando seu rosto para Bruce.

— Se sente atraída, *cariño*? — Bruce arcou sua sobrancelha em deboche.

— Não seja arrogante, sabe que *sí*. Assim como você também sabe, Tauro.

Virei meu rosto para a janela, não querendo olhar a diversão nos rostos dos dois.

— Agora estou mais calma, já posso ir para meu quarto? — Os dois olharam para mim, refazendo a cara com seus olhos fora de qualquer tipo de leitura.

— Tauro ainda não terminou algumas negociações aqui — Bruce falou sério, se levantando. — Provavelmente ficaremos até o fim da conferência.

Olhei para Tauro que balançava sua cabeça em positivo.

— Mas nunca gostou de ficar ao fim... ficam sempre só até o terceiro dia, a conferência ainda tem mais três dias...

Ele se levantou dando de ombros, caminhando para o bar enquanto pegava uma bebida.

— Tenho obras ao sul, preciso ter certeza que está correndo tudo bem. — Ele levou um gole à boca, batendo o copo a mesa.

— Bom, então me vou, realmente preciso de outra roupa, essa gola está me matando. — Deixo meus pés ao chão, procurando as sapatilhas.

— Se sua roupa tivesse aqui não iria precisar ir para seu quarto. — A voz de Bruce me pegou de surpresa me fazendo olhar para ele.

Que me olhava sério, voltando a se arrumar em seu terno.

— A suíte é grande, você iria gostar de ver o que tem dentro do frigobar... — estava em choque, eles realmente estavam cogitando continuar aquilo.

— Acho que não seria uma boa ideia... eu prefiro ficar no meu quarto — Olhei ao chão, procurando pelos sapatos sem conseguir achar. — Onde deixou meus sapatos, Tauro?

Ele deu de ombros, indo ao telefone. Vi seus olhos acompanhando meus passos, meu corpo foi barrado pelo grande homem à minha frente com seus olhos negros. Eu nem o vi se aproximar, as grandes mãos se prenderam ao meu rosto e tudo foi para o espaço assim que seus lábios me tomaram de uma forma tão exigente. Prendi meus dedos em seu blazer com medo que fosse ao chão se ele me soltasse, sua outra mão desceu por minhas costas o trazendo para mim, apertando com doçura mais meus lábios ao seus.

Demorei para conseguir registrar que Tauro estava atrás de mim com seus dedos arrastando minha saia ao chão.

— O quê? — As mãos de Bruce ergueram minha camisa gola alta, me deixando exposta para eles. Meus seios que latejavam no sutiã quase explodiam para fora, ficando cheios e arrepiados.

— Tão bela, *cariño*... — Seus olhos se dilataram em luxúria assim que ele parou em meu pescoço, olhando com orgulho para a grande marca que deixou lá e meu corpo todo se arrepiou assim que seus lábios beijaram o grande chupão que estava sensível pela mordida.

— *Señor*... — meus olhos se fecharam em agonia, me perdendo ao grande homem que me tocava, os dedos em minhas costas eram ásperos, mais rápidos, soltando meu sutiã e, logo, a minha calcinha com um puxão, libertando tudo para eles.

Estava perdida, nem se lembrava mais o meu nome ou o que estávamos falando, apenas que meu corpo já era movido tão rapidamente assim que Tauro me virou me puxando para ele. Eu sentia sua pele lisa sobre mim.

— Está pelado, grandão... — sorrio com seu jeito másculo que me encarava.

— Gosto de estar assim perto de você.

— Percebo... — Meus olhos se prenderam entre nossos corpos onde seu pau ia despertando, era belo a forma rosada com eixo grosso tão expansivo que as paredes da minha vagina já dilatavam em agonia do prazer de ter ele a expandindo. — E gosto de estar assim também.

— Que bom, docinho, porque vamos estar fodidamente perto um do outro.

Eu ri alto assim que sua mão passou por de baixo de minhas pernas,

me levantando do chão e nos levando para cama. Ele para perto do grande colchão, me jogando ao ar enquanto eu ria mais alto.

— Quer me matar, grandão? — Sorri para ele que caiu na cama ao meu lado, só que se deitando ao contrário, com cabeça para os pés. Seu tapa forte estrala em minha bunda, me fazendo morder meus lábios para não gritar.

— Pode ter certeza que sim... agora venha, docinho, me traz esse corpo até aqui.

Antes que pudesse me virar, ele segurou meu tornozelo, fazendo sinal em negativo.

— 69, docinho, quero a sua boca no meu pau enquanto faço uma inspeção aqui em baixo.

— *Dios...* Tauro. — Meu corpo já rolava para ele, deixando minhas pernas a cada lado de sua cintura. A grande mão áspera e firme me deixava vibrando enquanto esfregava minhas coxas, meu corpo se moveu lentamente para trás enquanto me posicionava exposta diretamente para ele.

— Amo como depila ela toda... — A voz rouca embargada de desejo rosnou para mim, mordendo minha coxa levemente.

— *Dios...* — sentia meu corpo queimando com sua respiração tão próxima dos meus grandes lábios.

Ele passou sua língua lentamente, apenas raspando a entrada enquanto me provocava. Meu corpo tremeu, deixando meus dedos caírem por seu peito enquanto ia me esparramando como fogo, baixando minha cabeça, deslizando minha língua por seu corpo.

Ele soltou um som alto quando cheguei próximo a sua pélvis, repetindo a mesma mordida que ele me deu. Suas mãos passaram por minha cintura, baixando mais meu corpo, chupando com fome minha boceta que vibrava em seus lábios com toda sensação que ele me soltava. Deixei meus dedos alisarem seu pau grosso, não era um pau pequeno, não diria que era gigante, mas sua grossura era assustadora... as veias iam pulsando em meus dedos enquanto o acariciava, gemendo com sua língua me lambendo com desejo.

Deixei a ponta da minha língua tocar na cabeça grossa do seu pau, ele se engasgou, me apertando mais. Fui abrindo minha boca enquanto tentava o acomodar de uma forma não dolorosa para nos dois, meus movimentos começaram lentos e fui me perdendo em chupar cada parte dele enquanto meu corpo vibrava com sua língua cruel. Porra, definitivamente aquela boca

foi feita para aquilo. Meu corpo em frenezi dividia com ele toda luxúria em nosso contato. Senti o segundo par de mãos que acariciavam minha bunda lentamente, esfregando em um vai e vem. Sentia os dedos suaves e fortes de Bruce enquanto descia pela minha barriga, acariciando meu seio. Era quase impossível não me sentir completa pela forma como os dois sabiam exatamente onde tocar. Um líquido gelado foi derramado em minha bunda enquanto ele continuava a esfregar com movimentos circulares de vai e vem. Eu chupava Tauro com mais força, conseguindo tomar mais dele dentro da minha boca, e gemia junto a ele que me devolvia na mesma intensidade quando sua língua começou a circular meu clitóris.

— Oh, *hombre!* — Gritei quase em dor quando Tauro parou sua língua, beijando minhas pernas. Ele derrapou sua língua enquanto o centro da minha boceta se apertava em dor pedindo que voltasse.

— Ela não fica linda xingando em espanhol, primo? — Bruce riu, soltando um tapa forte em minha bunda que fez minha boceta se contrair, não era dor, era algo a mais. Ele bateu outra vez mais forte e minha boca sugou com força maior o pau de Tauro.

— Porra! — A voz alta explodiu gemendo enquanto sentia seu pau pulsando com mais força dentro da minha boca. — Prefiro essa boca suja chupando meu pau desse jeito. Ô inferno, docinho, não vou aguentar muito se me chupar desse jeito.

Balancei meu quadril para ele e, em resposta, ganhei outro tapa forte me fazendo gemer, sentindo minha boceta implorando pelo meu gozo. As duas mãos grande que seguravam minha bunda, alisando-as, separaram-nas lentamente. Eu sentia o toque gelado de sua língua que escorregou lentamente entre minhas nádegas.

— *Señor...* — Minha cabeça tombou caindo entre as pernas de Tauro com aquela sensação nova, era proibido, era pecaminoso, era fogo. Fogo puro em meu corpo que sentia cada músculo se expandindo em desespero.

— Volte sua boca, Zel, não lhe disse para parar. — Eu senti o puxão forte em minha trança, fazendo minha cabeça se arrastar para trás.

A voz rouca de Tauro saiu embargada de controle e domínio, voltei para seu pau o tomando tanto que sinto as laterais dos meus lábios se esticando ao máximo para recebê-lo inteiro dentro da minha boca. Ele apertou suas coxas ao redor da minha cabeça, me fazendo ficar presa a ele com minha boca o tomando. Quase choro, mas meu corpo congelou assim que senti o dedo deslizando por buracos proibidos. Tentei me mexer, mas

meu corpo se perdeu assim que ele voltou a me chupar outra vez me devorando. A agonia da pontada de dor que sentia enquanto Bruce enfiava mais ainda seu dedo entre meu rabo se misturava ao desejo de ter Tauro me sugando como um pedaço de manga. Meus olhos se fecharam em desespero com seu pau fundo em minha garganta. Era tudo misturado, agonia à dor e ao desejo. Seu dedo saía e entrava, se movendo dentro de mim e me assustei quando me peguei empurrando meu quadril de volta para sua mão. Sua risada explodiu dentro do quarto, soltando outro tapa em meu rabo. Tauro soltou minha cabeça, me deixando libertar a boca do seu pau.

— *Dios! Oh!* — Gritei mais alto com a força de seu dedo. Bruce entrava e saía do meu rabo e a língua travessa de Tauro circulava com mais rapidez o ponto sensível entre minhas pernas.

Ele gemeu alto assim que minha boca voltou para o seu pau. Segurei com meus dedos, usando-os para masturbá-lo, deixando meus lábios presos apenas no seu eixo grosso do topo, e com a força que vinha do orgasmo, eu o chupava no mesmo ritmo.

— *Inferno... não vou durar assim...* — Ele apertou mais seus braços grossos ao redor do meu corpo, voltando a me chupar mais rápido. Um dos seus braços se soltou e logo ele ergueu seu dedo, enfiando dentro da minha boceta, me fodendo no mesmo ritmo de Bruce.

E meu corpo explodiu assim que a tensão passou forte como eletricidade sobre minhas veias. Minha boca se apertou no topo do seu pau com meu corpo tremendo em desespero com a força do orgasmo. Logo, sinto minha boca ser invadida por seu jato quente que me inunda, o gosto suave e doce ia me invadindo da mesma forma que ia me libertando, gozando com abandono, tendo os dois, me fudendo com suas mãos. O som do gemido alto de Tauro foi grande, deixando sua mão apertar com força minha pele. Seu corpo tremia mais forte sob mim, nós dois gozando juntos. Senti a delicadeza dele quando retirou seus dedos, empurrando meu corpo mais para baixo enquanto me lambia, cada parte, deixando sua língua percorrer toda minha boceta.

— *Docinho, definitivamente você é a coisa mais deliciosa que já comi.*

Meu corpo caiu sobre o seu enquanto tentava voltar a minha respiração. Eu sorri olhando para seu pau que pulsava, descansando mole, próximo ao meu rosto. Estico minha língua apenas passando leve sobre ele e o uivo forte que saiu dele faz nossos corpos balançarem.

— Posso dizer o mesmo, Grandão. — Seus braços passaram sobre minha cintura enquanto soltava um beijo em minha perna. — Ohhh. — Eu senti meu corpo se torcer quando Bruce retira seus dedos da minha bunda e, logo, me vejo sendo retirada de cima de Tauro.

— Minha vez, *cariño*... — A voz risonha me fez me sentir aquecida. Nunca o tinha visto assim tão, livre e espontâneo, sem aquela cara fechada. Seu rosto cheio de tesão e luxúria me aquecia.

— *Señor*... — Deixei meus dedos deslizarem por seu peito, apertando meus dedos em sua pele.

Ele me ergueu apenas para me virar, deitando minha cabeça sobre a barriga de Tauro. Eu via a fome em seus olhos negros que agora brilhavam em um cinza grafite que me arrancava sem fôlego. Seus dedos encaixaram em minha perna, erguendo elas para cima enquanto Tauro afagava meu rosto, deslizando sua mão em meus seios. Meus olhos presos a Bruce o via se arrumando em minhas pernas com seu pau apontado para mim.

— Só preciso sentir você um pouco, bebê... — Ele apertou o preservativo em seus dedos, entre minhas pernas, a erguendo mais ao alto, deixando colada uma a outra, quase encostando em minha barriga enquanto ficava completamente a sua disposição.

— *Dios*... — Meu rosto tombou para o lado, se esfregando na pele quente e suada de Tauro. Eu sentia a cabeça grossa do seu eixo se acomodando entre a entrada dos meus lábios, seu pau não era tão grosso como o de Tauro, mas era comprido.

— Deus! — Sua boca se apertou enquanto ele se enfiava mais e meu corpo o engolia o puxando mais para dentro. Os dedos em meu rosto me fazem olhar para ele, via os olhos azuis de Tauro brilhando em paixão enquanto me perdia ao toque de Bruce.

Ele se retirou por completo, me deixando em abandono, largando minhas pernas. Seus dedos rapidamente puxam a camisinha por seu eixo comprido e, logo, volta, me abrindo para ele, se arrumando entre minhas pernas. Não foi lento como a primeira vez, ele se afundou em uma única investida, me fazendo gritar de prazer. Seu pau se acomodou ao fundo e começou a se mover com rapidez, estourando nossas pernas uma a outra quando se chocavam. Os dedos fortes de Tauro apertavam o bico do meu seio, levando um pico de dor ao meu núcleo, e minhas unhas se agarraram a seus braços, se cravando lá. Eu sentia tudo nos engolindo em um só e seu pau me estocava em apunhaladas fortes e contínuas.

— *Señor...* Ohhh... *Dios*, BRUCE! — Gritei seu nome alto enquanto explodia outra vez gozando em seu pau. O som alto que ele soltou, puxando minha trança, me fez olhar para ele.

— Olha para mim, *cariño*, quero ver esse lindo rosto se torcendo enquanto eu te fodo...

— Por favor! — Meu corpo, mesmo tendo a descarga, sentia a outra que vinha tão rápido e forte, era como se ela fosse me cortar ao meio com a força que se aproximava. Bruce soltou minhas pernas, segurando meus joelhos e seu ritmo se acelerou mais. Eu me travei a ele, sugando seu pau com força. Sentia o corte que me dobrou, estourando meu cérebro para fora, gritando por seu nome enquanto meus olhos ficavam presos aos seus.

Ele veio logo na sequência e jogou sua cabeça para trás em abandono, gozando forte enquanto estourava em batidas fortes dentro de mim. Meus dedos caíram sobre o colchão, sentindo-me como uma pena, tão leve e flácida, caindo ao chão. Meu coração que quase ia para fora da boca pulsava com batidas fortes. O corpo dele caiu sobre mim, beijando meu pescoço. E gemi entre o final de linha de raciocínio quando seus dentes se afundaram em minha garganta, me chupando com mais força.



LAMBADA

BRUCE

Meus olhos procuravam pela pequena que caminhava do toalete feminino até minha mesa, o bar latino ao qual Tauro insistiu em nos trazer para jantar era quente e cheio de vida. As pessoas dançavam circulando entre as mesas, a pequena *rabiosa* olhava com alegria para os casais que dançavam, vendo as mulheres sendo rodadas. Eu me perdi nas pernas roliças de fora, o vestido amarelo delicado que lhe caía sobre o corpo a fazia parecer uma pequena deusa latina. Seus cabelos agora soltos se adornavam em uma presilha que segurava duas pontas atrás, em formato de borboleta. Seu vestido rodado na cintura ia subindo colado ao corpo, deixando as duas finas tiras em seu ombro. Ela deixava o cabelo solto sobre o pescoço para esconder a marcar que estava lá, mas eu gostava da sensação de saber que estava lhe marcando para nós. Via seus dedos batendo palmas enquanto ela ria, balançando seu corpo.

— Mais um pouco e estará planando sobre ela, Bruce. — Eu ri da voz do meu primo que estava sentado com suas pernas esticadas, nossas roupas informais eram quase engraçadas. A pequena me fazia se sentir vivo em meus 33 anos, eu não tinha mais gosto por esses lugares, mas não tive como negar quando seus olhos brilharam em felicidade para mim.

Segurei o copo de bebida brasileira chamada *caipirinha*, rindo da forma como Tauro estufava seu peito, observando o perímetro.

— Falou o homem que ligou para recepção fechando a conta do quarto dela.

Ele encolheu o ombro, voltando a olhar para ela em resposta. Eu ouvira os gritos de ódios e todas as palavras que saíram dos lábios carnudos enquanto xingava Tauro que jogava sua mala em cima da cama. Ao fim, a pequena acabou sendo vencida e eu também. Tive que fechar a conta do meu quarto, mudando-me para suíte junto a eles. Ela cruzava o braço em vitória, rindo para Tauro assim que entrei no quarto com a mala. Eu até podia ficar bravo, mas meus olhos se aqueceram quando a vi com minha camisa sobre o corpo, rindo de pé na cama. Eu joguei a bolsa ao chão, a pegando no colo assim que ela pulou para meus braços.

— *Rabiosa!* — Eu sussurrava baixo, a pequena diaba tinha mudado os planos. Realmente, direcionar meus planos para mais três dias junto a ela e meu primo não foi difícil, liguei para meu irmão, alegando que tinha mais coisas inacabadas em Las Vegas.

Tauro também se sentia dessa forma sobre ela. Nós sabíamos que queríamos um pouco mais daquela noite, ela havia revirado o nosso mundo, e eu gostava da ideia de mais três dias junto a ela.

— *Dios...* Venha... venha! — Ela parou ao lado de Tauro erguendo seus dedos para ele.

— Não, docinho, eu não danço bolero. — Seus olhos reviraram me fazendo quase rir da forma que ela o fuzilava.

— Lambada, Tauro, isso é lambada, *mi amor...* — Vi o rosto de Tauro se expressar em surpresa assim que as palavras saíram dos seus lábios.

— Como entende tanto disso, *cariño?* — Ela puxou a cadeira, não vendo o desconforto que deixou Tauro. Ele se virou para mim, me olhando silenciosamente e apenas balancei minha cabeça, sorrindo para ela que puxou a cadeira se arrumando entre nós dois.

— *Mi madre* era uma dançarina, cresci com suas músicas pela casa enquanto ela e *mi padre* dançavam juntos... — Seus olhos se perderam por

um segundo antes dela afastar os pensamentos.

— Como era seu pai, Zel? — Ela puxou minha bebida, se virando para Tauro, o olhando com carinho brilhando mais em suas esferas negras ao pensar em sua pergunta.

— *Padre* era diferente de *madre*, ele era calmo e quieto, sempre silencioso de um coração grande. *Mi abolita* me contava que quase enfartou quando *madre* entrou na porta de casa com um homem negro de quase dois metros de altura.

Sua risada se expandiu enquanto ela limpava seu rosto, bebendo a caipirinha.

— *Madre* era apaixonada por ele, foi em uma de suas danças junto ao grupo que veio para Chicago que o conheceu. Ele era tímido demais e, então, minha *madre* disse que foi obrigada a puxar uma cadeira ficando quase da sua altura e o puxou para um beijo. *Madre* é latina de sangue terrivelmente quente para uma mulher pequenina, ela sempre soube o que queria. — Ela sorriu mais para mim, expandindo suas covinhas, eu nunca tinha percebido como aquilo era lindo em uma mulher. — *Madre* sempre disse que nunca foi atirada, mas soube assim que ele dançou com ela que ele seria seu marido para vida toda e como todas as mulheres Alonso também vou descobrir quando chegar minha hora...

Eu deixei meu humor morrer ao fim. Vi os olhos de Tauro se exprimindo ao pensar o mesmo que eu. Zel iria encontrar alguém, claro que iria, qual homem não desejaria ter um foguete vivo como ela debaixo de seus braços, que podia ser alegre e carinhosa. Assim como uma diaba terrível. Franzi o cenho imaginando ela chegando no momento de sua escolha. Meus olhos voltaram para Tauro que me observava, arqueando a sobrancelha. *Não vá por esse caminho!* Ele quase gritou em minha face com sua olhada. Fechei meus olhos balançando minha cabeça enquanto voltava a minha atenção para os dançarinos.

— E é isso que quer, Zel? — Tauro olhou para ela. — Se acalmar, ter alguém para você?

— *Sí*. — Ela respondeu rápido, em alegria. — Depois que tiver meu futuro pronto, creio que em algum momento irei achar, não quero algo frio ou morno, quero ser igual, andar na mesma linha que meu companheiro. Não sou dócil como diz minha *madre*... — Ela tomou um gole da bebida a devolvendo para mim. — Minha *madre* era feliz com meu *padre*, mas sabia que ao fundo ela se sentia tristeza por ter deixado o sonho de ser dançarina.

Ela nunca lhe disse isso, mas tinha dia que ficava perdida com suas músicas pela casa, *mi padre* para lhe afastar a tristeza a rodava pela casa enquanto eu ria olhando os dois. Eu quero amar alguém como meus pais se amaram, mas quero amar meus sonhos também.

— Por falar em futuro, como vão seus estudos? — Ela se virou para mim, enchendo seu peito com orgulho.

— Estou a poucos dias de meu diploma, essa é a verdade, os professores já viram a minha tese e gostaram de como me desenvolvi. Na próxima semana apresento para banca e então estarei oficialmente graduada.

— Isso é bom, docinho, muito bom. — Vi Tauro pensativo, sabia o que ele tinha passado com sua ex-mulher e também conhecia a pequena ambiciosa sentada junto a nós. Zel queria muito mais, sabia disso, assim também como tinha certeza que ela conseguiria alcançar todos os objetivos.

E com um olhar a Tauro, que me observou, sabia que a ideia de ter ela como secretaria tinha ido pelo ralo. Zel queria ir muito além, era apenas uma andorinha, mas quando pegasse força nas asas, iria se tornar uma águia no mundo empresarial. Meu primo balançou a cabeça em negativo para mim: *três dias, só isso!* Balancei minha cabeça em positivo, entendendo sua mensagem. Ele se vira, voltando a beber sua bebida olhando para ela enquanto sorria.

— Por que desse nome? — Ela se engasgou rindo, nos fazendo vibrar com sua espontaneidade quando Tauro lhe perguntou. — Sempre quis saber, não é latino.

— *Mi padre* gostava de games, ele achou que Zelda seria interessante para sua única filha sofrer mais *bullying* do que o normal.

Caímos na risada. Eu quase tive pena dela por essa situação com seu nome.

— Sofria muito por conta disso!

Ela deu de ombros, balançando em negativo, a garçonete chegou com os petiscos de peixe, logo se retirando. Tauro puxou um para ele levando à boca, olhando para ela a estudando. Meu primo tinha um dom para leitura corporal, ele sabia quando alguém mentia.

— Por que então?

Ela puxou um peixe, voltando seus olhos para ele.

— Veja, ser mestiça já é difícil, nem negra, nem branca, mas ser mestiça latina é duas vezes pior. *Mi madre* falava apenas em espanhol comigo, então era mais fácil falar com ela do que com os outros. Eu não era

dourada como ela com cabelos totalmente lisos e olhos castanhos, mas também não era negra e forte como meu pai, nem tinha cabelos crespos ou todo cacheado. Eu fiquei no meio termo, apenas essa mistura que restou. A família do meu pai achava que não era filha dele, pois era muito clara quando nasci e a família de *mi madre*, bom, eles sempre me amaram do jeito que sou, mas era a mistura dos dois povos mais discriminados na América. — Ela jogou um peixe à boca, o mastigando devagar. Eu a puxei devagar para mim, fazendo-a olhar surpresa. Depois, puxei a bebida e lhe dei um copo de suco de laranja.

— Acho que seu pequenino corpo não tolera muito álcool, *cariño*, e essa bebida é forte.

— *Dios*, como me controla... — Tauro riu a puxando para ele que saiu de sua cadeira a fazendo se sentar em seu colo. Sim, eu tinha noção disso: a posse por Zel estava aumentando.

Ela congelou, olhando assustada, e ele acariciou suas costas à fazendo relaxar, lentamente.

— Eu acho que é a perfeição de duas etnias lindas, docinho. — Ele alisou seu rosto a fazendo sorrir. Seus dedos prendem em seus cabelos, a puxando para um beijo enquanto ouvia seu pequeno gemido suave.

Os olhos carinhosos dela se abrem em deleite.

— *Mi amor*. — Ela sussurrou baixo alisando o grande rosto do meu primo. Tauro estava fodido, caído de quatro assim como eu, essa era a verdade.

— Não me chame assim, docinho, ou vou me acostumar... — Ele pegou um peixe, levando aos seus lábios, e ela comeu rindo, chupando seus dedos enquanto mastigava. Ela fechou os olhos sorrindo assim que a música começou a tocar ao fundo

— Eu conheço essa melodia... *Mi madre* dançava para *mi padre*. — Seus olhos se abriram em fogo puro ardendo. — KOAMA é brasileira, mas faz seu corpo vibrar ao som dela, venha, *mi amor*... dança comigo.

— Não, Zel, eu não danço... e pare de me chamar.

O corpo de Zel já se afastava de suas pernas enquanto ela balançava sua cintura em um ritmo sensual, erguendo seus dedos por seu corpo, se perdendo em seus cabelos, enquanto se virava rebolando lentamente para Tauro.

— *Mi amor*... Sabia que lambada foi considera uma música proibida por muito tempo por conta dos movimentos que faz os corpos estarem

colados em ritmos quentes?

Escutei o som rouco da boca de Tauro quando ela balançou sua cintura lentamente em um vai-e-vem, provocando e deixando seus dedos deslizarem sobre seus seios.

— Zel! — Ele rosnou, se arrumando na cadeira não desviando seus olhos dela.

Eu rio alto, vendo como ela o torturava, seus olhos negros passaram por mim, movendo-se próxima às minhas pernas.

— Por que *sí, mi pasión...* quero dançar com os dois. — Fora de ideia. Eu não iria cair na sua provocação, ela piscou para mim e, em ritmo da música, Zel girou, fazendo seu vestido subir, rodopiando a sua volta. Merda, meu pau pulou assim que vi a delicada calcinha fina escondida por debaixo do vestido amarelo, colado à pele chocolate, vermelha, brilhando para mim; e, como um touro, me sentia ativado na mesma hora.

Ela riu ao me ver focado em sua bunda, seus dedos soltam um tapa forte estralando sua pele.

— Zel... senta.

Mas ela já nem me ouvia enquanto caminhava para o meio das pessoas, olhando com dengo para nós.

Tauro se levantou, arrumando a frente da sua calça que já tinha um volume.

— Aonde vai?

— Vou esconder aquela calcinha antes que ela deixe mais alguém com pau duro além de nos dois!

— Eu não estou! — Bebi meu copo, procurando por ela que agora dançava ao meio dos outros, rindo enquanto rodava batendo as mãos ao alto. Eu podia sentir a veia em meu pescoço, pulsando mais forte com a libertação de fluxo de sangue. Os nervos dos meus dedos se apertavam, me deixando focado no pequeno corpo que me provocava de longe.

— Jura? Então vou considerar isso na sua calça como uma veia artéria pulsante, Bruce. — Olhei meu pau entre minha calça que já estava mais visível do que precisava. Maldito tapa que ela deu na bunda. — Venha, preciso que alguém proteja a retaguarda dela.

— Eu gosto dessa ideia!

Me levantei na mesma hora, caminhando direto para ela que sorria girando junto ao som da música, toda *rabiosa*.

ZELDA

Eu podia sentir meu coração batendo forte enquanto pulava como um coelho vivo em meu peito. Meus olhos procuravam por eles enquanto dançava mais ao fundo entre as pessoas, mas uma batida e sentia meu corpo tremendo em antecipação.

E foi assim que me surpreendia quando duas mãos firmes seguraram meu pulso, os olhos felinos de Tauro me olhavam como se me marcassem para sempre. Deus, eu estava perdida, estava caindo de paixão por eles em uma velocidade terrível como um a carrinho sem freio em uma decida.

Ele me colocou mais a ele, seu corpo ainda estava rígido enquanto ele encarava os outros em volta de cara feia.

— *Mi amor...* presta atenção aqui...

— Zel, eu não danço muito bem... — A voz grossa do homem bravo a minha frente quase me fez cair na risada.

— Tá tudo bem, grandão, eu te ensino. — Ele sorriu para mim enquanto deixava suas mãos em meus ombros levou meus dedos a sua cintura e quase morri de susto quando sinto o tapa forte em minha bunda estralar a fazendo arder. — *Dios, cabrón.*

— Não roda mais, faz favor, se não terei que lhe castigar depois, *cariño.* — Meu corpo derreteu com as duas mãos em minha cintura que me prendiam mais perto, soltei um gemido baixo ao qual sentia o peitoral vibrando com força em minhas costas.

— Não rodo mais, agora que tenho vocês aqui... — E voltei meus olhos para Tauro que sorria para mim. — Um passo para frente e outro para trás, ok, *mi amor.*

— Vamos lá, docinho.

Eu não sabia exatamente como foi aquilo, mas em questão de passos,

eu não era mais a professora, eu era a mola que era esmagada entre os dois. Tauro com seus olhos felinos me tinha entre suas pernas assim que sua coxa se aconchegou em minha saia, os dedos fortes de Bruce prendiam minha cintura enquanto mexíamos em conjunto, em requebradas lentas e rápidas. Bruce me coloca em seu peito, raspando a frente da sua calça em minha bunda colada à sua braguilha. Eles iam, se moviam junto comigo conforme eu descia e voltava para cima, senti seu beijo em meu ombro enquanto subia para minha orelha, a mordiscando, o cheiro dos dois homens que me prendiam forte me fazia estar bêbada entre eles. O amadeirado e almíscar me consumiam mais rápido que absinto. Tauro esfregou sua perna delicadamente a cada passo de frente e trás, quando voltava, bem no centro das minhas pernas. *Hijo de puta*, era um golpe baixo que me fazia suar em calor com os dois me torturando. Eu me sentia viva, me sentia apaixonada enquanto meu corpo vibrava em alegria por ser aplacada pelas quatro mãos e dois corações que batiam junto ao meu.

Eu podia julgar? Não podia, estava flutuando nesse momento, era como se fosse o único lugar perfeito para mim, entre os dois. A respiração morna em minha garganta se espalhou junto aos beijos, minha cabeça caiu em seu peito, virando meu pescoço lhe dando mais acesso, quase chorando da dor que meu corpo tinha, era como se nunca fosse muito o suficiente, sempre querendo mais.

— Era isso que queria, *cariño*, nos três juntos... — A voz rouca de Bruce em meu ouvido estourou meu corpo em arrepios, e minha mente nublada por tudo que já me tomava, me fez quase gemer mais. Deixei meus dedos acariciarem seus cabelos, respirando com fervor.

— *Sí, pasión*. — O som rouco que saiu da sua voz quando pressionou mais seu pau em minha bunda me permitiu sentir como ele estava, implorando.

— Gosto de como se encaixa entre nós, docinho. — Meus olhos ardentes se abriram focando Tauro que balançava nosso corpo como se minha cintura fosse de mola, meu corpo arde com o fogo que vi dentro dos olhos azuis. Eu escorreguei mais suas pernas, roçando entre minhas coxas, acertando em cheio meu nervo pulsante.

— *Dios, mi amor*... — ele sorriu mais ainda, sabendo o que fazia com meu corpo relaxado, com minha falsa calma. Sua cabeça se moveu, trazendo bem juntinho seu peito, colando ao meu, me pressionando mais. Ele se inclinou, pegando meus lábios, me beijando até tirar todo o meu oxigênio.

Meus dedos em sua camisa se apertaram mais desejando sentir seu peito colado ao meu sem essas roupas.

— Quero estar dentro de você, Zel, quero foder você lentamente enquanto eu e Tauro a seguramos nos braços, recebendo nos dois juntos...

Eu estava perdida, quase gemendo mais ainda. Bruce estava fazendo aquilo de propósito só para me deixar sem reação, eu conseguia imaginar aquilo, podia sentir meu corpo vibrar, me implorando por cada segundo ao qual apenas imaginava como seria.

— Consegue imaginar como seria, docinho, eu entrando e saindo de dentro dessa sua boceta tão molhada como está agora enquanto Bruce a tomava lentamente por trás até estar tão preenchida por nós dois que faça seu corpo explodir de gozo...

— Hmmm... — eu gemi mais alto enquanto eles me descreviam exatamente o que queriam fazer.

— Gostou hoje no quarto... quando sentiu meu dedo entrando lá, lembra como empurrou seu rabo gostoso contra meu dedo? E Tauro a fodia mais rápido ainda, agora pensa a gente fazendo isso com nossos paus bem devagar até não sobrar mais nada...

— *Dios, señor...* — me engasguei assim que senti a mão grande por baixo do vestido acariciando minha pele, apertando minha bunda com delicadeza. Ao fim da música os dois me prenderam mais, duas formas duras e latejantes, na frente e atrás.

Tauro me puxou, segurando meus dedos, me afastando de Bruce, deixando sua mão presa ao meu rabo, colando seu rosto ao meu. *Dios*, estava perdida, os dois como montanha abriram espaço enquanto todos dançavam, colados juntos. Ele ergueu meus dedos ao topo da minha cabeça, sua mão me empurrou, me fazendo rodopiar na pista de baile. Olhei assustada assim que as duas mãos grande prenderam minha cintura, me puxando para si. Os olhos negros em grafite deixaram seus lábios entreabertos sorrindo para mim. Seu rosto em tom vermelho sorria mais ainda com sua pele suada. Bruce me colou ao seu peito, e deixou meus braços rodarem em seu pescoço, o enlaçando para mim. Mexemos a cintura no mesmo ritmo, sentia sua respiração alta enquanto seus dedos massageavam minha pele. — Olá, *cariño*. — Ele puxou minha boca, me beijando com força enquanto nos rodava pelo salão com sua mão bem presa em minha bunda, segurando minha saia.

Eu ficava sem fôlego quando ele largava meus lábios, me olhando em

abandono como estava agora. Será que se olhasse meu reflexo poderia dizer que estava com a maior cara de tola apaixonada enquanto me perdia nele ali, tão meu naquele momento? *Dios*, estava pondo no fogo tudo que desejava e tudo que pensei que era certo, eu poderia até ter entrado nisso como uma curiosidade, mas agora era tão certo estar ali assim como era certo ter meu coração aplacado por esses dois. A melodia entrava em minha cabeça enquanto me perdia nos olhos à minha frente. Sua testa colou à minha enquanto dançávamos tão unidos em um só passo.

*“Lambando estarei ao lembrar que esse amor
Por um dia, um instante foi rei...”*

Seus olhos se focaram tão fundo aos meus que era quase impossível se desviar, estava fundida a ele e meu coração batia alto em meu peito. Eu sabia que não era só pela melodia.

*“...A recordação vai estar com ele aonde for
A recordação vai estar pra sempre aonde for...”*

Eu sentia meu peito quase se rasgando em expansão, minha respiração que se misturava a sua, o calor dos nossos corpos. Deixei minha língua solta um segundo, apenas deslizando na lateral de sua boca. Sentia o suor salgado de gosto limpo entrando em meu sistema enquanto fechava meus olhos, me deixando ser drogada por ele. *Mierda*, estava fodida.

Ele soltou um som rouco e logo me afastou um pouco, me girando outra vez, rindo; e em todos esses anos no estágio, eu nunca ouvi o som da sua risada, nunca tive tão perto a ponto de olhar cada perfeição de sua face e sentir a tempestade e a calma que prometia seus olhos. Eu me derreti com a forma natural que ele ria para mim, com seus cabelos negros desalinhados, o seu controle estava tão liberto que nem via a beleza que estava diante dos meus olhos.

*“...Chorando estará ao lembrar de um amor
Que um dia não soube cuidar
Canção riso e dor, melodia de amor...”*

Bruce me girou forte, me rodopiando de volta e caí em cheio nos

braços de Tauro que me puxou com carinho. Senti os braços firmes de Bruce me apertando por trás enquanto nossos corações batiam acelerado em um ritmo só. E, inferno, eu estava mesmo indo de cabeça para isso, mesmo sabendo que no fim nada poderia sair de bom para mim.

“Um momento que fica no ar.”

A música acabou enquanto sentia o suor descendo sobre meu rosto, meu coração que batia acelerado ouvindo a respiração pesada sobre mim.

Minha *madre* tinha razão, eu realmente saberia quando o encontrasse, a única coisa que ela não sabia era que seriam ELES e não ELE!

— *Sí...* — eu respondi baixo para os dois, eles acariciavam meu corpo me fazendo me sentir a única coisa que importava nesse mundo para eles. — Eu quero ser tomada por vocês dois, *mi amor* e *mi pasión*! — Ergui meus olhos para Tauro que me olhava com os olhos azuis mais quentes, deixando seu peito estufar, meus dedos alisavam seu braço e a outra mão segurava o braço de Bruce. — Juntos!

— Tauro, leva nosso pacotinho de doce para o carro vou pagar a conta! — A voz áspera e fora de controle de Bruce foi tudo que ouvi antes de Tauro me erguer do chão, me puxando para o colo.

Meus dedos circularam o seu pescoço rindo para ele quando me puxou para um beijo. Meu corpo se esfregou ao seu com suas mãos grandes bem firmes em meu rabo.

— Peguei você, docinho!

Sim, ele tinha me pegado em cheio como um carro desgovernado me acertando com tudo!



PACOTINHO DE DOCE

TAURO

Eu a tinha tão doce em meus braços, o corpo nu ao brilho da lua que entrava ao quarto, seu sorriso doce enquanto me beijava com sua pele macia e suada se colando a mim. Eu sentia seu corpo, era uma pequena diaba que nos levava ao inferno em uma montanha russa divertida. Eu havia me esquecido de como era essa sensação de ter ela em meus braços... era o mesmo que segurar meu mundo inteiro. Seus cabelos espalhados sobre mim enquanto meu pau entrava tão feliz em sua cavidade molhada e quente, queria ela ali para sempre.

— *Mi amor...* — A voz sedosa cheia de luxúria sussurrou, caindo sobre mim, foi o pior caminho que já fiz daquela boate até o maldito quarto. Seus olhos arteiros brincavam comigo, sabendo que não podia lhe tocar.

Bruce, com gana, pulou para o banco de trás, sentando-a esparramada com suas pernas. Fecho as janelas do carro, ligando o som e quase como em resposta a porcaria da música explodiu, a fazendo rir mais ainda com *Felices*

los 4. Sua mão se ergueu ao ar, mostrando três dedos.

— Los 3, *mi amor!* — Ela gemeu enquanto Bruce puxou para o lado sua calcinha, fodendo-a com os dedos bem ali, sua perna aberta me deixa uma visão perfeita de sua pele gordinha entre seu meio, engolindo os dedos de Bruce que entravam com força.

Ele gemia junto a ela com desejo e logo a vejo escorregando com seu vestido erguido, deixando seus seios à mostra para mim. Bruce puxou sua roupa para baixo, me deixando ver as belas esferas redondas de chocolate balançando livres conforme ela o montava cada vez mais forte.

Arrumei o retrovisor para que não perdesse a bela imagem de sua boca fazendo um O redondo enquanto gozava, subindo como foguete ao espaço, apertando o estofado do carro. Bruce mordeu forte seu ombro a fazendo soltar outro grito, erguendo suas pernas por baixo a levantando o suficiente para bombar mais forte e rápido.

Eu nem esperei a merda do elevador parar direito em nosso andar antes de puxar ela para mim, arrancando sua roupa. Bruce ia recolhendo enquanto arrumava ela em meu colo, a deixando bem perto de mim, o suficiente para tirar meu pau para fora e já estocar em sua boceta quente e inchada por dentro. Ela me mordeu, apertando mais suas unhas em minha pele e eu fodia ela contra a parede escondendo seu pequeno corpo com o meu até a maldita porta do quarto ser aberta.

Bruce ria nos puxando para dentro, trancando a porta. Eu coleí ela forte à parede do quarto e a fodia ouvindo seus gemidos doces enquanto seu quadril empurrava mais para baixo quando a fodia para cima. Seus seios, que balançavam livre para mim, me deixavam a melhor visão que podia ter até ela gritar meu nome enquanto gozava mais em meu pau.

— *Mi amor!* ...Ohhh! Taurrooo, mais forte... mais... HOOOOOOO! *MI AMORRR!*

Eu só tive tempo de sair de dentro dela gozando com força, levando toda minha consciência junto enquanto ela tremia em meus braços, soltando seus jatos quentes e gostosos. Eu me sentia fodidamente bem a carregando de volta para cama, apertando seu corpo em meus braços.

BRUCE

Alisei sua cintura quente enquanto beijava cada canto de sua pele suada, seu gosto doce entrando em mim como explosões de cocaína, me fazendo a desejar mais, não me importava com nada além dela ali junto a nós, ela nos pertencia, era nossa, e cada canto do seu corpo sabia disso.

Seu gemido baixo ronronava quando me deixei parar diante da sua bela bunda carnuda, a beijando lentamente. Tauro, por baixo do seu corpo, a segurava calmamente, beijando sua boca, puxando seus cabelos, deixando a linda risca de suas costas livres. Ela deu um pulo assim que deixei minha boca se aproximar da apertada entrada. Eu pressiono mais forte sua carne, afastando, escorregando minha língua. Sua pele se repuxou e instintivamente seu traseiro se empinou mais, a chupei forte na entrada, a lambendo por cada canto. Eu me afastei apenas o suficiente para deslizar meus dedos lentamente dentro do seu canal quente e apertado. Ela se afastou dos lábios de Tauro, soltando um gemido. Eu comecei a mover com mais força meu dedo, a tomando mais e logo retiro ele, voltando com outro dedo junto, enfiando lentamente os dois, alargando-a.

— *Dios...* isso queima! — Tauro a puxou, alisando suas costas, beijando seu ombro. Deixei minhas mãos alisarem sua bunda, escorregando para sua boceta molhada e quente. Eu a fodia bombando meus dedos em seu rabo e sua boceta, a tomando com mais força. Retirei meu dedo de sua entrada apenas para deixar meu pau trocar de lugar. Seu corpo o recebia inchado e quente, tão molhado, o sugando mais, se expandindo e se apertando em volta dele.

— Eu vou entrar bem fundo dentro de você, *cariño*, se quiser eu paro...

— *No...* eu quero. — E sua voz ofegante falou gemendo, apertando suas unhas no braço de Tauro.

Beijei sua pele na curva do seu quadril, retirando meu pau molhado de dentro dela. Meus dedos livres do seu buraco apertado agora apertavam as duas peles redondas de sua bunda, afastando-a. A cabeça do meu pau sentiu a pressão na entrada do seu rabo, empurrando-se mais para entrar. Ela ficou nervosa, com seu corpo rígido, mas mesmo assim com seu quadril empinado. Eu entrei com mais pressão, passando a cabeça, sentindo a quentura... e como seu canal era apertado, quase esfolando meu pau a cada centímetro que entrava. Eu parei a investida com nossas respirações aceleradas, saindo lentamente, apenas deixando a cabeça do meu pau dentro dela, voltando a investir, tomando mais espaço em seu corpo até sentir minhas coxas coladas à sua bunda. Eu deslizei meus dedos por suas costas e, inferno, como era bom estar dentro dela, era muito mais do que um dia já fantasiei.

— Isso é tão bom, *cariño*... — Apertei sua cintura, começando a me mover mais dentro dela em lentas batidas. Ela choramingou baixo com Tauro a acalmando e tomando seus lábios. A mão do meu primo desceu por seu corpo, parando em sua boceta, a massageando em seu clitóris.

Ela foi se soltando e minhas batidas aumentando. Eu sentia a força daquilo, era bom, e um caralho que eu estaria a deixando ir para longe de mim. Ela até poderia se afastar, mas voltaria, e aquele corpo era nosso, apenas nosso.

Tentava me concentrar em tudo, me agarrando ao pouco resquício de lucidez que tinha. Eu a queria por inteira, queríamos estar dentro dela tão fundo e juntos a fazendo gritar nossos nomes. Eu movi meu quadril entrando e saindo do seu rabo apertado, ouvindo o som gostoso que saía de seus lábios.

— Me deixa sentir essa boceta quente sugando meu pau, docinho... — A voz rouca de Tauro falou, passando seus braços por seu corpo, a puxando mais a ele.

Retiro meu pau lentamente, a fazendo baixar mais seu quadril. Ela vira seu rosto para mim com seus olhos negros cheios de luxúria. Eu segurei aquela pequena face em meus dedos, a beijando com toda paixão. Zel estava me engolindo para ela e já não sabia se conseguiria voltar do seu mar quente que vibrava dentro dela. Minha mão puxou seus cabelos, apertando forte com toda a posse que sentia, era quase como um cão selvagem que desejava ter mais da sua presa.

— É o que quer mesmo, *cariño*? — Eu me afastei um pouco do seu rosto olhando suas pérolas negras dilatadas. Ela me respondeu da forma mais doce que poderia.

Seu corpo se afastou de Tauro, dando apenas o tempo de ele arrumar a camisinha e logo se sentou em cima dele, tendo espaço para ele tomar sua boceta, balançando lentamente seu quadril. Seus dedos me puxaram, me fazendo dar a volta na cama, colando seus seios nus ao meu peito enquanto me beijava em pura paixão. Minha mão apertou mais forte seu cabelo a prendendo a mim, deixando a outra descer por seu rabo, deslizando meu dedo. Ela mordeu minha boca, soltando mais seu quadril, o deixando entrar em seu corpo enquanto fodia o pau de Tauro.

— *Sí*, eu tenho certeza! — Sua voz baixa falou entre nossos beijos.

Meu peito estufou mais em desejo e orgulho, a beijando com força.

TAURO

Zel se soltou de Bruce, deitando em mim toda manhosa com seu corpo mole. Ela balançava seu quadril lentamente, vendo Bruce se arrumando atrás dela. Beijei sua boca, abraçando mais forte, sentindo seu corpo se congelando com ela choramingando entre o beijo. Mas, porra, sua vagina conseguiu me espremer mais ainda quando o pau do meu primo se acomodou em sua traseira roliça, deitando lentamente sobre ela, segurando para não lhe machucar com seu peso. Bruce se retirava lentamente enquanto eu entrava outra vez em sua boceta quente e molhada em um ritmo de um dentro outro fora, um dentro e outro fora. Ela ia se soltando lentamente, gritando nossos nomes, seu coração colado ao meu peito batia tão rápido, deixando-me ver seus olhos negros chorosos.

— Está lhe machucando, docinho... podemos parar! — Movi meu rosto para Bruce que congelou na hora, segurando firme sua cintura, ainda com nos dois dentro dela. Desejávamos aquilo, queríamos estar juntos e, mesmo com lubrificante, e ela toda pronta para nos receber, eu compreendia que poderia lhe machucar. Não queríamos que sua primeira vez fosse

dolorosa.

— *No... no* machuca, não muito, eu consigo lidar com a dor no começo. Mas não sei porque choro. — Retirei seus cabelos de cima do seu rosto, deixando-me ver melhor sua expressão. Ela tinha lágrimas delicadas que desciam sua face enquanto tentava me dar um sorriso. — *Estoy* feliz e choro por isso, *mi amor*. Não está me machucando, *pasión...* Só estou... estou com medo e feliz ao mesmo tempo.

Vi o brilho em seus olhos, eu sabia o que ela sentia, a forma como seus braços se prendiam a mim me segurando firme. Eu sentia isso também, sentia medo de quando isso acabasse... e um homem na minha idade não tinha mais esses tipos de medo, mas eu tinha isso por ela.

Eu a puxei para mim, beijando sua boca com carinho, não havia mais loucura, não havia tesão gritante, apenas meus dedos que acariciavam seu rosto enquanto a beijava mais e mais, a fazendo sentir toda confusão que me despertava. Bruce beijava suas costas, acariciando com ternura; e o som baixo do seu gemido respondia a nos dois enquanto seu corpo ia se movendo lentamente. Deixamos ela fazer seus movimentos, não teria pressa, teríamos a noite toda para ficar assim.

— Estamos indo ao seu tempo, *cariño...* — Bruce beijou seus ombros, a deixando mole entre nós, suspirando a cada empurrar lento dos nossos paus em seu corpo.

— Estou feliz, *mi pasión...* — Ela ronronou assim que seu rosto virou para o lado e ele capturou seus lábios, minha cabeça se esticou, pegando seu seio livre, sugando-a lentamente. — *Felices los 3...*

Seu corpo quente nos recebia com amor e na mesma medida retribuía para não lhe machucar, nada tinha sido assim, nunca foi assim. Era apenas uma foda e gozávamos forte e duro. Mas Zel era delicada, pequena, nos preenchia muito além da boa trepada. Era fome que ela nos despertava, uma fome que nunca tinha fim.

Abracei-a mais, movendo meu pau bem fundo, arrancando gemidos doces de sua boca, sua boceta sugou mais forte meu membro quando Bruce entrou outra vez.

— *Cariño...* Porra, vai me deixar com pau esfolado desse jeito. — Ela mesmo assim nos prendia mais.

Nos movemos com mais pressão e o grito que ela soltou dos seus lábios quando o orgasmo puro lhe puxou a faz tremer forte, colada ao meu peito. Eu me preendi mais a ela.

— O inferno de quente! — Soltei o ar com a força.

Bruce moveu seu quadril, a levantando mais, e segurei por sua cintura a sustentando enquanto entrávamos e saíamos do seu corpo trêmulo, nos tomando mais fundo. Bruce veio primeiro, a apertando forte a ele enquanto soltava o último solavanco, se fixando dentro dela enquanto ela gemia entre o desejo. Seus olhos se voltaram para mim com um sorriso mole, as marcas das lágrimas em seu rosto me deixavam ler cada expressão da sua bela face. Seus olhos brilhosos como estrela se inundavam de amor, me mostrando sua alma vulnerável. E meu peito explodiu com o que vi lá, eu estava preso a ela.

— Eu tenho você, docinho... — Puxei seu rosto, a beijando, deixando sentir tudo que estávamos compartilhando. Não era uma foda, fizemos amor. Meu pau se movia em seu corpo e ela me recebia com desejo mesmo já estando em seu limite, segurando-se a mim.

— *Mi amor...* — Sua voz rouca entre nosso beijo abafada foi tudo que ouvi antes de soltar toda minha porra, libertando meu prazer.

Soltei seu corpo que tombava sobre mim com seu peito acelerado, ainda trêmula, sentindo-se sensível quando Bruce saiu dela. Ele caiu na cama, a puxando para si. Então, ela se aninhou a ele, esfregando seu rosto em seu pescoço. Meu braço passou por sua cintura, acariciando seu corpo, beijando seu ombro.

— *Mi pasión...* — A voz suave dela sussurrava com seus braços presos a Bruce; e apenas os sons dos nossos corações e respirações restavam dentro do quarto, tentando voltar ao normal.

Sentei na cadeira na penumbra do quarto, enquanto observa o pequenino corpo embolado no lençol, com sua cabeleira negra espalhada, deixando apenas sua perna de fora.

— Eu tô fodido! — A voz arrastada de Bruce falou baixo enquanto ele levava a garrafa de cerveja à boca.

Nos dois perdemos o sono no meio da noite enquanto olhávamos para ela. Eu abri meus olhos, focando em Bruce, que acariciava sua face adormecida em seu braço. Ele a deitou com cautela no travesseiro e logo se juntou a mim, olhando para ela com sua bebida. Ele jogou uma para mim e ficamos nos dois a olhando dormir.

— Você viu aqueles olhos? — Ele esfregou sua mão ao rosto, passando aos cabelos.

— Quantas mulheres já choraram enquanto estávamos bem fundo dentro delas? Ou melhor, com quantas mulheres realmente já fizemos amor

como foi hoje?

— Apenas com ela. — A voz dele saiu arrastada. — Eu poderia morar em seu olhar quando ela me olhou com tanto amor depois que a puxei para meus braços.

Eu sabia o que ele falava, pois ela me presenteou com o mesmo olhar.

— Podemos ficar com ela, talvez... talvez ela seria a certa.

— Podemos falar com ela. Eu, para falar a verdade, tô sem ação, não era o que estava esperando.

— Fodidamente não era, primo, mas só sei que quero essa mulher em minha cama para o resto da minha vida.

Eu a desejava pela eternidade, queria ela para sempre em nossas vidas. Maldita *rabiosa* deliciosa que me virou do avesso.



— O que está fazendo, docinho? — Entrei no quarto a vendo com minha camisa, sentada na cama com seus longos cachos em um coque, com seus olhos fixos ao teclado.

— Estou fazendo meu trabalho, *señor*... — Ela puxou meu rosto me dando um beijo estalando quando me aproximei da cama.

Sento ao seu lado, alisando suas costas, enquanto via ela reenviando os e-mails das obras da Carolina do Sul.

— Esse hotel está me dando dor de cabeça... — Sussurrei mordendo seu ombro, estava a ponto de sair correndo das obras ao sul, tive que ao menos passar lá já que foi essa desculpa que dei.

— Por quê? — Seus olhos curiosos se abriram mais, me avaliando enquanto me encantava com sua pele chocolate limpa, sem maquiagem, seu cheiro suave e fresco me deixava saber que já tinha se banhado. Vasculhei o quarto grande onde a TV estava conectada em um canal da bolsa de valores, os pacotes de doces abertos em cima do frigobar e uma lata de Coca-Cola.

— Comeu alguma coisa saudável hoje? — Voltei meus olhos a ela que fez cara feia.

— *Sí...* Bruce me fez largar os gráficos para almoçar com ele, minha barriga está estufada! *Dios, hombre* controlador. Agora me diga?

Eu rio mais com sua cara de brava, sabia que Bruce a controlaria, cuidando do que ela realmente precisava.

— Muito trabalho detalhado, homens são rápidos e precisos, eles demoram para fazer os acabamentos e quando fazem sai mal feito.

— Mulheres!

Ela se virou para o notebook como se me desse a resposta de tudo.

— Acha que devia levar eles a uma boate noturna como incentivo, docinho?

Ela caiu na risada enquanto me embebedava em seus olhos manhosos.

— Não, seu bobo... digo que mulheres seriam mais rápidas e detalhistas para o serviço, sabia que há uma porcentagem de mestre de obra mulheres nas empreiteiras, devia pensar sobre isso... mulheres seriam mais rápidas e eficazes em serviços como esse, e elas são mais limpas e organizadas.

— Fica tão *sexy* falando sobre negócios com essa minha camisa de botão, docinho... — Senti seu leve soco no meu ombro e ela me observou rindo.

— Eu falo sério, Tauro, mulheres! Pense sobre isso, devia abrir algumas vagas com serviços específicos para elas, não lhe digo para por elas para bater massa ou erguer tijolos, mas sim para serviços de reboco, elas deixam menos volumes na parede, também são muitos delicadas e tem exatidão em seus trabalhos. — Pensei sobre o que ela me falava, talvez minha pequena diaba estivesse me dando a formula para resolver meus problemas.

— Acho que realmente isso seria interessante, senhorita Alonso! — Ela arregalou os olhos, me observando. — Realmente sua perspicácia e lógica me impressionam. Devíamos falar sobre isso na próxima reunião, expor mais sua ideia sobre áreas feminina.

Vi seus olhos brilhando enquanto ela estufava seu peito, cheia de

orgulho.

— Obrigado, *señor* Ozbornes! — Ela falou informal com seus olhos de gata selvagem.

— Merda! Fala isso de volta, docinho, meu pau ficou duro! — Eu a puxei para mim, a fazendo rir enquanto a beijava com mais força, deixando meus dedos descerem por suas pernas desnudadas.

— Me largou naquela palestra tediosa para vir aqui ficar amassando a estagiaria, Tauro!

A voz severa de Bruce entrou no quarto, jogando o blazer na cadeira. Soltei ela que ficou sem fôlego com suas bochechas quentes. Seus olhos logo se focam em Bruce, olhando doce para ele.

— Queria dizer que sim, mas tive que ir ver as obras do sul.

— Não posso dizer que sinto por você. Vem aqui, *cariño*... — Ele caminhou para cama e ela, no mesmo momento, empurrou o notebook, ficando em seus pés sobre o colchão, pulando nos braços abertos a sua frente como uma gata dócil.

— Olá, *pasión*... *Mi carinho*. — Bruce devorou sua boca, apertando mais aos braços, a deixando ronronando quando terminou, seu rosto se afundou em seu pescoço enquanto ela esfregava seu nariz, o fazendo rir. Eu não via aquele homem relaxar há anos, nem mesmo esboçar um riso quanto mais dar uma gargalhada.

— Eu quero um banho! — Ele falou, a depositando ao chão. Vi seus dedos em sua camisa desabotoando para ele que ficou em modo dominador alisando, seus ombros. Ela o fisgava em seu ponto fraco. Ele olhou para mim por cima de sua cabeleira negra, e eu ri em deboche. Em seu olhar tinha um grande: *vá se foder, seu puto!*

— Trouxe o que lhe pedi, *pasión*?

— Sim, está minha maleta... — Ele alisou seus braços, e logo volta seu olhar revirando em cara feia.

— O que pediu a ele?

— Panfletos. Me obrigou a ir naquelas palestras chatas e ficar catando cada papel que me ofereciam.

— Não são chatas, Bruce, são apenas pequenas empresas que estão crescendo, algumas delas têm potencial gigantesco para uma pareceria futura... — Ela o recriminou, batendo em seu ombro — Devia saber disso, e outra, seu irmão não cansa de ficar falando sobre como as ideias inovadoras podem vir de qualquer lugar.

— Nem sabia que alguém ficava acordado durante as palestras chatas de Dylan. — Eu resmunguei rindo, meu caro primo podia ser um ditador horrível quando queria.

— Na verdade, as mulheres não dormem, ficamos olhando ele se virar só para admirar aquela bunda no terno Armani. — Ela falou rindo, mas seu sorriso morreu assim que os dedos de Bruce se forçaram em sua pele.

— Creio que a estagiaria é uma delas.

— No, *señor*, nunca, eu juro. — Ela levou seus dedos na frente dos lábios, os beijando em cruz.

— Sua criatura mentirosa. — Ele mordeu seu pescoço e ela gritou, tentando se afastar. Logo, seus braços ficam presos em suas costas e Bruce soltou um tapa em seu rabo, a deixando queimar.

— *Dios, cabrón*, não olhava para bunda do seu *hermano*, preferia a sua nos Armani. — Ele parou de bater em seu rabo, a trazendo para cama. — Tauro, *diga-lhe!*

Ela implorava minha ajuda, já tinha lhe pegado várias vezes olhando para Bruce quando ele passava por ela, seus olhos ligeiros paravam e sua bunda enquanto mordida seus lábios carnudos; logo seu rosto voltava a ficar em chamas quando me pegava a olhando, correndo com vergonha.

— Não adiantar me bajular, princesa!

— Traidor, *cabrón!* Bruce... o que... NÃO!

Ele retirou o cinto da calça, enlaçando em seus pulsos puxando a fivela. Ela tentou puxar seus braços, mas ele prendeu bem, puxando a ponta do cinto, entregando para mim.

— O que estão fazendo? Tauro, solte-me, eu disse brincando... eu juro, eu nunca olhei para a bunda de Dylan. — Sua voz foi cortada pelo grito assim que Bruce soltou um tapa em sua bunda.

— Isso vai ser bom, docinho. — Sorri para ela, piscando, puxando mais seu corpo para cima, amarrado a ponta do cinto na cabeceira, deixando seus braços presos ao alto.

— Não estou achando bom... Bruce... Bruce... — Ele puxou uma das pernas dela, já com sua gravata na mão, amarrando seu tornozelo, a puxando com força, deixando aberta. Caminhei para outra ponta, puxando a outra perna livre que esperneava. — Me soltem, *cabrones*... me soltem...

Via seu corpo lindo, esparramado pela cama, com ela toda agitada nos xingando, seus longos cachos negros esparramados no lençol branco.

— Está com medo, *cariño*? — Os olhos dela se viraram para Bruce

que ia dobrando lentamente a manga da camisa depois de jogar o paletó ao chão.

Os olhos negros iam acompanhando cada movimento que ele fazia, lentamente tirando seus sapatos e jogando a calça para junto deles.

— Bruce, não gosto de estar presa!

— Eu gostei de como tenho uma bela visão, docinho. — ela se virou, me olhando nervosa.

— Não lido muito bem com seus olhares para outras bundas, *cariño*. Acho que precisa de um pequeno lembrete a quem esse lindo corpo pertence. Não sei o que fez, minha pequena bruxa. Mas esse lado é novo para mim também.

Deixei meus dedos deslizarem por sua perna a fazendo voltar sua atenção para mim. Ela respirava com mais força, via a camisa, a minha camisa, que subia e descia rapidamente junto à sua respiração.

Meus dedos pararam na bainha da camisa, arrastando para cima, desnudando sua pele quente, me deixando ver seus lindos seios arrepiados. A cama se moveu assim que sento ao seu lado, cantarolando baixinho *Black Magic Woman*.

— *Eu tenho uma mulher de magia negra. Tem uma mulher de magia negra...* — e acariciei o seu seio, a fazendo gemer baixinho, deixando meus dedos apertarem mais forte o bico. Ela mordeu sua boca, prendendo seu grito. — *Sim, eu tenho uma mulher de magia negra. Me deixou tão cego que não consigo ver. Mas ela é uma mulher de magia negra. E ela está tentando fazer um demônio fora de mim. Você tem seu feitiço em mim, baby.*

Virei sua cabeça para mim, a beijando lentamente. Seu corpo já arqueava em gemidos e a beijava com mais pose, com mais força a tomando com mais força quando meus dedos puxaram mais a camisa para cima. Eu me afastei dela apenas para passar a veste, deixando presa em cima dos seus olhos. Ela se agarrou forte ao cinto onde seus pulsos estavam presos.

— Tauro! — A voz dela era brava, balançou a cabeça de um lado ao outro tentando tirar a camisa do seu rosto. — Tira isso! Ô inferno, *cabrón*...

Ela se engasgou assim que seu corpo começou a mover em batidas rápidas, soltando um soluço. Bruce se empurrava nela com força, a tomando da forma controladora que ele gostava. Sabia que fazia isso para marcar território, nem esperando ela ficar pronta para se meter em suas pernas, apenas para ela se acostumar com seu pau se lubrificando em torno dele. Desci minha boca ao seu seio, o sugando com mais força junto aos baques

fortes de Bruce dentro dela. Eu massageei mais forte seu outro seio, apenas para ela se arrepiar gemendo mais, e logo seu corpo vibrou. Eu sentia meu pau latejando.

Bruce saiu de dentro dela, cortando seu orgasmo que se aproximava. Ela puxou seu corpo com raiva, tentando tirar a camisa do seu rosto.

— Bruce... Bruce.... — Bruce sorriu dando a volta na cama, abrindo o frigobar. — Você tá me ouvindo, *cabrón*... — Ele abriu uma cerveja, a tomando, sorrindo diabolicamente para ela.

— Gosta da bunda do meu primo então... — Me levantei da cama, dando uma olhada, sabia que ele tinha que controlar melhor esse lado que Zel estava desencadeando.

Ela estava choramingando balançando sua cabeça, quase me implorando pelo que precisava. Abri minha calça, segurando meu pau em meus dedos, olhando para seu corpo aberto para mim. Ela estava ali, perfeita como um banquete principal, subi a cama, me ajoelhando perto dela, apenas para estar raspando a ponta do meu pau na entrada da sua boceta quente e apertada, enfiando-se dentro dela e saindo outra vez, lentamente; e logo na sequência entrando mais duro outra vez

— *Dios*... — eu não lhe dei chance: meu pau batia fundo, a forçando por dentro, apertando meus dedos em suas coxas, a fodendo com toda pressão, saindo forte. Era quente e tão molhada, me perdi no balançar dos seus seios, a cada solavanco que dava, sua boca se abria em O, apertando mais seus dedos no cinto.

Bruce caminhou para cama e, lentamente, virou a garrafa de cerveja em seu seio, ela pulou com o susto ao líquido gelado.

— Gosto de como seu corpo se arrepia, *cariño*. — Ele deixou seus dedos passarem por sua pele molhada e logo sua boca desceu, a chupando por cada canto que o líquido caíra. Eu podia sentir seu corpo engolindo meu pau, quase na borda outra vez, gemendo alto com cada movimento dentro do seu corpo e com seus seios na boca do meu primo.

Sai de dentro dela, sentindo mais dor do que estava proporcionando para ela. Zelda gritou, chorando com raiva.

— Tauro... Tauro... seu maldito... — Ela mordeu seus lábios e Bruce se afastou, deixando seu corpo livre de nós dois.

— Eu não olho para bunda dele. — A voz trêmula dela falou, nervosa, movendo sua cabeça para onde nossos sons iam.

— E nem irá, *cariño*! — Bruce se moveu mais na cama, pegando seu

rosto, a beijando com força. Eu me abaixo sobre suas pernas, sentindo o cheiro do seu corpo, sua pele suada e rígida implorava por libertação.

Ela moveu seu quadril quando a ponta da minha língua tocou seus lábios molhados e carnudos de sua boceta, o sugando lentamente. Ergui meu rosto apenas para ver Bruce subindo a cama, passando suas pernas sobre ela.

— Abra a boca, bebê... — ela balançou sua cabeça em negativo e eu mordi a ponta do seu clitóris a fazendo gritar.

Assim que sua boca se abriu, Bruce levou seu pau à sua boca, a fodendo que logo está gemendo com o eixo dele bem fundo dentro da sua garganta. Voltei a chupar sua boceta, sentindo o líquido cremoso que vai deslizando de dentro dela, suguei com mais força e rápidas lambidas; e assim que seu corpo se arqueou, ficando mais rígido, me afastei, ouvindo seu desespero. Ela repuxou todo o corpo, querendo se soltar, mas sua boca era aplacada pelas batidas fortes de Bruce. Ele segurou sua cabeça, alisando seu rosto que ia o chupando com mais vontade.

— MERDA, *cariño*! — Ela o chupava com puro gosto tentando aplacar o desejo de gozar.

Deixei meus dedos deslizarem por sua boceta, entrando e saindo outra vez. Ela choramingou.

— Droga, Tauro... Eu vou gozar na boca dela se não parar. — Eu sorri, pois, o castigo que Bruce queria dar a ela estava voltando para ele também, e ele sabia disso.

Deixei meus dedos molhados deslizarem até a fenda apertada entre sua bunda, se enfiando lá dentro da carne quente.

— Meu pau é um pouco mais grosso que do Bruce, docinho... mas vai gostar tanto quanto.

— Bem pouco, não se ache, primo. — Bruce retirou seu pau de dentro da boca dela, a beijando antes que pudesse me responder. Eu retirei meu dedo de dentro dela.

Erguendo seu quadril apenas para acomodar um travesseiro embaixo dela, deixando-a alavancada, levantei-me da cama, retirando o resto da roupa, a largando ao chão. Seu corpo suado e trêmulo implorava por libertação com sua respiração acelerada.

— Gosta da ideia, docinho... me sentir bem fundo dentro do seu rabo enquanto Bruce fode sua boca... apenas para comer sua boceta depois. E aí sim deixaremos você gozar, bebê.

Ela se puxou mais, fazendo seu corpo balançar com Bruce a beijando

com pura posse.

Deixei meu pau entrar em sua boceta, lubrificando-se com seu líquido quente, retirando-o logo em seguida, apertando a cabeça na entrada do seu traseiro. Ela tentou puxar suas pernas, mas as parei no lugar, a segurando presa enquanto ia tomando de pouco e em pouco cada canto quente do seu rabo que parecia uma garganta de vulcão de tão quente.

— *Dios, Tauro... és muito...* — Parei de me mover, a deixando se acostumar com meu tamanho. Realmente, meu pau era mais grosso que o de Bruce, podia ser um pouco menor, mas em grossura sabia que ganhava. Meus dedos circularam seu clitóris enquanto ela começava a me sugar se apertando em volta do meu pau.

Era minha pequena mulher de magia negra, Zelda tinha nos enfeitiçados, tinha nos tirado o controle, me fazendo se sentir querendo mais e mais dela.

Bruce voltou a se erguer e ela o tomou em sua boca enquanto ele vai se movendo lentamente dentro da sua boca. Comecei o mesmo ritmo, sabendo que meu corpo não iria demorar muito. Segurei sua bunda por baixo, a erguendo mais junto ao meu quadril que tinha meu corpo sendo sustentando pelos joelhos na cama. Então, comecei a me mover mais forte, mais rápido, em baques violentos com a cama empurrando a parede. Ela apertava mais o cinto da mesma forma que seu rabo se apertava em meu pau, o engolindo. Mesmo eu entrando cada vez mais, precisei de apenas mais cinco batidas dentro daquela forma deliciosa e quente, gozando com força, apertando forte sua pele. Senti meu peito explodir e o retirei, vendo com satisfação meu esperma que escorria quente entre sua pele, caindo no travesseiro. Passei meu pau em cima do seu clitóris, a fazendo tremer mais, e ela gritou com o pau de Bruce em sua boca.

Bruce jogou seus cabelos para trás, alisando seu pescoço e sai da cama enquanto ele tirava o pau de sua boca. Seu corpo se moveu enquanto arrumava a camisinha em seu pau, parando no mesmo lugar que eu estava há poucos minutos. Eu caí ao lado dela, virando sua boca para mim, a beijando com prazer pela forma gostosa como ela me recebeu em seu corpo quente. Seus gemidos eram baixos juntos ao gosto salgado de suas lágrimas. Minha mão se espalmou em cima dos seus seios, alisando-os.

Ela suspirou em prazer assim que seu corpo começou a se mover com Bruce em cima dela. Ele deslizou suas mãos por sua barriga e seu corpo foi vibrando. Eu me afastei dos seus lábios, retirando a camisa que tampava sua

visão, os olhos negros dilatados brilhavam se explodindo como estrelas com seu corpo tremendo na cama. Arqueando-se, ouvi o rugido de Bruce enquanto o último baque o arremessou para trás. Ele se tremia em sua perna, beijando seus joelhos, apertando forte seu corpo. Alisei seu rosto, a vendo tão devastada com a força que seu orgasmo veio de uma única vez quando foi libertado, seu rosto quente com alguns fios de cabelos colados à face.

— Pode até achar a bunda do meu irmão bonita, *cariño*, mas sou eu que deixo sua boceta molhada e a faço esguichar tão lindamente sobre meu pau.

Ele a olhava sério enquanto escondia seu ciúme, mesmo sabendo que a pequena brincava.

— *Hijo* de puta me fez isso como castigo!

— Outras bundas são proibidas para você, *cariño*... — Bruce se levantou soltando suas pernas, retirando a camisinha do seu pau. Meus dedos soltam o cinto em seu pulso. Bruce a pegou no colo enquanto a levava para o banheiro, nos xingando vários nomes, alguns eu tinha até medo de procurar o significado.



FELICES LOS
3?

ZELDA

— Aonde vai, *cariño*? — Eu terminei de pôr os brincos em minhas orelhas, rindo para imagem esparramada na cama de Bruce.

— Vamos embora pela manhã, tenho que comprar algo de presente para Elly, lhe prometi isso.

Alisei o vestido preto com corte formal e decote em V, olhando para o grande homem que me fazia lubrificar em segundos. Sentia minha bunda ainda ardendo com as 5 palmadas que ele deu dentro do banheiro, me fazendo encurvar sobre a pia por ter falado da bunda do irmão dele. Eu até queria chorar de raiva, mas logo passou quando eles me levaram ao banheiro e, depois da ducha, me tomaram nos braços com minhas pernas coladas a Tauro, com ele me tomando e me preenchendo, cada canto do meu corpo, com Bruce às minhas costas, segurando minha bunda aberta para seu pau se acomodar entre ela. Dio, minhas pernas ficaram moles só de lembrar como meu corpo parecia completo com os dois dentro de mim. Eu estava doente, isso seria o motivo para essa disfunção sexual que eles nutriam em mim.

— Pegamos você depois então, para jantar, depois que meu primo sair

daquela videoconferência.

— *Sí, señor!* — Peguei a bolsa, jogando o celular lá dentro. Seus olhos acompanhavam meus movimentos e sentia ele me queimando.

— Gostaria de jantar em algum lugar específico? — Me surpreendi com seus olhos brilhando para mim, como podia ser tão controlador e tão perdido ao mesmo tempo.

— Depende, não sei... — Dei de ombros, rindo pela forma que ele me olhava intensamente.

— Defina, *cariño*...

— Eu não sei, sério, é só um jantar, qualquer lugar serve, não estaremos em um encontro romântico.

Ele ficou em silêncio, analisando minhas palavras com aquele olhar de quem calculava cada sílaba.

— Quer um encontro, Zel?

— Claro que não, pulamos essa parte, *señor!* — Eu me sentia estranha, não tinha pensado sobre como seria o lado romântico dele.

Bruce era a pessoa mais sistemática e controladora que conhecia, tinha um discernimento rápido para efetuar qualquer assunto com maestria. Era tão ditador como seu irmão, sempre implacável quando queria algo. Não era do tipo que gritava ou infernizava os funcionários como Dylan, mas com apenas uma olhada de seus olhos negros, ele fazia qualquer um se sentir a criatura mais inútil. Já tinha o visto em ação, as secretárias saíram chorando de sua sala, sem ele ao menos lhes dar uma palavra. Suponho que jamais estaria aqui, observando como um grande tigre em descanso, se não fosse a maldita vagina teimosa.

— Venha! — Sua voz baixa em comando me pegou de surpresa ao me ordenar apenas com um balançar de cabeça para que me aproximasse da cama.

Eu até ponderei sobre ficar, mas minhas pernas obedeceram alegremente, indo para ele. E meu peito batia descompassado, lhe achando mais perigoso assim sem camisa apenas com lençol como proteção ao meio de suas pernas, as grandes pernas relaxadas.

Estava nadando com tubarões e não tinha nenhuma gaiola que me protegesse do seu ataque.

— Está linda... — Suas mãos tão firmes alisaram minhas pernas enquanto subiam lentamente por elas, me fazendo suspirar em agonia. — Venha mais perto, *cariño*...

Meu corpo tinha configurado algum tipo de ninfomaníaca moderna, pois não era possível acabar de ser aplacada por eles e mesmo assim se reacender com apenas seu toque.

— Não. — Dou um leve tapa em sua mão antes que meu corpo me entregasse. — Tenho que ir, só vou pegar uma lembrança, não estarei fugindo de vocês... — O aperto em minha perna foi maior enquanto ele me prendia em seu olhar... Eu via os olhos negros tão estreitos como se gritassem perigo. — Sabes que brinco, por que está assim?

— Não tenho controle sobre isso... — A voz dele era cruel, quase em urgência, seu corpo se virou na cama, deixando suas pernas de fora, me puxando para ele em um bote. — Sinto muito se machuquei você.

Eu senti o tombar de sua cabeça enquanto ele cheirava minha barriga, esfregando-se lá.

— Bruce... o que passa? — Meus dedos caíram sobre seus cabelos negros enquanto acariciava, tentando entender o que lhe afligia.

— Quantos anos tem, Zel? — O som abafado dos seus lábios entre meu ventre era baixo, soltando uma respiração.

— Sabe minha idade, *pasión*, 25 anos. Por que a pergunta?

— Tenho 33 anos, Zel, e em todos esses anos, nunca me senti sem controle de algo como me sinto em relação a você. — Meu peito disparou em batidas, me fazendo o abraçar mais forte, eu também não compreendia o que acontecia ali.

— Não temos que controlar, *señor*, sabes disso. Temos que aproveitar o tempo que nos resta. Quando acabar, estaremos de volta ao nosso mundo, onde cada um é livre. — Eu me sentia estranhamente infeliz ao falar isso, era quase como se um pedaço meu ficasse aqui. — Bruce... — Seu rosto se ergueu ao meu e me ligava a ele, o que lhe diria. Estava apaixonada por ele da mesma forma que estava por Tauro, que desejaria nunca mais sair desse quarto de Hotel? Que minha vida seria tão vazia e chata depois que nunca mais os visse? — Acho que quero ir jantar no Plaza. — Sussurrei baixo, me sentindo uma covarde, ele assentiu dando um beijo em minha barriga e eu podia quase chorar abraçada a ele.

Senti o tapa em minha bunda assim que ele me libertou.

— Zel, me liga quando terminar que lhe busco. — Ele falou firme em controle. — Não ande por aí e volte antes das 18:35 horas.

— *Sí, padre!*

Sorri para ele, saindo do quarto. O que estava fazendo? Como pude

baixar a guarda dessa forma? Sentia-me nervosa. Talvez sair de dentro desse quarto e de perto dos dois realmente fosse tudo que precisava. Meus olhos focaram em Tauro, que gritava diante da tela do notebook, mas logo seus olhos felinos pararam nos meus, arqueando a sobrancelha. Era tão belo, a calça *jeans* que lhe caía perfeitamente, tinha sua pólo em azul royal que lhe marcava os músculos aos braços. Seus olhos se focavam em meu rosto ao passar as mãos nos cabelos molhados, era tão másculo que chegava me faltar o ar com sua forma predatória. Ele abaixou a grande mão apontando para seu lado.

Balanço a cabeça em negativo e joga um beijo para ele, saindo antes que fosse barrada pelo segundo ataque de tubarão branco.



— Gostou?

Olhei para os lingerie à minha frente, tentando achar alguma coisa que se aperfeiçoasse a beleza escondida dentro daquele almoxarifado, cheio de gavetas.

Elly tinha sido a única ao qual realmente desenvolvi uma amizade sincera, não era uma vadia maquiavélica como as outras secretárias que viviam uma a tentar ser melhor que as outras. Sempre em silêncio, ela ficava de boca fechada quando as outras implicavam com suas roupas esquisitas. Não podia dizer que minha amiga era uma modelo saída de uma passarela, nunca vi alguém usar tanta cor em uma só roupa com aquelas saias gigantes que se arrastavam ao chão, como uma hippie saída de *Woodstock*, mas tinha

um coração lindo que não cabia nela.

Talvez gostasse de apimentar aquelas gavetas de calcinhas que deixaria minha *abolita* com inveja com o tamanho das calçolas.

— Esta, por favor, em vermelho, *sí...* — Eu ri ao imaginar sua cara ao abrir a caixa e ver a calcinha dental tão fina que faria uma linha se passar por gorda, o pequeno coração em metal que prendia a bunda. — Está perdida, Elly.

Eu até sairia da loja feliz da vida com aquele pequeno presente se não fosse pelo lindo conjunto no manequim, cor de rosa vivo, em tecido de pele de pêssago. O decote era bem aberto e tinha tranças em renda negra que segurava apenas a frente, tampando só o necessário. O pequenino laço negro junto às alças deixava um pequeno toque inocente. Sua pequena calcinha era rendada na lateral em preto, deixando apenas o suficiente de tecido à frente.

Era tentador imaginar como poderia ser arrancada facilmente do meu corpo por algumas mãos arterias que conhecia, quase impossível não imaginar isso.

— *Mierda!* — A fatura do meu cartão que se explodisse.

Las Vegas era um dos principais motivos por ter aceitado de imediato a proposta. Localizada no deserto de Mojave, em Nevada, estava diante de uma cidade turística famosa pela vida noturna vibrante ao qual, infelizmente, pouco pude aproveitar com cassinos 24 horas e outras opções de entretenimento que me faziam se perder, olhando todas as cores e a vida que pulsava nesse lugar. Não que tenha ao fim achado ruim os acontecimentos, Bruce e Tauro me redefiniram a expressão fogo em Roma. A grande rua principal, The Strip, com quase 7 quilômetros de comprimento, quase me fez desistir, querendo voltar correndo para hotel depois de caminhar olhando tudo, fascinada. A avenida concentrada de grandes hotéis temáticos, ao qual cada esquina tinha um Elvis cantando lindamente as melhores melodias do cantor, com atrações sofisticadas, me fez me encantar com as fontes sincronizadas com música. Queria que já estivesse noite, estaria mais bela e perfeita, e eu ri ao ver a réplicas de uma pirâmide egípcia. Eu me sentia apaixonada quando cheguei ao que seria o Grande Canal de Veneza.

Mas foi em uma pequena saleta, cheias de miniaturas realista, que me fez parar com aquelas sacolas na mão. A moça, sentada na banquetta, segurava um boneco que arrumava perfeitamente, deixando as características de um cantor famoso junto a sua fã. Olhei ao chão e ela usava uma foto para deixar cada expressão idêntica ao boneco em seus dedos.

— *Dios*, como é belo seu trabalho. — Sorri vendo a beleza que ela trabalhava

— *Valeu*, querida, muito obrigada, teria alguma foto que gostaria de deixar realista para sempre?

— Eu até tenho, mas todas estão em casa e parto amanhã já, nem tempo teria. — Suspirei em desânimo, deixar a foto de *mi madre* e *mi padre* em bonecos idênticos seria algo maravilhoso para minha estante.

— Não precisa de foto, sou boa em desenhos, se for me falando posso fazer e deixar como deseja; e não demora, meu bem, deixo quase todos pronto, apenas termino as esculturas com as características que é me passada. Não tem uma memória que gostaria de eternizar?

Dios, teria várias, mas apenas uma ficaria eterna para sempre. Sorri para ela, olhando o relógio em meu pulso.

— Se aceitar, podemos terminar em poucas horas, querida, essa aqui só terei que entregar amanhã.

— Talvez... talvez tenha uma que queira...

Sorri para ela que se levanta pegando seu material e entramos na loja enquanto já ia tagarelando o que desejava.



OS CAVALHEIROS DE ZELDA

BRUCE

— Eu sei... estou falando que entendo... — Meus dedos tamparam o telefone enquanto me afastava olhando a janela do grande hotel, observando as pessoas que entravam. — Já lhe avisei, estarei na empresa ao fim da tarde de amanhã, Dylan, tive algumas surpresas por aqui que precisaram de um pouco mais de atenção.

Eu sorri, olhando a bagunça da pequena mala onde a calcinha amarela caiu para fora. Eu olhava impaciente para o relógio, já era quase 19:15 e nenhum sinal da pequena *rabiosa*.

— Sim, eu estou lhe ouvindo, irmão. — Eu me virei assim que a porta da suíte foi aberta. Tauro entrou jogando as sacolas de compra no sofá enquanto balançava o dedo em negativo para mim. Meu primo corria dos gritos de Dylan, restando apenas eu para escutar o estouro. — Não, não é uma mulher. — Eu resmunguei ao interrogatório, não estava mentindo, não em partes. Minha pequena diaba era completamente diferente de qualquer mulher normal.

Depois de longos e eternos minutos, consegui que meu irmão enfim me desse uma folga. Dylan era implacável mesmo quando tudo já estava definido, ainda assim queria mais perfeição. Sua casa em Nova York comandava a matriz, deixando aos cuidados meu e de Tauro a filial em Chicago. Meu irmão vivia para a empresa, a levando mais e mais a se tornar o grande monstro em construção empresarial. Sabia que Dylan arrancaria minhas bolas se soubesse sobre meu envolvimento com a pequena estagiaria, a maldita regra da empresa, nunca se envolver com as funcionárias, era a única coisa que podia lhe deixar puto, porque poderia ser um processo por assédio sexual.

— Inferno, ele sabe ser pior que um cão de policial de aeroporto... — Guardei o aparelho no bolso interno do tenro, voltando meus olhos para o homem que saiu do quarto. — Você vai bater de porta em porta levando a palavra de Deus?

Tauro me olhou de cara feia assim que eu comecei a rir, nunca em toda minha vida tinha visto meu primo usando um terno.

— Vá se foder, Bruce! — Ele resmungou, parando em frente ao grande espelho, endireitando o blazer. — Ela vai gostar.

Caminhei para ele, rindo, arrumando a gravata do meu terno. Nós dois olhamos um ao outro pelo reflexo e, em um segundo de silêncio, caímos na gargalhada.

— Estamos fodidos, homem!

Sim estávamos, com a mais pura certeza, estávamos literalmente ferrados.

— A única vez que usei um terno foi no baile de formatura, Deus sabe quantos anos atrás.

— Não me diga, eu estava lá no fim da festa rebocando seu carro... — Me lembrava da festa de formatura, Dylan e eu tivemos que salvar Tauro quando ele conseguiu bater em um poste com a garota lhe fazendo um boquete.

— Graças a Deus estava a menos de trinta por hora... — ele encolheu os braços com a lembrança. — Ela mordeu meu pau, achei que iria perder o coitado naquele dia.

Nós dois rimos mais alto com a lembrança da cara de Bet com seu aparelho nos dentes, pedindo desculpa para ele que apertava o pau com raiva. Vi seus olhos esfriando enquanto olhava preocupado para a porta.

— Esperamos ela no bar, o que acha? Vou lhe mandar uma

mensagem lhe dizendo que estaremos lá esperando. — Ele resmungou caminhando até seu celular na mesa, vi sua face ir ficando tensa enquanto olhava o aparelho.

A pequena foto que ele observa mostrava a pequena risonha, era tão jovial como inocente. Ela apertava a cintura em um vestido rosa colado ao corpo, diante de um espelho, segurando a bolsa de grife.

— Zel não é a Harley, primo... — Ele balançou sua cabeça, indo para porta mandando uma mensagem de voz.

Eu queria lhe poder dizer mais, sabia que Zel desejava glória, mas o que Tauro não percebia que ela não tirava isso de ninguém. Ela corria atrás do que desejava, eu desejei poder dizer que também não era como estar se segurando tanto a ponto de sentir ciúmes de cada movimento dela fora desse quarto. Eu me contive para não lhe segurar à cama antes de fazer algo que me deixaria arrependido... Lembrei-me das palavras sujas de Sheila quando coloquei um fim ao relacionamento doentio dela.

— *Um dia vai me entender, Bruce, e te juro que vai ser a pior coisa que vai sentir: querer tanto alguém ao seu lado a ponto de não conseguir se controlar, e esse seu maldito autocontrole irá cair por terra junto com sua dignidade, se acha capaz e acima de todos, mas sei muito bem que irá ser pior que um maldito cão.*

Eu sentia em meu corpo cada necessidade que me aplacava, sentia ciúme do sorriso que ela poderia estar distribuindo, do seu cheiro que embriagava.

— Inferno!

Eu saí do quarto, batendo a porta da suíte.



Sentados nas banquetas do bar, eu olhava meu relógio enquanto discutia com Tauro sobre a melhor forma de realizar as construções ao norte de Chicago. A Ozbournes tinha conseguido ganhar a solicitação para construção de moradias ao qual seriam distribuídas. Seria algo importante para empresa já que teria destaque na mídia junto ao governador.

— Eu odeio a forma como ele corta todos os gastos, já lhe disse que não iremos fazer serviço de porco, querem bem feito então faremos, por isso o prefeito nos escolheu, temos um nome a zelar, a empresa não será manchada por conta de cortes de gastos só porque vereadores querem mais dinheiro. — Tauro bateu o copo na mesa assim que terminou o whisky. — Odeio essa corja, ainda bem que eles ficam com você. Eu não aguentaria.

Ele parou de falar, olhando para além do meu ombro, segurei meu copo enquanto me virava para ver o que lhe prendia.

A pequena mulher com olhos de gato, tão elegante e delicada, apertava em seus dedos na pequenina bolsa brilhosa de mão, o vestido vinho bordo vivo colado ao corpo de forma sensual, duas alças soltas caíam delicadamente por seu ombro, ressaltando a pele de chocolate cremosa se encaixando em seu corpo, deixando a calda de sereia cair com um corte suave em sua coxa. Ela mordia seu lábio inferior enquanto seus olhos negros corriam pelo salão, preocupada. A trança que caiu por seu ombro, feita na lateral. O pequeno e delicado brinco de pérolas caía como uma luva à sua forma, era quase como uma estátua perfeita, ela deixou um pequeno sorriso sair em seus lábios quando seus olhos se prenderam a nós. Eu sentia minha

garganta seca, podia ouvir o som do meu coração batendo pela boca como se fosse escapar a qualquer momento. O salão de bar do hotel praticamente tinha se anulado dentro de mim, me deixando preso apenas a ela.

— Realmente, ela nunca será a Harley.

A voz rouca de Tauro falou atrás de mim, e logo escutei o som da banqueta quando seu corpo se ergueu. Ele bateu em meu ombro, arrumando seu terno e eu me levantei com ele, caminhávamos para ela; e eu via seu nervosismo aumentando enquanto esmagava mais a bolsa, olhando apenas para nos dois.

Sua veia pulsou rápido em seu pescoço com seu peito acelerado, sorrindo mais ao nos aproximarmos.

— Perfeita, docinho. — Tauro deixou sua mão deslizar por seu ombro, soltando um beijo em sua pele.

Ela olhou assustada, tentando parecer calma.

— Eu sinto pela demora, acabei me empolgando na compra. — Ela o olhava docilmente. — Estou como pediu? — Seus olhos procuravam por aprovação, se voltando aos meus.

— Mais que perfeita, *cariño*. — Meus dedos se esticaram alisando sua pele macia. Eu tinha medo de lhe tocar e acabar descobrindo que ela era apenas uma miragem.

— Tauro me avisou que esperavam quando ouvi sua mensagem não achei que seria algo tão lindo assim, acho que nunca usei uma roupa tão bela. — Eu entendia agora: a sacola em cima do sofá quando ele chegou. — Não sei se sou o tipo que ficaria bonita em roupas assim...

— Seria apenas um pano para mim se não estivesse nele, docinho... E é isso que lhe torna perfeito.

Ela abaixou a cabeça, sorrindo timidamente, desviando do nosso olhar. Tauro e eu paramos ao seu lado, dando o braço para ela, a fazendo olhar surpresa para nós.

— Nos daria a honra, *cariño*? — Sussurrei baixo, beijando sua testa.

— Estão nos olhando. — Ela respirou rápido, olhando em volta.

— Não, estão olhando apenas para você... — Tauro virou seu rosto, observando alguns olhares nela.

— Essas pessoas são empresários também, pensaram que estamos juntos.

— Sim, provavelmente! — Respondi sério, estufando o meu peito em uma pontada de superioridade por eles não saberem o que era ter essa

pequena diaba em volta deles.

— Acharam que sou amante de *ustedes*? — Sua voz baixa foi ficando pensativa. — Podem espalhar boatos... boatos que seriam ruins para vocês.

— Sim, eles vão. Mas Tauro e eu nunca nos importamos com boatos... E não iria ser o fim perder alguns contratos. Mas para você seria ruim, não é?

Eu sentia seu medo, os olhos assustados mesmo quando ela pensou em nos antes dela. Eu queria gritar para todos aqui dentro que morressem de inveja. Mas jamais teriam algo tão belo como eu e Tauro encontramos com nossa pequena estagiaria.

— *Sí...* seria... — Ela ergueu seus olhos de volta para nós, sua mão soltou a pequena bolsa, segurando-a apenas com uma, e logo ela ergueu o queixo, passando seus braços entre os nossos que estavam prontos para recebê-la, colada a nós. — Que se dane!

Damos o primeiro passo, saindo de lá com aquela pequena *rabiosa* em nossos braços.



Seu pequeno corpo estava encaixado em meus braços que circulava a pequena cintura dentro da limusine, Tauro alisava seus dedos, olhando para fora junto com ela.

— *Dios*, como é bela... — Ela sussurrou baixo, perdendo-se nas grandes luzes brilhantes. — Não acha linda essa cidade inteira, *señor*?

Seus olhos de gata brilhosos se ergueram aos meus, me deixando ver

a doçura que se escondiam na pequena *rabiosa*, seus lábios pintados delicadamente com perfeição.

Beijeí sua boca lentamente, encostando meus lábios aos seus, ouvindo o pequeno gemido que ela deixava escapar.

— Perfeita! — Ela bateu em meu braço, se virando para Tauro.

— *Muy hermoso está mi amor* com esse terno... — Ela deslizou seus dedos por seu braço, o fazendo se voltar para pequena mão. Ele a segurou com força, levando à boca, dando um pequeno beijo.

Ele ergueu sua cabeça para mim enquanto mordida os pequenos dedos, dando um beijo, mexendo as sobrancelhas em deboche à minha cara, como se fosse: *eu não disse!*

— Uso mais em ocasião especial, docinho!

Eu o olhava indignado com sua descarada mentira. *Usa o caralho, seu bastardo mentiroso!* Ele deu de ombros, a puxando para ele que se aninhou em seu grande braço de urso.

— Acho que o motorista passou reto pelo Plaza! — Ela torceu o pescoço olhando o grande hotel ficar para trás.

— Não iremos lá, Zel... — E meus dedos puxaram sua pele para meu colo, alisando seu tornozelo na pequena sandália negra de salto alto fino, ela suspirou quando brinquei com a pequena pulseira em prata trançada que estava presa ao tornozelo. Tauro a abraçou mais, arrumando suas costas em seu peito, a deixando deitada entre nós dois. Ergui mais um pouco sua perna, trazendo a altura do meu peito, soltando um pequeno beijo.

— *Dios...* o motorista, Bruce! — Ela tentou se levantar, mas Tauro prendeu o seu braço em sua cintura.

— Não devemos fazer barulho então, docinho. — Ela resmungou, o recriminando.

Mas engoliu as palavras conforme meus lábios subiam por sua perna, empurrando o grande tecido.

— Tão bela, minha pequena, pena que não posso lhe jogar sobre mim. — Sussurrei baixo.

— Gosto como ela combina a coisas. Será que a calcinha combina com o vestido, Bruce? — Tauro sussurrou baixo, mordendo sua orelha.

— *Dios!* Não... pare... — A voz manhosa falou, tentando o empurrar. — Não se atreva, *señor!*

Ela rosnou baixo para mim, mas ri com a forma que seus olhos a traíam, meus dedos subiram por sua pele, deslizando pela coxa lisa até sentir

o meio desnudado que tinha lá.

— Sua diabinha! — Rosnei baixo ao sentir mais da sua boceta lisa com seus lábios colados. — Está sem calcinha?

— *Sí...* o vestido era muito colado, todas que eu vestia marcava a roupa... Culpe Tauro.

— Me deixe ver isso de perto? — Tauro a segurou mais, antes que ela se movesse e puxou o vestido lentamente, a deixando toda exposta, a gorducha carne lisa entre suas pernas se arrepiou assim que o ar condicionado gelado lhe tocou.

— Bruce... não... o motorista, *Dios!*

Olho a vidraça negra fechada. Eu tinha me assegurado de alugar o carro com o motorista mais discreto. Os vidros escurecidos que nada se via de lá escondiam nosso doce pacotinho de doce de seus olhos, assim como o som também era abafado pelos estofamentos internos de acústico. Ele não ouvia.

Tauro puxou seu rosto, deitando sua cabeça em seu peito enquanto sussurrava em seu ouvido, mordiscando. Seus dedos se apertaram ao estofado enquanto ele deslizava sua língua, a fazendo morder os lábios, segurando seus gemidos. Meu corpo se moveu, deixando-a aberta para mim, debruçando-me levemente sobre ela. Eu beijei sua coxa, esfregando meu nariz na pele quente, voltando para cima, assoprando diretamente o pequeno broto. Ela apertou seu corpo ao estofado e meus dedos seguram suas pernas para mim, até que sinto o gosto doce de sua boceta assim que minha língua deslizou sobre seus grandes lábios. Eu me delicieei... como um maravilhoso prato de doce. Ela se arcou mais, levando seu braço para frente da sua boca, mordendo seus dedos. Deixei minha língua subir e descer entre sua boceta, sugando-a com mais força, voltando a lamber mais lentamente em cima do seu clitóris. A forma como ela segurava seus doces barulhos era tão bela com seus olhos dilatados quando se abriram para mim. Eu a sugava mais forte, mordendo levemente sua pele, Tauro beijava sua garganta, alisando seus braços, enquanto ela choramingava baixo, escondendo seu rosto em seu peito, minha língua desenfreada mais forte em repetidas lambidas com seu quadril bem apertado para mim. Meu dente se prendeu ao seu clitóris enquanto meus dedos apertaram mais sua pele, deslizando, rodando minha língua sobre ele rapidamente e logo seu corpo se arcou com força e seus dedos se apertaram em meu cabelo, me segurando no lugar quando seu orgasmo lhe pegou. Era belo olhar para ela com seu peito acelerado que batia rapidamente, minha

língua terminou de lambe cada gosto seu que ela me serviu maravilhosamente.

Retirei o lenço do meu blazer, limpando suas coxas e passando por cima de sua pele molhada. Deixei as pernas pequenas se esticarem sobre mim assim que me endireitei ao banco da limusine, arrumando seu vestido. Ela sorriu lentamente, tentando se arrumar. Tauro a soltou e nós dois passamos os braços pelo banco, deixando descansarem por seu ombro. Ela arrumou sua trança, endireitando o vestido até seus pés.

— Vocês dois me pagam! — Sorrimos com a doce ameaça, nossa pequena diabinha escandalosa prendeu cada gemido dentro si.



Os dedos pequenos esmagam minha perna quando o rapaz passou tão perto dela, sobrevoando a ópera. Ela olhava surpreendida para o espetáculo, “O” do Cirque Du Soleil, apresentado no Bellagio Hotel Cassino. A saleta privada que pegamos para nós, nos deixava perto o suficiente, tendo a vista privilegiada da área imperial da ópera.

O casal lá embaixo que dançava, deixando os pés tocarem lentamente na água que brilhava aos seus toques, logo voltando, rodopiando. Zel tinha os olhos mais brilhantes, que nem piscava, acompanhando cada movimento. Ela apertou minha perna outra vez assim que o rapaz jogou a dançarina e, logo, um terceiro entrou na hora, a pegando antes de tocar o chão. Com uma rápida olhada, vi sua outra mão apertando Tauro do mesmo jeito, sabíamos que ela iria gostar. Queria segurar seu rosto em minhas mãos, afagando aquela boca

junto à minha. Seu decote, que agora estava tão belo aos meus olhos, me deixava ter a perfeita visão dos movimentos em ritmo. Ela se encostou na poltrona, virando seu rosto para mim, me presenteando com um delicado sorriso. Os olhos brilhosos como estrela deixaria a cidade toda de Las Vegas parecer tão escura diante de toda luz que irradiava. Eu estava caindo alto e sem paraquedas dentro deles que me sugavam fortemente. A mão pequena me surpreendeu, introduzindo-se na minha e, como instinto, meus dedos se apertaram levemente ao seus. E tudo a nossa volta simplesmente parecia nada diante dela.



— *Dios mio*, quando ele a rodou a jogando ao fogo, eu quase enfartei e então eles a pegaram do nada e *bummm!* — Ela abriu os braços, percebíamos os olhos curiosos sobre a pequena que tinha o rosto radiante. — Eu amei... amei, *pasión!*

Ela segurou meu braço, se erguendo nas pontas dos pés, me dando um beijo. Eu a rodo pela cintura enquanto ríamos. Zel era algo doce que me fazia querer sempre estar ao seu lado. Eu era uma mariposa em sua direção que me chamava com sua luz. Apertei mais sua cintura à minha, segurando suas mãos, repetindo a valsa dos atores. Ela sorria, alisando meu rosto, fazendo-me aquecer, roubando-me cada resto de controle que achava que tinha. Eu a girei forte, jogando-a para Tauro.

— Foi mais ou menos assim, Zel... — E ele a pegou na mesma hora. Ela ria alegremente com o grande homem apertado em seus braços, beijando

seu pescoço.

— Tauro? — A voz vinda ao nosso lado me faz virar, encarando a mulher que nos olhava curiosa. — Bruce? Oh! Meu Deus, são vocês mesmo!

Ela sorriu mais largamente. Katrina era uma sueca loira com os olhos mais verdes possíveis, sua atenção corria entre nós, parando na pequena *rabiosa* nos braços de Tauro.

— Olá, Katrina. — Estendi minha mão para ela quando deu um passo à frente e cortei o abraço que ela preparava.

Katrina tinha sido a primeira mulher que fez eu e Tauro se interessar por dividir nossas namoradas, chegamos a dividir a mesma cama por um tempo, mas apenas na hora do sexo. Quando terminávamos, cada um se retirava para seu quarto... e não tinha nos dado em um ano o que descobrimos em dias com Zel.

— Vejo que ainda são inseparáveis, meninos...

— Como vai, Katrina? — Tauro puxou Zel para seu abraço, a deixando sob sua proteção.

— Estou bem... — Ela respondia sem olhar para ele e continuava olhando a pequenina. — E pelo visto os dois também, não é? Bom, digo que foi bom rever vocês... — Ela olhou sobre ombro, avistando um homem ao centro do lugar. — Tenho que voltar, meu marido me espera. Eu só precisava ter certeza do que via. — Ela sorriu, piscando para mim. — Estou no Cassino Gior, seria interessante conversar com vocês com mais calma...

— Sou Zelda Alonso, prazer! — A pequena a faz virar, esticando sua mão firme para ela, encarando-a séria, saindo do aperto de Tauro. — Creio que seria maravilha! Eu e os meninos iríamos amar, poderíamos até convidar seu esposo. — Zel olhou a aliança em sua mão, voltando a encarar de cara feia. — Como acha que ele se sentiria sobre isso? — Katrina solta seus dedos na mesma hora, a olhando nervosa com seu rosto vermelho.

— Devo ir! Foi bom rever vocês.

— Foi o que pensei!

Zel respondeu a ela, deixando Katrina se afastar. Seus olhos passaram por mim enquanto me repreendia em silêncio, se afastando de Tauro, caminhando para outra direção.

— Zel... *Cariño*, espera... — Fui o primeiro a segurar seu braço enquanto ela olhava entre nós dois.

— Casamento é algo sagrado! Quando escolhemos alguém para partilhar nossa vida é porque desejamos que seja para sempre, não posso

acreditar que se envolvem com mulheres casadas! Posso estar nesse mundo de vocês agora... — E seus olhos pararam em Tauro, nos olhando com dor. — Mas eu ainda acredito no casamento e me parece sujo se estiverem realmente fazendo isso.

— Docinho, não saímos com mulheres casadas.

— Desculpe, *señor* Osborne, pois não foi isso que aquele convite me pareceu.

— Katrina foi nossa primeira, *cariño*!

Seus olhos voltaram aos meus com espanto.

— Tirou a virgindade de vocês? — Sua voz era séria.

Droga, olhei para Tauro que passava as mãos no cabelo, nervoso.

— Ela foi a primeira que dividimos, moramos por um ano juntos, nos três como casal há muitos anos. — A voz de Tauro soltou a olhando enquanto esperávamos sua reação.

— Como namorados juntos? — A voz baixa olhava entre nós dois com seus olhos assustados.

— Como maridos e mulher, Zel...

— Mas isso é...

— É o quê, Zel?

— *Dios*, não sei, é tudo estranho para mim, não vejo como poderia ser certo.

— Por que não, acha que poderia amar mais um que ao outro? Que não tínhamos brigas como casal? Ou que não sentíamos a dor do outro? — A verdade era que não era assim... Katrina amava ter nossos paus, mas era só isso, nunca passávamos disso. Mas desejei que fosse real com a mulher à minha frente.

— Diga, meu docinho, se tivesse dois filhos, amaria mais um que o outro? Assim como amaria mais seu *padre* a sua *madre* ou amaria menos seu amigo por que arrumou outro?

— Claro que não! Amo todos iguais e jamais amaria mais um filho que outro.

— Então sabe que é possível amar mais de um, docinho. — Tauro alisou seu rosto, fazendo-a parecer tão perdida.

— Isso é diferente, Tauro!

— Não, Zel. Isso é amor, *cariño*!

Deixei meus dedos tocar sua outra face, acariciando, a vendo fechar seus olhos ao nosso toque.

— *Dios...* o que *estoy* fazendo...

— Fica com a gente, Zel. — Eu sussurrei baixo, desejando que ela aceitasse, não estava pronto para abrir mão do que descobri, o que sentia ao lado dela.

— Podemos descobrir juntos, docinho.

Ela se afastou de nosso toque enquanto nos deixava de fora. Seus braços apertaram seu corpo, olhando para tudo, o grande salão que ia se esvaziando.

— Isso... isso é loucura, *senhores*. — Seus dentes mordem seus lábios, olhando para nos dois, esfregando seu braço. A dúvida que lhe consumia, arrastando-se junto com nossas almas. Queria ir até ela, queria abraçar seu corpo ao meu, dizer que poderíamos ser loucos juntos. Tauro ergueu o braço assim que tentei dar o primeiro passo, assustando-a, dando dois para trás. — E se não der certo... como ficarei quando os dois me deixarem, *senhores*... O que sobrá de mim?

— A gente tem você, pacotinho... e isso nos basta. — Tauro falou sério, soltando o ar. — A escolha será sua se desejar partir.

Ela voltou seus olhos para mim, marejados em agonia, soltando seus lábios de seu aperto aos dentes. Sua cabeça se virou, olhando para os lados, fazendo eu e Tauro segurar a respiração. E meu coração voltou a bater quando ela retornou aos nossos braços, prendendo-se a nós dois.

— Não me machuquem... pois não terei um coração partido, mais sim destruído...

— Pegamos você, *cariño*!

Beijo o topo da sua cabeça, sentindo meu ar voltar a sair dos meus pulmões. Tauro voltou a respirar da mesma forma que eu, prendendo-a mais forte em seus braços.

— Não vamos soltar você, docinho! Será nosso castelo e lhe protegeremos... — Tauro alisou sua face quando ela se ergueu para nos olhar, cheia de emoção.

— Seremos os cavalheiros de Zelda!

Beije seu rosto, esfregando meu rosto em seus cabelos, prendendo-a em nossos braços.

TAURO

— Isso é maravilhoso! — Seus olhos pequenos se expandiam com ela se perdendo pela sacada do Bellagio Hotel & Cassino, o famoso espetáculo de dança das águas do cassino a fazia ficar pasma assim que começou os movimentos das águas.

Bruce deixou sua mão espalmada em suas costas, encostado à sua direita.

— Venha, *cariño*... nossa mesa está pronta...

— Eu passei hoje aqui a tarde, mas agora, *Dios*... isso é a coisa mais bela que vi.

Sorria depositando um beijo em sua testa, passando a mão por seu ombro quando nos viramos. Sabia que caminhávamos com Zel entre nós com a mais pura posse, pescávamos os olhares em nossa direção, observando a pequenina tão bela em seu vestido. Eu havia lhe visto naquela roupa assim que meus olhos pousaram no manequim, não me recordava mais quando realmente parei meu tempo para comprar algo para alguma mulher. Harley sempre me dizia o que queria e lhe mandava a carta branca, deixando-a por sua conta, as outras eu pedia diretamente à secretária Fran, mas a Zel, eu sentia prazer em comprar pessoalmente para ela.

Era como se a estilista estivesse feito o vestido em seu corpo que lhe adornava cada curva, marcando levemente seus seios, deixando sua cintura mais delgada com a roliça coxa de fora conforme ela andava mostrando apenas um pouco de sua pele chocolate.

— *Señorita*! — Soltei seus ombros, puxando a cadeira enquanto ela se acomodava.

Zel iluminava a mesa rindo durante o jantar, seu jeito surpresa ao olhar o cordeiro ao molho amadeirado... seus dedos pequenos que seguravam a taça de vinho, levando aos lábios. Ela sorria para mim timidamente quando

me pegou a observando. Minha pequena *rabiosa* nos surpreendia, interagindo em todos os assuntos que falávamos. Não era um jantar cansativo ao qual se tornava monótono a certo ponto. Na maioria das vezes quando saía com alguma mulher, levava apenas poucos minutos para lhe alimentar e levar a cama, mas Zel conversava de igual para igual, sendo firme em seus pontos. E da mesma forma graciosa, nos fazendo rir com alguns olhares peculiares para pequena menina que ria escandalosamente divertida e alegre.

— *Dios*, Bruce, basta de me alimentar, *hombre*... — Ela soltou um leve tapa em seus dedos quando ele tentou puxar a taça de perto dela.

— Você come pouco, dona Zelda, não pense que não reparo, sempre com bobagem em sua mesa no escritório.

— Só por isso não pode me fazer virar sua *vaquita* de engorda... — Ela se voltou rindo, descansando sua mão sobre a minha. — Vão me fazer rolar de volta para casa se deixar vocês me controlando.

Alisei seu rosto, aproveitando sua distração, retirando a taça de vez de perto dela.

— *Dios*, você também, Tauro.

— Tomou duas taças, docinho, já está ótimo para você. Não estamos lhe controlando. Estamos cuidando de você.

Ela balançou sua cabeça em negativo e, aos poucos, eu via o sorriso dela ir apagando com seus dedos se apertando em seu colo. Zel tinha o pequeno hábito de apertar seus dedos quando algo lhe deixava com medo ou agonia.

— Diga-me, pequena... — Ergui meus dedos, retirando um fio solto da trança.

— Vocês... vocês também cuidavam dela?

Bruce foi o primeiro a se endireitar na cadeira, sua postura enrijeceu, me olhando sério.

— Não. — Ela se virou, olhando-o quando as palavras saíram dos seus lábios.

— Por quê? Como podiam viver os três e não protegiam uns aos outros?

— Katrina era algo diferente, Zel, não tínhamos esse discernimento que temos agora. Na verdade, nunca tive nem com minha própria esposa quando casei.

Os pequenos dedos se apertavam um pouco mais. Um som preso estava em sua garganta.

— Foram casados então... vocês três?

— Não, docinho, Katrina foi a primeira e única ao qual dividíamos a vida. E agora...

— Agora temos você, *cariño*. — Bruce lhe queimava com seus olhos negros fixos a ela, o garçom parou em nossa mesa, retirando os pratos; e, entre nós, a pequena *rabiosa* ia se perdendo em silêncio.

— Zel, o que pensa sobre isso? — Ergui seus dedos nervosos, fazendo-os se apertarem em minha mão.

— Eu não sei. A verdade que uma coisa era fantasiar, outra é viver o dia a dia. E quando um de vocês não quiserem... o coração de vocês vai continuar inteiro e o meu será apenas a metade. — Seus lábios se morderam, ajustando seu corpo a cadeira, olhando para nós dois. — Se não deu certo com Katrina, por que daria certo comigo?

— Katrina precisava do que tínhamos, era diferente. Não era sério, era apenas uma barganha ao qual nos três aproveitávamos... — Deixei Bruce ir lhe acalmando, fazendo-a se perder em seus pensamentos.

— Uma barganha... apenas sexo...

— Sim, docinho, apenas sexo...

— Foi o que tivemos também. Suas palavras: apenas uma noite era tudo que me ofereciam.

— Isso foi o que queríamos, Zel, somos adultos nós três, tínhamos conhecimento do desejo que tinha entre nós. Sabe do que eu e Bruce gostamos e nós dois a queríamos, era o que teríamos naquela hora.

— Isso até acordar com meu braço adormecido com toda essa cabeleira negra jogada em meu rosto. — Ela soltou um riso com a voz baixa de Bruce.

— Uma grande cascata negra, devemos admitir, a pequena nos enganava com suas tranças. — Puxei a ponta dos cabelos, brincando com eles.

— Não tinha como trabalhar com eles soltos sem parecer uma colegial, Tauro...

— E você ainda continua parecendo uma colegial quando nos olha, *cariño*.

— Bobos *ustedes*. — Ela deu um soquinho em seu ombro, sorrindo.

Bruce segurou seus braços, puxando-a para perto, beijando sua boca. Seu pequeno suspiro se acalmou, deixando seus dedos em seu peito.

O celular que tocou sem parar o fez se afastar dela, olhando de cara

feia para a tela.

— Dylan! — Ele bufou, levantando-se da mesa. — Cuida do nosso pacotinho de doce, Tauro. Vou ter que atender esse ditador antes que apareça aqui.

Ele se afastou, atendendo a ligação, e logo os olhos negros brilhosos se voltaram para mim.

— Como ela era?

Parei a taça de vinho no ar, compreendo sua pergunta.

— Uma mulher bela, mas de uma forma vazia que nada nesse mundo completaria o suficiente.

— Amava ela, Tauro, sua mulher?

Bebi lentamente o vinho, pensando em tudo que Harley e eu vivemos, tínhamos uma atração um ao outro no começo, mas quando acabou, era gigantesco o abismo entre a gente.

— Não. — Soltei a taça na mesa, os pequenos casais se levantavam ao som de Elvis que era tocado ao piano.

Me levanto a surpreendo, esticando minha mão para ela que olhava surpresa.

— O que... *queres* dançar, *mi amor*... disse que não dança.

Balancei minha mão, a olhando sério. Eu não dançava, mas queria estar apenas ali junto a ela.

Seus delicados dedos tocaram os meus e a ergui, nos levando até os casais. Seus dedos se espalmam em meu peito, me deixando enlaçar sua cintura, erguendo sua outra mão com a minha. Era quase chocante e gritante como me sentia vivo com o pequeno corpo suave tão próximo ao meu. Sua cabeça se deitou em meu peito, suspirando baixo e minha cabeça se apoiou na sua, nos embalando quase como se deixássemos todos de fora de nosso momento.

— *Tengo tanto miedo de dejarme arruinar mi amor hasta el punto de perderme sin ti.* ^[2] — Ela suspirou baixo, sussurrando as palavras em espanhol com rapidez.

— Bruce é bom em espanhol, Zel... algumas coisas ainda têm que me ensinar o que significa, docinho... — Eu a balancei com calma, sua cabeça nega, escondendo-se de mim. — Diga-me, docinho, o que falou...

— Não... apenas me abraça, Tauro, apenas me segura em ti...

E foi o que fiz, abraçando mais forte, colando-a ao meu corpo, deixando apenas eu ela e Elvis, que nos levava em sua melodia.



— Docinho... merda! — Sua unha se cravou em minha perna enquanto sua boca voltava lentamente deslizando sobre a cabeça do meu pau.

Ela realmente nos fez pagar na volta da limusine, sua mão acariciando o pau de Bruce enquanto tomava mais do meu dentro dos seus lábios, ajoelhada dentro do carro. Ela era uma pequena diaba arisca, nos levando ao portão do inferno apenas para me largar à porta. E quando sentia quase a ponto de gozar, seu corpo se afastava, retirando sua boca.

Voltando para o pau de Bruce, torturando-o da mesma forma que fazia a mim, os dedos dele presos a trança a puxava com força conforme ela ia tomando mais. Seus dedos dedilham a cabeça do meu pau, fazendo-o pulsar, querendo por mais... e logo quando Bruce ficava rígido, ela o libertava com o mesmo sorriso maroto.

— Volta aqui, *cariño*, ou te juro que se arrependerá.

Meu pau já estava em sua boca com ela negligenciando as ameaças de Bruce... E quando achava que iria ao inferno, sua boca se levantou, olhando para mim. Seus dedos tendo em cada mão meu pau e o de Bruce. Ela se levantava os masturbando em movimentos contínuos e ritmados, intercalando a ordenha do sobe e desce.

— Caralhooo... — meus dedos deslizam por seu ombro, empurrando as alças do vestido, Bruce já puxava a frente abaixo.

E com a visão mais bela dos seus seios jorramos o jato quente que lhe mesclava à pele.

Era a porra de uma visão deliciosa que chutava minha dominação sobre ela para fora.



TRAICIONERA

*“Ay amor me duele tanto
Me duele tanto
Que te fueras sin decir a donde
Ay amor, fue una tortura perderte”*

*“Aí amor, me dói tanto
Me dói tanto
Que você se foi sem dizer aonde
Ai amor, foi uma tortura perder-te”*

BRUCE

O que dizer? Chegamos à loucura, estamos indo por caminho que nos desconhecemos. Eu queria tanto essa mulher como ar que respirava, eu queria sentir seu beijo ao meu enquanto seu corpo macio e nu se unia a mim, entre nossos gemidos e delírios.

Eu percorria seu corpo com minhas mãos e língua, reconhecendo e desvendando cada gemido novo. Sua mão se apertou em minhas costas, me beijando com mais paixão. Sua cabeça descansava no peito de Tauro, com seu corpo sobre o dele, nosso mundo em pânico e desejo do desconhecido nos levando ao além, onde apenas a única coisa que nos ligava era ela. Os grandes olhos negros me fitaram, tão bela e perfeita, ali com suas costas coladas a Tauro, erguendo seus braços acariciando seu rosto enquanto ele sussurrava em seu ouvido. Seus seios cremosos balançavam a cada estocada que ele lhe dava, ela gemia baixo assim que ele roubou um dos seus seios, chupando seu peito, sugando cada parte.

As pernas esparramadas abertas sobre as deles enquanto ele a fodia, deixando-me ver como seu corpo o recebia. Ela delirava, apertando mais suas unhas em meus braços, seus pés afundando no colchão assim que ele apertou sua cintura, alavancando para o alto seu quadril, arrematando com força.

Soltei seu outro seio, dando a volta na cama, parando diante dos dois na beirada do colchão. Deixei meus dedos deslizarem por sua perna com sua pele se arrepiando ao meu toque. Seus dentes teimosos morderam sua boca, com ela segurando-se ao limite. Eu circulava repetidas vezes, a vendo tremer com seu gozo, seus olhos se abriram em perdição, surpreendendo-me com um sorriso assim que ela se focou em mim. Seus braços soltaram Tauro, erguendo-se para mim.

— *Pasión...* — eu deixo meu joelho tocar a cama, entrando ao meio das pernas dos dois, me aproximando por cima dela. Seu corpo volta a se

aninhar ao corpo de Tauro enquanto ele entrava e saía lentamente. Beijeí sua barriga, subindo por sua pele macia e suada. Seu gosto embriagava meu corpo, fazendo-me tomar mais e mais.

Chupeí seu seio, demorando-me nos deliciosos bicos sensíveis e logo pegueí o outro. Quando os soltei, subi com beijos por seu pescoço, a engaiolando entre nós dois. Senti seus braços que rodeiam meu pescoço com seus dedos se apertando em meus cabelos.

Beijeí seu pescoço quando sua cabeça tombou, partilhando seu beijo com Tauro. Sentíamos nossos corações descompassados. Ele a movia lento, a tomando cada vez mais.

— Ohh, *mi* amor... *ti* quero... — Ele afagou seus cabelos, beijando seus lábios com delicados toques.

— Eu tenho você, docinho... — A voz rouca se enchia em prazer, se misturando a dela.

— Nós temos você... — Sussurrei, deixando meus dedos deslizarem pela lateral do seu corpo, ouvindo seus gemidos.

Zel soltou seus lábios enquanto libertava seu pescoço. Ela segurou meu rosto, me puxando para si. Ela me beijava terna e doce, era nosso pacotinho, nosso delicioso doce nossa loucura. Seus dedos deslizavam entre nossos corpos, alisando meu peito, encaminhando para baixo e, então, senti seu aperto sobre meu pau, esfregando-o lentamente. Beijo mais forte sua boca.

Ela levava meu pau, o trazendo para mais perto e me deixava sentir sua boceta molhada recebendo Tauro dentro dela em baques repetidos. Sua outra mão espalmou em minhas costas, me puxando ao seu encontro.

— Zel...

— Quero *ustedes*...

Sua voz abafada em meu ouvido me fez pulsar em seus dedos que deslizavam e subiam em meu pau.

— Tauro, vamos virar nosso pacotinho. — Ri, mordendo sua pele. — Quero me afundar dentro dela também...

— Gosto de ter ela assim... — Ele respondeu, rindo, beijando seu outro ombro e afastando os cabelos. — Mas gosto mais de suas tetas ao alcance da minha boca, bebê.

Ele começou a sair dela junto a mim que ia me levantando, as pequenas pernas suadas e quentes se fecharam em minhas pernas, fazendo-me olhar para ela.

— No... quero assim... Quero lhe ter assim. — Seus olhos cheios de paixão me devoravam e fui compreendendo o que minha doce *rabiosa* pedia.

— Não podemos, Zel... irá machucar você, *cariño*.

— Podemos machucar você, docinho. Não queremos dor. — Tauro parou de se mover, sussurrando em seu ouvido.

— Tente. Apenas tente. — Sentia o desespero em sua voz.

— Zel... *Cariño*...

— Preciso *de ustedes*... preciso junto... *Mi pasión*... me tenham... — A pequena lágrima solitária rolou dos seus olhos, sua mão alisou o braço de Tauro, virando o rosto para ele. — *Dios*... preciso saber que estão comigo... apenas preciso de vocês dois.

Ela voltou a mover seu corpo, embalando Tauro que gemia, esmagando mais sua mão em sua pele.

— Tente... — Seu quadril se moveu lento, rebolando lentamente sobre o pau dele, voltando a esfregar o meu por cima de sua pele gordinha e inchada.

— Merda, Bruce... está quente como inferno e molhada...

— Apenas tentem... Por favor... — Ela voltou seu rosto para mim, cheia de luxúria, esfregando mais seus seios ao meu peito.

Consegui ver os olhos de Tauro com o rosto próximo ao dela, via a preocupação em seus olhos. Eu lhe perguntava em silêncio, precisando de forças para negar o que ela pedia: *vamos fazer*? Ele soltou um suspiro alto e logo sua cara se fechou, contorcendo-se quando ela rebolou em seu pau. Ele virou sua cabeça, mordendo sua orelha, voltando para mim. *Inferno, vamos!* Tinha minha resposta, não era a que queria ouvir, mas foi a que meu pau desejou, olhei de volta à pequena *rabiosa* que esfregava seu corpo ao meu, me abraçando, deslizando seus dedos, deixando sua unha se arrastar.

— Zel... iremos fazer... Mas me prometa que irá me mandar parar se sentir dor... — Ela balançou sua cabeça em positivo, mordendo meus lábios com pequenas lambidas. Meu pau respondeu mais forte, bombardeando mais sangue. — Solte minhas costas, *cariño*.

Seu aperto se soltou, me deixando levantar diante do seu corpo aberto. Segurei meu pau, esfregando ele lentamente, olhando para seu corpo que parava de se mover. Seus olhos brilhosos implorando. Eu amaria estar dentro dela, sabia que seria possível, mas não queria lhe causar dor. Seu corpo era pequeno entre nós dois. Merda, mas como queria aquilo. Seria um maldito hipócrita se negasse. Aproximei meu corpo, arrastando a cabeça do meu pau

na sua boceta preenchida. Tauro acariciava seus seios, sussurrando em seu ouvido assim que pressionei mais a entrada. Seu corpo vai se arcando, sendo esticado, sentia a pressão que ela fazia com seus gemidos baixos inundando o quarto. Minha mão em sua perna a usou como apoio para não entrar forte demais. Assim que a cabeça do meu pau se apertou junto ao pau de Tauro dentro dela, senti a quentura. Ela o beijava mais forte, fazendo-o segurar seu gemido, escondendo seus olhos do meu. A vagina ia se dilatando, me recebendo em sua cavidade úmida e quente.

— Merda! — Meus dedos apertaram mais sua perna e fui forçando mais a minha entrada. Sentia todos meus nervos e músculos se enrijecendo, não querendo me soltar. O suor escorria da minha testa, pingando em sua barriga, pequenos sons abafados dos seus gemidos se misturavam aos de Tauro enquanto os dois eixos se acomodavam dentro dela.

— *Dios!* — Parei assim que sua voz saiu alta ao estar completamente dentro do seu corpo. Ela olhava para mim com seus olhos apaixonadas.

E estava chutando para fora qualquer dúvida que me restava: Zel não queria uma maldita orgia. Zel queria nós três juntos não porque era uma puta como Katrina, mas, sim, porque lia o medo em seus olhos tão expressivos me deixando ver sua entrega para nós. Meu corpo se moveu devagar, me deitando sobre ela, cuidando para não soltar todo meu peso e nem pressionar mais ainda. Beije seu rosto, mordendo seu queixo, seus braços se prenderam em minhas costas, e podia ouvir o pequeno soluço que ela soltou, escondo seu rosto em meu pescoço.

— Estamos juntos, *cariño...* estamos juntos. — Beije sua boca e logo sentia a pressão em meu pau quando Tauro começou a se mover lentamente. Seu corpo saía e o meu entrava, e quando eu começava a tirar meu pau, o dele voltava ao fundo.

A quentura de suas paredes internas junto ao aperto do seu músculo nos sugando mais a cada estocada, dividindo-se em sua boca apaixonada, me entregava tudo o que ela trancava dentro de si.

— Não vou soltar você, amor! — Zel apertava mais seus braços ao meu pescoço, me deixando amá-la intensamente, o som rouco de nossas respirações misturadas aos ruídos doces que ela fazia.

Conforme seu corpo ia se acomodando a nos dois, íamos aumentando o ritmo em um nível que ela aguentaria. As estocas que eram divididas entre mim e Tauro agora eram uma só, fazendo-a gritar com suas unhas presas às minhas costas. Seu corpo suado colado entre nós dois se balançava com

nossos braços a protegendo. Zel veio forte, gritando nossos nomes enquanto os orgasmos lhe atingiam. Sua boceta nos engoliu mais fundo se apertando ao redor dos nossos paus. Eu soltei um gemido rouco abafado em seus cabelos, sentindo o pau de Tauro começar a pulsar forte junto com meu. Nós dois nos movemos mais acelerados, entrando e saindo do seu corpo e, logo, sentia a queimadura em minhas veias, subindo como pólvora, uma corrente elétrica que me contorcia.

Eu gritei seu nome junto com Tauro quando explodíamos de uma vez só naquela tortura de estar dentro dela, deixando-a tão acoplada a nós, emparelhando ela por inteiro com nossos corpos trêmulos. Eu apertava mais minha mão na cama, seu corpo ainda em êxtase ordenhava nosso pau com sua boceta, nos estrangulando como um maldito torniquete, segurando meu peso para não a esmagar. Seus braços finos deslizaram sobre meu pescoço, ainda tremendo em resposta, tombando sua cabeça enquanto voltava a respirar.

Tauro beijou o canto de sua boca, alisando sua face. Eu beijei sua testa, esfregando meu rosto em sua pele quente, o gosto do seu suor em minha língua.

Ela fechou seus olhos, sorrindo para nós. Deixei meu rosto se encontrar com Tauro, sabíamos que tínhamos dado nossa vida para ela, nunca tínhamos feito amor juntos, ao mesmo tempo, no mesmo órgão. Fodíamos bem, e agora acabávamos de ser fodidos pela pequena *rabiosa* delicada na cama.

Retirei meu pau lentamente do seu corpo e ela automaticamente se prendeu mais a mim.

Tauro lhe moveu lentamente, retirando seu membro de dentro dela. Ele se virou com ela, a deitando na cama, alisando seu pequenino rosto.

Acabávamos de deixar mais um pouco de nossa maldita alma presa ao inferno pelo que fizemos, mas olhar para ela, tão mole que podia se desmanchar, me dava a única certeza que estaria no inferno de qualquer jeito por ela. Fiquei de pé, passando um braço por baixo de suas pernas e outro por sua nuca, com seus cachos negros colando em meu corpo.

Ela deitou sua cabeça em meu ombro assim que a ergui com suas mãos em cima do meu coração. Beijei sua testa.

— Eu tenho você, *cariño*...

— *Tengo mi corazón, pasión...* — Sua voz baixa falou, ronronando, esfregando seu rosto em meu peito. Senti meu coração parar de bater, se congelando com ela em meus braços dentro daquela suíte.

Sí... Eu tenho, cariño, assim como tem o meu coração. Eu queria ter dito isso a ela, mas sentia as palavras se prendendo dentro de mim, nunca tinha me permitido ficar tão vulneral diante de alguém como fiquei ao diante de Zel. Beije seus cabelos afundando meu rosto, caminhando com ela para o banheiro.

A grande porta do box foi aberta por Tauro que ligava o chuveiro, deixando a água perfeita para ela. Zelda resmungou baixo assim que a deixo em seus pés, a sentando na borda da banheira. Era a perfeição com seus cabelos caídos tão desgrehados, o corpo nu brilhando em suor... a verdadeira face de uma pós foda. A pequena boca inchada sorria para nós com seus olhos caindo de sono em preguiça. Assim que a banheira encheu, ajudei-a a entrar enquanto seu corpo ia afundando. Tauro entrou na grande banheira, sentando-se atrás dela, puxando-a para ele, molhando seus longos cabelos. Com o sabonete, esfregava seu corpo, alisando devagar seu rosto que se contorceu. Quando estiquei sua perna para limpar, beijei-a lentamente, recebendo um doce sorriso manhoso.

Seus olhos se fecharam quando Tauro começou a mexer em seus cabelos, esfregando o couro da cabeça. Meus dedos percorreram com espuma cada parte da pele chocolate, a deixando se acalmar. Eu acompanhava as marcas em seu pescoço, descendo por seu seio em vários chupões. Eu sorri ao saber que era minha marca em sua pele.

Ao olhar para Tauro, apenas um pensamento nos dividia: *temos que esconder ela de Dylan*. Meu irmão tinha seus motivos para ser tão rigoroso com a única regra que estipulou: qualquer tipo de vínculos sexual com funcionários estava determinadamente proibido. Pagou na pele pelo descuido que deu. E castigaria Zel da pior maneira possível, garantindo que sua carreira fosse ralo abaixo.

Quando terminamos de secar seu corpo, a levamos para cama, deixando-a adormecer. Tauro deitou e a puxou para seu peito, alisando seus cabelos.

— Sabe o que teremos que fazer, não é?

— Sim, eu sei, Tauro.

Me deitei ao seu lado, abraçando sua cintura; e apenas ficamos ali em

silêncio ouvindo, o som da respiração um ao outro.

ZELDA

Voltei correndo para o hotel com o embrulho dentro da sacola. Eu o apertava em meus dedos com um sorriso tolo aos lábios. Tinha acordado com novas dores que nem sabia que poderia sentir, e uma maldita sensação de completo preenchimento. Claro que sim, ser preenchida pelos dois machos ao mesmo tempo tinha sido uma loucura que nunca imaginei fazer, até achava estranho os vídeos nos sites pornográficos. Mas meu corpo implorou por eles quando me sentia tão próxima aos dois, foi uma loucura que minha vagina má gritava mais alto, era culpa dela se estava dolorida agora.

— Achei foi bom para você, sua esfomeada... — Eu ri atravessando o hall do hotel, estava dando uma bronca em meu órgão genital. É, estava muito além da loucura, estava de quatro pelos dois homens quentes, essa era a verdade. — *Mierda... estoy enamorada...*

Apertei o botão do elevador e sorri mais ainda, lembrando de cada sensação de ter meus *hombres*... *Dios*, estava me tornando possessiva, mas foda-se esses *hombres* são meus. Porque eles eram.

— Meus! — Eu balancei a sacola em meus dedos, parecendo uma pequena *chica* saída da loja de doces.

— Senhorita Alonso. — A voz cordial e familiar me fez virar. Era o senhor Chian Kong me olhando, sorrindo.

— Devo dizer que está linda, *señorita*. Não sabia que ficou até o fim do evento, foi uma pena não lhe ver mais naquelas palestras maçantes.

Eu ri, não me contendo com a forma como o oriental arrastava o espanhol.

— Muito obrigada, *señor Kong*! — Eu troquei a sacola de mão, cumprimentando-o. — Acabei que fiquei presa com outros assuntos... — Eu

poderia dizer que extremamente presa a eles.

— Muita pena mesmo. Mas lamento mais ainda por não ter tido a chance de um almoço. Falei sobre sua sagacidade para o meu pai, ele achou que seria uma ótima aquisição para nosso grupo em Chicago. Se me der um segundo de seu tempo... o que acha?

Eu mordia meus lábios em resposta, estava diante da oportunidade que sempre sonhei e desejei, uma empresa grande que acreditasse em meu potencial, me dando uma chance de me tornar um peixe grande entre os outros. Mas meu coração pesou, fazendo-me pensar o que faria. Como iria à frente, tendo minha vida e pensamentos juntos ao meu coração virado do avesso. Tauro me contou sobre apontar seus planos na próxima reunião, ele poderia estar falando sério em relação a uma chance.

— Eu adoraria, *señor Kong*, seria a chance perfeita.

Ele a olhou com calma, sorrindo em compreensão com sua linda cordialidade.

— Mas no momento acabei por chegar atrasado, não é? — A voz cheia de ternura do homem a fez querer realmente voltar a ser a Zelda do dia que desembarcou em Las Vegas. Sabia do que estava abrindo mão, mas era tão certo como o ar que respirava. Desejar ficar com Bruce e Tauro.

— *Lo siento mucho*.

— Bom, a proposta está de pé se assim desejar mudar de ideia. Lamento apenas ter lhe proposto tarde. Apenas lembre-se quando se nada com tubarões, tem que ficar alerta com o ataque, senhorita Alonso!

Eu senti meu sangue gelar e, com um olhar de cumplicidade, o homem elegante oriental se curvou em cumprimento para mim, despedindo-se. Eu entrei naquele elevador me sentindo esmagada como se cada pessoa que me olhasse soubesse o que se passava entre nós três. Mas foda-se! Minha *abolita* se reviraria em seu túmulo se me visse sendo uma frouxa, estaria aceitando a vida com meus *hombres* sem precisar de aprovação de ninguém.

E puxando minha sacola em meus braços, voltei a sentir a mesma felicidade daquela manhã.

— Sim, estou feliz com a forma como lidaram com Ching Na. — Eu entrei na suíte, ouvindo a voz ao longe. *Dio*, quase podia sentir uma falta de ar até por vídeo conferência. Dylan tinha a voz mais controladora que já ouvi.

Eu fui ao quarto, deixando o embrulho sobre a cômoda, terminando de guardar minhas coisas na mala. Logo troquei o meu vestido solto pelo terninho de linho, arrumando meus cabelos em coque com a trança embutida.

A rápida olhada no espelho me mostrou que eu estava completa e pronta! Nós estaríamos no voo que sairia em três horas. Ainda tinha tempo de almoçarmos antes da partida; e, voltando para Chicago, eu entregaria o presente para os dois quando estivéssemos no restaurante.

Saindo do quarto, deixando minha mala na sala, perto das deles, ri ao ouvir o estrondo da risada de Tauro no escritório da suíte. Gostava de como sua voz vibrava em vida, fazendo-me sorrir. Eu me encaminhei até lá.

— Foi realmente uma ótima ideia ter oferecido o desconto em atraso das obras... isso lhe pescou. Parabéns aos dois pela ideia.

— Sim, foi genial, temos que admitir. — Eu parei no corredor, ouvindo a voz orgulhosa de Bruce se vangloriando da ideia que era minha...

— E a estagiaria, como se saiu? — A voz vinda do laptop perguntou, rindo em sarcasmo. — Vocês a deixaram viva ou fizeram a coitada correr de medo?

Eu ri, imaginando a forma como eles quase me mataram. Eu poderia ver o belo homem espantado se lhes contassem.

— Até que ela é boazinha, ainda tem muito que aprender, mas sabe decorar uma mesa de reunião com seu belo rosto.

As palavras de Tauro foram como um tapa em meu rosto. Eu sentia a dor em ouvir a forma como ele me fez passar por uma tola sem cérebro que apenas ficou lá sorrindo para os chineses.

— Bom, o que importa é que o estágio dela está no fim, podia jurar que teria mais potencial dela... por isso a enviei, tinha visto a tese dela e as notas da faculdade, uma pena. — Ele riu alto junto com os outros.

— Ainda prefiro ela entregando meus cafés. — Bruce respondeu sério.

— Ótimo. Na verdade, estava com receio de vocês dois acabarem por não controlar o pau de vocês.

— Por favor, Dylan, nos poupe de seus comentários e pensamentos... até parece que não sabemos o tipo de mulher que eu e Bruce preferimos. Podia até ser uma brincadeira de uma noite com a estagiaria, mas não seria o tipo de mulher que iria querer todos os dias.

— Enjoaria rápido... — Bruce respondeu logo na sequência.

Eu estava sentindo a dor como uma faca cravada em meu peito. As duas ratazanas traiçoeiras, mentirosas, estavam apenas se divertindo comigo! Me fizeram passar por uma Lolita vazia, não contaram que foi minha ideia, nem que foi por minha causa que a reunião saiu. Eles zombavam claramente

de todos os meus esforços, fazendo-me passar apenas pela maldita garota do café.

Minhas unhas esmagavam minha pele quando levei o pulso ao lábio, mordendo-o com força. *Dios*, acabava de jogar a chance de meu futuro fora por eles! E eles me pagavam com tapa em no rosto... Era boa o suficiente para estar na cama deles, mas não para ser levada a sério como profissional. Eu era a garota enjoativa, não servia para ser levada a sério, foi tudo mentira o que me falaram na noite passada.

Dois mentirosos que naquela noite mesmo sussurravam palavras ternas de amor, que me protegiam, me dando amor, cuidando de mim tão lindamente depois até eu adormecer. A lágrima me queimava a pele.

— *Hijos de puta!*

Meu corpo já se virava enquanto saía de lá antes que vomitasse de nojo de mim mesma. Apenas retirei as passagens dos dois, jogando sobre o balcão. Meus dedos trêmulos foram à mala, arrancando o vestido vinho, o jogando junto, tirando a caneta da bolsa enquanto escrevia no pequeno bloco. Deixei sobre o vestido ao lado das passagens, puxando minha bolsa com minha mala, saindo o mais rápido que podia daquela maldita suíte.

— Tola... sua tola burra, idiota! — Eu gritava em ódio, descendo pelas escadas até o próximo andar, recusando deixar as lágrimas continuarem a descer. — Sua tola...! Grande tola... *Dios*, como fui burra!

Meu corpo desabou dentro do táxi, implorando para o motorista ir o mais rápido que poderia para o aeroporto, trancando minha dor dentro de mim. Conseguiu trocar minha passagem por um voo que saía em 15 minutos, fazendo conexão em Atlanta; de lá, pegaria outro para Chicago.

Apenas me permiti chorar depois da terceira garrafinha de whisky que a aeromoça me deu, levando de uma vez aos lábios como as outras duas, limpando minha boca com ódio, chorando junto. Lembrei-me do aviso do chinês, eu tinha baixado a guarda, tinha nadado com os tubarões sem a gaiola de proteção, nada me protegeu do ataque fatal. Não podia culpar ninguém mais além de mim mesma.

— *Hijos de puta, cabrones de mierda!*

TAURO

Eu olhava em meu quarto outra vez, o banheiro limpo sem mais nada, nem um fio de cabelo das grandes cabeleiras negras. Eu olhei a pequena caixa embrulhada em papel luminoso dourado com uma grande fita azul.

Eu apertei a caixa, a balançando e ouvindo os ruídos lá dentro. Depois que saímos do escritório, Bruce e eu procuramos pela *rabiosa* que já teria que ter voltado, antes que perdêssemos o voo. Bruce saiu a procura dela pelo hotel já que ela não atendia o telefone, tínhamos nos demorado muito com Dylan. Meu primo queria todos os detalhes, e principalmente o motivo da demora.

Eu me sentei na cama, olhando a caixa enquanto a desembulhava. Lá dentro, havia uma peça escondida em várias voltas de plástico bolha. Eu retirei com cuidado e fiquei estático com a pequena estátua, maior que um controle de TV. Ela mostrava perfeitamente cada detalhe como se pudesse ver de lado de fora a imagem viva de nós três quando Zel dançou conosco. Sua pequena boneca era uma réplica dela, com seu vestido amarelo, descansando a cabeça no peito de uma réplica de Bruce com sua cabeça colada a dela. Eu via cada traço dele olhando para ela com sua mão espalmada na coxa negra que tinha, até o leve balançar da saia. A mão dela estava inclinada com seus dedos abertos, sobre a minha réplica com nossos rostos próximos, meus braços em sua cintura a prendiam para mim e foi como um soco no estômago ver aquilo. Era chocante cada detalhe que trazia aos pequenos bonecos.

Apertei a peça em minha mão, saindo do quarto, olhando tudo em volta, as malas ao chão onde apenas duas estavam. Eu não tinha percebido esse detalhe, sentia que a loucura estava me batendo e, junto com minha agonia, o grande rompante da porta se fez assim que Bruce entrou, descontrolado.

— Eu não a encontro! Ela não atende a merda daquele telefone! —

Ele passou as mãos nos cabelos, empurrando-os para trás. Eu via o desespero em seu rosto e sabia que era o reflexo do meu. — Devíamos chamar a polícia, eu vou pedir os vídeos das câmeras do hotel... Alguém pode ter lhe... — ele fechou sua cara entrando em pânico, saindo do seu seguro controle, chutando o sofá com raiva. — Ô, inferno, cadê ela!

Eu lhe entreguei a pequena estátua, e ele olhou com o mesmo espanto que eu. Meus olhos se focaram ao balcão da copa, o pano vinho se esticava. Eu reconhecia aquilo, estávamos tão nervosos que nem olhamos para a direção da saleta onde o vestido vinho se encontrava ao seu lado nossas passagens de volta para Chicago. Segurei-as aos dedos, voltando ao vestido vazio que agora era só um pano aos meus olhos, o pequeno bilhete no papel laranja exclusivo do seu bloquinho brilhava as negritas palavras, fazendo-me esmagar o maldito vestido em ódio.

O que acontece em Vegas... fica em Vegas!

— Mas o que... como ela pode fazer algo tão lindo assim, é quase como se congelasse o tempo com nós juntos! — Bruce acariciou a estátua em cima do pequeno rosto. — Onde você está, *cariño*!

Apertei as passagens nos meus dedos e bati o papel em seu peito, pegando a estátua.

— É um maldito troféu para ela, isso é o significado! O troféu de ter trepado com nós dois! — Eu apertei forte em meus dedos, olhando com ódio. — Um troféu que vou fazer ela engolir amargamente.

— Traíçoeira desgraçada! Filha de uma puta maldita! — Bruce já chutava para longe o frigobar o fazendo virar, quebrando todas as garrafas — Maldita. Maldita *rabiosa* traíçoeira!



MADRE DE DIOS

BRUCE

— Eu não sei onde ela está, senhor Tauro. — Elly apertava seus braços em volta do corpo, olhando para Tauro com agonia.

Tauro havia quase estourado o carro na parede ao estacionar, saindo rapidamente xingando enquanto procurava pela pequena Elly.

Estávamos vivendo em um maldito inferno desde que voltamos de Las Vegas. Olhar todos os dias para a mesa vazia, sem os olhos negros atrevidos e sua boca dura me fazia querer quebrar aquela maldita mesa.

Zel tinha partido, e descobrimos isso apenas na segunda quando voltamos para empresa, esperando por ela que não aparecera. Ela tinha dado baixa no estágio no mesmo dia que voltou de Vegas. E ouvir Dylan nos contando sobre como os chineses ficaram interessados nela, tinha quase certeza que ela tinha ido para lá. Vivíamos no inferno, engolindo nosso

orgulho mesmo sabendo que tanto eu como Tauro estávamos definhando. Ela tinha apenas nos usado como sua fantasia e depois corrido para a oferta mais cara de emprego. Estávamos tentando proteger ela para preservar sua carreira e a pequena *rabiosa* nos deu uma punhalada por trás.

Isso foi até essa manhã, depois de sair das reuniões com chineses. Eu perguntei sobre Zel, Tauro olhava para o jovem chinês querendo estourar seu rosto enquanto eu pensava quanto tempo duraria deixar seu olho roxo. Ele disse que sentia muito por ela não ter aceitado sua proposta em Vegas, que seria uma colaboradora importante para ele. Zel não tinha aceitado eles... não tinha ido para nenhuma outra empresa. Tauro e eu tínhamos erguido informações.

E agora nos encontrávamos encurralando a pequena Elly, a única outra mulher que tinha acesso a Zel dentro da empresa. Ela nos olhava, balançando sua cabeça em negativo.

— Não!

— Elly, por favor, apenas me diga onde ela está... ou ligue para ela.

— Afrouxei a gravata ao qual sentia como se me estrangulasse junto à minha agonia.

— Por que quer falar com Zelda, senhor?

— Precisamos... conversar. — Tauro respondeu rispidamente.

— Os senhores podem achar outra estagiaria para levar o café para vocês!

Ela cruzou os braços, me olhando de cara feia, e sentia a pontada da sua faca entrando em minha pele com suas palavras.

— MERDA!

Tauro resmungou baixo, voltando seus olhos para mim; e sabíamos a resposta: Zel não tinha nos usado, ela que tinha se sentindo usada.

— Ela nos ouviu... — sussurrei baixo para ele.

— Cada palavra, senhor Bruce!

Voltei meu rosto para Elly. Inferno, por que não esperou por nós? Por que não nos deixou explicar?

— Droga, Elly, não era verdade! — Tauro passou as mãos no rosto vermelho. — Só queríamos deixar ela longe de Dylan.

— Pois deixaram ela bem longe, assim como ela deseja estar longe de vocês! Zelda se esforçou ao limite para se sair bem durante seu estágio, tem ideia de quantas vezes eu fui embora vendo ela sentada em sua cadeira fazendo o trabalho dela e de sua secretária? E nunca reclamava! Ela estudava

feito louca, dando o melhor dela tanto na faculdade quanto no serviço... — Seus olhos passaram por mim e Tauro, passando os dedos pequenos na testa. — Zel é extrovertida e alegre, mas ela também é responsável e trabalhadora, senhores... e vocês a fizeram se sentir apenas a estagiaria inútil que só serve para servir café.

Ela se virou, voltando para seus papéis, registrando os documentos enquanto arquivava, nos largando lá parados na porta da pequena sala.

Tauro balançou a cabeça saindo da sala, me deixando com minha dor. Ninguém entendia, nem mesmo eu estava me entendendo. Estava me sentindo jogado em um grande liquidificador, tinha meu controle, tinha minha vida estável até dois meses atrás... antes de ter a pequena furacão em nossas vidas. Zel tinha feito em seis dias o que nunca permiti ninguém fazer a vida toda. Ela me deixou fraco, me deixou viciado em seu perfume, no seu corpo quente, em seu sorriso brilhoso; e agora eu estava caindo no inferno que nós mesmos fizemos.

Tauro, por mais que não se abrisse, estava dividindo o assento do inferno ao meu lado. Seu mau humor tinha triplicado, ficando mais nas obras do que dentro da empresa. Ele ainda podia se livrar da imagem da pequena andando pelos corredores ou sentada à sua mesa e, principalmente, não tinha pegado versão da sala de café como eu.

— Nunca achei ela inútil... Sempre admirei a garra dela e como se esforçava em cada trabalho... Droga, eu só quis proteger ela.

— Ela está machucada, senhor... Zel é a pessoa mais orgulhosa que conheço, ela se sentia bem aqui e a imagem que descreveram dela a deixou magoada... — Ergui meu rosto para a doce voz de Elly, que me encarava segurando seus papéis.

— Ela está trabalhando em outra empresa? Como ela está, Elly? Pelo menos me diga isso...

— Ela está desempregada ainda. Na verdade... — Ela bufou baixo, olhando para fora da sala, voltando seus olhos para mim logo depois. — Zel está visitando a *madre*... ela sempre vai ver a *madre* dela nessa época. Eu não devia me meter e sei que ela vai me matar se souber que foi eu que falei. Mas deviam procurar por ela. Deviam mesmo, só posso dizer isso.

Ela encolheu seus ombros, desviando seu rosto rapidamente de mim.

Eu estourei a sala de Tauro, que se virou assim que me viu, desligando o aparelho de celular depois de deixar tudo arrumado.

— O que foi?

— Fretei um jato... temos que ir! — Peguei a jaqueta dele, jogando em seu braço.

— Para onde?

— Novo México. Agora!



VISITANDO A MADRE

21 de dezembro
Novo México

ZELDA

— E os namoradinhos, Zelita? — Forcei um sorriso para minha tia que me fazia a mesma pergunta há mais de dez anos.

— Daquele jeito, tia... — Apertei a garrafa de água, respirando fundo, tentando não vomitar em cima dos sapatos dela por conta do perfume extremamente doce e enjoativo. — Acho que *madre* está me chamando!

Mevirei imediatamente, respirando pela boca, rezando para mais nenhum parente me parar e me fazer alguma pergunta idiota. A festa estranha de fim de ano na casa de *Madre* se resumia sempre em todos os parentes que não se viam o ano todo, e se reuniam antes das festas, fazendo um certo tipo de confraternização. O tio bêbado dançava com uma garrafa enquanto

cantava alto, perto do rádio. As tias *coviteras* e solteironas me faziam sempre o mesmo questionário e eu já sabia de cor e salteado o roteiro:

Você não anda se alimentando?

Já arrumou um serviço integral?

Namorado, cadê?

Não pensa em casar?

Eu respondia todas com um doce sorriso enquanto me imaginava estrangulando as duas com a própria língua. As crianças correndo de um lado ao outro me faziam me rir com suas estripulias. Meu tio contava sobre o seu tratamento da hemorroida e fiquei com cara de pânico, tentando não imaginar o que ele me descrevia. Minha madrinha que era um doce de pessoa, sempre esquecendo de comprar um presente e entregava um dinheiro escondido quando ia me beijar, deixando no bolso de trás da minha calça. Eu quase me sentia fazendo algo ilícito.

É um mimo para comprar um presente depois, minha chica.

Praticamente toda vizinhança participava e você ficava descobrindo como a filha da Rosa Maria engravidou do carteiro que ia toda semana à sua residência depois que os pais saíam, ou sobre a vizinha da rua de trás que foi pega no flagra com seu amante pela esposa dele, também tinha os casos do casal sem vergonha que se matava de brigar, um estapeando o outro, xingando aos ventos. A polícia vinha e, ao fim, eles se beijavam, dizendo *eu te amo* um ao outro. Também tinha os boatos que contavam sobre as histórias da paróquia. Minha prima Dolores, que estava vivendo com minha *madre*, era uma peste, quase como uma irmã caçula, mas eu amava a remelenta que se achava adulta.

E, ao fim, a mais importante, a minha *madre*, que andava de um lado ao outro servindo todos enquanto ria, conversando de um a um. Eu queria morrer! Olhava para minha *madre* e pensava em todas as formas que lhe contaria sobre o pequeno presente de natal que seria vitalício esse ano e, nessa hora, não sabia se ria histérica ou chorava em posição fetal, imaginando seu olhar de desapontamento.

As grandes mesas de madeira estavam espalhadas pelo quintal com suas toalhas coloridas e as bandeirinhas de enfeite que minha *madre* fez uma a uma. Todos alegres, conversando, parentes e amigos juntos aos vizinhos, meus primos risonhos que ficavam olhando as meninas dançando ao centro do gramado com suas cervejas na mão.

Soltei o ar lentamente, deixando meus dedos tocarem minha barriga,

observando minha prima sentada no sofá, dando de mamar ao seu *hijo*. Ele esmagava seu seio em suas mãos gordinhas, os olhos fixos nela; e, como uma coruja, ela sussurrava palavras doces para ele.

— Está com dor, Jujuba?

Me virei assustada para os grandes olhos castanhos que me observavam. Minha *madre* passava uma vistoria visual em mim, olhando de cabo a rabo e meu coração já quase saía pela boca.

— Não! Estou bem. Por que acha? E *madre*, não me chama mais disso, quando se tem 5 anos até que é permitido, mas vinte anos depois não pode! — Sorri para ela.

— Então por que segurava sua barriga, Jujuba?

— *Dios, madre...* eu só estava arrumando a roupa! — Puxei a camisa para baixo alisando ela. — Venha! Me dê essa travessa.

Sorri, retirando a travessa dos seus dedos, querendo sumir o mais rápido possível dali. O sol forte brilhava nos abençoando com uma tarde linda.

— *Dios!* Nem consegui conversar direito com minha *hija*... como está?

Grávida! As palavras gritavam dentro da minha cabeça enquanto sentia meu coração todo se esperneando por dentro.

— Estou bem! — Covarde! Como eu era covarde! Foi o máximo que consegui falar para ela.

— E seu trabalho, como vai? — Ela trouxe os pratos enquanto fomos distribuindo sobre a mesa. — Sempre fala dele e hoje não me contou nada.

Eu olhava para tudo, até a porcaria, do paliteiro ao meu tio dançarino embriagado, menos para os olhos da minha *madre*.

— Eu terminei o estágio. Não trabalho mais lá. Sei lá, talvez eu fique um tempo em casa agora.

— Em casa, Zelda? Conte-me algo que não seja mentira, *hija*! — Ela riu alto como se achasse impossível eu querer ficar em casa, só por ficar... Ok, talvez fosse verdade, não estaria ficando só por ficar.

— Talvez eu realmente queira, *madre*...

— *Tú que sabes*. Será bom se puder descansar um pouco dessa vida corrida sua. Agora, conte-me, o que lhe deixa triste... Conheço este rosto tristonho, Zel. Quer me contar algo?

Eu congelei com o pano de prato nas mãos. Era como tentar mentir para um gigante e poderoso detector de mentiras vivo. Minha *madre* tinha um

poder de olhar para mim e me fazer me sentir uma criança arteira que tinha sido pega no fraga. Se ela me perguntasse se tinha cometido um crime eu confessaria apenas com seu olhar.

— *Madre*, acabou o refrigerante! — A voz aguda de Dolores entrando na pré-adolescência gritou atrás de mim, me salvando.

— Eu vou lá comprar! — Eu já jogava o pano de prato sobre a mesa, correndo para fora, o mais rápido que podia.

Eu caminhei pela rua do bairro ao qual brincava na minha infância quando minha *madre* vinha visitar meus avôs, tentando respirar calmamente agora. O parquinho vazio na esquina do mercadinho ainda era o mesmo, me sentei naquele balanço que me fazia rir quando *chica*, e agora me pegava pensando o que faria de minha vida.

Assim que desembarquei em Chicago, com meus olhos vermelhos de choro e me sentindo a pessoa mais trouxa do mundo, me refiz no banheiro do aeroporto, passando direto na empresa e dando baixa no meu estágio. Minhas horas já tinham sido fechadas, e eu sabia que não tinha o que esperar. Um serviço integral ali? Mesmo que esse tenha sido meu sonho no começo, agora a única coisa que desejava era distância daquele lugar.

Eu realmente pensava em tirar apenas alguns dias já que estávamos entrando em ritmo de fim de ano, por que não poderia me dar um momento para descansar? Não foi a apresentação dos sonhos a minha tese diante da banca, mas me forcei a dar o meu melhor, tentava não chorar todas as noites, intercalando durante o dia também. Mas aquele exame, o abençoado exame com as grandes letras escrito POSITIVO tinha me deixado sem reação. Eu demorei mais dois dias para procurar meu ginecologista.

Gastón era um médico maravilhoso, era estranho saber que um amigo que fiz de forma estranha durante a faculdade agora estava olhando entre minhas pernas, mas me sentia bem sempre que precisava ir a ele. Gastón e o seu namorado na época tinham sido pegos no fraga pelo guarda do campus, eu estava passando na hora enquanto vi o pânico dele junto ao outro rapaz. A sorte que conhecia bem o guardar e consegui livrar a cara de Gastón e seu namorado na época.

Depois dele me dar uma bronca pela perda das últimas consultas de prevenção e relembrar os velhos tempos, com uma crise de choro e pânico, me vi pegando as vitaminas pré-natais. Ele ria enquanto me fazia se animar, perguntando se não contaria ao pai do bebê, eu chorei mais, era quase cômico lhe falar que não sabia quem era o pai, ou melhor: que eram dois. Eu não tive

coragem de lhe dizer sobre o pequeno detalhe paterno, mas me senti tão paralisada ao ouvir o som alto e forte que batia no aparelho enquanto ele deslizava a outra ponta em minha barriga.

Tinha uma vida dentro de mim, um coração alto e forte. Gastón riu, pedindo para que voltasse na próxima semana, querendo refazer os exames. No primeiro momento, apenas me disse que estava tudo bem, mas eu queria ter certeza do que passava em sua cabeça.

Tentava não pensar como aqueles dois tinha me levado ao céu e me jogado ao inferno de uma vez só. Apenas queria aquela pequena vida em mim. Não tinha ideia de como iria fazer, mas daria um jeito. Uma hora teria que encarar Bruce e Tauro, não tinha como esconder a verdade deles, mas uma coisa tinha em mente: isso com certeza não seria agora. Por enquanto, aproveitaria mais um pouco da paz que estava dentro de mim. Minha *madre* tinha me educado para ser uma mulher forte e seria forte por mim e por meu *hijo*.

Voltando com as sacolas de refrigerante, vi mais carros estacionados na rua, o som alto da música. Os meninos corriam na frente de casa, rindo um com outro enquanto dançavam.

— Ótimo, mais parente!

Forcei um sorriso no meu rosto entrando na casa enquanto ouvia todos rindo e brincando com a música alta. Fui direto para cozinha, deixando o refrigerante na geladeira.

— O que fez?

Me viro para Dolores, tinha um sorriso de maldade no rosto.

— O que *te passa, loca*? — Eu me encostei na pia, avaliando a pirralha com suas tranças embutidas. — *Dios, madre faz trança em você também...*

— *Sí*, ela quase arranca meus cabelos puxando forte para fazer essas tranças.

Seu rosto redondo com espinhas sorriu mais, olhando rapidamente para sala e voltando seus olhos para mim.

— *Madre* está lhe esperando na sala, Zel... Mandou ficar olhando quando chegasse para avisar. — Ela falou baixinho como se fosse um segredo. — Tem visita com ela.

— *Dios*, diga-me que não são mais parentes distantes que ela achou pela rede social! — Eu revirei os olhos em pânico. *Madre* tinha pegado costume de procurar pessoas da família, achando hora ou outra o primo do

primo do tio de terceiro grau de só *Dios* sabe quem é.

— Não sei se é... Mas se for, são da parte mais rica e bonita da família... Zel. Eles são...

— ZELDA CARMEN ALONSO, VEM AQUI! — Eu ergui meu rosto na direção da voz alta da minha *madre*, e senti as tripas do meu corpo se torcendo ao ouvir meu nome inteiro.

— *Dios*, eu odeio quando ela fala meu nome inteiro...

Dolores ria, ficando vermelha, olhando para a sala. Eu caminhei para lá pensando em todos os tipos de parentes que ela tinha encontrado. E a visão dela parada ao centro da sala, com suas mãos no quadril, a grande saia vermelha florida balançando junto com seus pés leve ao chão, me fez sentir uma chica. Era como quando voltava da escola depois de ter feito arte e os professores já tinham lhe ligado para contar. As grandes sobrancelhas negras arqueadas me condenavam fortemente.

— Quer me contar alguma coisa, *señorita* Zelda!

A voz dela era tão traiçoeiramente doce enquanto ela erguia sua mão, apontando para trás de mim. Eu me virei olhando para os dois corpos altos que se levantam do sofá com dois pares de olhos cravados em mim.

— *Madre de Dios!*



LA CHANTAJE

ZELDA

— Olá, senhorita Alonso!

— Zelda, como está?

Os olhos negros e azuis praticamente riram, brilhando para mim com seus semblantes formais. Os dois estavam parados na sala. Bruce retirou suas mãos do bolso da calça social com seu terno alinhado em perfeito ângulo, com seu corpo atlético, sorrindo graciosamente.

Tauro estendeu as grandes mãos para mim com a pólo preta que se apertava mais eu seu peito ao movimento do braço, deixando o cheiro amadeirado subir mais alto. Seus cabelos molhados deixavam a perfeição em seu rosto quadrado como se tivesse apenas penteado com os dedos. Olhei sua mão, dando um passo mais rápido que pude para trás como se fosse uma cobra venenosa pronta para me dar um bote.

— O que os dois estão fazendo aqui?

— Zelda Carmen! Que modos são esses? — Eu me virei, olhando para trás recebendo uma olhada de recriminação da minha mãe. Ela moveu sua face fechada em direção a mão de Tauro que continuava no ar.

Eu o encarei, o fuzilando com meus olhos. Queria arrancar aquele olhar de zombaria e deboche que ele me retribuía. Estiquei meu braço duro sentindo todo meu corpo se retraindo com meu coração quase pulando a boca. A grande mão se fecha à minha enquanto ele me puxava lentamente, me trazendo um pouco mais para ele. Eu sentia a força dos seus dedos acariciando minha mão em um tipo de cumprimento safado e promíscuo que deixava meu corpo traidor praticamente mole.

HIJO DE PUTA!

Ele soltou minha mão e, antes que me afastasse, Bruce já estava com ela forte em suas mãos macias e grandes. Ele ergueu sua outra mão, acariciando meu pulso, se estendo sobre minha pele com um sorriso bobo. *Dios*, odiava eles, odiava o que me fizeram e, agora, tudo que tinha planejado jogar em suas caras estava morrendo em minha garganta enquanto era cortada por uma corrente elétrica por seus olhos negros tão calmos.

— Carmen? — A voz baixa dele em indagação com sua sobrancelha levantada deixava um sorriso ao canto dos lábios, canalha e devasso.

— O que estão fazendo aqui? — Eu dizia com minha boca quase fechada, olhando em pânico para os dois.

— *Dios...* quando achei que veria os chefes de minha pequena dentro de *mi casa...* DOLORESSS! — Soltei sua mão assim que a voz alta da minha *madre* gritou na sala.

Via os dois rindo enquanto olhavam para tudo, éramos pessoas humildes, mas tínhamos vida na casa, desde a colcha de retalhos no sofá ao tapete quadriculado ao chão e as cortinas amarelas na janela. Minha *madre* sorria mais para eles.

— Se acomodem, *senhores*. Se sintam em casa.

— *NO!* — Eu acabei olhando em pânico para minha *madre*, sentindo meu corpo suando como uma porca pequena pronta para ir para o abate. Os olhos sérios de minha *madre* me encararam, me olhando de cara feia. — *Pero* acredito que os *senhores* têm coisas importantes para fazer...

— Na verdade não! — Eu me virei olhando para Tauro que sorria voltando a se sentar. — Você tem, Bruce?

— Também não. Na verdade, estou com tempo de sobra. — Bruce já se sentava no sofá cruzando suas pernas, aconchegando-se.

— *Dios*, que *bueno!* — A voz alegre de minha *madre* desmotivava qualquer crime que poderia cometer ali na frente dela.

— Vem, Zelda... se sente aqui... — Tauro bateu no meio do sofá entre

ele e Bruce.

— *Anda-te...* Jujuba, vá se sentar.

Minha *madre* empurrou minhas costas, já puxando a poltrona para ela, me obrigando a me sentar entre os dois. Eu espremi meu corpo para que ficasse o mais longe possível. O cheiro de Bruce era forte ao meu lado junto à temperatura do seu corpo que ia se aproximando do meu. Eu sentia os dedos que mexeram escondidos em meus cabelos. Tauro se encostou no sofá se esparramando, me prendendo entre as penas dos dois trambiqueiros.

— Por que não me contou a verdade, Jujuba? — Os olhos da minha *madre* me olhavam sérios enquanto ouvia um pigarro ao meu lado vindo de Bruce, arrumando meus braços em cima do meu colo. Eu puxei minha camisa, disfarçando que arrumava, soltando uma cotovelada nele.

— Droga! — Ele disfarçou, soltando um espirro, voltando a sorrir para minha *madre*.

— *Madre...* eu não sei o que te falaram, mas eu juro que não tinha ideia de como isso iria acabar... eu nunca quis te deixar com vergonha. — Eu já estava a um passo de chorar à sua frente, implorando clemência ao carrasco antes da força.

— Por que acha que não teria orgulho de você, pequena? — Eu engasguei, olhando espantada para ela, trocando meu desespero agora por preocupação. — Estou orgulhosa de *ti*.

— Está? — Eu agora me sentia perdida com o sorriso de minha *madre*. Podia dizer que ela não era uma mulher careta, mas não conseguia também imaginar ela tão libertina.

— *Sí...* claro que estou. Uma filha trabalhando em uma grande empresa como sempre desejou. Qual *madre* não ficaria feliz com a realização do seu bebê? Onde está aquela *chica...* DOLORES! — Ela se cortou se virando na hora para porta.

— Na verdade, Zelda, se mostrou muito bem determinada no trabalho em equipe. — Eu me engasguei quase tendo um AVC com a voz calma de Bruce falando aquilo para minha *madre*. O desgraçado olhava para ela que se derretia diante do poder do bandido,

— Realmente, seu comprometimento em satisfazer cada ponto é belíssimo. — Me virei ao som rouco da voz de Tauro, ele bateu seus dedos em minha perna, alisando calmamente. — Apenas ficamos preocupados com o sumiço dela.

— Zelda, isso foi horrível, *niña...* — Minha *madre* me recriminou, me

olhando de cara feia. — Como pode deixar o serviço sem avisar?

— Não *estoy* mais lá *madre*...

— Deveras... realmente não estava o que nos fez vir saber como estava.

— *Estoy* bem, *cabr*... — Enguli o palavrão, desviando meus olhos do azul, traiçoeiro voltando para minha *madre*.

— Fiquei decepcionada com isso, Zelda, não lhe eduquei para isso, ainda bem que teus chefes são pessoas muito boas e estão aqui preocupados atrás de você.

— *Sí*... *Muy bien*, os dois são praticamente uns anjos, *madre*... — Senti os dedos que se emaranhava em minha nuca por trás dos meus cabelos pelo homem implacável de terno sentado naturalmente ao meu lado. Minha respiração se engasgou, deixando meus batimentos disparados.

— Creio que *sí*, já que estão por você... Fico feliz de ter eles aqui e mais ainda de saber que estará voltando para seu serviço.

— Não me vou... — A mão imparcial em minha coxa pressionou mais, me fazendo virar para ele. Tauro sorria calmamente voltando seus olhos para minha *madre*.

— Não estará mais voltando como estagiaria, realmente Zelda é uma que se destacou das outras.

— *Sí*, entrego café como ninguém... devia me ver, *madre*... — Rosnei para ele cruzando meus braços, encostando-me no sofá, amassando a mão de Bruce com força atrás do meu pescoço.

Ele soltou um pequeno som retirando sua mão de lá, deixando-a sobre sua perna.

— Café? — Minha *madre* olhou para eles, rindo.

— Sim... quando estamos muito focados no serviço e concentrados em toda forma de proteger nossos interesses, preferimos café. — A voz polida dele saiu baixa, virando seu rosto para mim. Em sua face, seu olhar imparcial que deixaria qualquer mulher se sentindo um cisco, virei meu rosto para não olhar mais para esse canalha mentiroso.

— Bom fico feliz em ver minha pequena em boas mãos. — Ela sorriu mais ainda com o olhar brilhoso que ele lhe deu. Inferno, ela não tinha ideia de qual sentindo das mãos eles tinham em mente.

— Nosso intuito é deixar Zelda Carmen Alonso o mais confortável e segura possível. — Tauro bateu em minhas pernas, estufando seu peito. *Hijo de puta*!

— Pois bem... fico tranquila com isso. Minha pequena Jujuba vive focada em seu trabalho e estudo, agora que terminou a faculdade terá mais tempo para achar algo além da carreira para lhe fazer feliz. Onde está aquela menina?

— Lhe garantiremos que Jujuba terá tempo para se focar em outros assuntos além do serviço, Senhora Alonso. — Bruce descruzou sua perna, sorrindo para mim.

— *Dios, madre* pedi para não me chamar mais assim! — Cobri meu rosto, soltando o ar lentamente, queria abrir um buraco e me jogar ao fundo, ficando lá para sempre.

— É bonito, Zel. — Soltei uma cotovelada em Tauro antes que ele continuasse.

— Na verdade, era o pai de Zel que lhe chamava assim, desde miúda amava se entupir de bala de goma... Jujuba era sua preferida. E ainda continua com seu vício em doce.

— Percebemos esse gosto nela. — Bruce falou, ríspido.

— Pois *sí*, era uma briga. Precisava ver como era uma menina roliça quando pequena.

— *Madre!*

— O quê? *És* verdade, cadê o álbum!

— *Dios, não! Madre*, eles não querem ver minhas fotos.

— Claro que queremos. Por que acha que não, Jujuba? — Tauro sorriu feliz enquanto minha *madre* se esticava até a estante, fazendo minha vida piorar mais ainda, entregando a eles o grande álbum.

Ele se sentou mais perto de mim, se movendo, colando seu corpo ao meu. Bruce, por sua vez, me prensou em seu peito, olhando o álbum de fotos, sorrindo junto a *madre* que legendava cada imagem.

— Tão pequena e roliça, minha bebê... — Tauro observou as fotos, sorrindo, e Bruce escutava atentamente o que minha *madre* dizia. — Dava vontade de morder.

— Dá. — Bruce respondeu, fazendo-me arrepiar assim que a quentura de sua respiração me atingiu, o cheiro de loção pós-barba que me obrigava a manter a língua dentro da boca antes que tocasse sua pele.

Eu queria me afundar mais naquele sofá até fazer parte dele de vez, minha *madre* retirou o álbum assim que eles terminaram de ver.

— Vou pegar algo para tomarmos, um segundo... — Ela deixou o álbum na estante, saindo da sala.

Me virei olhando com raiva para os dois que explodiram em risada assim que taquei a almofada *na cara* dos folgados.

— O que fazem na casa de *mi madre*?! E ainda lhe contando mentiras, suas ratazanas. — Senti o aperto de Tauro em minha cintura quando me puxou para ele, alisando meu rosto, beijando meu ombro.

— Queríamos te ver. Não contamos mentira, queremos você de volta, em tempo integral. Por que foi embora daquela forma? Por que não esperou por nós? — Meu corpo queimava com sua respiração morna em meu pescoço enquanto era presa pelos olhos negros de Bruce, colados aos meus.

— Falamos aquilo para lhe deixar longe de Dylan, não por que você é inútil, *cariño*... — Eu poderia ser uma fraca ao me ver caindo naquela mão grande quando se esticou alisando minha boca.

Mas se tinha algo que era maior que meu desejo por eles era meu orgulho. Bati em sua mão o tirando para longe de mim, saindo dos braços de polvo de Tauro.

— Não me chama de *cariño*... E nem que o inferno congele volto para aquela empresa.

— Droga, Zel, acha mesmo que queríamos você longe? Dylan iria acabar com isso assim que descobrisse.

— Podiam ter dito qualquer coisa para ele. Mas não, me rebaixaram, me fizeram parecer uma estagiaria inútil que só prestava para servir café i. Diga-me, alguma vez viram realmente meu trabalho? — Eu me afastei dos dois, dando distância. Precisava pegar meu controle de volta e chutar para fora esse desejo maldito.

— Zelda, sempre te vimos, sempre foi uma boa moça trabalhando duro.

— Não! — Cortei Tauro, olhando para a porta, procurando pela minha *madre*. — Mentira sua! Me via como a estagiaria nova demais que apenas estava lá para procurar namoricos. Diga-me, Tauro, se não tivesse empurrado os chineses para vocês teriam percebido o meu esforço? Nem isso vocês me deram créditos. Disseram que foram os dois e não a estagiaria boazinha.

— DROGA! Eu só queria lhe deixar longe dos olhos de Dylan... eu não quis magoar você.

— Não me magoaram... — Encarei os dois, sentindo meu coração gritando mentirosa dentro de mim. — Não são nada para mim e não sei o que diabos... Espera! — Voltei meus olhos para a porta, olhando para os dois com

raiva. — Como vieram parar aqui no Novo México?

Os dois se entreolharam apenas.

— Elly, aquela *vaquita*!

Apertei com raiva minhas unhas na minha mão para não gritar de ódio.

— Se não somos nada... por que fez aquela estátua? — Eu me virei me deparando com o peitoral de Bruce a um palmo de distância. Ergui meus olhos para o grande homem que tinha os olhos negros grafites brilhando em mim.

— Pois eu... eu...

— Erramos com você. Eu devia ter lhe dado os créditos, a verdade foi essa, me preocupei tanto com meu irmão fazendo toda aquela merda de discurso que só queria lhe deixar longe dele, *cariño*. — Os dedos longos se esticaram alisando meu rosto, me fazendo fechar meus olhos. Eu queria morrer ali, sabia sobre como Dylan fazia todos ficarem até o inferno com isso; e sabia que foi uma ideia idiota me envolver justo com os dois. Mas, droga, como iria levar isso a frente agora?

— Volta com a gente, docinho. Não só para empresa. Mas volta para nós.

— Não! — Me afastei de Bruce, olhando Tauro atrás dele. — Não volto nem para a empresa e muito menos para os dois. A verdade é que nunca me viram realmente pelo meu potencial. Não posso ficar com alguém que não veja os meus sonhos. E se voltarmos a ter qualquer contato futuro, será o mínimo possível. Não quero mais vocês. Nem um dos dois! Creio que os dois são enjoativos!

Os olhos de Tauro se quebraram assim que se fixou a mim. Eu ainda sentia a dor de suas palavras, martelando em minha cabeça como um estouro potente.

— Trouxe cerveja! — A voz da minha *madre* me faz quebrar o contato visual com eles.

— Os dois já estão de partida, *madre*!

Eu vi os dois me olhando perdidos enquanto balançavam a cabeça em positivo para ela.

— Mas foi tão rápido...

— Foi apenas uma visita para senhorita Zelda. Obrigado pela hospitalidade, senhora Alonso!

Eu vi Bruce sair primeiro enquanto olhava Tauro, sentindo meu

coração se partindo. Ele se virou, indo pelo mesmo caminho do primo. Eu saí daquela sala antes que minha *madre* me perguntasse algo.

— Tacos, meu bem. — Minha tia me empurrou uma bandeja de tacos com cheiro doce, fazendo todo meu corpo enrijecer, tampei minha boca correndo o mais rápido que podia para o banheiro.

E assim que tive certeza que vomitei toda minha vida para fora. Eu me peguei chorando caída ao chão do banheiro enquanto apertava meus dedos na barriga. As lágrimas desciam por meus olhos queimando cada canto. Como poderia querer ficar com alguém que não dava valor para meus sonhos? Para os meus feitos? Podiam ter feito qualquer mentira, mas me rebaixar foi mais prático.

— *Dios, hijos...* seus *padres* são uns idiotas... — Chorei mais, limpando meu rosto com papel, assoprando forte. — Vou cuidar de ti... não posso dizer que será fácil, mas vou cuidar de ti, *cariño*.

Alisei minha barriga e me engasguei assim que a cortina da banheira foi aberta.

— Você está grávida!

Os olhos arregalados de Dolores me encaravam sérios segurando o celular nos dedos.

— *Mierda...* o que faz aqui, peste!

— Estava me escondendo dos outros para ler um livro no celular. — Ela se levantou, saindo da banheira, olhando para mim e para o vaso. — Está grávida! *Madre* vai lhe matar quando souber.

— Não ouse abrir sua boca, sua pirralha, que lhe corto os cabelos.

— Eu não gosto deles mesmo. Mas não conto para *Madre*... — Soltei o ar lentamente, mais aliviada, e fiquei de pé. — Bom, isso depende!

Ergui meu rosto para ela que sorria sardenta para mim.

— Depende do que, sua praga? — Ela deu de ombros, olhando para o aparelho em suas mãos e depois sorrindo para mim.

— Depende se vou ganhar um celular novo de natal.

— Sua mercenária, desgraçada... acha mesmo que vou lhe dar um celular?

— *MADREEEEEEE!* — Ela chamou alto, já indo para porta, abrindo-a.

Antes que aquela criatura bocuda saísse do banheiro gritando, a puxei pelos cabelos trancando a porta, tampando sua boca. Ela me olhou, rindo e balançando seu celular no ar.

— Qual modelo que quer, sua *vaquita*!



UM PRESENTE ESCONDIDO

25 de dezembro

ZELDA

— Como assim?

Olhei a feição chorosa de Elly, sentada no sofá da minha sala soluçando baixinho.

— Eu fui muito burra, Zel.

Minha amiga limpou seu rosto enquanto fui deixando a informação ir caindo.

— Não acredito que dormiu com aquele homem, Elly! — Caí sentada ao seu lado. — Vou matar aquele, *hijo de puta*!

— Eu preciso sair daqui... — ela deitou sua cabeça em meu ombro. — Eu sinto tanto, Zel...

— Oh, *mi* amiga, não faça isso, não teve culpa de nada... agora aquele

cabrón, esse sim... e Bruce... Bruce teve! Mais culpa que todos! Jogar você na cova do leão... foi o pior...

Elly, em tentar me ajudar, acabou por ficar em mais desgraça que eu, caindo no papo de Dylan. Foi no maldito evento beneficente que fazíamos todos os anos pela empresa, escolhendo alguma ação voluntária, dando a eles uma noite de festa e alegria com presentes e jantar de gala! Elly foi no meu lugar, o que resultou em uma noite desastrosa ao lado do chefão que nem eu sabia que participava desses eventos... Ele nunca foi. Como Bruce teve coragem de jogar Elly para cima daquele tubarão asqueroso?! E o pior foi vê-la ali tão abatida por ter achado realmente que um homem como aquele tinha coração.

Mas uma coisa era certa: aquele homem iria ouvir até o inferno.

DYLAN

Pela quinta vez seus olhos se prendiam a tela do computador do escritório, não tinha conseguido ficar dentro da casa, era como se a paz de mentira que ele achava que tinha tivesse ido embora para sempre. Para ele, foi apenas mais um dia como sempre era, nunca tinha desejado ter alguém para voltar em um dia de natal e ficar dentro da única coisa que lhe restava... foi o máximo que poderia fazer.

— Sabia que ia te achar aqui! — A voz do irmão entrando em sua sala enquanto caía sobre a cadeira pesadamente, o fez soltar a respiração.

— Você está horrível Dylan... — Tauro, seu primo, passou pela porta do mesmo jeito que Bruce. Será que ninguém batia nessa porcaria de porta? Apenas queria ficar sozinho.

— Não é como se os dois estivessem melhor... — Virou sua cadeira, olhando para janela. — Porque estão aqui? É natal, achei que estavam no Novo México.

Ele viu ambos encolherem os ombros pelo canto dos olhos.

— Não tivemos muito sucesso lá. — Tauro respondeu baixo.

— Estamos aqui pelo mesmo motivo que você... é só mais um dia. —

Bruce, seu irmão, que agora podia olhar atentamente, estava com sua roupa desalinhada e nunca o tinha visto assim. Tauro com sua barba por fazer, mostrava o mesmo desgosto que ele.

— O que aprontaram?

Os dois se olharam em silêncio como apenas os dois primos sabiam fazer. Desde pequenos os dois tinham uma ligação maior do que Dylan poderia entender. Com cinco anos de diferença, aprontavam tudo juntos e, ao olhar sério para os dois, sabia que tinham feito algo grande.

— Qual dos dois vai me contar a verdade!

Antes mesmo que abrissem a boca, a porta da sala foi escancarada, deixando uma pequena criatura passar: a mulher de olhos selvagens com cabelos negros soltos em sua calça jeans. Ela tinha o peito acelerado em sua camisa larga de basquete.

— Por que tenho uma porcaria de porta nesse escritório se ninguém bate?!

— Você, *cabrón*! — Seu dedo apontou para mim, e assim que a voz nervosa dela se fez, viu os dois homens se levantando rapidamente com seus olhos brilhosos. Eles pareciam ter ganhado vida.

— *Cariño*... — Bruce já caminhava para ela enquanto a mesma batia em suas mãos o deixando longe.

— Não me chame de *cariño*, seu traidor!

— Docinho, a gente queria você... por que não pode vir conosco?

Tauro, com todo seu tamanho, a puxou de surpresa para seus braços e logo a soltou quando a pequena mão o estapeou.

— Foram à casa de *mi madre*. Como acham que iria tratar vocês? Tive que dar uma mentira para explicar por que dois dos meus ex chefes estavam lá!

E com a voz latina brava, Dylan se perdeu com a cena a sua frente. A mulher em seus 1m64cm deixava os dois homens, trinta centímetros mais altos que ela, a rodeando-a como se fosse sua abelha rainha.

— A estagiaria, Bruce?

Olhou para o irmão que estufou o peito em resposta. Ele e Tauro se moveram a sua frente como se fosse prioridade deles protegê-la.

— *Sí*, a estagiaria.... Saíam os dois. — Ele olhava a pequena que se

exprimiam entre os dois, os fazendo se afastar dela.

— *Ustedes* não me toquem!

— Senhorita Alonso. Devo dizer que me recordei agora da viagem a Vegas...

— Sí, *cabron*... sou Zelda Alonso, a menina do café! — Ela olhou de cara feia para Bruce que sussurrava ao lado.

Ele tentou acariciá-la e, logo, foi afastado com um tapa.

— Não me chama de *cariño*. Estou com ódio de *usted*! — Ela disparou brava, olhando para Tauro. — Que um raio me parta antes que deixe vocês voltarem para minha vida.

— Zel... pequena nós lhe explicamos! Merda, Zel... não queríamos você na mira de Dylan.

— Na minha mira?

Olhou para Tauro que o encarou de cara fechada, seus olhos azuis brilhavam em raiva.

— A sua maldita regra de não se envolver com funcionários!

Ele cruzou o braço, sentenciando Dylan ao lado do seu irmão.

— Mas não se preocupe, Tauro... — Ela apontou o dedo para Dylan, olhando-o nervosa. Ele via seu rosto cansado, estava com fadiga enquanto tentava afastar os dois. — Acho não se preocupou com isso quando partiu o coração de Elly, não foi, *hijo de puta*!

A moça se escorou na cadeira, respirando devagar.

— Zel... *Cariño*... está bem? — Seu irmão, com todo seu tamanho, já pairava sobre ela, segurando os seus ombros.

Ela balançou a cabeça lentamente, tomando fôlego, enquanto seus olhos se chocavam com os de Dylan.

— Partiu o coração dela! Tem ideia de como Elly é a pessoa de coração mais puro e doce?! E pisou nele sapateando!

— Elly... qual? A menina do almoxarifado? O que tem a Elly, docinho?

Tauro a puxava para ele que deitava sua cabeça em seu peito.

— Ele a machucou, Tauro. Ela dormiu em minha casa desde que voltei anteontem... E partiu hoje... partiu para longe.

— O que fez a Elly, Dylan? — O seu irmão se aproximou da mesa, deixando suas mãos nas costas dela.

— Você foi o culpado, Bruce. — A mulher que parecia frágil agora estava nervosa, gritando em espanhol aos quatro ventos com Bruce conversando com ela na mesma língua.

— Ela está xingando ele, não tem ideia de como Zel tem um linguajar mais amplo de palavrão em espanhol... — Tauro riu e a abraçou por trás enquanto a erguia. Ele não podia acreditar no que via a sua frente e nem o que ela acabava de falar... Elly tinha partido para sempre.

— Me solte, Tauro! — Ele a largou, a deixando em seus pés com seus braços cruzados olhando para Dylan.

— *Diga-lhes* como cortou o coração dela, diga para seu *hermano* como foi um grande *hijo de puta*. Não trabalho para ti, não tenho medo. Não depois de ver a forma como ela se arrastou para fora da cama, procurando consolo bem longe de Chicago.

— Você dormiu com a Elly? — Seu irmão o encarou sério, jogando seus cabelos negros para trás.

Ele não precisava responder Bruce.

— Merda!

— *Sí...* uma grande *mierda* foi o que o senhor Dylan fez... — Ela respirou fundo, olhando para os dois. — Assim como vocês dois e quero vocês longe de mim, *cabrones*!

O pequeno furacão saiu da sua sala da mesma forma que entrou, andando em passos rápidos.

— Tauro, cuida do nosso pacotinho de doce. Tenho que ter uma conversar com meu irmão!

Tauro nem olhou antes de sair da sala, indo atrás da pequena mulher.

TAURO

— Zelda, espera! — Eu corri pelo escritório vazio em pleno natal

atrás da pequena *rabiosa* que apertava em desespero o botão do elevador. — Docinho...

Ela me estapeou quando meus braços a apertaram forte trazendo o corpo quente mais para perto.

— Me solta, Tauro... és tão culpado quanto Bruce! Foi até casa de *mi madre* me fazendo passar por uma mentirosa...

Eu não se importava com os gritos de raiva dela nem com as pequenas mãos que me batiam. Apenas com ela ali tão próxima. Seu cheiro doce que me infernizou por dias colado ao meu corpo me fazendo a odiar no mesmo nível que desejava ter ela junto a mim. Eu sabia que Zel tinha virado minha vida de um jeito que nunca mais voltaria ao normal. Depois da despedida na casa de sua mãe, podia jurar que minha pequena jamais nos perdoaria. Eu a virei como se fosse uma boneca em meus braços, abraçando mais forte, cheirando seus cabelos.

Eu a esmaguei contra a parede, trazendo seus lábios mais para os meus. Os dedos dela se apertaram em minha pele, cravando as felinas unhas na carne. Mesmo junto ao fraco protesto, eles eram anulados diante da fome que devorava sua deliciosa boca. Deixei minha mão deslizar por suas costas, amparando sua bunda roliça, apenas para me sentir vitorioso com os ronronados que a minha pequena *rabiosa* soltava entre meus beijos. Era como voltar a vida depois de tanto tempo se arrastando nas trevas desde o dia que deixei Las Vegas.

Eu já a tinha bem presa a mim enquanto a levava para meu escritório. Inferno, quantas noites me vi realizando esse feito? De tomar a pequena estagiária aos meus braços a arrancando de sua mesa feito um homem das cavernas apenas para ter ela para mim?

Ela me mordeu no lábio inferior; e, com seus dedos, puxou meus cabelos em pura petulância. O gosto doce que me torturava o paladar se derretia em minha boca.

— Deus, docinho, como lhe odiei, não mais do tamanho da saudade que senti de você...

Esfreguei meu rosto ao seu com nossas respirações coladas uma a pele do outro.

— Solte-me, Tauro. Deixe-me ir. Não senti saudades!

Sua mão espalmou em meu peito o empurrando. Era mentira, senti o corpo pequeno dela vibrar tanto ou até mais que o meu.

— Pois eu senti... — Era fraco diante dela. Passei por tanta coisa

nessa vida, mas a pequena mulher tinha o poder de me deixar ali caído diante dela com um piscar daqueles longos cílios.

O melhor presente que poderia ganhar de natal estava a minha frente com sua face fechada. Esfreguei mais meu rosto ao dela, inalando seu cheiro como uma lufada de droga que meu corpo tanto precisava.

— Apenas me deixe. — Sentia seus dedos finos tocando meu peito, pressionando com força deixando seus olhos magoados visíveis.

— Me deixa te explicar, docinho. Eu jamais pensei que era incompetente... Por Deus, Zel... apenas dissemos aquilo em um momento de pânico, em achar que Dylan poderia acabar com sua carreira.

— *Dios*, no fim nem precisou dele para isso! — Sua voz em deboche saía quebrada com um sorriso morto em seus lábios. — Eu mesmo fiz isso quando aceitei o que me ofereceram.

Eu me afastei dela, deixando meu corpo se segurar na outra parede. Meus dedos esfregaram meu rosto em agonia. Zel não podia estar arrependida, ela me olhava como se tivesse acabado para sempre com sua vida. Eu a via agora com mais calma, seu rosto abatido com olhos inchados. Percebia que as curvas volumosas de seu corpo tinham perdido as medidas, junto ao seu brilho que se apagou.

— Você ainda pode ter seu emprego de volta. Ainda tem toda sua carreira, apenas nos deixe ficar perto de você. — Eu dei dois passos, parando a sua frente, erguendo seus dedos em minha mão. Sua pele tão fria se encolhia ao meu toque. — Zel! Por favor!

— *Yo* tenho que ir... Não posso, não posso voltar!

Seus dedos se retiraram dos meus, me deixando em um vazio enquanto ela passava seus braços por seu corpo como se pudesse se proteger de mim.

— Deixa eu te levar. Deixa apenas Bruce vir e nós a levaremos para casa, docinho.

Ela olhava perdida para o corredor, me dando apenas uma chance de esticar minha mão, alisando seu rosto. Vi seus olhos negros que se fecharam e eu senti o toque suave de sua pele em meus dedos. Eu virei sua face delicadamente, encostando meus lábios ao seus, o gosto doce da sua boca ia se misturando a pequena gota salgada da sua lágrima. Eu me afastei dela, limpando seu rosto desejando poder voltar no tempo e tirar toda essa dor que tínhamos lhe feito.

— Me deixa te levar. Me de apenas um segundo e pego a chave do

carro.

Eu via pela primeira vez a pequena *rabiosa* calada com seus olhos profundos e marejados.

— Apenas um segundo.

Eu me afastei dela, correndo em busca da chave do carro, mas ao voltar não tinha nada além de um corredor vazio.

— Droga! — Soquei com raiva a parede.



LA FLOR

ZELDA

— Como foram as festas de fim de ano, Zel? — Eu terminava de vestir aquela camisola do consultório enquanto saía de trás do biombo indo para maca. Gastón olhava os documentos em suas mãos com sua sobrancelha arqueada.

— *Dios*, nem eu creio que sobrevivi... — Deitei na maca, me esticando, o vendo olhar com mais atenção os exames. — Está tudo bem?

Seu rosto se virou confuso para mim, coçando a cabeça, perdendo seu olhar em meu ventre.

— Está... está sim. — Ele sorriu para mim, a enfermeira que entrou na sala cortou sua fala, me preparando para o exame. — Zel, eu precisei pedir de volta seus exames de sangue assim como precisei dessa ultrassonografia para olhar com mais calma. Acho que deixei passar um pequeno detalhe na primeira.

— Acha que tem algo de errado com meu bebê, Gastón? — Olhei nervosa para ele que arrumava suas luvas em sua mão, apontando para tela.

— Luz, por favor. — Ele falou baixo para a enfermeira que caminhou

para outra extensão da sala, apagando a luz central. — Está tudo bem com seu bebê, Alonso.

Eu soltei o ar que prendia. Só *Dios* sabia como andava a flor da pele com toda essa preocupação, de como contaria a *mi madre*, de como faria para sustentar meu filho e, mais ainda, o sumiço de Elly que partiu sem nem uma mensagem ou e-mail. Gastón passava o aparelho em meu ventre, olhando cuidadosamente e lentamente como se buscasse por algo. O som alto que se fazia dos batimentos era a coisa mais linda, o que fazia ser a única coisa que me deixava em paz. O pequeno coração forte galopava feito cavalos selvagens correndo livres. Ele apertou minha barriga, movendo mais o aparelho e eu sentia o líquido gelado que a enfermeira passava.

— Mais um pouco de zoom... — Ele parou seu olhar na tela, movendo o aparelho e o som alto que se multiplica forte, batendo mais forte ainda.

— O que é? — Eu apertei meus cotovelos na maca enquanto tentava olhar mais a tela, sem entender, vendo apenas os borrões.

— Eu sabia! — Ele se virou, rindo para mim como se tivesse descoberto algo maravilhoso.

— *Dios*, Gastón... O quê?

Seus dedos se ergueram para tela, apontando um pouco mais ao lado da mancha.

— Zel... ele se escondeu de mim, o espertinho se escondeu no primeiro exame. — Eu olhava mais a tela enquanto ele esfregava o aparelho em minha barriga. Escutei o som alto do coração que batia forte, em rompante. — Esse é o som do coração do seu bebê... — Ele moveu, apertando minha barriga, fazendo o outro som mais forte. — E esse é o som do coração do seu outro bebê...

Acho que parei de ouvir quando ele falou ‘outro bebê’, eu ouvia agora os dois corações que batiam forte, e ele continuava mostrando rindo para tela.

— Ele se escondeu atrás do irmão, sabia que seus exames tinham dado resultados muito altos, por isso eu pedi outra vez, mas veja... Lá estava. Meu Deus, isso é incrível!

Eu via a sala toda girando, meus pensamentos gritavam a mil e tudo vinha feito um redemoinho dentro da minha cabeça.

— Gêmeos... *Dios*, dois *hijos*.

— Não, Zel! — Gastón ria enquanto se levantava, acendendo a luz da sala. Ele tinha um olhar iluminado. — Dois óvulos foram fecundados e os

dois embriões vingaram. — Ele esfregava seu rosto enquanto eu olhava mais nervosa para ele sem entender o que ele dizia.

— Não compreendo, dois bebês em uma mulher são gêmeos, não são, Gastón?

— Preciso conversar com um obstetra mais experiente, mais especializado nessa área. Deus, isso é quase um milagre! Zel, seus filhos são uma superfecundação.

Entre tudo que podia se ouvir nessa sala, a única coisa que ouvi foi minha risada histérica. Eu me sentava com meu corpo trêmulo, olhando tudo com medo, parando na tela que tinha a imagem congelada.

— Zel, isso normalmente acontece em casos de tratamento para engravidar, então isso seria algo até que, digamos, comum por conta dos espermatozoides que vão em testes. Às vezes, isso pode até acontecer de espermatozoides diferentes. Mas você não fez esse tratamento, você é completamente saudável; e o espermatozoide do pai deve ter sido quase um touro para conseguir lhe fecundar duas vezes.

Eu estava chorando enquanto ria. Apenas olhando perdida sem ter nenhuma ideia de como poderia criar dois filhos, dois filhos dos dois homens mais implacáveis que já tinha conhecido. Como contaria agora para *mi madre* que não era apenas um bebê e sim dois?

— Pode... pode vir a ser de espermatozoides diferentes? — Eu olhei para Gastón que se virou me olhando, vi seu olhar confuso com a pergunta; e, logo, ele apenas solicitou para que a enfermeira nos deixasse.

— Isso seria possível se tivesse a relação com múltiplos parceiros em tempo curto de tempo. Sim, poderia ser... — Eu me encolhi enquanto tampava meu corpo, descendo da maca. — Zel, tá tudo bem, se teve relação com mais de um homem, mas isso não bate porque os fetos têm o mesmo tempo gestacional, o que sugere que foram gerados no mesmo momento... Então o pai pode ser um só. — Eu ria mais ainda entre o choro, balançando minha cabeça em negativo. — A menos... a menos que foram os dois juntos... Oh! Merda, Zel!

Ele se calou vindo para mim enquanto me abraçava, limpando meu rosto.

— Oh, Gastón, o que fui fazer!



— Zelda, isso é quase um em um milhão! — Gastón levava a boca a segunda fatia de torta enquanto ria mais ainda. Como tinha sido minha última consulta com ele, Gastón me arrastou para fora do hospital com ele, nos levando para comer. — Você vai precisar contar aos pais... — Ele balançou o garfo em minha direção, mastigando sua torta. — Não pode passar por isso sozinha.

— Eu estou pensando sobre isso... — Sussurrei baixo, brincando com a torta em meu prato sem um pinga de fome. A última vez que vi aqueles dois foi no natal e já estávamos na segunda semana de janeiro. Eu dava graças por ainda estar distante deles.

— E também precisa se alimentar, deve manter sua saúde, não vai querer passar por uma anemia gestacional e muito menos uma queda de glicemia.

— Como vou fazer para criar dois filhos, Gastón... Como contar para minha família que estou grávida dos meus ex patrões... *Mi madre* me excomungará.

— Zel, nesse momento, deve se manter longe desses pensamentos, evite passar por nervoso sem necessidade, isso fará mal tanto aos bebês como a você. Veja... — ele limpou sua boca com guardanapo, me olhando com carinho. — Toda gestação é de risco, todas necessitam de cuidado, mas a sua ela é extremamente rara e isso redobra os cuidados com você... — Ele ergueu sua mão, apertando a ponta do meu nariz, sorrindo — Agora coma, mocinha!

Eu sorri para ele em concordância, realmente agora tinha que pensar

duas vezes mais em meus filhos, pensaria sobre isso depois. Eu me forcei a comer e a levar a torta à boca. Eu estava mastigando quando parei olhando para Gastón que tinha seu garfo parado no ar com seus olhos assustados.

Eu me virei para ver o que o tinha assustado e foi com duas sombras altas erguidas paradas atrás de mim. As mãos na cintura me fizeram erguer meus olhos, chocando-me nos pares de olhos que me encaravam como se pudessem me queimar.

— Atrapalhamos? — Bruce foi o primeiro com seu olhar negros, expressivo, preso ao de Gastón, que brilhavam mais ainda. Ele retirou as mãos dos bolsos enquanto puxava a cadeira ao nosso lado para se sentar.

— Não, claro que não. — Gastón respondeu, olhando para mim com uma pergunta muda que no fim ele já tinha a resposta.

Eu tinha meu coração batendo acelerado, vendo Tauro fazer o mesmo com seus olhos azuis presos a mim. Ele tinha seu maxilar travado e podia ouvir ele rangendo seus dentes. Meus dedos soltaram o garfo, olhando para ele que colou sua cadeira ao meu lado, virando seu rosto lentamente para Gastón, arqueando sua sobrancelha.

— O que fazem aqui...? — Eu olhava Bruce que ainda continuava sem olhar para mim, encarando Gastón como um cão raivoso. — *Señor?*

Ele virou sua face, me encarando em silêncio. Eu via seu rosto que sempre estava belo parecendo que tinha saído de um ensaio fotográfico. Seus dedos esguios passaram por seus cabelos, o alinhando, dando um sorriso cruel para mim.

— Passávamos por aqui e resolvemos entrar para tomar um café, *cariño!*

— *No me llames cariño, eres falso!* ^[3] — Eu sentia meu corpo todo tremendo em antecipação, vendo a fome de me enganar em seus olhos.

Seu rosto se fechou, parando a centímetros dos meus. Eu via seus lábios se apertarem em sorriso cínico.

— *Quieres hablar sobre el afecto de la mentira, cuéntame sobre tu amante?* ^[4] — Ele voltou seus olhos com raiva para Gastón.

E então entendia. Os dedos lentos de Tauro que batiam na mesa me fazendo olhar para ele. Os dois achavam que estava em um encontro amoroso com Gastón.

— *Dios, não me creio!* — Eu olhava com raiva para eles. E sentindo o dobro de ódio quando Gastón começou a rir sem parar, olhando para os dois.

— São eles? — Ele olhava de um ao outro, voltando a olhar para mim.

— Se queres saber se somos nós que vamos quebrar sua cara. Então, a resposta é sim! — Tauro rosnavia feito um animal raivoso babando de ódio.

— Basta! *Los dois* fora daqui!

— Esse lugar é público, podemos ficar se quisermos!

Eu apertei meus olhos com raiva para Bruce que falava feito um menino malcriado, me testando. Olhei para Tauro que apenas cruzava suas pernas sem nem um pingo de vontade se levantar. Gastón, que achava aquilo divertido, sorria mais ainda.

— Pois *bien*... — Levantei, pegando minha bolsa no encosto da cadeira olhando com raiva para os dois, respirando rápido. — Que fiquem!

Eu só queria sair dali o mais rápido que podia, nem me importei de largar o pobre Gastón no meio dos dois brutamontes. Meus passos me levavam para fora. Andava nervosa, como poderia levar isso adiante? Eu precisava ver eles, mas não agora, não dessa forma, tinha acabado de receber a notícia que mudaria minha vida para sempre, não seria um filho, seriam dois. *Dios*, nem sabia como criaria um, como poderia ser dois agora? Meu rosto estava em lágrimas enquanto tentava manter minha vista limpa, limpando-as.

— Docinho, espera... — a voz alta de Tauro foi a primeira que ouvi, mas mesmo assim não quis parar, andava a passos rápidos entre as pessoas.

— *Cariño*... — os dedos de Bruce passavam por meu braço, me fazendo estacar no lugar me virando para ele.

— *Dios*, me deixe! Agora não, *señor*!

— Zelda, está saindo com aquele homem?

Eu me virei para Tauro que já estava colado ao meu lado com seu rosto sóbrio.

— *Sí*, não sabia? Ele e mais os outros cinco que estavam chegando!

— Respondi com raiva. — *Dios*, são dois burros. Acha mesmo que sou tão baixa a ponto de sair da cama de vocês e ir procurar outra?!

— *Cariño*, eu sinto muito... Eu não controlo isso que sinto, nem o que me pega ao ver você com outro, apenas que quando lhe vi... Zelda, eu queria quebrar o pescoço daquele homem. — Via seu olhar perdido, e o negro escuro agora se tornava um cinza triste e perdido.

Eu soquei com raiva seu peito, queria odiar Bruce assim como a Tauro. Mas mesmo ali eu estava feito uma burra o deixando me prender em

suas teias de aranha outra vez.

— Gastón é *gay*, Bruce! — Gritei com raiva, soltando meu braço. — Não quero conversa com nenhum dos dois, não agora. Não agora!

Eu me desprendia de Bruce, caminhando para longe dos dois, sentia a dor de cabeça latejante, a tontura que vinha me pegando com mais força, me dando apenas a sensação da queda. Mas não cheguei ir ao chão: Tauro já tinha se adiantado, me segurando para ele. Eu sentia tudo girando a minha volta com apenas os olhos azuis me olhando nervosos.

— Docinho! Fala comigo! — Sua mão segurou minha face, virando-a para ele, a sombra de Bruce me olhava com medo.

— Pelo amor de Deus, vocês dois podem me deixar chegar até ela?! — Gastón afastava Bruce, erguendo meu pulso, me olhando preocupado. — Precisa voltar para o hospital, Zelda!

— E quem é você?! Pode deixar que agora nós cuidamos dela! — Tauro respondia bravo, eu tentei erguer meus dedos até Gastón. Mas já sentia meus olhos se fechando com minha voz presa.



Quando abri meus olhos, apenas via o teto branco que pairava sobre mim... tombei meu rosto vendo meu braço que tinha uma agulha que ligava até o soro. O som baixo da máquina que ia fazendo seu trabalho, controlando minha pressão e meus batimentos cardíacos.

— Ei, dorminhoca... — O som baixo da voz de Gastón se fez junto a ele que caminhou parando ao meu lado, ele olhava para a máquina, anotando

todas as informações.

— Meus *hijos*? — Eu ergui minha mão, segurando seu braço.

— Está tudo bem, apenas teve uma queda de pressão! — Ele olhava para trás, voltando-se para mim. Meus olhos se erguiam sonolentos por cima dele, vendo apenas as sombras que iam se aproximando. — Foi um dia e tanto de surpresas.

O primeiro rosto que vi foi o de Tauro, ele estava com sua face completamente fechada, era quase como se não tivesse emoção. Seus olhos paravam em minha barriga, ficando lá em silêncio. Bruce me deixou surpresa quando o vi pela primeira vez desalinhado, apenas com sua camisa sem a parte de cima do terno. Ele tinha suas mangas dobradas e a gravata torta, combinando com seus cabelos negros bagunçados. Ele olhava para mim, perdido com seus olhos negros brilhando. Estava nervoso.

— Bom agora que Zelda acordou e todos nós somos adultos e já sabemos o que a levou passar mal, preciso conversar com os três! — Ele foi interrompido pela enfermeira que o chamou, fazendo-o dar uma saída.

Fiquei sozinha com Bruce e Tauro.

— Por que não nos contou? — A voz baixa de Tauro se fez ouvir, parando ao meu lado, me olhando como se esperasse o pior sair da minha boca.

— Estava magoada, assustada... *Dios*, eu nem contei para *mi madre*...

— Poderia ter nos contado, *cariño*... — Bruce falou sereno olhando para mim. — Nós cuidaríamos de você.

— Você não queria o bebê. Foi por isso? — Eu virei meu rosto para Tauro que enfiou sua mão nos bolsos da jaqueta, nervoso. Seus olhos azuis eram como gelo quando ele falou aquilo, com sua face fechada.

— *Dios*! Como pode dizer algo assim! — Olhei com dor para ele. — *És mi hijo*, acha que não amaria ele?

— Eu não sei, a gravidez não estava no seu plano de carreira.

— *Ustedes* não estavam no meu plano de carreira, mas mesmo assim entraram, não foi? Por que acha que meu filho seria menos?! — Eu sentia dor por ele achar que era tão bastarda a ponto de não querer meus filhos! Eu podia não ter planejado, mas, *Dios*, eu amava eles já.

— Eu lhe disse, não disse! — Bruce respondeu em seco, pegando o lugar de Tauro a meu lado. — Sabemos que quer nosso filho, Zel.

Eu me virei confusa para Bruce que falava em unidade quando na verdade era um par. Ele abriu um sorriso em seu rosto, alisando meus

cabelos.

— Filhos na verdade! — Gastón entrava na sala nos olhando com curiosidade.

Eu vi a reação na face de Bruce, ao vivo, quando ele ficou pasmo olhando para meu ventre. Sua respiração que foi se acelerando enquanto ele entrava em choque. Tauro já estava se encostando na cama, olhando na mesma hora para minha barriga.

— Gêmeos? — Ele olhava da barriga lisa para mim. — Nos escondeu uma gravidez de gêmeos?

— Não! — Eu me sentava com cuidado olhando para Bruce, que estava a um ponto de desabar. — Bruce... se senta... senta aqui.

Puxava sua mão com cuidado trazendo ele para se sentar ao meu lado. Ele ainda estava parado congelado, olhando para o vazio.

— Vou ser pai... — Ele sussurrou baixo, virando o rosto para mim. — Pai duas vezes.

— Na verdade, também não é isso... em partes! — Gastón mostrou o ultrassom para Tauro que olhava perdido.

— Esses são os nossos filhos? — Eu vi aquele homem grande ir se sentando do meu outro lado da cama. Ele olhava o papel e para mim, com um pequeno sorriso.

— Vocês três conseguiram realizar uma façanha da natureza. — Ele sorria para nós como se fôssemos animais de circos. — Zelda está com uma superfecundação. — Bruce ergueu sua face, olhando para ele que puxou uma cadeira, sentando à nossa frente. — Vocês três tiveram relação... — Ele gesticulou entre nós três e senti o toque roubado de Tauro em minha perna como se estivesse marcando território com sua face serena. — Normalmente, uma superfecundação acontece entre dois dias ou cinco intercalados de uma relação à outra. Mas, de alguma forma, Zelda teve dois óvulos fecundados separadamente, mas pelo tempo de gestação dos dois óvulos podemos dizer que foram com diferença bem pequena de minutos. — Ele coçou a cabeça, olhando para os dois — O que isso nos leva a ter a certeza que fizeram isso juntos!

Os braços de Bruce passaram pelos meus ombros o puxando para ele, enquanto Tauro ainda tinha sua mão em minha perna com seu peito estufado.

— Isso quer dizer que a nós dois engravidamos Zelda?

— Tem grandes chances. — Gastón respondeu à pergunta de Tauro. — Assim como podem ser de apenas um de vocês os dois espermatozoides.

— Isso para nós é irrelevante. — Tauro falou sereno.

— Os bebês são de nos dois... Somos os pais, independente disso! — Bruce respondeu na mesma hora com orgulho.

Gastón sorriu olhando para mim enquanto os dois iam me prendendo mais. Tauro se aproximou, alisando minha face.

— Fizemos nós três e nós três somos tudo para eles. — Eu senti meus olhos se enchendo de lágrimas enquanto soltava um soluço baixo. Ele alisou minha face fazendo carinho em meus cabelos. — Achou mesmo que deixaríamos você sozinha nisso, docinho?

Bruce virou meu rosto dando um beijo na ponta do meu nariz, limpando as lágrimas.

— Bom... aí que queria chegar. — Gastón respondeu, nos fazendo olhar para ele. — Como expliquei a Zel, toda gravidez precisa de cuidados, mas a dela precisa de muito mais.

— Estou me cuidando... — Sussurro baixo.

— Não, não está! — Ele me recriminava feito uma criança. — Zel estava fraca e passava por muito nervoso desde o dia que soube da gravidez e tenho minhas dúvidas sobre sua alimentação e todo resto de cuidados para gestação.

— Ela só come porcaria!

— Sim, isso é verdade.

Os dois homens que me entregavam para Gastón.

— *Dios*, não sou uma criança que precisa de babá... Vou tentar controlar meu nervosismo... — Bati na perna dos dois enquanto me levantava da maca. — Tire isso do meu braço, Gastón.

Ele ria de mim para eles, erguendo seus dedos.

— Entenderam?

Bruce já me puxava pela cintura enquanto Tauro puxava as cobertas, me arrumando na cama.

— Ainda não, *cariño*, primeiro vamos terminar esse soro e depois te levamos.

— Mas estou bem... Não preciso mais disso e nem ficar deitada.

— Bom, preciso que um de vocês me acompanhe para assinar os documentos de liberação. — Seus olhos se voltaram para mim com calma. — Quando terminar o soro, eu lhe deixarei ir para casa.

Via Gastón saindo do quarto com Tauro caminhando com ele, o grande homem com seus olhos azuis parou em mim uma última vez antes de

sair daquela sala.

BRUCE

— Tem certeza que não prefere ir para minha casa? — Meus olhos paravam na casa onde estacionamos o carro. A casa de Zelda ficava situada em um bairro simples de Chicago, não um dos piores, mas estaria com toda certeza fazendo um levantamento da taxa de crime desse lugar.

Ouvia seu suspiro baixo enquanto ela abria a porta do carona, saindo do carro. Tauro já estava do lado de fora antes mesmo dela sair.

— Podemos ficar se você quiser... — Zelda o olhou de cara feia assim que ele fez a proposta, tinha sido uma batalha ao qual nos dois a deixávamos ganhar para ela poder se acalmar, depois de brigar não aceitando ir para casa de nenhum de nós dois.

— Quero apenas deitar, ok! — Suas mãos pequenas alisaram seu rosto, fazendo-a parecer tão frágil e perdida. — Foi um dia... um dia e tanto...

— Podemos ficar, não pode ficar sozinha. — Ela olhava para seus sapatos enquanto apertava sua bolsa. — E temos que falar sobre o futuro deles, sobre o nosso...

Vi sua face se fechar enquanto ela tinha seus olhos brilhosos

— Não, não temos. Teremos nossos *hijos* e é só. — Ela olhou de cara feia para nos dois

— Está completamente enganada, docinho, se acha que vamos ver nossos filhos e você apenas em feriados ou dia estipulados... — Tauro rosnou baixo, me olhando em busca de ajuda.

Eu apenas balancei a cabeça em negativo para ele frear esse assunto, teríamos uma conversa, mas por agora a deixaríamos. Não estaríamos indo para longe dela e muito menos de nossos filhos.

— *Estoy* cansada, não quero brigar de volta, Tauro... — Zelda nem

nos olhou quando se virou, indo para casa. — Boa noite, *senhores*.

Ficamos nós dois lá, parados, vendo-a entrar na casa. Eu observava a casa de alvenaria simples com toques domésticos, tão aconchegante. Em nossa infância, Dylan e eu tínhamos crescido em um lar destruído, onde apenas o nosso único alicerce era nosso pai, não iria o mesmo acontecer com meus filhos.

Tauro soltou o ar em nervosismo, sabia por seu olhar que ele tinha se segurado por Zelda, a nuvem de preocupação em seus olhos estava negra enquanto ele olhava a casa.

— O que o médico disse? — Eu me virei para ele, sabendo que escondia algo.

Seus olhos ficaram frios com seus dedos trêmulos esfregando seu rosto.

— Zelda tem que ter cuidados a mais, tanto ela como nossos bebês. — Eu sabia que ele tentava se controlar, mas todo seu passado subia como um só, o que aquela vadia o fez passar, aquilo esmagava Tauro todos os dias.

— Zelda não é a Harley, já te falei isso, Tauro. — Via as luzes do andar de cima se acendendo, o som dos latidos mostrava que ela não estava sozinha.

Eu via o gramado verde sob a noite estrelada, imaginado meus filhos correndo por eles.

— Eu sei disso. Mas a ideia de algo ruim poder acontecer aos três... isso me mata! — Ele encolheu seus ombros, caminhando para a casa. — Eu quero estar lá, quero a proteger, olhe esse lugar, não tem proteção alguma. Qualquer um poderia entrar nessa casa, eu sei lá.

— Ela não quer deixar essa casa, teremos que persuadir ela a nos deixar entrar. — Eu sentia o mesmo medo que ele.

— O médico chamou um doutor de Los Angeles para vir acompanhar o caso dela de perto. E também tentara evitar que isso se espalhe.

— Isso o quê? — Eu olhava para meu primo agora sem entender.

— Droga, Bruce! Zelda é um caso raro, esses abrutes da mídia iriam amar jogar o rosto dela em cada jornal que vir.

— Filhos da puta! Nossa mulher e nossos filhos não são ursos de circo.

— Eu sei, por isso o médico dela vai manter em sigilo o caso.

— Droga, por que ela tem que ser tão teimosa! — Tentava ouvir algum som na casa e nada, apenas o silêncio se fazia. — Acha que ela está

bem?

— Merda, eu não sei. — Estávamos nós dois andando em volta da casa, atrás de algum sinal que ela estivesse bem.

O som baixo do choro nos fez parar no lugar.

— Ela está chorando! — Eu olhava para ele em nervosismo.

— Ela pode ter caído! Ou se machucado! Droga, eu não vou deixar essa mulher teimosa sozinha!

Damos a volta, indo para porta da entrada, não dando a mínima para o que ela queria, até podia bater o pé não querendo ir para nossas casas, mas ficar sozinha também não iria.

— Zelda... Zelda! Abre a porta! — Tauro batia, mas nenhum som se ouvia além dos latidos desesperado do cachorro.

— Ela pode ter desmaiado outra vez! — Eu esmurrei com mais força.

— Inferno, vamos arrombar!

Nos dois damos um espaço de metros e, com um sinal de cabeça, corremos para porta a levando ao chão quando nossos corpos colidiram nela. Nos dois olhávamos em volta, procurando por Zelda, o cachorro que latia no andar de cima. Nós corremos escadas acima, olhando todos os cômodos até entrar no quarto.

O quarto arrumado com uma cama de casal continha almofadas floridas todas alinhadas, era tão cheio de vida e cores como Zelda. A música que tocava baixinha no rádio ia se misturando ao choro dela. Andamos a passos rápidos para a outra porta fechada, e Tauro a abriu rapidamente.

Zelda estava sentada ao chão, segurando um bibelô quebrado, ela chorava com tanta dor, limpando seu rosto, nos olhando assustada.

— Eu quebrei ele. — Ela olhava com tristeza, o trazendo para mais perto. Tauro já estava se ajoelhando perto dela, alisando seus cabelos. — Por que vocês dois são tão teimosos...

— Isso é charme, docinho... — ele estendeu a mão para ela. — Me deixe ver...

— Foi presente de *mi padre*... Eu derrubei ele e se partiu! — Eu via a pequena flor de porcelana delicada partida. Zelda chorava mais ainda com seus ombros balançando.

Seus cabelos negros caído sobre seus ombros iam a escondendo quando ela baixou a cabeça.

— Vou consertar ele para você, docinho. — Tauro ergueu a flor para mim, me entregando, se arrastando até ela. — Zelda, está tudo bem, vou

arrumar.

Ela balançava a cabeça mais ainda. Eu me abaixei, me aproximando dos dois; e via os olhos de Tauro que me olhavam sem saber o que fazer.

— Vai ficar tudo bem, *cariño*... Vamos cuidar de tudo.

— Foi o último presente que *mi padre* me deu... — Ela soltava o ar, erguendo seu rosto, limpando sua face com seus olhos vermelhos de choro. — Eu agora esbarrei e quebrei, quebrei ela e não consigo arrumar, eu não consigo arrumar nada. — Meus dedos se ergueram, alisando sua face. Sabia que Zel não chorava só pela flor, ela se encolhia com medo.

— Nós arrumaremos para você. Arrumaremos tudo, docinho.

— Não vão poder arrumar isso, não vamos poder arrumar a cabeça das pessoas quando magoarem nossos *hijos*. Eu não vou poder proteger eles delas...

Tauro congelou seu toque, virando seu rosto para mim. Zelda sentia medo de como nossos filhos seriam tratados, as pessoas eram cruéis em julgar; e sabia que ela ainda teria que lidar com sua família.

— Iremos protegê-los, *cariño*, todos vocês.

— *Estoy* com medo. Medo pelo futuro... por eles.

Sua voz triste partia nossas almas enquanto ela chorava mais. Tauro a puxava para seus braços, aninhando ela feito um filhote de passarinho machucado... Ele a apertava mais, beijando o topo da sua cabeça e, logo, seus braços se prendiam a ele. Tauro se levantou, segurando-a mais forte.

— Peguei você, docinho. — Ele beijou seu rosto, levando-a para fora do banheiro.

— Leva ela para cama, Tauro. Vou dar um jeito naquela porta. — Puxei a colcha, levando as almofadas ao chão, deixando apenas os travesseiros. Tauro se sentou com ela à cama, arrumando-a.

Ele olhava sério para mim por cima de sua cabeça e eu já sabia o que pensava. Ela querendo ou não, a gente ficaria.



LA INVASIÓN

ZELDA

O som distante do maldito martelo que batia constantemente invadia minha cabeça como se estivesse sendo nela que ele martelava o prego. Ao abrir meus olhos, ainda fiquei um tempo em silêncio, pensando qual dos abençoado dos vizinhos estavam fazendo aquela barulheira toda. Deixei meu nariz se esfregar ao travesseiro, onde o cheiro almiscarado ainda estava. Eu me recordava de ter pegado ao sono nos braços firmes de Tauro, os olhos azuis eram como um mar, me dando uma sensação de paz. Eu tinha chegado ao ápice na noite passada, era como se tudo tivesse vindo de uma única vez; e quebrar a pequena flor que ganhei de *mi padre* foi como a última gota, fazendo todas as emoções virem de uma única vez. E eu tinha desabado no chão do banheiro em choro por não conseguir consertar, por não ter ideia do rumo que minha vida tinha tomado. E por mais que desejasse não querer mais eles em minha vida, vê-los foi como ser salva de um afogamento de emoções: Tauro sussurrando palavras de afeto, acariciando meus cabelos. Foi, então, que me deixei descansar, retirando toda preocupação de minha cabeça.

Espreguiçando meu corpo, eu me arrastei para fora da cama, olhando

para o quarto vazio. Nem senhor Piter se encontrava deitado ao tapete como de costume. Caminhei para o banheiro, jogando água no meu rosto, esfregando-o para poder acordar já que voltar a dormir estava fora de cogitação com a barulheira. Eu parei meus dedos sobre a torneira, observando a pequena *necessaire* em couro negra, elegante, sobre o balcão da pia. Eu estiquei meu corpo a olhando com cuidado, movendo-me para fora do banheiro, tentando encontrar o dono... os donos. Ao sair do meu quarto, depois de escovar os dentes, ergui meu cabelo em um coque, mas antes mesmo de sair do cômodo, tropecei diante das duas malas soltas ao chão. Eu olhei para o resto do corredor, vendo as outras que se espalhavam em partes.

— Ei, chefe, onde podemos deixar isso? — Os gritos dos homens dentro da casa me fizeram olhar assustada, pulando sobre as malas ao som do maldito martelo. Eu tinha até medo de descobrir o que estava acontecendo, mas ainda assim caminhava, olhando tudo ao pé da escada. Vi minha porta sendo substituída por outra com uma porta de grade à sua frente, que já estava instalada. Os homens andavam pela minha casa, carregando caixas grandes. Outros iam para sala, levando uma grande tela de plasma.

— Ei... ei onde está minha TV? — Eu procurava pela pequena televisão que tinha comprado, pagando suadas prestações. Mas sem sinal dela.

— Bom dia, dona! Podemos levar a cama lá para cima?

Eu me virei para o senhor alto que segurava uma prancheta em sua mão, já chamando por mais homens.

— Cama?

Eu saltei para trás no momento que quatro homens invadiram a casa carregando o que seria o maior colchão que já tinha visto.

— O quarto é lá em cima, correto? — Eles nem sequer esperaram uma resposta antes de subirem com aquela coisa monstruosa.

— *Dios!* Espera! — Eu tentei correr atrás deles, mas parei na janela da sala onde a furadeira já fazia um grande barulho, estavam colando grandes de proteção. — Que estão fazendo em *mi* casa?

Eu apenas calcei minha pantufa ao pé da porta, e vi que continha mais dois pares de pantufas muito maiores perto das minhas. E já sabia quem estava por trás desse circo. Antes mesmo de sair porta afora, voltava a passos de ré, vendo os homens carregando a geladeira de inox para dentro.

— Espere... espere! *Dios!* — Eu sentia meu rosto pegando fogo, caminhando para fora, mas congelei assim que vi o grande caminhão parado

na porta da minha casa, com mais outros homens chegando.

A voz alta do homem de fora do telefone gritava enquanto acompanhava tudo. Eu apertei minha boca com raiva, encarando a criatura mais perversa em seu terno negro que tinha seu ar perfeito com seus cabelos extremamente alinhados. O cachorro traidor estava sentado ao seu lado abanando o rabo quando me viu. E eu quando voltei pedi desculpas por deixar ele por tanto tempo em um hotel de cachorros.

— *Tú!* — Eu rosnei apontando meu dedo para ele. — Que pensa que está fazendo, *cabrón*?

Vi ele caminhando para mim, desligando o celular enquanto sorria com seus dentes brancos de tubarão. Bruce me calou antes mesmo de poder reclamar: prendeu meu rosto em sua mão e me puxou para um beijo, eu sentia sua língua varrendo a minha boca como se tirasse todos os pensamentos. Seu perfume amadeirado era quase uma droga que invadia e me deixa sem ar, apenas desejando mais. Ele soltou meu rosto depois que me tirou o fôlego com seu sorriso doce.

— Bom dia, *cariño*. — Eu ainda tentava fazer meus pensamentos voltarem ao normal, me segurando em seus braços.

— Bom dia... — Sussurrei perdida em seus olhos negros que eram tão belos. Mas o som alto dos homens me fez lembrar o porquê estava lá. — Bom dia nada, *señor!* — Me afastei dele, soltando um tapa em seus braços. — Que pensa que faz? Como invade minha casa assim!

Eu vi os quatro homens anteriores passando ao nosso lado com meu colchão velho, levando-o para um caminhão.

— *Mi cama! Dios! Esperem!* — Eu tentava pará-los, puxando a beirada do colchão. — Soltem! Soltem meu colchão, seus *hijos de puta!*

— Perdão rapazes, ela não tomou café ainda... — Bruce me erguia pela cintura, me arrastando para longe deles.

— Devolva! Bruce, aquela é minha cama!

— Aquilo é uma máquina de quebrar a coluna, Zelda. — Ele ria com o cachorro caminhando ao seu lado, prendendo-me mais em seus braços. — Eu acordei com dor pelo meu corpo todo. Sem falar que era pequena demais para nos três.

— Nos três? — Eu virei com raiva meu rosto para ele.

— Sim, nós três, não tô a fim de dormir no sofá e muito menos dormir no quarto de hóspede, nem eu nem Tauro temos essa ideia.

— Pois durmam em suas casas então! — Bruce entrava na casa, onde

parecia uma invasão de machos que se espalhavam por cada canto. — Não me lembro de *convidar ustedes* para vir para *mi* casa...! — Eu rosnei baixo quando ele me colocou ao chão. Na cozinha, ele já puxava uma cadeira me fazendo sentar.

— Sente, vou arrumar algo para comer!

— *Estoy* sem fome!

— Não perguntei se tinha fome. — Ele deu um pequeno sorriso, deixando uma xícara de café à minha frente. — Tauro passou no mercado e trouxe coisas saudáveis para comer. Meu Deus, só tem porcaria nessa casa.

— Por que tem uma geladeira nova na minha casa?

— Estava sem, como podia guardar as coisas? — Ele trouxe um prato com pão fatiado e presunto, deixando um copinho de iogurte ao lado. — Come tudo.

— Sabe que não manda em mim, não é, *señor*, e juro que vou ligar para a polícia, pois essa invasão é crime.

— Pode ligar assim que terminar seu café.

Ele se sentou, esticando seu corpo ao meu lado na outra cadeira, cruzando suas pernas. Então, apontou o café para mim.

Eu mordi com raiva aquele pão, querendo enfiar goela abaixo dele que apenas sorria em felicidade.

— *Miserable!* — Grunhi entre as mordidas, tomando o café. Eu realmente estava com fome e comia cada pedaço daquilo como se há dias não me alimentasse.

— Onde estão *mi* coisas?

— Vamos deixar elas guardadas na casa de Tauro.

— Quero minhas coisas de volta e vocês fora da minha casa, *señor!*

— Isso está fora de cogitação, não quer ir para nossa casa, então nós estaremos vindo para cá. *Cariño*, não iremos lhe deixar... — Sua grande mão se esticou, alisando meu rosto enquanto deixava seu olhar se perder em meu ventre. — Eu posso?

Bruce não esperou uma resposta antes de deixar seu joelho tocar o chão, senti o toque de sua mão grande espalmado sobre minha barriga, ele a alisava com carinho enquanto sorria.

— Não nos deixe longe deles, Zel. Por favor... — Eu não devia ter olhado naqueles olhos brilhantes. Bruce ia de um homem implacável e controlador ao pai babão sem rumo que estava mais perdido do que eu. — Você precisa de nós, eles precisam de nós, *cariño*.

— Bruce isso não vai funcionar... *Dios*, eu nem sei como explicar essa situação.

— Não temos que explicar.

Eu estava cansada, sentia ainda toda emoção me pegando e seu toque era tão calmo como se me segurasse e seus olhos negros pudessem me garantir que tudo iria acabar bem. Bruce abaixou sua cabeça, dando um beijo em minha barriga.

— Fiquem, mas apenas pelos bebês! Não temos mais nada, *señor*, não quero *ustedes*, o que aconteceu em Vegas não vai voltar... — Eu me engasguei quando senti a pequena mordida em minha perna, Bruce esfregava seu rosto com carinho, deixando seus dedos esfregarem minha perna. — Bruce, está me entendendo?!

Eu suspirava, sentindo o toque dos seus dedos em minha perna que iam subindo, se alastrando devagarinho.

— Estou. — Seu rosto se ergueu, parando próximo ao meu enquanto eu sentia meu coração batendo acelerado. Ele sorria com prepotência como se não ouvisse o que eu falava.

— Aonde podemos deixar isso?

Nós viramos para o rapaz na porta da cozinha que trazia o que parecia material de musculação. Bruce apontou para trás e vi o que era a parte traseira do meu quintal: estava virando uma academia.

— Eu vou matar o Tauro! — Me levantei da cadeira com raiva. — Não posso lidar com vocês dois! EU NÃO POSSO.

Subi as escadas, o largando para trás e, ao entrar no meu quarto, me deparei com a grande cama que debochava de mim.

— Isso não vai dar certo!

Tampeei meu rosto, segurando um grito de raiva.



ZEBRAS X LEÕES

ZELDA

Sabe aqueles documentários do Animal Planet sobre os reis da selva onde os leões passam em câmera lenta se espreguiçando e mostrando cada detalhe da sua força? Estirados ao sol com suas jубas brilhantes, e até achamos a coisa mais linda aqueles gigante animal parecendo um gatinho domesticado. Pois era isso que estava vendo pela janela da cozinha, não na TV, mas sim os dois leões traiçoeiros no quintal se exercitando ao ar livre. A diferença era que no reino animal eu seria a zebra curiosa que ficava lá do outro lado do rio os olhando. Com a garganta seca, morrendo de vontade de provar a água.

Acho que já tinha lavado o mesmo copo umas quinze vezes, me perdendo em cada detalhe dos músculos ambulantes do lado de fora. Tauro com seus fones de ouvido, sentado em uma cadeira, levantava os pesos, estimulando mais seus músculos... que pareciam em perfeita definição. E eu sentia a boca seca, quase desejando poder morder seus braços. Mas nada se

comparou quando ele pegou aquela corda, nunca tinha tido um pensamento perverso com pular corda, mas ver ele com seu corpo todo rígido, saltando livre enquanto mostrava mais ainda o contorno das suas costas quando ele se virou... aquilo foi um inferno de quente. Seus ombros largos sob a luz do sol tinham as gotas de suor escorrendo pelo vale das costas. Eu acompanhava aquela gota, deslizando a língua sobre minha boca seca, sentindo minha nuca queimando. A esponja em minha mão deslizava sobre o copo lentamente como se pudesse ser aquela pele quente e malditamente firme. Eu sentia minhas pernas moles. Quando ele largou aquela corda, a jogando ao chão, acompanhei seus dedos até a beirada da bermuda, arrumando-a. Minha cabeça ia se abaixando junto ao seu movimento e meu corpo já estava colado à janela para ter uma visão melhor. Quando ele ergueu sua cabeça, olhando na minha direção, eu desviei rapidamente meu olhar para a velha cortina de chaleiras como se realmente tivesse a avaliando e não aquela visão pecaminosa.

— Acho que vou ter que lavar essa cortina! — Eu conversava comigo mesma, voltando minha atenção para o lado de fora quando ele voltou a sua atenção para seus exercícios. Eu me deixei me perder na outra visão à esquerda, com seu rosto focado.

A bermuda de pugilista de Bruce não ajudava em nada, deixando bem claro que, fora ela, não tinha mais nada lá segurando aquele material que balançava livremente enquanto ele corria naquela esteira. As penas grossas corriam aceleradas dando mais movimentos ao contorno de todo o conjunto, até os cabelos negros molhados de suor caíam majestosamente sobre sua cabeça. Minha respiração estava até lenta de como o via parecendo um majestoso animal. Devia ser por isso que aqueles ternos sob medidas caíam tão perfeito naquele corpo. Seus dedos foram à regata, retirando-a enquanto jogava ao canto, os pequenos gomos de músculos do abdômen eram tão duros e firmes que se contraíam mais a cada corrida e nada podia ser mais cruel que ver aquilo e saber que minhas mãos já deslizaram por aquela pele quente até morrer gritando em seus braços. O pior foi o sorriso em sua face quando ergui meu rosto para ele. A pequena piscada safada de quem sabia que estava sendo observado, eu desliguei a torneira com raiva, saindo o mais longe possível daquela janela.

Dios! Em uma semana os dois tinham invadido minha casa e mudado ela por completa, cada segundo que eu bobeasse dava de frente com um dos dois andando seminus pela casa. Outra coisa era ir ao banheiro pela manhã e

ter um homem nu tomando banho alegremente, saindo do banho completamente molhado e sexy! Eu evitava olhar para eles assim como o diabo corria da cruz, mas o auge dessa loucura era acordar todos os dias com dois paus duros em minha direção. A briga pela cama foi a maior de todas, ao qual eu perdi amargamente tendo que admitir que dormir naquela cama nova era muito melhor que antiga. Bruce me venceu com seus argumentos e Tauro... bom, ele usou o fato de poder usar eles como meus travesseiros gigantes. Não era bem aquilo que eu imaginava dos dois. Eu não tinha mais um dia de paz dentro da minha casa, era um campo de guerra onde os dois inimigos dividiam o mesmo teto que eu. Tauro se mantinha em casa durante as manhãs, meu quarto da bagunça virou um escritório masculino, onde o que mais tinha eram gritos de um leão bravo por vídeo conferência. Mas tinha sua vantagem: meus cafés da manhã nunca foram tão empanturrados. À tarde, me deparava com Bruce chegando todo alegre com seu carro *sport*, fazendo a vizinhança inteira ficar de olho grande na casa. Conversávamos sobre sua manhã e como ele quase matava sua secretária. Ria com Bruce que se esticava no sofá e passávamos a tarde despojados, aproveitando a TV de plasma de Tauro. Bruce gostava de assistir documentários, desenhos e noticiário. Quando a noite chegava, recebia Tauro, e eu me via ali entre a cozinha com dois gigantes homens que mais me atrapalhavam do que me ajudavam. Ok, a louça foi uma boa jogada. Isso ficava por conta deles. E confesso que nunca me imaginaria vendo aqueles homens com uma vida doméstica depois de acompanhar eles por três anos naquele escritório.

Ao fim, eu descobri como seria ter leões domesticados, mas leões sempre seriam leões, independente do habitat, e mantinha isso em mente antes de bobear feito uma zebra boba perto deles.

O som da campanha me fez voltar minha atenção para porta enquanto caminhava para ela. Era dia. A pequena sombra do lado de fora já me davam uma noção de quem estava lá, meus dedos foram ao trinco abrindo a porta. E ali com o sorriso mais doce que de uma cobra cascavel se encontrava minha pequena e fuxiqueira vizinha com seus olhos curiosos para dentro da casa.

— Zelda! — Ela sorria, me olhando com sua face redonda. Eu saí, fechando a porta atrás de mim, tampando sua visão de dentro da casa.

— Olá, senhora Célia. — Sorri para ela, forçando meus dentes aparecer.

No fim, era uma mulher boa, tirando o fato que ela tinha uma língua que não cabia na boca e cuidava da vida de todos, espalhando fofocas por

tudo. Ela apertava seu gato preguiçoso ao colo, olhando para os carros estacionados na frente da casa.

— Meu querido Martin finalmente voltou para casa. Eu estou querendo fazer uma festa para ele de boas-vindas. — Ela moveu seu rosto para a pequena janela, onde me movia junto, ficando à sua frente. — Está com visita. Não sabia que sua mãe estava por aqui.

— *Mi madre* não está. — Soltei o ar com desânimo, cruzando meus braços.

Ela arcou sua sobrancelha rindo e soltando um largo sorriso.

— Entendo, eu achei que estava desempregada... — Ela cortava de um assunto ao outro apenas em segundos. — Eu estava esses dias mesmo saindo com meu gatinho para pegar um sol e vi um grande caminhão na frente da sua casa. A Trudi, sabe como é, linguaruda... — Ela falou baixo, falando mal da amiga dela de bingo. — Disse que você estava de mudança, mas eu sabia que não, as mudanças estavam entrando e não saindo... a Trudi é um fofoqueira mesmo.

— Não diga?! — Eu fui obrigada a rir, olhando para o descaramento dela. — Bom e voltando a falar da festa de Martin... Quando será?

— No próximo sábado, achei que ele iria amar te ver, Martin sempre teve uma paixão reprimida por você, e eu juro você seria a nora perfeita!

Eu me engasguei com aquilo. *Dios!* Foi um beijo de portão que dei ao seu *hijo*, acho que cortaria meus pulsos antes de ter essa velha como sogra, o próprio filho tinha ido estudar longe para ficar bem distante da sua superproteção, que estava sufocando-o.

— Eu amaria...

— *Cariño?* — Eu sabia que aquela velha já estava fazendo uma anotação completa mentalmente assim que a voz de Bruce saiu, abrindo a porta.

Ela olhava em choque para trás de mim, o que me faz me virar, deparando-me com ele todo suado, parecendo um ator pornô com seus cabelos brilhantes, tomando um gole de água direto do bico da garrafa.

— Docinho, estava pensando em sair para comprarmos mais travesseiros. Aqueles que tem são pouco para nós três...

Eu queria apenas uma bomba para explodir em baixo dos meus pés, engolindo-me pela terra toda quando Tauro se aproximou por trás de Bruce, com o cachorro latindo. Ele se calou assim que saiu, vendo a velha os encarando. Eu tampei meu rosto, sabendo que antes do fim do dia todos nessa

rua, nesse bairro e, talvez, nessa cidade já saberiam que eu dividia minha cama com dois homens.

— Olá, bom dia, sou Tauro. — Ele ria feliz estendendo a mão para a velha.

Eu me virei, apenas pegando a reação dela olhando de mim para os dois. Meus dedos foram a mão de Tauro, afastando-a junto com meus dedos.

— Creio que terei um compromisso no próximo sábado... — Falei baixo para ela, com os dois guarda-roupas parados ao meu lado enquanto olhavam para ela, que ainda estava de queixo caído.

— É... é eu acho que deixei uma panela no fogo. — A velha mulher saiu o mais rápido que podia da porta da minha casa.

Eu me virei encarando os dois que me olhavam sem entender.

— O que foi? — Bruce ria olhando a velha que corria, atravessando a rua.

— Vou matar *los* dois! — Eu mordia minha boca, olhando para eles com seus peitorais despidos. — Entrem logo nessa casa, seus exibicionistas.

Passo por eles andando rápido para dentro da casa enquanto já podia imaginar a velha do outro lado ligando para todas que conhecia, dizendo como sua vizinha era uma depravada.

— Mas o que fizemos? — Tauro ria, fechando a porta.

Eu me virei com raiva, deparando-me com o peitoral de Bruce que estava colado a mim, o cheiro de seu suor era pior que o bendito perfume. Ele tinha um olhar quente de quem sabia o que estava provocando.

— Que custa andar com uma camisa nessa casa, *Dios*?! — Eu me virei em meu calcanhar, fugindo deles.

— Estávamos se exercitando, docinho... — Eu olhava por cima do ombro para os dois que caminhavam lentos, me observando.

— Quero os dois de camisa, quero que parem de ficar mudando tudo! Minha casa tem testosterona até nas paredes de tanto macho aqui dentro.

Eu sentia meus músculos duros, a agonia que me pegava, a velha maldita me daria fama pelo resto da minha vida. Tauro parou perto da geladeira, abrindo enquanto puxava a garrafa.

— COPO! — Eu gritei com raiva, puxando uma cadeira. — Velha maldita, ela veio apenas para bisbilhotar e *ustedes* deram um show para ela!

Eu esfregava meus dedos um ao outro com raiva daquela mulher, o cheiro de homem aumentava mais ainda enquanto Bruce caminhava, parando atrás de mim.

— Não precisa ficar nervosa, *cariño*... — Eu rosnei para ele que ria mais ainda.

Os dedos fortes dele se prenderam ao meu ombro, sentindo ele me amassando como se fosse uma massa de pão.

— Travesseiro, Tauro... Que tinha que falar de travesseiros, Dios! — Eu já estava com meus olhos fechados, sentindo meu corpo todo ir se livrando da tensão ao toque de Bruce. Ele soltou mais seus dedos agora, com uma de suas mãos brincando em meus cabelos, soltando a trança.

— A velha deve estar com inveja, isso sim! — A voz de Tauro falava próxima, puxando a cadeira ao meu lado. Ele segurou meu tornozelo, erguendo minha perna para a sua.

— Não venha com isso, *cabrón*. Aquela... aaiiii. — Eu sentia sua mão apertando meu pé, e era a coisa mais boa que já havia sentido. Ele riu baixinho, fazendo-me abrir meus olhos para ele. — Ela vai contar para rua toda que tenho vocês em *mi* casa.

Ele deu de ombro, rindo mais ainda, esfregando minha perna. Eu sentia como se estivesse flutuando no céu.

— *Dios*, achei que ela ia ter um infarto quando viu vocês dois. — Eu sorri lembrando da cara da velha. — Parecendo atores pornô.

A respiração quente atrás de mim, muito próxima, próxima demais, assoprou em minha nuca, fazendo meu corpo todo se arrepiar enquanto Bruce brincava mais ainda com meu cabelo.

— *Dios*, isso é bom... — Eu estava ronronando feito uma gata manhosa, desejando mais carinho dos seus donos.

— Atores pornô? — Bruce sussurrou perto do meu ouvido, beijando meu ombro, eu tremia mais ao sentir as mãos grandes de Tauro se alastrando pela minha perna, alisando com força e delicadeza. Era quase vulgar como eu me sentia quente com eles.

— *Sí*... atores pornô gostosos e quentes... suados... — Bruce tombou meu pescoço, deslizando suas mãos em meu ombro e descendo ela lentamente na direção do meu pescoço, voltando a brincar com alça da minha regata.

— Gostosos e quentes? — A voz de Tauro era vibrante, quase perigosa, vibrando pelo meu corpo com sua mão tão próxima da barra do short. Ele moveu minha perna, a erguendo um pouco, soltando um beijo na lateral do meu joelho. Eu nem sabia que tinha poder sobre aquilo, apenas que meu corpo vibrou mais ainda com a parte tão esquecida que ele tocou.

— Esquece aquela velha, *cariño*... E me conte mais sobre como nos vê como seus *Toy Boys*... — Eu gemia baixo com as grandes mãos quentes de Bruce, escorregando dentro da minha camisa, meu peito sensível se enrijeceu na mesma hora... com sua mão macia e firme. Ele brincou com o bico do seio, deslizando seus dedos sobre ele.

Eu ria com a ideia de eles serem meus *Toy Boys*, a imagem deles me dando tanto prazer como só eles sabiam me fazia quase chorar. E foi com agonia que abri meus olhos, encarando os olhos azuis dilatados de luxúria de Tauro. Os safados estavam brincando comigo.

— Já pode parar. Já estou bem melhor! — Meu corpo mentiroso me entregava junto à minha voz fraca quando baixei minha perna da de Tauro e soltei um tapa na mão de Bruce, tirando-a do meu seio. Eu me levantei com rapidez, vendo os dois ali na cozinha. — Sei muito bem o que estão fazendo!

Rosnei baixo, tentando manter meu controle com minhas pernas molengas.

— Não fizemos nada, docinho. — Tauro me dava o olhar mais puro que quase daria para acreditar se não conhecesse essa cara de safado dele.

— Seus... seus... AAAA! — Me virei com raiva, saindo da cozinha sentindo minha pele queimando com meus cabelos todos bagunçado por Bruce.

— A gente só está cuidando de você, *cariño*...

— Não me chama de *cariño*. — Eu nem sei quando fui tirada do chão, apenas que meus pés já estavam nos ares, sendo carregada com Bruce que ria mais ainda com seus olhos negros.

— Tauro... você estava pensando em outra coisa.

Ele ria se virando para Tauro que já estava na sala jogando todas as almofadas ao chão.

— O que estão fazendo? — Olhava Bruce caminhando para lá, dando uma piscada para mim. — *Cabrón*, me deixe ao chão. Agora!

— A gente vai, docinho! Só queremos lhe deixar relaxada!

— *Estoy* relaxada! Não vê!

Eu me virei para Tauro que já me pegava ao colo, me rodando entre a sala e me depositando entre as almofadas.

— Acho que podemos melhorar um pouco, *cariño*. — Bruce virou seu rosto para Tauro, rindo para ele. — Onde ficam seus óleos de corpo?

— *No!* — Eu balançava a cabeça para ele.

— Ela deixa na segunda gaveta do banheiro. — Tauro respondeu

rápido, eu já estava pronta para retrucar quando senti a força da sua boca sobre a minha. Ele invadia minha boca com uma criminalidade cínica, me beijando com uma paixão de força que só ele sabia.

Eu estava tão perdida em seus lábios que nem senti quando ele arrastava minha camisa para cima e me perdi em seus olhos azuis, que me sugava com força total. O filho da mãe era bom, isso eu tinha que concordar. Seus dedos terminaram de retirar minha camisa, apenas a deixando em meus pulsos, e de uma hora para outra aquilo virou uma amarra sobre meus braços, esticada a cima da minha cabeça.

— Tauro... Tauro, me solta! — Eu tentava me levantar, mas tinha ele sobre mim que segurava seu peso, sem me machucar, apenas imobilizando meu corpo no lugar. — Tauro... *Dios...* — Sua boca para em meu pescoço, deslizando sua língua sobre minha pele, me fazendo se arcar mais a ele enquanto meu calcanhar se apertava mais ao tapete.

Eu estava em fogo e de uma forma devassa, o som vibrante da sua risada sobre seus lábios aticava mais meu corpo.

— Eu gosto desse de rosas. — Virei meu rosto para Bruce que entrava na sala cheirando meu óleo de corpo. Ele tinha seu olhar escuro feito um tubarão que rondava, parando perto de nós. — Acho que essas pernas estão muito soltas, não acha, Tauro?

— Não ouse! — Ele sorria mais ainda, se aproximando. Tauro se levantou e me presenteou com a visão do seu pau implorando para sair daquela bermuda.

Bruce se encaminhou, parando perto de mim e, com um rápido puxão, o calção safado estava ao chão. Ele soltou uma piscada para mim, jogando seu calção longe.

— Nem venham, vocês dois me soltem agora. Não concordei com isso.

— A gente não está fazendo nada. — Tauro riu, fechando as cortinas. — Vamos deixar os olhos da nossa querida vizinha distante disso.

— Me solta, Tauro. Não aceitei nada!

— O que estamos fazendo de errado, *cariño*? — Bruce já tinha seus dedos em minha perna, arrastando meus shorts para baixo. Ele olhava a calcinha sorrindo. Eu ergui meu rosto, querendo ver o que ele ria, a porcaria da calcinha estava molhada. — Acho que ela aceitou... — Ele me deu um sorriso quente, piscando para mim.

— *Hijos de puta!* — Minha cabeça caiu sobre as almofadas, xingando

essa vagina safada sem um pingo de vergonha na cara.

Eu balançava a cabeça em negativo, não querendo focar na visão de Bruce parado entre minhas pernas, abrindo mais ainda. Ele ergueu minhas pernas em seu ombro, puxando a garrafa de óleo e, de repente, todo meu corpo queimava com suas grandes mãos deslizando aquele óleo sobre minhas coxas. Eu mordida minha boca, tentava fazer meu cérebro mandar em meu corpo, mas ele estava perdendo de lavada. A grande mão que espalmou meu rosto tinha seu corpo se arrumando ao meu lado.

Tauro pegou o óleo de Bruce, e como se fosse o alvo principal, ele derrubou aquilo sobre meu corpo, eu mordida meus lábios, vendo seus olhos azuis profundos tão focados. O toque suave de Bruce me queimava como fogo com seus olhos negros que continha um demônio lá dentro, louco para sair.

Ele virou sua cabeça, beijando meu tornozelo, esfregando mais com sua outra mão. Se aquilo fosse para relaxar, eu estava indo para o lado oposto. As mãos grandes e fortes de Tauro se espalmaram em meu corpo, empurrando meu sutiã para baixo, deixando-o sobre minha barriga. Ele massageava meu seio com tanto poder e conhecimento como se suas mãos fossem feitas para aquilo. Eu sentia o cheiro de óleo se misturando aos nossos cheiros, e meu peito vibrava na sua mão. Toda sala estava quente, estava em chamas. Como fogo, ele deslizava seus dedos pela minha barriga com carinho, sorrindo para mim até chegar na entrada da calcinha, brincando sobre ela, provocando-me. Meus dedos se apertavam ao tecido da camisa que prendia minhas mãos.

— *Dios.* — Eu virei meu rosto, mordendo meus lábios, desejando que seu toque fosse mais fundo.

Os dois massageavam cada parte do meu corpo, e eu sentia arrepios e toque por onde nem sabia, a outra mão de Tauro se prendia ao meu cabelo, o dando um leve apertão quando ele abaixou sua cabeça me beijando. Eu ronronei entre seus lábios fortes, deixando-me se perder naquela tortura que eles me faziam. Bruce puxava minha calcinha pelas minhas pernas.

Eu senti o ar sobre minha vagina desnudada que se apertava com saudade dos seus toques.

— Gostoso e quente? — Bruce falou rouco, abrindo mais minha perna. Eu sentia seus movimentos enquanto ele se aproximava, meus pés presos ao chão mantinham minha perna encurvada colada à lateral do seu corpo. — Não foi isso que ela falou sobre nós.

Tauro beliscou a ponta do meu seio, causando um pico de dor e prazer pelo corpo todo.

— Atores pornô. — Ele falou como um grande gato ronronando.

Sua mão alisou meu rosto com seu dedo contornando meu lábio, invadindo minha boca. Eu o suguei com fome dele e brincava com sua língua, olhando em luxúria para seus olhos famintos.

Eu quase chorei quando senti o pau de Bruce se esfregando por cima da minha vagina. Ele o segurava de propósito, apenas esfregando em um ritmo de vai e vem como se estivesse fazendo uma massagem quente.

— Oh, sim, atores pornô. — ele esfregava mais o seu pau o deixando apenas brincar na entrada, sem entrar.

Tauro baixou seu corpo, deixando sua cabeça pairar sobre meu seio. E eu fui ao céu quando ele sugou com fome, chupando meu seio e deslizando sua língua pelo bico, circulando-os. O efeito de ter as mãos e a boca de Tauro sobre meu corpo mais o pau de Bruce sobre minha vagina, atormentando-me com suas mãos alisando minha coxa. Era o mesmo que injetar fogo vivo nas minhas veias, eu já via tudo nublado sobre meus olhos, o teto era tão vivo quanto meu corpo que suava embaixo deles.

— *Dios*, os dois, por favor, parem... — Eu gemia mais alto, mordendo minha boca, quase explodindo. E apenas era perdida nesse mar de prazer que eles me jogavam. Tauro moveu sua boca para meu outro seio, o sugando com força. O som das nossas respirações era tudo que podia ouvir dentro daquela sala. E sentia os nervos dos meus dedos doloridos, apertando mais aquele pano... eu queria os tocar, queria apenas tocar cada parte do corpo deles e implorar para estarem tão fundo dentro de mim. — Eu... preciso... Bruce, *Dios*.

Ele deixava seu pau ir se embrenhando dentro de mim, se enfiando com cuidado como se procurasse por alguma barreira ou um não, mas meu corpo apenas implorava por mais. Ele se retirava outra vez, voltando a esfregar seu pau por cima. Tauro se levantou, olhando com seus olhos azuis escuros de desejo, esfregando sua mão sobre seu pau duro. Eu me virei para ele, implorando por sentir, eu precisava de mais, era quase como uma doença.

— Quer ele. — Sua voz sádica falava, não como pergunta mais sim como uma sentença.

Eu apenas balançava minha cabeça com meus olhos dilatados. Seu corpo se moveu lento, aproximando-se de mim, arrumando-se sobre meu rosto. Eu o tinha completamente para mim com seu pau se esfregando em

minha boca. Eu deixava minha língua para fora, apenas deslizando sobre a ponta do seu eixo, ele fechava seus olhos, me deixando o tomar mais; e cada movimento lento do seu pau entrando em minha boca, Bruce fazia o mesmo entre minhas pernas, me tomando a cada movimento e batida do meu coração. Eu me sentia completa, era como se o vazio ao qual eu estava fosse jogado para fora tendo os dois aqui, e agora isso não parecia tão utópico, não era tão ruim, não tinha tabu ou vizinhas fofoqueiras. Éramos apenas nós... e eu gemia chupando Tauro com mais fome e sugando o pau de Bruce dentro de mim.

— Porra, *cariño*, saudade desse corpo quente. — Bruce apertava mais minhas pernas enquanto se movia lento. Eu mexia meu quadril em desejo, queria mais, queria tudo.

Eu chupava o pau de Tauro com mais desejo, sendo fodida de uma forma tortuosa por Bruce que ia e voltava, nos libertando em nossa loucura e desejo doentios. Não tinha certo ou errado, não tinha uma linha tênue que nos dividia, aqui o agora era nós e apenas isso valia.

— Amo essa boca, docinho. — As mãos de Tauro sobre meu rosto alisavam mais enquanto o olhava, o chupando até o fim. Ele gemia mais forte, me deixando o sugar com tanta fome.

Eu movia mais meu quadril querendo mais de Bruce, queria tudo. Sentia sua mão passando por baixo de minha bunda a erguendo apenas um pouco enquanto ele segurava, e aumentava o ritmo, me fodendo. Tauro tirou seu pau de dentro da minha boca e, com fome, roubava um beijo com agonia.

— Eu... *Dios...* *Dios...* — Ele se afastou, indo para trás de mim, soltando meus pulsos. Meu corpo foi erguido, colando minhas costas em seu peito, eu estava sentada ao colo de Bruce que me puxava mais pela cintura dentro os dois que me prensavam. Eu passei meus braços sobre o pescoço suado, deixando-me prender meus olhos ao deles. — *Señor...*

Ele me beijou com tanta paixão, me tomando mais na mesma forma que me fodia. Eu prendia minhas pernas em sua cintura, me colando mais a ele até estarmos totalmente juntos. Os beijos quentes de Tauro em meu pescoço vinham se alastrando entre meus gemidos, me deixando viva, protegida e era como se ali fosse o melhor lugar do mundo. As grandes mãos de Tauro passavam por baixo da minha bunda, prendendo-se a pele, a erguendo, segurando para que Bruce tivesse mais acesso. Ele entrava com mais desejo, mais fome, e meus dedos se espalmavam em suas costas, apertando-se à sua pele. E eu gemi entre seus lábios quando gozei forte e

rápido, esguichando sobre seu pau. Ele liberou meus lábios, beijando meu pescoço e eu sentia seus dentes se cravando em minha pele, sem perfurar, enquanto chupava a veia, e eu sentia mais ainda o prazer alto que vinha. Ele gozou por completo na última batida, chupando meu pescoço com mais força e eu o abraçava, sentindo meu coração que batia acelerado.

O rugido de Bruce era quase mortal com ele tremendo colado a mim... e seus jatos quentes me preenchendo. Eu estava mole quando ele saiu de dentro de mim, suas mãos alisaram meu rosto, me afastando de Tauro enquanto me erguia, me beijando. Eu me segurava a ele, desalinhando seus cabelos negros. Ele beijou meu ombro enquanto sorria. Suas mãos foram rápidas quando me virou em seu colo, e olhei para Tauro que se erguia se sentando ao sofá enquanto batia em sua perna.

— Minha vez, docinho... — eu mordi meus lábios sorrindo para ele quando Bruce me levava para seu colo, me depositando sobre Tauro. Abri minhas pernas, me encaixando sobre as suas. — Oh, isso... — Ele tombou sua cabeça para trás enquanto minha vagina molhada e quente engolia seu pau. Eu a sentia inchada e preenchida por seu pau grosso, era quase uma fome que nunca acabava.

Suas mãos foram em minha cintura movendo meu quadril lentamente, nos movendo. Eu senti o peitoral de Bruce se colando as minhas costas enquanto erguia meus cabelos em seus dedos para cima, beijando meu pescoço. Ele se levantou, segurando meu pescoço, deixando seu pau semiereto perto do meu rosto todo lambuzado.

— Abre essa boca para mim, *cariño*.

E foi o que fiz enquanto montava Tauro em uma vai e vem. Uma de suas mãos se afastou da minha cintura, alisando o broto inchado sobre minha vagina em círculos e eu chupava com mais gosto o pau de Bruce, cavalgando o pau inchado de Tauro. O som rouco da voz que gemia tão fortemente era do meu gigante de olhos azuis que se moveu para frente, chupando meu seio em sua boca, e eu sentia todo o ápice me pegando outra vez. Ele metia fundo até eu estar colada em sua perna outra vez.

— Isso, docinho... Ô CARALHO!

Ele gemia mais alto enquanto o sugava, me movendo sobre ele. Bruce segurava meus cabelos, enfiando seu pau por completo em minha boca, o retirando lentamente. Tauro prendeu suas mãos em minhas costas, me erguendo do sofá, segurando por baixo da minha bunda e, assim, arrematava mais fundo. Eu apenas gemia mais alto, sentindo toda a eletricidade tomando

conta do meu corpo e gozei outra vez, forte e rápido, com o pau que me invadia em loucura. Meus braços apertavam suas costas que tanto admirei pela janela; agora, em prazer por tê-lo dentro de mim. E foi com felicidade que ouvia seus urros quando ele chegou ao nirvana, com jatos quentes sendo libertados dentro de mim.

Eu senti o toque suave de Bruce quando ele me abraçou por trás, sua boca beijando meu pescoço; e Tauro deixava seu rosto descansar do outro lado, apenas o som das nossas respirações tentando voltar ao normal com nossos corpos colados naquela sala.

Leões, sempre seriam leões independente do habitat. Zebra curiosa foi abatida com sucesso.



TOY BOY

TAURO

— Vamos tomar uma cerveja, não quer ir, Tauro? — Eu caminhava para o carro, balancei meu rosto para eles, continuando meu caminho — Hoje vou para casa.

Eu sentia um certo prazer em dizer aquilo: casa. Acho que nunca tinha sentindo prazer ao fim do dia por saber que voltaria para algum lugar. Antigamente, eu não pesaria duas vezes para aceitar o convite, ou para qualquer outro programa. Mas agora era como se nada mais daquela solidão fosse agradável, eu sentia felicidade em terminar o dia na empresa, depois de ter visitado as obras, e voltar para aquele bairro no fim de Chicago. Eu dirigia pela cidade, olhando para tudo com outros olhos. Ter Zelda em nossas vidas foi como nos puxar daquela vida vazia que tínhamos, e pensar que quando eu chegava em casa e era presenteado com um sorriso largo com seus braços pequenos me circulando enquanto ria... me deixando beijar sua barriga em

alegria pelo pacotinho de doce que ela trazia lá. Era a melhor coisa. Eu sentia medo, medo por eles, por ela em algum momento não nos querer mais e me jogar fora daquilo que eu achava que era vida. Não conseguia me ver mais a não ser ali com ela deitada em meus braços enquanto assistíamos o jornal ou ouvindo sua risada na cozinha com Bruce. Eu não me imaginava sem ela se aconchegando mais a mim quando caía ao sono. Gostava de deixar minhas mãos espalmadas em sua barriga, sentindo a quentura da sua pele e imaginar que tínhamos o melhor presente do mundo ali dentro.

Quando estacionei o carro na frente da casa, eu me deixei me perder por um segundo, vendo as luzes acesas, a janela com a cortina aberta que mostrava ela brincando com o cachorro com seus cabelos erguidos em um coque, a camisa solta junto à bermuda pequena. Eu me sentia um grande babão naquela pequena com seu rosto iluminado, sorridente. Sua mão deslizava por sua barriga, olhando encantada para ela.

Eu sorri com a visão dela ali, tão nossa e familiar, como se sempre tivesse esperando por nós. Meus dedos foram ao porta-luvas, o abrindo e retirando de lá o pequeno embrulho. Ao abrir a porta, senti seu perfume suave com seu sorriso iluminado se abrindo ainda mais quando me viu.

— Olá, grandão. — Ela parou no corredor, encostando-se com sua mão solta ao lado do corpo.

Eu tirava a jaqueta, deixando ao canto, caminhando para ela como se fosse uma libélula à luz. Eu a apertei em meus braços quando ela veio para mim, ficando na ponta dos pés, me dando um beijo suave, o gosto travesso de chocolate misturado ao seu me fazia suspirar em desejo, escorregando meus dedos por suas costas e apertando seu rabo redondo.

— *Dios*. — Sua voz alegre ria, alisando meu ombro. — Como foi o dia?

— Cansativo. — Sussurrei esfregando minha face em seu pescoço. — E o seu?

— Eu assisti TV, li, comi e depois comi de volta e tirei um cochilo no meio da tarde... — Ela se afastou, pegando minha mão. — Venha, fiz um bolo.

Eu ri, balançando minha cabeça, admirando seu belo rabo. Seu corpo se abaixou próximo ao fogão, abrindo o forno, e ela gritou quando a puxei pela cintura, junto com a forma em suas mãos.

Eu a girei, sentando-a no balcão da pia, com seus olhos negros brilhantes, segurando a forma para não cair.

— Hmmm, vejo que é de chocolate. — E olhei para a forma, dando uma piscada para ela. — Alguém vai me fazer passar a noite acordado.

— Talvez. — Ela pegou um pedaço do bolo com seus dedos, levando à minha boca.

Eu mastigava devagar o bolo caseiro, e sabia que nada seria tão bom quanto aquilo.

— E vocês, como estão aí? — Eu baixei minha cabeça, beijando sua barriga enquanto ela suspirava baixo.

— Me deixando cheia de preguiça a cada dia que passa. — Zelda falava rindo, soltando a forma do outro lado e levando seus dedos aos meus cabelos.

— Sorte a de vocês que podem ficar o dia todo aí com a mamãe. — Eu beijava sua barriga, sentindo a quentura da sua pele, ainda me prendia a essa maravilha que era saber que tínhamos feito algo tão maravilhoso como nossos filhos. — Conversou com sua mãe hoje?

Ergui meu rosto para ela que se encolheu, eu via seus olhos escurecendo, enquanto ela balançava a cabeça em negativo.

Puxei a forma do seu lado, abrindo a gaveta enquanto pegava uma faca, cortando um pedaço de bolo e levando à boca. Eu arquei minha sobrancelha, deixando um espaço para que ela me contasse.

Sua mão se estendeu, pedindo a forma, retirando as camadas da cobertura do bolo pelas beiradas e comendo.

— Eu quase contei... Mas aí ela começou a contar que a filha da Roselita estava grávida... — Seus ombros caíram ao lado, fazendo-a comer mais um pedaço de bolo. — *Dios*, Tauro, ela contava como estava indignada com o desgosto que a filha trouxe a *madre* dela. Eu perdi a coragem, não consegui contar.

Estiquei minha mão alisando suas pernas, deixando meu rosto se encostar ao seu.

— Sua mãe te ama, docinho, ela vai amar nossos filhos também. — Ela ergueu um dos seus braços, enlaçando meu pescoço, eu deixei minha mão se espalmar em sua barriga, sabia como Zelda sentia a falta da mãe.

— *Mi* medo é se ela não quiser eles, eu sou forte, vou lidar com a raiva dela... Mas meus *hijos*? — Ela sussurrou baixo, eu beijei a ponta do seu nariz, alisando seus cabelos e, com a outra, sentia mais a força do seu ventre.

— Eles serão amados e muito, docinho. Quem tiver a chance de poder estar perto será tão abençoado quanto nós. — Eu olhava sua barriga que já

tinha um pequeno volume. — Eu trouxe um presente para a mamãe.

— Hmmm, isso me interessa. — Zelda se afastou, me olhando curiosa.

Levei minhas mãos ao bolso, retirando o pacote de embrulho, deixando-o em seus dedos. Zel o abriu com cuidado enquanto retirava seu pequeno bibelô. Seus olhos negros olhavam para eles agora brilhando marejados.

— *Mi flor*. Hoo, Tauro. Você arrumou...! — Ela alisava a flor tão lindamente. Eu a via ali tão perdida como se fosse uma joia cara que lhe dava, Zel me fazia ver o que era ser feliz de verdade.

Ela esticou seus braços, me abraçando com amor, eu a apertava mais forte, pegando suas coxas enquanto a erguia em meu colo, suas pernas se prendendo à minha cintura com felicidade.

— Obrigado, *mi amor*. — Eu a apertei mais forte, beijando seu pescoço.

Eu sentia tanta vontade de manter Zelda para sempre em meus braços que jamais desejava soltá-la.

— *Cariño*, cheguei!

A voz alta abrindo a porta nos fez rir com Bruce. Caminhei com ela para encontrá-lo enquanto ele jogava a maleta no sofá.

— Deus, eu nem acredito que esse dia acabou! — Ele esticou seus braços a pegando, enquanto a rodopiava pela casa. — Alguém andou se entupindo de chocolate!

Ele retirou o pequeno fragmento de chocolate ao canto da boca dela, levando aos seus lábios, olhando-a de cara feia.

— Ela também andou tirando um cochilo! — Falei rindo, recebendo um olhar acusador.

— Seu traidor! — Dei de ombros, voltando para cozinha, pegando outro pedaço de bolo.

— Doces, cochilos, isso quer dizer que um de nós vai acordar atrasado amanhã de novo... — Bruce mordeu seu pescoço e a fez rir.

— Calúnia, *señor*!

— Sua *rabiosa* mentirosa! — Ele caminhou com ela, parando perto de mim. — Tauro, explique para nossa querida *rabiosa* como foi sua verificação das obras essa semana que falo sobre minha reunião sonolenta com os canadenses.

Eu lembrava da forma como acordei com Zel chupando meu pau,

gemendo baixo, tendo Bruce bem fundo do seu corpo. Ela choramingava pedindo por mais, e enquanto não estava participando da brincadeira não me deixou dormir.

— Eu acordei duas horas atrasado, docinho, e ainda recebi uma bronca de Dylan.

Ela escondia seu rosto no ombro de Bruce, o mordendo, e ele soltou um leve tapa em sua bunda.

— *Dios*, como me difamam.

Bruce pegou seu rosto a beijando, sorrindo para ela.

— Mas hoje é dia de comemorar! Finalmente fechei o contrato com *Goodays*, eles aceitaram de primeira. — Seu rosto se virou para mim, rindo; estávamos atrás dessa empresa há anos, Bruce queria eles em nossa lista e isso nos ajudaria mais com os chineses.

— Oh! *Mi Dios, Señor!* — Zelda sorria mais, o beijando com alegria — Desde minha época corre atrás deles.

— E agora eu tenho aqueles safados que assinaram um contrato muito bem pago para nossa empresa. E vamos levar esse seu rabo *sexy* para comemorar.

Eu o vi deixando Zelda ao chão enquanto ela me olhava em alegria.

— *Gracias a Dios!* Sair um pouco de casa...

— Eu vou usar o banheiro de hóspede... Zelda não sai tão cedo daquele banheiro. — Eu ria saindo de lá, deixando Bruce com a forma de bolo.

BRUCE

Talvez pela empolgação, eu tivesse me precipitado em tirar aquele pequeno foguete de casa, Zelda com seus cabelos negros soltos para os lados, preso a uma pequena flor, com argolas douradas e brilhantes na orelha, desfilava entre mim e Tauro, com uma saia azul oceano, um bustiê tomara

que caia com pequenos babados, que deixavam sua alma latina liberta, em um branco puro quase provocante. A delicada rasteirinha dourada com pedrarias em seus pés destacava mais suas pernas torneadas de chocolate. Seus olhos brilhavam em inocência. Observava os olhares destinados a ela, no lugar privado sofisticado, como se ela fosse uma borboleta perdida no meio de uma indústria. Ela batia suas assas a cada sorriso, de canto que dava a mim, me provocando. Por um segundo ao sair do carro eu via seu medo, mas logo ele se escondeu em uma máscara de confiança, quando Tauro e eu pegamos a sua mão, um de cada lado.

Tauro caminhava feito um chacal, olhando de um a um, com seu peito estufado em admiração à nossa arteira acompanhante.

— Boa noite senhores, senhora.

— *Señorita!* — Ela olhava sorrindo para ele, dando de ombros — *Estoy* apenas sendo iludida por eles.

Devon, olhava de mim para Tauro, com um sorriso escondido como se nos recriminasse.

— Uma terrível bobagem, *señorita!* — O som doce de sua risada, enchia meu peito quando a puxei para meus braços, colando seu corpo ao meu, mordendo seu ombro desnudo.

— Na verdade, é ela que nos ilude, Devon! — Tauro disse deixando a mão espalmada em suas costas e apertando a lateral da sua bochecha.

— Não duvido, senhores. — Ele se curvou, esticando os braços — Creio que hoje desejam algo mais privado junto à sua *señorita*, senhores Osborne?

— Seria perfeito.

Seguimos o rapaz, entre as mesas, onde víamos os casais sentados, em conversas particulares. Zelda olhava tudo: desde as cadeiras aveludadas aos biombos particulares. Nos sentamos no canto próximo às grandes janelas, onde era possível assistir a vida noturna de Chicago e ter uma bela visão de todo o salão, tendo nossa privacidade garantida.

— *Cariño.* — Apontei o meio do sofá de canto, deixando Zelda se sentar primeiro. Tauro passou para o outro lado se sentando ao lado dela.

— Devo lhe dizer que o vinho escolhido está maravilhoso, senhores!

— Vinho para nós e suco natural para a *señorita*, Devon. — Tauro respondeu por ela antes de seu rosto se virar para ele rindo.

Zelda virou seu rosto parando ao fim do salão vendo o triângulo de um homem e duas mulheres. Ela observava o entusiasmo dos três, seus olhos

começavam a prestar mais atenção aos outros, ela via algumas mulheres com coleira ao pescoço, próximas aos seus companheiros, enquanto eram alimentadas diretamente na boca por eles.

Eu estiquei meu braço sobre o estofado, deixando-o descansar perto dela, alisando seu pescoço. Virei-me mordiscando a ponta da sua orelha, causando-lhe pequenos arrepios.

— Aqui ninguém olha para nós. — Ela sussurra, virando seu rosto para mim.

— Não.

— Que lugar é esse, *señor*?

— Odisseia. — Tauro respondeu baixo, erguendo sua mão enquanto a beijava. — Digamos que um clube particular onde podemos ser livres de regras que existem lá fora.

— Uma casa de *swing*? — Ela voltou seu rosto para ele com cautela.

— Se for da vontade de outro casal. Mas normalmente cada um aqui é monogâmico, independe das quantidades de pessoas envolvidas na relação.

— Uma casa de safadeza para ricos — ela responde rindo.

Deixei minha mão deslizar em sua perna, enquanto a estimulava pelo tecido, a fazendo soltar um pequeno gemido.

— Safada é essa sua boca, *cariño*. — Eu brinquei com suas pernas deslizando em um leve vai e vem com meus dedos.

— Achamos que poderia gostar daqui, docinho. E ver como podemos fazer isso funcionar. — Olhei para Tauro que cochichava em seu ouvido, retirando outro suspiro dos seus lábios — Ninguém olha para nos diferente, somos livres para amar e ser amados da forma como desejamos.

— Quando me informaram que Bruce e Tauro estavam aqui iludindo uma frágil donzela, eu tive que vir pessoalmente para ver!

A voz serena diante da mesa nos fez rir. Erguendo nosso olhar para o intruso, percebemos seu sorriso se parando em Zelda. O homem alto em seu terno impecável olhava entre nos três com cordialidade, deixando seus olhos verdes escuros brilhantes se demorarem na *rabiosa*.

— *Señorita*! — Ele se curvou para ela estendendo sua mão. Zelda me olhou enquanto movia minha cabeça em positivo, dando seus dedos para ele, que beijava delicadamente sua mão. — *Un desperdicio con estos tontos*.

Ele levantou seu corpo rindo para nós fazendo-a rir mais ainda com a cara de Tauro.

— Não há nenhuma pobre donzela perdida pela pista que deseje estar

com você, meu caro. — Tauro puxava a mão de Zelda delicadamente arrumando em sua perna.

— Como vai, Sedrico? — Eu estiquei minha mão para ele apertando e logo Tauro fazia o mesmo.

— Não tão bem quanto vocês. — Ele falou dando uma piscada para ela.

— Perfeito seu espanhol. — Ela sorria mais, ficando alegre quando vieram nossas bebidas.

— Não se engane por esses olhos verdes, *senõrita*. Trago tanto sangue latino como o seu.

— Sedrico é de Porto Rico, *cariño*. — Beije seu rosto, alisando seus cabelos.

— *Dios*, sério?

— Sim, minha mãe era uma porto-riquenha, que acabou caindo nas graças de um grego, então trago essa maldição de ser tão perfeito.

Zelda ria mais ainda com a forma galanteadora de Sedrico.

— Uma criatura quase angelical, se percebe. — Tauro falou sarcástico puxando sua taça de vinho.

— Sim, um anjo! — Ergui minha taça rindo para ele.

— Lúcifer também era! — Ele piscou para Zelda que achava graça de uma das várias faces de Sedrico. O homem que veio do nada se ergueu em um império de hotelarias, trazendo um pouco de vida para Chicago com suas boates, mas a principal e exclusiva era a Odisseia. — Fiquei feliz em revê-los, meus amigos. Espero que aproveitem a noite e levem a pequena para a pista, está quente essa noite.

— Está tudo perfeito como sempre. — Tauro respondeu beijando o ombro de Zelda e alisando sua barriga, deixando sua mão parada lá como ele tinha o costume de fazer.

— Grande parte devo a vocês. — Ele se virou, conversando com um dos funcionários que passava ali perto.

— Não entendi... — Zelda se vira me olhando e falando baixinho.

— Tauro e eu ajudamos na obra. A Ozbornes ergueu esse prédio inteiro.

— Mas eu nunca encontrei relatórios sobre isso!

— Foi um serviço feito com cláusula contratual de sigilo, pois como seria um estabelecimento de cunho diferenciado, Sedrico não gostaria que soubessem sobre a construção. Foi assim que tomamos conhecimento do

ambiente íntimo, aconchegante e discreto para quem ama como nós.

Tínhamos conhecido Sedrico através de um contrato exclusivo que Tauro e eu firmamos com ele, e desde então criamos um forte hábito de frequentar o clube afim de dividirmos algumas parceiras. Nada do que era encontrado aqui, poderia ser visto em outro lugar.

— Bom deixarei vocês! Qualquer coisa, *señorita*, pode abandonar esses *Toy Boys* e me procurar, caso os mesmos continuem a te iludir.

— Não lhe daria duas horas antes dela estar lhe batendo com seu próprio chicote. — Tauro falou rindo ganhando uma cotovelada de Zelda.

Sabíamos que Sedrico brincava nos provocando. Ele saiu rindo quando ganhou um sorriso iluminado de Zelda.

— Por que ele usa chicotes, Tauro?

Tauro soltou uma respiração tomando o vinho enquanto o garçom trazia uma garrafa de *Goût de Diamants, Taste of Diamonds*.

— Com os parabéns e cumprimentos de Dom Sedrico. — O rapaz falou abrindo a garrafa. Ele se afastou depois de encher as taças novas com o líquido espumante.

— *Dios!* Esse champanhe custa uma fortuna. — Zelda olhava a garrafa e voltava sua face para longe. Eu ergui meu rosto, levantando a taça de champanhe em cumprimento a Sedrico que nos olhava de longe. — Por que ele mandou isso?

— Sedrico nos parabeniza pelo presente que você nos deu. — Tauro alisou sua barriga a trazendo para nós, que se encostava em nossos braços.

— Em nosso mundo, esse é o maior presente que podemos ganhar. Isso simboliza nossa união, nosso respeito a você e o seu respeito a nos. Somos dominadores e cuidamos de nossas submissas e elas nos presenteiam com sua confiança e entrega.

— Não sou submissa de *ustedes*. — Ela respondeu rápido com seu nariz empinado.

— Não, você é nossa *rabiosa*. Mas aceitou o que eu e Tauro lhe oferecíamos. — Olhei em volta vendo todos os outros casais. — Você nos deixou entrar em sua vida e agora carrega nossas vidas dentro de você, o que nos liga para sempre.

Eu olhei para ela que se encostou no peito de Tauro, observando com mais calma.

— Essas pessoas vivem a vida delas do jeito que gostam e aqui ninguém é julgado. Somos livres para amar e Tauro e eu escolhemos amar

você...

Seus olhos negros se prenderam aos meus. Percebi que estavam com um brilho intenso e marejados.

— *Ustedes* me amam?

— A gente te venera, docinho. — Tauro virou sua face, prendendo seu olhar ao dela. — Eu te amo, Zelda...

Ela alisava seus braços, enquanto suspirava baixo entre seus lábios. Quando ele a soltou, eu tive o prazer de segurar aquele rosto quente em minhas mãos, trazendo-a para perto de mim, me perdendo em seus olhos negros e declarando:

— Eu te amo mais que tudo que já amei, Zelda. Não estamos brincando. Estamos construindo um mundo para você, para nossos filhos e para nós.

— *Dios*, Bruce...

Eu a beijei tomando seus lábios inchados pelo beijo de Tauro. Fui a puxando mais a mim e lentamente ela ia se entregando.



A música alta na pista animava todos os corpos colados que se embrenhavam em um mar de euforia, a luz baixa ia trocando suas cores junto a pequena fumaça que era expelida, parecia uma coisa viva. Zelda tinha seus cabelos soltos e livres com suas mãos erguidas enquanto eu a segurava a movendo entre as pessoas. Tauro andava na frente de forma deliberadamente lenta, deixando os outros afastados dela. Um ritmo alto, lento e pulsante com

batidas provocantes ia tocando no subsolo do clube. Ela olhava para tudo com interesse, vendo os casais ao canto que se beijavam, outros no *poledance* onde se via a mulher dançando apenas de calcinha. Nós queríamos Zelda por completo, queríamos inseri-la em nosso mundo.

— Não vamos dançar? — Ela ergueu seu rosto para mim, quase implorando para balançar seu corpo.

Eu toquei o ombro de Tauro.

— Nosso pacotinho de doce quer dançar.

Ele deu uma olhada de canto, virando seu corpo para ela e antes que ela percebesse minha mão, já estava em sua cintura a colando a mim. Tauro a prendia por trás nos deixando colados, sem nenhum outro corpo tocar o dela além do nosso.

Ela ergueu suas mãos enlaçando meu pescoço enquanto movia seu quadril lentamente nos embalando. Eu deixei minha mão se erguer sobre nós, retirando suas mãos do meu pescoço e a levando para cima, a prendendo no alto. A mão de Tauro se espalmou em seus seios, o circulando, movendo suas mãos junto às batidas do corpo. Ela tombou sua cabeça para trás, deixando-a descansar no peito de Tauro, enquanto eu abaixei meu rosto beijando seu pescoço e deixando minha língua lamber cada canto, sentindo sua respiração que acelerava. Tauro tomou suas mãos das minhas, mantendo-as no alto, beijando seu pescoço.

Eu movia meu corpo junto a minha língua que ia desbravando o seu, quente, entre o som alto da música. Ela se contorcia lentamente quando deixei meus dentes rasparem por cima do seu tomara-que-caia, mordendo a pele lisa e quente, movendo seus quadris na batida da música. Tauro afastou suas pernas, deixando a coxa dele ao meio, movendo-as juntas. Não existiam os outros. Não havia nada ali além dela. Me ergui parando meu olhar no seu, que tomou um fôlego rápido, ela tinha os olhos dilatados e mordida sua boca em agonia.

Movi minha cabeça soprando seu pescoço, dando uma leve mordida na ponta da sua orelha.

— Ainda quer continuar dançando, *cariño*...

— *Dios*, não... não! — Tauro riu a virando para ele enquanto voltamos a empurrar os outros, dando passagem para nós.



O corpo nu e suado de Zelda colado ao vidro esfumaçado da sala privada escura com luz violeta *neon* brilhava enquanto todos dançavam lá fora. Ela espalmava mais suas mãos ao vidro, gemendo alto enquanto meu pau entrava em seu corpo quente. Sentia a carne da sua bunda recebendo a batidas do meu pau que martelava tão deliciosamente em sua região apertada. Ela recebia as estocadas no seu buraco estreito que tinha sido lubrificado por sua boceta molhada. Eu me sentia como um deus a tomando ali, com seus cabelos presos a minha mão.

— *Dios... Sí...*— Eu entrava e saía com estocadas brutas e rápidas, dando a ela tanto prazer como ela me dava. Tauro virou seu rosto a tomando em um beijo, esfregando seu seio inchado que implorava por atenção. Minha boca caiu em seu ombro, o chupando e fui mordendo cada canto que desejava, tomando como meu. Éramos nós, era o mais puro e cru desejo animal que ela nos desencadeava.

O som dos seus gemidos na sala privada era tudo que nos fazia estar mais altos que qualquer droga. Eu retirei meu pau do seu corpo a erguendo para mim enquanto a segurava com suas costas de um jeito que ela estaria confortável. Tauro se colou à parede pronto para tomá-la e fui abaixando-a lentamente até ele estar por completo dentro da sua boceta molhada.

— Muito... isso... hoooo... — Zelda estava agarrada a seu ombro enquanto ele segurava suas coxas e fui a trazendo para trás e seu corpo estava em completa mercê.

Tauro circulou seu clitóris tomando mais dela, a fazendo explodir

mais alto com seu rosto perdido em prazer.

— Apenas prazer, docinho. Apenas prazer.

— Em dobro, *cariño*... — Sussurrei em seu ouvido.

A voltando para Tauro, eu caminhei até o sofá redondo, me deitando. Tauro caminhou com ela, a trazendo entre nós e senti a pele macia de sua bunda quando meu pau se enfiou entre ela. Tauro se abaixou lentamente, retirando seu pau de sua boceta a deixando para mim. Meu pau entrava com fome em seu rabo alargando mais ainda até estar por completo dentro dela. Apertei seus quadris a movendo lentamente para frente e para trás. Tauro erguia seus cabelos, beijando sua boca, mais loucura nos engolia com o som das batidas lá fora se misturando com os nossos corpos. Deixava Zelda seguir seu ritmo, como se meu pau fosse sua pista de dança.

Eu via suas cascatas negras caída sobre suas costas... e, porra, Tauro tinha razão: a gente venerava ela. Zelda era nossa pequena deusa latina que nos embriagava com sua luxúria.

Sua mão alisava minha perna enquanto a outra masturbava Tauro, se movendo mais rápido a cada aproximação do seu ápice.

— Porraaa! — Eu segurava seu quadril sentindo meu pau explodindo em prazer dentro dela até a borda. Seu corpo pequeno se tremeu, deixando sua libertação vir, esguichando por minhas pernas.

Zelda caiu sobre mim com seu corpo trêmulo, choramingando enquanto me retirava de dentro dela com cuidando.

— Venha aqui, docinho, deixa eu sentir como esse seu rabo está quente e melado. — Ela gemia mais quando Tauro a virou sobre mim com seu rosto descansando sobre meu peito. Ele ergueu seu quadril para cima, e senti a mordida que ela deu em meu peito enquanto ele ia se enfiando em seu corpo enrugado e quente.

— *Ohhh, Dios!*

As unhas de Zelda estavam por cada parte de mim com seu corpo sendo bombardeado por Tauro que a tomava. Eu puxei seu rosto para o meu, beijando sua boca com fome e mesmo tendo gozado forte em seu rabo, ainda sentia mais fome que nunca por ela.

Minhas mãos passaram por nossos corpos e vou deixando dois dedos invadir sua boceta molhada, sentia o pau de Tauro a fodendo em batidas lentas, torturando-a.

— Muito... muito... — Eu ouvia seus gemidos entre soluços movendo mais sua boceta em meus dedos.

— Mentirosa. — Mordia seus lábios, fazendo-a soltar um gritinho. Ela sorria com malícia, gozando mais entre as batidas de Tauro no seu rabo e meus dedos em sua boceta.

— Gosto de foder esse rabo quente, docinho. — Tauro puxou seus cabelos.

E logo ela gritava com prazer misturado à dor, deixando seus seios livres para mim, e eu os suguei, a tomando com mais desejo até ter ela se tremendo entre nós outra vez, gritando nossos nomes.

Tauro veio depois dela com um último baque, prendendo seu quadril em suas mãos. Ouvíamos nossas respirações entre o quarto privado, e tudo que tinha de mais belo lá era a pequena mulher quente entre nós. Ela esfregava seu rosto em meu pescoço, me beijando enquanto tentávamos voltar ao normal.

— Bruce... Tauro... — Sua voz baixa sussurrou entre nosso nevoeiro de nirvana. — Eu amo vocês...

Meus olhos se abriram enquanto sentia um calor tomando meu corpo por inteiro, parei meu olhar ao de Tauro que beijava seu ombro, e sabíamos que tínhamos encontrado nosso lar de verdade.



— Começaremos a construção no segundo trimestre desse ano e nossa meta, senhores, é finalizar antes do prazo. — Eu observava em agonia, o relógio na parede da sala de reuniões enquanto, Dylan a finalizava.

Zelda já devia estar a caminho do consultório de Gastón, teria

exatamente 35 minutos para sair daqui e chegar até lá.

— Obrigado a todos. — Eu fechei minha pasta, despedindo-me dos outros executivos, mas a sombra parada ao meu lado me olhava em silêncio com os braços nas costas. — Você fica.

Meu irmão sussurrou, cumprimentando os outros que saíam da sala.

— Precisa de mais alguma coisa? — Me levantei assim que já estávamos sozinhos.

— Sim, que esteja com sua cabeça aqui durante as reuniões, não só o corpo... — Seus olhos analisavam cada reação do meu rosto.

— Eu estou aqui desde semana retrasada, fechei um dos maiores contratos desse ano.

— E fico feliz com isso. — Por mais que tentasse evitar conversas longas com meu irmão por esses dias, ainda assim eu já sabia que ele desconfiava de alguma coisa. — Passei em seu apartamento esses dias e descobri que estava há um bom tempo sem aparecer por lá, assim como Tauro também está sumido de sua casa... — Seus olhos se viram se focando nos papéis à mesa. — Presumo que o sumiço de vocês dois esteja vinculando com a pequena senhorita Alonso. Estou errado, Bruce?

Eu soltei o ar, passando por ele, meu irmão sempre foi o maior herói ao qual eu já me espelhei. Mas sabia que ele, de alguma forma, ainda era contra as minhas escolhas e de Tauro.

— Zelda não é como você pensa, Dylan.

— Não lhe disse o que penso dela, meu irmão, apenas sei que essa brincadeira de vocês três pode sair caro para a empresa... — Ele nos sentenciava como se realmente a conhecesse.

— Olha, Zelda não é uma interesseira e muito menos é igual àquela... — Eu mordi meus lábios com raiva, deixando para lá. — Quer saber? Esquece, Dylan, apenas lembre-se que essa sua arrogância já o fez fazer um julgamento errado ao qual quem pagou por isso foi a pobre Elly. Não vou deixar fazer o mesmo com Zelda.

Eu vi seus olhos escurecerem, Dylan tinha sentenciado a si mesmo quando usou toda sua prepotência sobre a pequena Elly, e sabia que seu olhar se perdia na sala vazia onde ela sempre ficava. Dylan podia ser um líder nato que poderia seguir para onde fosse, mas ele era péssimo em ver a verdade sobre os outros. Estava há tanto tempo dentro desse personagem controlador e maquiavélico que se esqueceu como era ter alguém verdadeiro ao seu lado.

— Apenas quero que se cuide, Bruce, tanto você como Tauro, são

minha família.

Eu coloquei minha mão em seu ombro, queria lhe dizer que nossa família agora aumentaria ainda mais e desejava que um dia ele pudesse sentir toda felicidade que eu sentia em ter Zelda em nossas vidas. Mas agora não era a hora para lhe contar ainda.

— Eu te amo, meu irmão.

Deixei a sala ainda pensando como teria essa conversa com ele, dirigia pela cidade rumo ao consultório... e eu estava feliz, todos nós estávamos, admirávamos nossa pequena *rabiosa* que tinha sua barriga crescendo a cada dia, e nada além daquilo me fazia mais feliz.

Deixando o carro no estacionamento, eu caminhei a passos rápidos, passando pelas portas. Zelda já devia estar na sala do doutor com Tauro. Eu ainda sentia me apaixonando toda vez que ouvia o som dos corações dos meus filhos. Sentia como se agora tudo se resumisse àquele som: tínhamos construindo um império sobre Chicago, mas nada em toda minha vida me fez perder a fala como aqueles sons faziam.

— Bruce? — O meu nome me faz erguer o olhar para mulher elegante parada à minha frente. Seus cabelos loiros caíam por seu ombro enquanto ela retirava os óculos escuros, deixando seus olhos verdes presos aos meus.

Eu dei um passo para trás, olhando para longe, vendo se Zelda estava à vista com Tauro.

— Olá, Katrina... — Movi minha cabeça em cordialidade, levando meus dedos ao bolso da calça.

— Nossa, eu nunca imaginei que lhe veria aqui. Não nos víamos há tanto tempo e agora é quase o destino nos deixando frente a frente pela segunda vez, não acha? — Ela olhou para trás como se procurasse por alguém. — Onde está Tauro?

Ela voltava seu rosto para mim, deixando seu sorriso mais largo, dando um passo em minha direção. Sua mão se esticou tocando minha face enquanto me encarava.

— Tauro está em um compromisso e seu esposo, como está? — Eu deixei minha voz sair fria e ela afastou seus dedos.

— Bom... ele está em viagem como sempre. — Ela olhava em volta, arrumando seus óculos outra vez. — Eu estou sozinha em Chicago. Talvez pudéssemos jantar, eu, você e Tauro, como nos velhos tempos.

— Creio que não, Katrina. Passado é uma coisa ao qual não nos prendemos muito.

— Eu confesso que pensei de mais em vocês desde a última vez que os vi... — Seus dedos longos jogavam o cabelo para o lado, deixando um sorriso tímido, que ela não tinha, estampado. — E até desejei poder ter tido mais tempo para conversarmos.

— Como você mesmo disse, são os velhos tempos, Katrina, e eles não voltam. Mande lembranças ao seu marido.

Eu vi seu rosto se fechando, apertando seu maxilar enquanto passava por ela. Caminhei para os elevadores, me virando enquanto a via parada no mesmo lugar com seu rosto virado para mim. E dei graças quando a porta do elevador se fechou. Engraçado que Katrina tinha sido alguém tão importante no passado para nos dois, mas agora, vendo-a com sua roupa elegante e sua bolsa que custava quase o mesmo que o meu carro, percebi como ela era uma criatura fútil. Ao fim, ela tinha era medo de que Tauro e eu não tivéssemos como sustentar sua vida burguesa. E agora, depois de anos, nosso império era três vezes maior. Katrina não foi uma perda... ela foi praticamente um livramento. Não conseguia me ver tendo a mesma felicidade que tenho ao lado de Zelda com ela, muito menos a veria como uma boa mãe, sempre preocupada com seu corpo teria tido era pavor de ter filhos.

Quando o elevador parou no andar do consultório de Gastón, eu joguei os pensamentos de Katrina para lixeira, caminhando em êxtase até a sala.

— Desculpe a demora. — Fui recebido pelos olhares emburrados de Tauro e de Zelda, e o sorriso amistoso de Gastón, que apertava minha mão.

— Chegou na hora, papai.

— Deus, achei que ela ia ter uma guerra aqui dentro. — Tauro respondeu virando seu rosto para ela, eu me encaminhei para perto de Zelda, deitada na maca com sua barriga de fora, alisando a pele redonda.

— Bom dia, *cariño*, estava em uma reunião... — Beijei sua boca, alisando sua face.

Ela sorriu tranquila para mim.

— Tauro que estava arrumando uma guerra, não eu. — Ela olhou por sobre o ombro, rindo para ele. — Não deixei Gastón ver o sexo dos bebês sem estarmos todos juntos...

Eu olhava em alegria para sua barriga, beijando-a.

— Já dá para saber?

— Se eles quiserem deixar, creio que sim. Zelda já está entrando na metade do terceiro mês. Precisamos apenas torcer para eles estarem de bom

humor. — Gastón sorria para nós.

— Eu quero que tenha saúde, não importa o que sejam. Mas se forem meninas, eu tenho uma boa coleção de armas para deixar prontas.

— Tauro. — Zelda ria.

— Ele está brincando, *cariño*, mas não se preocupe, eu tenho uma mira melhor que a dele.

— *Dios*, coitada se for uma *niña*. — Gastón puxava a cadeira, arrumando-a enquanto todos olhávamos para a tela.

— Luz, por favor. — A enfermeira foi até o interruptor, deixando a sala escura assim que o aparelho tocou a barriga de Zelda, o doce som pulsava pela sala inteira. — Aqui se pode ver a cabecinha, estão vendo? Ele está se formando perfeitamente, Zelda. Os dois estão com batimentos perfeitos. Deixa eu ver aqui. — Ele passava o aparelho, apontando para tela. — Eu acho que vão precisar é levar esse pequeno para pescar. Pois é um menino.

Eu me virei para Tauro que batia a mão em felicidade.

— Porra, um moleque! — Abracei-o em alegria, sentia meu coração quase saindo pela boca. Um menino, um garotão forte e cheio de vida.

— Acho que vamos ensinar eles a paquerar, isso sim!

— *Dios*. — Zelda chorava enquanto sorria para TV. — Um *hijo*, mais um homem para amar.

Nos inclinamos sobre ela, cada um lhe dando um beijo ao lado de sua face. Tauro sorria alisando seus cabelos.

— Te amo, docinho, te amo de mais.

— Vamos encher seu mundo de azul, *cariño*... — Ela sorria, erguendo sua mão ao meu rosto.

— Bom acho que seria mesclado. — A voz do médico nos fez olhar para a pequena tela. — É isso mesmo, não era um espertinho que se escondia atrás do irmão. — Gastón sorria para nós. — Era uma espertinha, dona Zelda.

— Mentira... — Zelda se arrumava em seus cotovelos para olhar mais, eu sentia meu peito explodindo de alegria, eu amava a ideia de ser pai e sabíamos que teríamos um moleque para brincar e ensinar a ser um homem forte... Mas, agora também teríamos que saber como lidar com uma pequena versão de Zelda.

— Uma menina... — Tauro ria e me abraçava enquanto olhávamos para a tela.

— Um casal, Tauro! Seremos pais de um casal. Acho que ao fim

iremos mesmo precisar das armas.

— *Dios*, estou tão feliz. — Cada um de nós segurou a mão de Zelda, dividindo o momento mais feliz de nossas vidas.



Olhava com agonia no saguão enquanto esperávamos por Zelda que tinha ido ao banheiro.

— O que foi? — Tauro cruzou seus braços, me encarando com seu rosto sério.

Eu olhava em volta.

— Eu vi Katrina. — Falei baixo e a expressão dele se assemelhou a minha.

— Aqui? — Ele a procurava também.

— Sim, na hora que cheguei, encontrei-a na entrada. Eu não sei se ela já foi, mas, porra, por que ela tinha que estar aqui?

— Nesse prédio tem um consultório de um doutor de cirurgia plástica. Gastón estava comentando com Zelda. Deve ser isso, acha que ela viu a Zelda?

— Eu não sei, Tauro... Dylan também está desconfiado e a última coisa que preciso é de Zelda triste porque viu Katrina aqui. Ela já anda nervosa pelo fato de irmos para a mãe dela nesse fim de semana.

— Gastón está preocupado com a pressão dela que anda muito alta. Espera ela voltar e vamos tirar ela o mais depressa daqui... Katrina sabe ser uma megera quando quer...

Eu movi minha cabeça, deixando-o saber que Zelda se aproximava. Seus olhos que brilhavam em felicidade há alguns minutos agora vinha com calma, olhando o chão.

— Que foi, *cariño*? — Enlacei-a, trazendo-a para mim, voltando a caminhar, mas vendo seus olhos perdidos.

— Nada... eu acho que estou apenas surpresa. — Ela tinha sua voz baixa, com um semblante nervoso.

— Está nervosa com a visita à sua mãe, não é, docinho? Já lhe disse, vamos estar lá.

Ela balançava a cabeça para Tauro em confirmação e caminhava à frente, silenciosa.

Eu volvei meu rosto para trás enquanto abria a porta, tentando ter certeza que Katrina tinha ido embora, pelo menos dela tínhamos conseguido poupar Zelda.



LA VENGANZA

ZELDA

— Eles são mágicos, não são? — A voz que me fez erguer a cabeça assim que sai do banheiro. Ela tinha cortado por completo a felicidade que sentia quando entrei lá.

A mulher parada diante ao espelho, enquanto retocava o batom, me olhava pelo reflexo com um sorriso cínico, eu tentava me lembrar dela, mas aí, feito uma ficha, eu saquei.

— Perdão, mas não sei do que fala. — Puxei o casaco em uma tentativa inútil de esconder minha barriga que a cada dia já era mais visível.

— Somos adultos, meu anjo, creio que sou a única mulher ao qual pode dizer que sabe o que sente... — Ela escorregava o batom lentamente, dando uma piscada para mim. — Venha, pode lavar sua mão, eu já terminei.

Seu corpo se afastou enquanto dava passagem para mim, e fui caminhando para pia como se tivesse uma cobra venenosa lá.

— É quase um conto de fadas, não é mesmo? Um conto de fadas perfeito com dois príncipes que conseguem ganhar tudo de você. — Ela abriu a bolsa, jogando o batom lá dentro. — Até se sentir uma deusa glorificada e adorada por eles... Afinal, quem pode nos julgar. — Sua risada se espalhava fria pelo banheiro.

— Não me preocupo com o que outros pensam, Katrina. — Abri a torneira enquanto ensaboava minhas mãos, a olhando pelo espelho.

— Mas claro que não, e quem pode nos culpar? — Ela caminhou, parando perto do mármore como se arrumasse seus cabelos. — Quem teria de negar algo a Bruce quando ele lhe presenteia com um sorriso perfeito de predador entre suas pernas... — Eu senti o enjoo me pegando, não pelo perfume ou pela gravidez, mas sim de nojo que sentia da voz dela falando sobre aquilo. — E Tauro... Por Deus, quando ele lhe olha com aquele mar de desejo em seus olhos azuis é o mesmo que saltar no oceano. Nunca saberia dizer não.

Desliguei aquela torneira, puxando o papel enquanto secava minhas mãos.

— Na verdade soube, por isso você se foi. — Joguei o papel no lixo e me virei para ela. — E por isso perdeu o que tinham e agora nunca mais terá de volta. Como anda seu casamento afinal?

Ela sorria balançando a cabeça enquanto pegava sua bolsa.

— Perfeito... E sabe, eu disse não e nunca me arrependi.

— Não é o que parece... se não, não estaria aqui esperando a mulher atual do seus ex sair do banheiro para ter essa conversa... — Apertei meus dedos em punho, me virando para a porta da saída.

— Diga-me, o que já lhe custou?

Eu parei no lugar olhando para ela, que deixou seu olhar cair sobre minha barriga, olhando com atenção e logo fechando seu rosto. Eu levei meus dedos à frente do meu ventre como se pudesse protegê-lo daquela cobra.

— Nada, essa é a diferença entre nós, fico porque quero, não por que eles me bancam.

— Acha mesmo que foi isso?! Acha mesmo que o fato deles te mimarem sendo teu sol e tua lua, estando ali 24 horas por dia, realizando cada sonho, fantasia e desejo, não será cobrado um preço? Eu sei, eu já lhe disse, quem poderia nos julgar a não ser nós mesmas? Nossa vida que vai parando, ficando para trás enquanto deixamos eles controlarem cada segundo,

começa com coisas pequenas, um perfume, a série de TV, a alimentação... — Ela sorria assim que meus olhos se desviaram dos seus. — Então, começam a escolhas pelo que será melhor para seu futuro e você deixa, afinal são coisas pequenas, até que esquece por si só como cuidar da sua vida e se vê tão presa a eles e nada, isso eu lhe garanto, nada resta quando eles começam a tirar cada pedaço da sua alma. Acha mesmo que dois dominadores que precisam estar absolutamente no controle não sabem lhe manejar deixando você pensar que decide, mas quem ganha no final são eles?

— *Dios! Está loca.* — Sussurrei baixo para ela.

— Não. — Ela sorria mais ainda olhando para mim. — Voltarei daqui alguns anos e me diga quem estará louca, ou melhor conte para mim como andam seus sonhos, o que almeja para seu futuro que já não tenha perdido por causa deles. Ou que não parece ser importante. Seu único sonho é ser apenas a pequena boneca de luxo dos dois?

Não, não era esse meu sonho, eu sabia disso. Eu tinha estudado por anos da minha vida, mas não foi por eles que parei. Ok, talvez fosse, talvez a falta de valor, ou eles me virem como de igual para igual. Mas Tauro e Bruce não eram assim, não eles.

— Teu veneno escorre por seus lábios, devia se limpar... — Eu aponte para sua boca, a encarando. — E se voltar a lhe ver, será apenas para lhe mostrar que está errada e o que perdeu com Tauro e Bruce nunca mais terá... E *sí*, algo tenho que concordar: nada nessa vida dá mais prazer e alegria que ter Bruce ao meio das minhas pernas com seu sorriso devasso para mim... ou melhor, tem sim. — Caminhei para ela, parando a dois passos do seu corpo, olhando em seus olhos de cobra. — Ouvir meu nome sobre seus lábios enquanto ele goza em minha boca com Tauro bem fundo no meu corpo, me prendendo a ele. Isso não tem nada no mundo que se compare, e você pode despejar seu veneno o quanto for que nunca mais terá.

— Senhorita Alonso? — A porta do banheiro foi aberta pela enfermeira de Gastón que sorria para mim, estendendo o pequeno livro.

— Esqueceu seu pré-natal... — Eu vi os olhos da víbora brilhando em vitória enquanto olhava para mim. Eu peguei o caderninho sorrindo para Emily, saindo do banheiro, indo para o mais longe que podia daquela mulher peçonhenta.



— Está bem? — A voz distante de Tauro me fez virar para ele enquanto o sinal ainda estava fechado, eu ainda tinha a voz daquela mulher nojenta em minha cabeça.

— *Sí... estoy* apenas cansada. — Dei um pequeno sorriso para ele.

— Podíamos parar para comer em algum lugar, o que acha? — Ele deixou sua mão sobre minha perna enquanto a esfregava.

— Podíamos comer uma rosquinha? — Eu estava sem fome, mas apenas precisava saber. Eu sabia que Tauro não gostava de me ver comendo aquilo mesmo sendo minha comida preferida.

— Ou podíamos ir até aquela confeitaria nova e você pode experimentar a torta de maçã, dizem que é ótima. — Seus olhos eram como oceano, e eu sabia que aos poucos fui me mudando para me adaptar a eles. Eu os deixava cuidar de mim porque pensava ser bom, porque era o que queria pela gravidez. Mas a cada dia eu me esquecia mais de mim por mais que fosse apenas veneno... ela tinha razão em algumas partes. — O que acha?

Ele voltou a dirigir quando o sinal abriu, nos levando pela cidade. Bruce voltava para a empresa, me dizendo que a noite estaria em casa para assistirmos juntos a TV.

— Pode ser. — Sussurrei baixo, virando meu rosto para janela, eu olhava a cidade e me perguntava em qual momento tinha deixado eles tomarem tantas decisões por mim, e isso não me parecia errado, porque a gente se cuidava junto, um cuidava do outro.

E agora da forma como aquela mulher expôs, eu apenas parecia ser a

boneca de luxo dos dois.

A decisão de ir ver minha *madre* foi minha, mas a ideia principal era eu ir sozinha até que Bruce e Tauro me fizeram mudar, os levando juntos. Eu me recordava da minha mãe, ela amava meu *padre* e a mim, mas também amava dançar e, aos poucos, foi abrindo mão do seu sonho até ter apenas lembranças. Eu amava meus filhos, mesmo dentro de mim eles já eram meu mundo inteiro e amava os pais deles. Mas sabia que algo iria ficar incompleto para sempre: meus sonhos, minha carreira ao qual eu lutava para erguer... tudo iria ficar apenas nas lembranças. E o que sobraria depois? O que me restaria quando Bruce e Tauro um dia quisessem partir? Eu havia parado de pensar nisso, estava tão segura nesse castelo que eles me colaram que sentia como se nada pudesse nos prejudicar. Mas o “e se...” agora me perturbava constantemente.

— Ei, ouviu o que falei? — Tauro me observava em silêncio com o celular na mão.

— Perdão.

— Onde está essa cabecinha, docinho? — Ele esticou sua grande mão, alisando meu rosto. Eu soltei um delicado beijo nela, sorrindo.

— Estou apenas pensando nos nomes... — Sussurrei baixo — Mas me diga, o que falou

— Podemos escolher hoje à noite nos três. — Ele sorria alegre, voltando a sua atenção ao trânsito. — Falei que preciso parar em uma obra antes de irmos comer...

— Claro. — Sussurrei para ele, deixando meus dedos se espalmarem em minha barriga.

Tauro parou o carro na frente de uma grande construção. Então, ele moveu seu corpo para trás, pegando um capacete e levando a sua cabeça. Eu o vi sair com seu grande corpo, deixando a calça jeans marcar cada músculo de sua coxa. Ele abriu o porta malas enquanto eu mexia no rádio, e me assustei com a porta do meu lado sendo aberta. Ele sorria com seus olhos azuis brilhando, levando um capacete branco à minha cabeça.

— Venha, docinho, quero te mostrar algo.

Eu caminhava com ele, segurando sua mão enquanto me mostrava onde seria o novo SPA, uma empresa grande de cosméticos. Eu tinha solicitado essa obra no começo de dezembro, o que para outras empresas demoraria dois anos ou mais. Mas lá estava a razão do império Ozbournes: em quase cinco meses a obra estava quase concluída, o que poderia dizer que

entregaríamos ao fim do ano ou no começo do próximo, estourando.

— Bom dia, chefe! — Os rapazes da obra sorriam para mim enquanto cumprimentavam Tauro.

— Docinho, me espera naquele prédio lá, está pronto, pode ir vendo.

Olhava tudo, caminhando entre as obras, o grande prédio em arquitetura grega mostrava que era quase como um palácio de Afrodite. Realmente, era a coisa mais magnífica com detalhes brancos, os dourados que iam traçando do chão ao teto quando entrei me mostravam o acabamento perfeito, desde o rejunte dos azulejos ao cromado das janelas. Andei por cada sala, observando o resultado impecável, realmente deviam ter pagado uma fortuna, os lustres, que eram perfeitos, mostravam uma delicadeza totalmente bela a todo contexto da obra. Os azulejos eram expostos um ao lado do outro, deixando uma linha reta e, milimetricamente, correta de distância um do outro. Eu abri uma porta no segundo andar, me deparando com o que deveria ser uma sauna ou algum tipo de quarto de massagem, ou provavelmente os dois. Os móveis tampados com plástico me deixavam curiosa com o estofado de veludo, sim aquilo era uma cama aveludada.

— Ok, esses ricos são excêntricos! — Eu alisava meus dedos sobre o material, caminhando, olhando em volta.

O que devia ser o espaço da sauna tinha uma jacuzzi ao chão entalhada em madeira, o bambu dava um ar rústico e clássico ao lugar com água clara. Via as pedras ao fundo e eu sentei na beirada, levando meus dedos onde me surpreendi com a água quentinha.

— O que achou? — Ergui meu rosto para o belo homem parado na entrada com suas mãos no bolso.

Tauro tinha chegado sem eu nem perceber com seu jeito felino e sorrateiro. Seus olhos observavam o lugar, parando em mim. Eu sorri para ele, balançando minha cabeça com orgulho do seu trabalho.

— Perfeito. Realmente, é um edifício lindo. Os detalhes... cada canto está perfeito, Tauro.

Olhava os espelhos que foram arrumados em ordens na parede, deixando o quarto todo iluminado com um ar natural. Eu ouvi o som da porta sendo fechada e me virei para ele, que começava a caminhar lentamente para mim.

— Venha, quero que veja algo. — Ele retirou sua mão do bolso, estendendo para mim.

Caminhamos pela grande sala, parando perto da porta de vidro que ia

do chão ao teto. Ele me mostrava o segundo grupo de prédio quase pronto, onde via as operárias entrando. Eu me aproximei da janela, deixando meus olhos se perderem lá.

— Mulheres? — Sorri, me virando para ele.

— Há um certo tempo, eu estava com problemas com as obras da Carolina do Sul; então uma certa estagiaria me deu a ideia de usar mulheres. E eu testei. — Ele sorriu, dando de ombros. — O trabalho foi tão perfeito e impecável em cada acabamento que fui obrigado a levar Dylan para ver pessoalmente.

Ele se afastou da parede, caminhando para mim, seu corpo grande parou atrás do meu, deixando seus braços me circularem com sua mão espalmada na barriga. Eu via as mulheres que entravam no prédio sentindo como se fosse eu a estar lá.

— Eu não acredito que ouviu aquilo... — Virei meu rosto para ele por sobre o ombro.

— Sim, eu ouvi, e isso resultou em mais de 298 mulheres atualmente empregadas pela Ozbornes. Uma ideia maravilhosa que nos custa menos tempo com qualidade de serviço melhor e gera muito mais emprego. Dylan está abrindo a filial em Nova York, onde grande parte dos operários será ocupada por mulheres. — Tauro beijou minha cabeça, sorrindo para mim, me apertando mais forte. — E quando Dylan me elogiou pela ideia, eu lhe comuniquei na mesma hora que tinha vindo da pequena estagiaria *rabiosa*.

— Oh, Tauro... — Sim, eu me afogaria em seus olhos azuis quantas vezes fosse necessário, e ele não tinha ideia de como tinha me feito feliz: porque ele me ouvia, não era só a pequena boneca de luxo.

Me virei o abraçando, me apertando o máximo em seus braços.

— Amo você, *mi* amor. — Eu deixei meu corpo ficar na ponta dos pés, beijando sua boca. Tauro se abaixava mais, me dando acesso aos seus lábios, me apertando mais em seus braços com sua mão grande espalmada em minha bunda.

Não foi muito tempo para ele me erguer em seu colo, levantando-me do chão, eu o abracei com mais força em volta do seu pescoço enquanto ele caminhava comigo.

— Acho que posso fazer mais coisas que lhe deixem feliz assim, docinho.

Eu ri, esfregando meu rosto em seu pescoço.

— *Dios*, Tauro, podem abrir a porta a qualquer momento.

Ele já me depositava sobre a cama de veludo alta, onde se movia rindo, esfregando minhas pernas.

— Eu disse que estaria avaliando atentamente cada detalhe e que isso poderia demorar... — Ele falava aquilo com voz grossa, dando um sorriso, tirando a chave do seu bolso e deixando sobre a cama ao meu lado. — Onde eu parei mesmo?

Ele volta seus olhos aos meus, me olhando intensamente como se roubasse minha alma mais e mais para ele. Seus olhos caíram sobre minha perna, levando o tecido da saia para cima.

— Acho que na avaliação... — Eu deixei meus dedos se prenderem em seus cabelos, a respiração morna dele entre minhas pernas.



— Obrigada, é só isso. — Eu sorria para moça do caixa pegando as sacolas dos alimentos que prepararia para o almoço, a semana passou voando e sentia meu nervosismo aumentando com o fato de visitar minha mãe. Tinha conversado com ela pela manhã, dizendo que levaria Tauro e Bruce comigo, sabia que seria melhor avisar do que deixar ela mais nervosa os vendo de surpresa quando eu chegasse.

Aproveitei que Tauro tinha saído pela manhã com Bruce para passear um pouco. Eu precisava olhar as ruas, as cores para não surtar dentro de casa. Os olhos de algumas pessoas paravam em mim me olhando com curiosidade, mas sabia que aquilo era por conta da gravidez. Toda mulher grávida chama atenção, eu amava minha barriga e sentia prazer em ficar a alisando. Ficamos

noites e noites olhando o teto enquanto tentávamos descobrir quais nomes seriam melhores para os bebês. Eu me lembrei de parar na banca de jornal que tinha perto de casa. Mas acabei tomando outro rumo e me perdi olhando o parque, onde via algumas mães caminhando e empurrando seus carrinhos com seus bebês. Eu sorri para eles.

Troquei as sacolas de mão com alegria enquanto caminhava rumo à banca quando, enfim, me aproximava de casa.

— *Buenos dias*. — Cumprimentei o senhorzinho da banca enquanto entrava, olhando na direção das revistas e dos livros. Ergui o livro que trazia o título ABC da maternidade, peguei achando outros que tinham nome de meninos e meninas. Segurava eles entre meus dedos indo para o caixa, mas me perdi no monte de doces à minha frente.

— Bom dia, mais alguma coisa? — O senhorzinho pegou os livros e os levou a uma sacola.

Peguei dois pacotes de jujuba sentindo minha boca se encher de água só de imaginar eu comendo essas porcarias.

— *Dios*, isso é minha perdição. — Sorria pegando a carteira e vi meu celular que desligava a tela. Eu o peguei junto.

Olhei na tela: 33 chamadas perdidas, todas de Tauro e de Bruce. O telefone estava no silencioso e nem tinha visto. Retirei o dinheiro da carteira, vendo o telefone que tocou novamente. Eu apertei, esperando pelo troco. Mas meus olhos foram puxados para os jornais atrás do homem.

O caso de superfecundação de pais diferentes.

As grandes letras em negritos traziam no jornal a frase de impacto junto a uma foto minha na entrada de casa. Eu sentia meus dedos tremendo, meu corpo que ia hiperventilado junto ao horror de ver aquilo.

— Não, *Dios*, não... — O ar que faltava em meus pulmões, era como se eu houvesse sido atropelado. — O jornal! Me dê aquele jornal! — Assim que ele me passou o jornal, puxei com pânico, lendo a matéria.

— Você viu isso, nem deu para acreditar passou uma matéria na TV hoje cedo!

— Na TV? — Ergui meu rosto para ele, vendo mais pilhas e pilhas do lado de fora. Na outra parede, mostrava as revistas de fofocas penduradas. Elas continham mais e mais fotos de capa, todas as quais aparecia meu rosto e o de Bruce e Tauro. Eu me recordava disso, foi há dois dias, tínhamos saído para fazer compras para os bebês. Bateram essa foto dentro da loja enquanto olhávamos os berços.

A mão de Tauro circulando minha cintura enquanto Bruce erguia dois pares de sapatinhos, beijando minha boca.

Gravidez e bigamia.

As lágrimas escorriam sobre meu rosto enquanto eu tampava minha boca, morrendo por dentro. Minha vida estava exposta na vitrine da banca como se fosse roupa de loja.

— Moça! Moça! Você está bem?! — O velho homem me olhava, estendendo a sacola, deixando seus olhos me observarem mais atentamente. — Espera, aquela...

Eu já catava as sacolas correndo o mais rápido que podia. Eu via tudo nublado entre minha visão embaçada, esbarrando em todos enquanto tentava chegar à minha casa. Eu podia ver todas aquelas imagens na minha cabeça, todas aquelas palavras... Olhava de um lado ao outro com medo como se todos me olhassem e me julgassem. Ao virar a rua da minha casa, tentava abrir a bolsa com meus dedos trêmulos atrás do celular. Eu segurei o aparelho com pânico, tentando desbloquear a tela.

— Ei, é ela!

O som alto de vozes me fez erguer minha cabeça com o celular em meus dedos, as pessoas que vinham para mim eram quase como um enxame de abelhas. Elas gritavam altos com câmeras e microfones. Eu via os flashes que iam me cegando mais ainda, engolida por tudo.

— Senhorita Alonso, é verdade que já trabalhava na empresa Ozbournes antes da gravidez? Já mantinha caso com seus dois chefes na época?

Uma mulher quase socou o aparelho em minha boca com outro homem batendo fotos e outro segurando uma câmera.

— Não. — Eu apertava as sacolas, perdida no meio daquilo tudo.

— Senhorita, recebeu dinheiro para ter essa gravidez?

Eu olhava para os outros que iam fazendo mais perguntas, me empurrando enquanto tentava sair.

— Sua gravidez foi de aluguel?

— O quê?! — Eu olhava apavorada querendo apenas sair dali. — Por favor. Por favor, me deixem passar.

— Como se sente sendo uma das poucas mulheres a ter uma gravidez de pais diferentes?

Eu virei meu rosto para a moça magra com seus olhos estreitos que segurava o celular perto do meu rosto.

— Como... como! — Aquilo era confidencial. Como aquela mulher sabia disso? Gastón não tinha contado, ele tinha me jurado que não contou a ninguém.

Eu via todos aqueles flashes em meu rosto, aquelas perguntas maldosas enquanto meu ar ia acabando e a tontura me pegava. Eu segurei a sacola, querendo sair dali, apertando-me entre eles. Senti um empurrão como se me puxassem de volta, mas me desequilibrei ao sair da calçada, pisando no asfalto. Vi o chão duro à minha frente, dando tempo apenas de segurar o impacto com meus joelhos. A dor atingiu minha pele quando minhas mãos se espalmaram ao chão, tendo a pele rasgada. Mas nada se comparava à vertigem que sentia. Eles batiam mais fotos e falavam enquanto estavam ali, caída ao chão. Eu olhava ao longe, onde via todos meus vizinhos parados, olhando tudo aquilo. As sacolas voaram longe com todas as coisas que comprei ao chão, os ovos quebrados, o leite escorrendo. Era como se tudo estivesse em câmera lenta, eu fui congelando, não conseguindo sair dali. Ao olhar para minha casa, via a grande pintura em meu muro em letras vermelhar pichadas:

VADIA.

Eu ouvi o carro que freou a centímetros de mim, apenas sentindo o vento quente em minha face, mas não conseguia me mover. O som dos gritos altos ia se aproximando e uma mão forte segurou meu ombro enquanto me erguia.

— Docinho, OLHA PRA MIM. — Eu me deparei com os olhos tristes de Tauro que me puxava mais a ele.

Meu corpo duro não se movia, mas ouvia a voz alta de Bruce gritando com raiva. Olhei a câmera que passou caindo ao meu lado, ficando destruída junto às compras.

— Eu... — Olhava para aquilo, sentindo tanta dor. — Eu deixei as compras caírem... eu sinto muito... — Meus olhos ainda paravam nas letras maldosas pintadas na minha casa.

— Zelda, olha para mim, amor, suas mãos estão sangrando. Venha.

— As compras... eu não consegui segurar...

Tauro me ergueu no colo, me levando para o carro enquanto ouvia os gritos de Bruce. Meus olhos acompanhavam meus vizinhos com seus olhos malvados que me condenavam, condenavam meus filhos. E senti como se tivesse no inferno.

BRUCE

— *Seu filho da puta, tira essa porcaria da minha cara!* — Eu via seu corpo pequeno caído atrás de mim enquanto gritava com o câmara. Ele dava um zoom em Zelda, com seu corpo arqueado com Tauro à sua frente.

— *Senhor Osborne, fontes seguras nos afirmam que pagaram pela gravidez da senhorita Alonso, é verdade que é uma barriga de aluguel? Como será tendo doadores diferentes?*

A matéria da TV congelou no momento que soquei a cara do repórter quando ele abriu a boca falando aquela merda.

— *Bom, acho que o caçula playboy Osborne deu a resposta.* — A apresentadora ria com a tela dela parada na imagem de Zelda. Eu apertava o copo de vodca em minhas mãos enquanto sentia todo meu sangue fervendo.

— *Desconfio que a moça foi bem feliz com as escolhas dos dois...* — O outro rapaz sentado ao seu lado ria vendo as fotos que iam passando. — *Os tubarões da construção civil realmente não brincam.*

— *Realmente, Robert, tenho que concordar: uma gravidez considerada rara pelos especialistas. Acreditam que esse caso da senhorita Alonso seja o décimo terceiro que já foi comprovado pela medicina e o segundo ao qual foi constatado de forma natural.* — Ela se levantou indo para o outro sofá onde um médico filho da puta sorria para câmara. — *Estamos aqui com doutor Denis, especialista em fertilização. Nos diga, doutor, o que acha disso?*

— *Olá, boa noite, Susan; bom, realmente é um caso a ser estudado. Veja, seria normal até isso no caso de tentativas de gravidez onde a mulher e seu marido estejam querendo ter seu bebê. Pelo tanto que seu corpo é estimulado com hormônios a gerar o feto, acaba deixando que a mulher solte dois óvulos em questão de dias, mas pelo caso ao que veio, parece que foram*

os dois óvulos soltos em uma única vez e naturalmente.

— *Mas isso nos leva a crer que foi uma brincadeira a três?* — O desgraçado nojento do outro lado do sofá fala rindo.

— *Deveras, creio que sim...* — O médico respondeu polido. — *Seria um caso a se pesquisar mais. Digamos, um acompanhamento diário.*

— *Bom, isso creio que não vai acontecer.* — Susan respondeu, virando o rosto para tela onde a imagem de Zelda junto a mim e Tauro estava. — *Ficaremos por dentro do curioso caso da senhorita Alonso e seu poliamor... ou será que foi apenas um ménage de uma noite? Fica a dúvida.*

Eu já estava jogando o copo na TV enquanto a derrubava com ódio, arremessando ao chão, o som dela explodindo ao cair me fazia a chutar com mais raiva ainda. Eu tinha o rosto molhado de Zelda em minha mente; na minha camisa, onde ela havia se segurado, continham as marcas do sangue das pequenas mãos machucadas. Eles estavam a fazendo passar por uma vagabunda interesseira, expondo ela e nossos filhos como animais.

Eu sentia meu peito batendo forte, o ódio que senti no primeiro momento quando vi aquela reportagem na TV de manhã... era sem explicação. Tauro e eu entramos em alarde atrás de Zelda até a encontrar no meio daqueles urubus na rua de casa. Apertava meus dedos com ódio, querendo ter socado mais forte a cara daquele miserável. O som da respiração baixa me faz erguer a cabeça, onde via meu irmão sério, olhando para TV destruída ao chão. Ele olhava em volta do apartamento, parando no segundo andar. Devia saber que ele viria, seu passo se moveu enquanto caminhava, parando perto de mim, vendo o sangue seco em minha roupa.

Eu limpei meu rosto, soltando a respiração.

— Se veio dizer algo sobre como isso vai manchar a empresa, quero que saiba que vá ao inferno com isso. — Eu mantive meu olhar enquanto ele continuava a me observar.

— Foda-se a empresa, achou que eu não merecia saber sobre meus sobrinhos? — Ele sorria para mim como há muito tempo não o via, deixando sua mão em meu ombro, eu abracei meu irmão como se fôssemos apenas os dois meninos criados no subúrbio de antigamente.

Ele se afastou, caminhando para o bar, pegando uma dose para ele e trazendo outra para mim. Sua mão estendeu o copo, balançando a cabeça em positivo. Eu balancei a minha, pegando o copo e virando de uma vez, junto com ele.

— Como ela está? — Deixei meus olhos se erguerem ao segundo

andar, onde Zelda estava dopada.

— O médico lhe deu calmantes para induzir o sono... Zelda entrou em estado de choque... — Sussurrei baixo, saindo de perto da TV quebrada ao chão. — Tauro está com ela. — Eu apertei meu punho com raiva. — Não tive controle para vê-la daquela forma, seus joelhos e mãos estão na carne viva.

— Ela está ferida?

— Eles a cercaram como se ela fosse um bicho de circo, deixando-a acuada. Ela se desequilibrou indo ao chão e para proteger os bebês recebeu todo o impacto da queda.

Caminhei parando perto da janela, olhando para fora onde via ainda alguns carros de TV e jornais.

— Esses miseráveis parecem varejeiras atrás dela. — Eu sabia que o prédio era o lugar mais seguro para esconder ela por enquanto, Zelda estaria segura até conseguir tirar ela daqui. Ninguém entrava no prédio sem autorização.

— Ela é forte... — Ele falou calmo, parado perto de mim. Eu me virei para Dylan e, pela primeira vez, não vi o olhar de desaprovação em seu rosto.

— Ela é a melhor coisa que aconteceu nas nossas vidas. — Retirei a mão do bolso, limpando meu rosto.

— Tenho certeza que sim, para conseguir fazer você e Tauro parar nos confins de Chicago...

Eu sorri, lembrando de como era feliz lá, nunca tinha parado para pensar nisso, mas eu amava tudo que vinha dela.

— Lembra quando éramos meninos? — Ergui meu olhar para ele. — E a gente ficava vendo as outras crianças brincando felizes em sua casa por terem o pai e a mãe juntos? Era apenas eu, você e Tauro sentados na calçada, esperando papai voltar do serviço. Eu cresci sabendo que aquilo não era para mim, mas quando ela nos aceitou, quando ela aceitou tudo o que oferecíamos para ela, mas sem querer nada em troca, eu soube o que era ser aquelas crianças felizes.

Meu irmão me observava e há muito tempo não falávamos mais sobre nossa infância miserável.

— Eu tenho tanto dinheiro, Dylan, já fui para todo canto desse mundo, eu comprei dois andares inteiro no prédio mais caro de Chicago, apenas porque gostava da vista e queria estar no topo. Eu fui para Dubai, Índia, África e nada, nada, me fez me sentir como me senti nesses últimos tempos naquela casa pequena com varanda torta e sem uma vista perfeita de

Chicago. Mas lá foi a primeira vez que pude dizer que tive um lar.

Sabia que tínhamos desgraçado com a vida dela.

— E eu devolvi tudo o que ela me deu com isso. A única coisa que trouxemos para ela foi uma fama nojenta que estão descrevendo em cada jornal e revista.

— Eu tenho certeza que a mulher que está lá em cima tem o mesmo sentimento que descreveu, Bruce. — Ele respondeu baixo.

O som dos passos nas escadas nos fez olhar para Gastón e Tauro que caminhavam de cabeças baixa. O olhar arredio de Tauro parou em mim assim que viu Dylan, eu balancei a cabeça, o deixando saber que estava tudo bem.

— Um casal? — Dylan fala rindo para ele que caminha, parando próximo de nós. — Me lembre de nunca mais mandar nenhuma estagiaria com vocês para viagem de negócios.

— Não queremos outra estagiaria. Queremos apenas Zelda. — Ele respondeu, abraçando Dylan. — Nossa relação é monogâmica entre nós três.

Dylan me olhou, perdido vendo Tauro cabisbaixo.

— Ele quer dizer que apenas Zelda nos importa, não tem espaço para outras pessoas.

— Então quer dizer que sem chance de um terceiro Osborne? — Ele ria brincando com Tauro.

— Sem chance! — Ele caminhou para o bar indo pegar uma bebida. — Quer um gole, doutor?

— Por favor, acho que agora posso — Gastón sentava triste olhando para TV. — As pessoas são cruéis.

— Eles tão massacrando, isso que estão fazendo, estão nos julgando. Sem nem saber o que temos. — Tauro entregou a bebida para ele.

— Somos um trio, mas somos juntos, não há espaço para outros. — Alisei meu pescoço, sentindo toda tensão. — Somos um casal como qualquer outro.

— Na verdade é *trisal*... — Dylan respondeu, caminhando para o bar junto com Tauro. — Como ela está?

Eu via o mesmo nervosismo no rosto de Tauro, ele olhava perdido sem rumo assim como eu.

— Ela estava nervosa, sua mãe não sabia ainda. — Eu tampei meu rosto ouvindo Tauro, sabia que aquilo seria uma facada no coração de Zelda.

— A pressão dela se estabilizou, eu examinei ela e os bebês, estão bem agora. Provavelmente, vai dormir por algumas horas. Sugiro achar um

lugar calmo e longe de mídias, ou qualquer TV por um tempo. Isso não fará bem a ela ou aos bebês.

— Poderia levá-la para casa da praia. — Ergui meu rosto para meu irmão que arrumava sua mão nos bolsos da calça. — Está vazia e há tempos não vou lá, sabe que a praia é particular, creio que não serão incomodados.

— Isso seria bom para ela. — Tauro comentou.

— Sim, isso seria muito bom para Zelda. — O médico respondeu baixo.

— Como isso foi parar na mídia, doutor? — Eu o encarei, queria apenas saber quem foi o filho da mãe que fez isso com ela.

O médico virou o copo de uma única vez, encarando-me com seu olhar triste.

— Foi Emily... — ele respondeu.

— A enfermeira? — Tauro deu um passo à frente.

— Eu fiz uma prensa forte em todos assim que vi a reportagem. Sabia que tinha sido alguém de dentro, então eu a empurrei até ela vomitar toda verdade. Ela estava sem dinheiro e ofereceram uma grana alta para ela entregar o prontuário de Zelda.

— Aquela vadia vendeu a minha mulher por dinheiro! — Tauro me olhava com ódio. — Eu teria dado dinheiro para ela se ela me pedisse, bem mais que esses putos de jornais.

— Não foi o jornal. Ela disse que uma mulher pagou.

Eu ergui meu rosto na mesma hora, Tauro tinha sua feição travada com seu maxilar trincado.

— Quando foi isso? — Eu perguntei sem desviar meus olhos de Tauro.

— Ela falou que foi na última consulta de Zelda.

— PORRA! — Tauro chutava o resto da TV com ódio, o fazendo voar e acertar o vidro da janela.

— Katrina comprou a enfermeira! — Respondi com nojo.

— Quem é Katrina? — Dylan me perguntou do outro lado da sala, vendo a raiva de Tauro.

— Uma cadela desgraçada. — Tauro olhava perdido, apertando seu punho.

— Dylan, você ainda joga golfe com o dono da Times? — Eu vi nos olhos de Tauro a raiva e todo seu ódio estampados quando ele se virou me encarando.

— Dimitre Stence... Sim, sim, jogamos toda quinta à noite. — Tauro puxou a jaqueta dele, vestindo-a enquanto olhava para mim. — Por quê?

— Consegue fazer eles nos atender agora? Preciso apenas passar lá em casa antes.

— Claro que sim, Stence me deve até a alma por favores que fiz a ele. Mas por quê?

Tauro me olhava em silêncio enquanto apenas uma coisa nos martelava.

— Vingança! — Respondemos juntos.

TAURO

— *Digo que lo siento, y nunca quise avergonzarla* — Eu parei na porta do quarto enquanto a via encostada na janela com o celular próximo ao rosto.

O som baixo do seu choro era claro, seus ombros se encolheram quando ela deixou o celular deslizar ao chão. Eu queria proteger ela, sentia ódio e raiva, e tentava não lhe deixar ver como queria apertar algumas gargantas.

— Eu trouxe rosquinha. — Falei, batendo na porta, seu rosto se virou mais à janela, limpando seu rosto rapidamente.

Eu alcancei o celular antes que ela se abaixasse para pegar, seus olhos avermelhados com semblante triste e face abatida. Meus dedos se espalmaram em seu rosto, alisando lentamente suas sobrancelhas, os pequenos olhos negros se fecharam enquanto ela me deixava acaricia-la, beijando minha mão quando acariciei perto de seus lábios.

— *Gracias...* — seus dedos receberam o celular com a outra mão que estendia a ela.

Sua voz era apenas um fio cortado, me fazendo lhe puxar,

acomodando-a em meus braços, encaixando meu queixo no topo da sua cabeça. Meus dedos espalmaram suas costas, acalmando-a que ia soltando o choro baixinho com sua mão em meu peito. Eu vi do lado de fora, o que a fazia olhar com tanta dor: além dos malditos reportes agora se concentravam outras pessoas, eu odiei esse povo asqueroso.

— Se recorda daquela reunião com os Maldoços? — Sussurrei enquanto a embalava lentamente. Eu a tinha visto entrar por último a sala de reuniões, foi a primeira vez que ela deixava seus olhos expressivos de gata se focarem fortes com os meus. — Parecia uma rata de biblioteca que tinha acabado de sair ao meio dos grandes gatos com seu rosto assustado.

O som de sua respiração ia diminuindo enquanto sentia sua face se esfregando ao meu peito.

— Eu olhava para você pensando como aquela pequena criatura tinha ido parar lá, Dylan lhe fez carregar todos aqueles documentos e andar pela sala atrás dele e da secretaria. Você se recorda que se atrapalhou caindo com todos aqueles papéis?

Eu sorri ao ouvir a suave risada baixa, eu estava próximo quando Zelda foi ao chão com todos aqueles papéis, fazendo uma sala inteira se calar olhando para ela. Meu primo lhe deu um olhar de advertência falando algo mordaz e estava a um passo de me levantar para ajudar quando todos pensaram que ela iria chorar... e quando percebi, vi sua face endurecer em coragem, levantando-se e pegando papel por papel, deixando um pequeno sorriso estampá-la. Ela erguia seu rosto, encarando a todos e, de certa forma, tinha sentindo um pequeno orgulho da estagiaria atrapalhada que não se deu por vencida.

— Você fez todos se calarem a olhando quando começou a falar sobre a exportação de peça do novo México. Fez mais de doze homens barbados a admirar pela apresentação que fez quando a secretaria particular de Dylan esqueceu os tópicos. Nem sequer olhava para a tela de apresentação, apenas abria essa sua pequena boca e despejava toda esperteza que tem dentro de você.

— Eu tinha passado as últimas 48 horas arrumando cada tópico daquela reunião. — Ela ergueu sua face para mim, me deixando ver minha pequena *rabiosa*.

— Você podia ter partido depois de entregar os papéis, mas ainda assim ficou e mesmo quando Dylan lhe recriminou você mostrou a todos o que era uma boa apresentação. Eu lembro de apenas olhar para sua boca

enquanto ela se movia e pensar como queria sentir o toque quente dela. E como tinha me perdido naquela pequena criatura corajosa.

Soltei seu corpo, segurando seu rosto em minhas mãos, trazendo sua testa à minha. Seu nariz arrebitado se esfregou ao meu, me fazendo beijar a ponta dele.

— Te amo, *mi amor*... — Sua mão se ergueu em meus ombros, as nossas respirações lentas.

— Eu tenho o maior orgulho de saber que aquela pequena criatura tímida agora carrega o maior presente da minha vida, e meus filhos serão tão corajosos quanto ela. E isso eles nunca poderão nos tirar.

— Sou corajosa por que tenho vocês.

Ela me abraçou forte enquanto eu a prendia mais a mim, queria que ela soubesse que estaríamos lá por ela, que nada nos faria ficar longe do nosso pequeno pacotinho de doce. Eu a ergui para mim, pegando-a em meus braços enquanto caminhava para a cama, nos arrumando a deixando segura.

— Me peça, Zel, e trago sua mãe aqui. — Sussurrei enquanto alisava seus cabelos bagunçados. — Quer que a traga para você?

Ela ergueu sua face para mim com seu olhar triste, balançando sua cabeça em negativo. Eu deixei minha mão espalmar sua barriga, alisando-a com carinho apenas sentindo o calor que tinha lá.

— Não. *Mi madre* está envergonhada. — Eu olhava sua face, a vendo fechar seus olhos descansando sua cabeça em meu peito. — *Dios*, não a culpo. Eles foram até sua casa Tauro, a fizeram passar por tanta vergonha a enchendo de perguntas que era apenas eu que devia responder. — Eu queria tirar essa dor, queria lhe dizer que iria passar esse maldito inferno. Mas a única coisa que podia fazer era segurar ela forte em meus braços para protegê-la.

— Eu sinto por tudo isso, Zel. Mas não posso dizer que não faria tudo novamente...

— *Dios! Mi amor*... e quem disse que estou arrependida? — Ela abriu seus olhos, deixando seus dedos tocarem minha pele sobre a barba que crescia. — Eu soube que teria minha vida enlaçada a de vocês naquela noite em Las Vegas quando nos três dançamos juntos e nada poderia mudar isso.

Limpei seu rosto, beijando seus lábios com calma, deixando-a se arrumar em meus braços enquanto apenas os sons da nossa respiração eram ouvidas. Eu a puxei para mim, arrumando seu corpo na cama e a cobrindo com a manta. Minha mão ficou sobre sua barriga, alisando lentamente até ela

se acalmar e ir caindo no sono. O celular tocou em meio às cobertas. Eu o peguei, olhando com carinho para a foto de protetor de tela onde estávamos nos três abraçados. Bruce tinha feito essa *self* na cama enquanto ríamos. O som da caixa de e-mail apitou outra vez e vi mais de 25 recebidos. Olhei seu rosto adormecido, destravando o celular, olhando a caixa de entrada.

Sua vadia.

Vagabunda asquerosa.

Todos eram com mensagens cruéis que magoavam em cada palavra, alguns e-mails eram dos próprios familiares e outros de amigos, eu sentia ódio vendo aquilo. Zel ainda dormia com seu rosto cansado, ela não havia nos contado sobre isso. Quando abri a lixeira, havia mais uma enxurrada de e-mails grosseiros. Eu desliguei seu celular jogando nos pés da cama enquanto sentia mais raiva. Eles estavam a fazendo passar por uma vadia qualquer como se tivesse apenas feito aquilo por interesse.

Meus dedos alisaram sua face adormecida que trazia tanta tristeza.

— Por que não me contou docinho? — Sussurrei para ela. Queria tirar ela daqui, levar Zel para longe de todos esses carniceiros. — Eu vou cuidar de vocês, docinho.

O leve movimento foi tão rápido que quase achei que foi loucura, fazendo-me olhar para sua barriga onde minha mão estava. Eu olhava confuso até sentir o segundo movimento e sorri sabendo que nada poderia ser mais lindo que isso. Olhava com amor para onde meus filhos estavam protegidos e sentia uma força tão grande me pegando.

— Eu vou proteger vocês também, meus amores.

Eu não queria sair dali e apenas me deixei ficar enquanto os tinha a mim, sentindo a felicidade dos seus primeiros movimentos.



O cachorro que entrou feliz pelo apartamento quando Bruce abriu a porta vinha a mim com seu rabinho abanando.

— Ei, e aí garotão. — Alisei sua grande cabeça quando ele deitou em minha perna.

Bruce deixou a maleta sobre o sofá, soltando a gravata, caminhando perto da escada, olhando para cima.

— Como ela está? — Ele se voltou para mim.

— A mãe não quer falar com ela. — Eu alisava a cabeça do cachorro, vendo os olhos negros de Bruce se entristecendo.

— Posso tentar ligar para ela, talvez se...

— Eles foram até a casa da mãe de Zelda, a mulher nem sai de casa. — Eu me levantei, esticando meu corpo, esfregando minha nuca. — Conseguiu que tirassem aquilo do muro da casa dela?

Ele balançou a cabeça em positivo para mim.

— Mandei hoje cedo mesmo, pedi para um dos rapazes trazer o cachorro já que era impossível conseguir se aproximar da casa sem aqueles urubus lá.

Os malditos repórteres ainda estavam todos divididos entre a entrada do prédio de Bruce e a casa de Zelda.

— Eu conversei com Dylan, vamos tentar tirar ela daqui por esses dias, talvez no meio da semana.

— Eles mandaram e-mails a ela, Bruce.

Eu vi seu rosto se fechar enquanto ele apertava o maxilar, me

olhando.

— O quê?

— Família, amigos... eles a encheram de mensagens repudiando ela e nossos filhos. — Sentia tanta raiva me pegando que queria apenas torcer o maldito pescoço de Katrina. — Ela está tentando esconder, mas está fraca... eu tento dar as coisas para ela comer, mas ela come apenas para me fazer ficar feliz, esconde sua dor e tenta nos proteger dessas malditas mensagens que estão lhe mandando.

— Chamou Gastón? — Ele erguia seu rosto preocupado.

— Sim, ele veio na parte da tarde, a pressão dela estava muito alta.

— Inferno!

Eu olhava para tudo com tanta raiva.

— Quando vão jogar todo lixo de Katrina?

— Stance disse que em 48 horas ele mesmo teria o prazer de levar isso a imprensa. Não tem ideia de como Dylan, o fez quase urinar nas calças de medo. — Sorriu lembrando da cara do homem ao ver a reação cruel de Dylan.

— Aquela vagabunda doente, eu sabia assim que a vi lá que seria um inferno se ela descobrisse da Zelda. Eu só quero proteger Zelda e nossos filhos, Tauro.

— Eu tenho que te contar algo, falando nisso. — Estufei meu peito em alegria, sabendo que Bruce teria um infarto de saber que fui o primeiro.

— O quê? — Ele me olhou com medo. — Algo ruim?

— Não, na verdade foi algo maravilhoso. — Eu abri minha mão, erguendo para ele. — Os bebês se mexeram hoje.

Eu vi Bruce me olhar de choque para alegria em segundos.

— Não! — Ele se sentou na escada, olhando para cima. — Não acredito que perdi isso, Deus, ela deve ter ficado feliz.

— Ela estava dormindo, não quis lhe contar. — Eu dei de ombros. — Achei que seria bom para ela ter essa surpresa sozinha.

— A gente vai cuidar deles, Tauro.

— Vamos! — Ele retirou o celular do bolso, discando e logo levando ao ouvido. — O Ourives trouxe nosso pedido. — Ele apontou para a pasta no sofá, caminhei para ela, sentando-me enquanto puxava, abrindo a pequena caixa delicada de veludo que se encontrava com o brasão da joalheria VIP. — Alô, Felipe? Sou Bruce Osborne... — Ele caminhou, parando perto de mim, olhando para caixa em minha mão. — Avise o tabelião, estaremos precisando

dos serviços deles por esses dias.



Eu estava no escritório, terminando de rever as papeladas quando ouvi seu grito. Acho que nunca tinha corrido tanto por aquele apartamento em pavor. Apenas para me deparar com cena à minha frente: seus olhos alegres como há dias não via. Ela sorria, segurando sua barriga com Bruce ajoelhado à sua frente com suas mãos espalmadas.

— Eles se mexeram, *mi amor*. — Ela ergueu sua mão, chamando-me enquanto me presenteava com seu doce sorriso. — Venha! Eles estão bem!

Eu me abaixei perto de Bruce que estava em silencio, olhando concentrado para barriga dela. Eu pisquei para ele. Nós dois nos movemos, beijando a barriga redonda e delicada.

ZELDA

— Ela está aí, não é? — Ouvia o som baixo da respiração de Dolores do outro lado da linha.

— *Sí...*

— Eu sinto muito, sinto por tudo isso, Dolores.

— Ela está apenas confusa, Zel, deixa a *madre* melhorar e assim que isso passar ela vai falar com você. — Eu sabia que ela dizia aquilo apenas para me acalmar, mas a verdade era que *mi madre* devia estar com tanta vergonha de mim que se negava a falar.

— Creio que não, Dolores... — Eu segurava o choro enquanto olhava para o quarto vazio, deitada na cama.

— Vai sim, e você como está?

— *Estoy* bem na medida do possível. — Eu virei meu rosto na direção da porta, vendo senhor Piter que entrava ao quarto, subindo nos pés da cama.

— Eu sinto muito por ter lhe chantageado, Zel.

— Não sente nada, pequena... — Sorri ouvindo sua risada, minha família era tudo que mais tinha de importante e saber o que eles pensavam de mim era tão doloroso... — Estava mais que na hora de trocar seu celular.

— *Dios*, Zel, como vai fazer com isso?

— Eu não sei, não tenho ideia para ser franca, Dolores...

— *Madre* está nervosa com tudo que estão falando de ti, ela ontem teve um ataque de raiva, fazendo a vizinha da frente sair daqui de casa a base da vassoura.

Eu sorri imaginando minha *madre*, era bem ela mesmo fazer algo assim, por mais magoada que estivesse ainda me defendia até o último fio de cabelo.

— Dê um pouco mais de tempo, Zel.

Eu fiquei mais um tempo a falar com Dolores antes de desligar, sentia meu coração que se apertava com a decepção que tinha dado a *mi madre*. Mas não podia pedir desculpa por algo que para mim era certo. Amar Bruce e Tauro não era errado. Não ao meu ver. Soltei o celular, pegando o controle da TV, provavelmente seria apenas mais lixo que estariam despejando. Eu sabia que aquela maldita apresentadora estaria mais uma vez fazendo algum comentário maldoso, mas quando apareceu a chamada do noticiário em baixo, dessa vez, não era sobre mim.

Eu já estava descendo as escadas procurando pelos dois terroristas quando os encontrei no escritório. Eles conversavam baixo, calando-se assim que me viram.

Joguei meu celular aberto no site onde tinha o rosto de Katrina com aspecto de raiva com a chamada gritante.

O PASSADO ESCURO DE SOCIALITE.

— Os dois! — Apontei para eles que olhavam o celular dando de ombro. — Foram vocês?

Tauro foi o primeiro a negar, logo na sequência de Bruce.

— Eu não tenho ideia de quem foi, *cariño*... — Bruce sorria com seus olhos negros que se tornavam grafite. Um alerta para a falsa desculpa.

— Não me creio. Uma prostituta? — Tauro puxou uma cadeira, me fazendo sentar.

— Katrina fazia programa para pagar a faculdade, por isso aceitou o que nos dois queríamos. — Tauro respondeu casual com suas mãos no bolso.

— Aquela puta fez isso comigo, não foi? Vagabunda desgraçada! — Eu odiava essa mulher por *Dios*! Queria arrancar aquele aplique dela no tapa.

— Ela estará ocupada por um tempo, *cariño*, creio que seu marido deva estar tentando tampar a bosta toda que foi para o ventilador.

— Não tem que se preocupar, esses vermes gostam de notícia e agora que tem uma nova, vão ir atrás disso.

— Não posso acreditar que vão... Tauro. — Olhei para ele com receio. — Minha vida e a dos meus filhos se tornou comida desses abutres, cada passo, a cada momento terá alguém para fazer algum comentário maldoso.

Bruce se levantou da sua cadeira, caminhando até mim, eu via seus olhos calmos com tanto amor enquanto ele se ajoelhava perto de mim, alisando minha barriga.

— Não vamos deixar ninguém lhe machucar, *cariño*, Katrina teve isso como um aviso, ela sabe que podemos fechar as portas da sua vida de luxo para sempre se tentar lhe machucar de volta. — Ele levantou minha mão, beijando-a. — Deixe essas preocupações conosco.

Tauro se sentou na beirada da mesa, sorrindo para mim.

— Acho que poderíamos aproveitar esses dias que tiramos umas pequenas férias da empresa. E que tal se saíssemos um pouco daqui?

Eu olhava para seu rosto arteiro, eu gostaria de poder sumir, mas só de pensar em ter todos aqueles repórteres lá em baixo já me prendia dentro da casa.

— Não temos como sair com tanta gente lá fora.

— Deixa isso com a gente, docinho, apenas escolha um lindo biquíni

e vamos à praia.

Eu não sabia o que os dois estavam tramando, apenas que no começo da noite já tinha uma mala na porta esperando por mim.

— Mas só eu vou? — Olhei para eles que riam como se tivessem arquitetando uma tramoia.

— Apenas até nosso ponto de encontro, *cariño*. — Bruce me puxou, beijando-me. — Tauro e eu iremos sair de carro com uma terceira pessoa que se passará por você, levaremos os repórteres para longe assim pensarão que estamos nós três no carro.

— Terceira pessoa? — Eu os encarei, séria. — Vão levar uma mulher com vocês?

— Uma atriz, docinho, contratei uma com seu aspecto físico, ela vai estar com os cabelos para frente e como se sentará no banco de trás não vão ver que não é você.

— Ainda assim será uma mulher... — Os dois riram, vindo para mim enquanto os olhava brava.

— A campainha vai tocar, então sua carona terá chegado quando tudo tiver limpo. Tauro e eu trocaremos de lugar quando chegarmos à Odisseia, de lá voltará um carro com dois homens e uma mulher. Mas nós estaremos indo se encontrar com você com outro veículo.

— Não goste dessa ideia, vão para um clube privado, vão dar mais o que falar.

— Não se preocupe, docinho, Sedrico está até a tampa envolvido nisso.

— E senhor Piter? — Eles riram vendo o cachorro que corria pelo apartamento.

— Dylan vai cuidar dele.

— Teu irmão? — Olhei preocupada.

— Sim, agora espere pela campainha.

Eu já estava com agonia pelo corpo todo desde o momento que os dois saíram do prédio. Fiquei olhando pela cortina a grande parte dos carros de TV os seguindo. Eu estava sentada na cozinha com um pacote de jujubas quando fui pega por dois pares de olhos azuis que me encaravam em silêncio.

— Senhorita Alonso. — Eu quase caí da cadeira ao ver meu ex chefe me olhando.

— *Señor* Dylan... — E limpei minha boca cheia de açúcar, apertando o pacote em meus dedos. Ele olhou para o doce e depois para mim.

Seus passos se moveram, caminhando devagar, parando próximo a mim. Ele esticou sua mão, olhando para a jujuba.

— Creio que devemos deixar esse doce em segredo, correto...? — Balancei a minha cabeça em positivo, sorrindo mais e entregando o pacote para ele. Ele o abriu, e levando uma a boca. — Eu odeio admitir, mas as vermelhas são minhas preferidas.

Eu não sabia o que fazer com aquele homem, nunca sequer tinha tido uma conversa paralela além de *bom dia* com ele.

— Bruce não está... — Eu olhava em volta, me sentindo perdida.

Ele olhava com calma para minha barriga.

— Eu sei, tive a missão de levar vocês em segurança. — Ele me devolveu o pacote de doces. — E cuidar desse saco de pulga.

O coitado do cachorro me deu uma olhada quase como se implorasse para leva-lo junto, eu me abaixei alisando sua cabeça. O telefone começou a tocar no bolso de Dylan.

— Ok, estamos indo. Nossa carona chegou.

Eu sorria caminhando para porta, mas me surpreendi quando ele passou por mim, pegando a mala ao chão. Olhei para ele que se arrumava.

— Não se acostume, estagiaria, tenho uma fama a zelar, mas aqueles dois me matariam se deixasse você se machucar.

— *Dios*, eles lhe fizeram entrar nessa loucura... — Eu o via abrindo a porta para sairmos.

— Sabe como os dois podem ser persuasivos quando querem.

— Obrigado, *señor* Dylan. — Eu o vi apertando os botões do elevador, mas não estávamos descendo. — Não vamos para o estacionamento?

— Só Dylan, Zelda, você é família. — E ele moveu sua mão, pegando seu celular enquanto mandava mensagens. — Nossa carona será diferente, preciso garantir que meus sobrinhos estejam em segurança total.

As portas dos elevadores se abriram nos mostrando o terraço inteiro, o grande vento se fazia junto ao som dos motores do helicóptero. Eu olhava tudo agoniada, nem sabia que tinha um heliporto nesse prédio.

— Meu irmão queria ter certeza que nada atrapalharia essa fuga de vocês, achai que o jeito mais seguro seria pelos ares.

— *Dios*, eu não lembro de já ter andando em um helicóptero.

— É A MESMA COISA QUE UM AVIÃO! — Ele gritava sobre o barulho alto, abaixando sua mão para me proteger enquanto nos levava.

— Senhor Osborne. — O piloto o cumprimenta, pegando a mala de sua mão.

— Boa noite, Russel. — O homem sempre de cara fechada e amarrada agora estava calmo, segurando meus dedos enquanto me ajudava a entrar.

Seu corpo se movia rápido, entrando, dando as ordens ao homem. Eu olhava os bancos cor de caramelo enquanto a porta era fechada. O movimento do helicóptero subindo enquanto tremia tudo fez eu sentir meu coração palpitando, apenas percebi que apertava os dedos de Dylan com força quando a máquina se estabilizou aos céus. Eu tinha minha mão presa à dele enquanto ele olhava seu celular, respondendo as mensagens. Dylan apertou mais meus dedos, me dando uma sensação de segurança. Seu rosto se virou, levando o celular a orelha, dando uma piscada para mim.

— Não, eu disse claramente que está conta estava fechada. — Sua voz era séria e nem parecia o homem calmo sentado despojado ao meu lado.

Eu virei meu rosto, perdendo-me na noite estrelada de Chicago, vendo todos os prédios brilhando lá em baixo. Eu ria vendo as nuvens com o céu tão perto. Eu acho que se alguém tivesse me contato que minha vida estaria de pernas para o ar e ainda teria Dylan Osborne segurando minha mão para me acalmar enquanto sentia meu fôlego ser tirado pela paisagem do céu a noite, eu nunca acreditaria.

— *Dios, és lindo!* — Eu olhava e sentia meu coração ir se acalmando, a mão que segurava meus dedos apertava com mais calma.

— Desculpe, não consigo me desligar um segundo sequer. — Ele jogou o celular no bolso do paletó. — Está mais calma?

— *Sí*, muito obrigado, *señ...* — Eu ri com arqueada de sobrancelha que ele me deu. — Dylan... Também peço desculpa pela forma como lhe tratei no outro dia quando nos vimos.

— Você fala sobre invadir minha sala e me deixar a par do que Bruce e Tauro aprontavam?

— *Sí...* — respondi baixo com vergonha.

— Creio que eu devia pedir desculpa. Eu faria o mesmo pelas pessoas que amo, Zelda.

Eu via sua face ir se escurecendo, sabia que tinha que odiar esse homem, ele tinha machucado Elly feito um cão sarnento, mentindo para ela e deixando a pobre descobrir a verdade da forma mais horrível possível. Elly simplesmente tinha desaparecido por completo, nem o telefone ela atendia,

nas vezes que tentei, apenas dava na caixa de mensagem.

— Meu irmão fez uma boa escolha para ele, na verdade os dois. — Ele olhava minha barriga, dando um sorriso. — Conseguiram até fazer algo tão lindo quanto um filho.

Eu alisei minha barriga com felicidade, amava aqueles homens implacáveis assim como nossos filhos.

— São homens maravilhosos, teimosos, mas maravilhosos. — Vi seu olhar perdido para a barriga. — Quer sentir?

Antes mesmo de ele poder recusar, peguei seus dedos, trazendo para minha barriga. O homem que nunca mostrava seus pensamentos estava ali assustado com sua grande mão espalmada em minha pele.

— Eles não mordem! — Eu falei rindo, olhando para sua cara de espanto, o som da risada dele era a mesma que a de Bruce, eu via as pequenas semelhanças agora que ele tinha seu rosto próximo e tranquilo.

— Aqueles dois serão bons pais. — Ele sorriu, retirando sua mão delicadamente.

— Vão sim, provavelmente os filhos vão os fazer de gato e sapato.

Ele riu concordando comigo e caímos em silêncio. Mas havia algo estranho nele, estava incomodado.

— Como ela está? — Sua voz foi rápida quando falou aquilo, fazendo-me virar para ele. Eu via seus olhos perdidos, talvez não fosse apenas Elly que saiu machucada nessa história.

— Ela se foi. Na verdade, não sei onde ela está. — Eu respondi baixo. — E para ser franca, não lhe diria também se soubesse. Elly não merecia o que fez.

Eu sabia que falava mais que a língua, mas ali estava eu outra vez soltando as palavras antes que pensasse.

— Entendo.

O silêncio nos encontrou novamente. Acho que foi o cansaço ou a viagem, olhando a noite lá fora, mas acabei deixando o sono me pegar. Quando acordei, foi com o pequeno solavanco do helicóptero pousando. Abri meus olhos, vendo que tinha tombado para o lado do meu anfitrião. Dylan mexia em seu celular, virando seu rosto para mim.

— Chegamos Zelda.

Eu olhei para fora vendo o aeroporto pequeno onde os carros lá esperavam. Ainda estava noite, tinha se passado apenas uma hora, mas dormi como se tivesse sido a noite inteira.

Ao sair, sentindo o vento quente, senti o cheiro de maresia que vinha forte. Sorri, olhando para tudo com alegria. Não tinham pessoas, não tinha aglomeração, era como se Dylan tivesse fechado o lugar inteiro apenas para nosso pouso. Eu sorria, olhando para os dois armários de braços cruzados que me encaravam encostados no carro. Desci com a ajuda de Dylan.

— Seus príncipes lhe esperam. — Ele apontou para Bruce e Tauro.

— Sentiu minha falta? — Bruce foi o primeiro a me receber, erguendo-me em seus braços enquanto me rodava, dando um beijo em minha boca. Eu sentia seu cheiro que me embriagava me deixando se perder no seu beijo de poder.

— Talvez um pouquinho... — Enlacei seu pescoço, sorrindo para ele que mordida meu pescoço. — E você sentiu minha falta.

— Ele estava mais preocupado com as visões *Armani*. — Tauro ria, o fazendo me passar para ele e eu demorei um tempo para entender.

Até ver a expressão séria de Bruce encolhendo seus ombros como um menino ciumento. Eu olhei para Dylan que chegava nessa hora, entregando a mala para Bruce. Seus olhos negros pararam aos meus enquanto me encarava sério.

— *Incluso puedo mirar su trasero, pero es su polla la que me moja...* — Eu lhe dei uma piscada e seus olhos vibraram em posse.

— Isso pode ter certeza, *cariño*. — Ele abriu o porta malas, rindo enquanto guardava meus pertences. — Venha, hoje quem dirige é Tauro.

— O que perdi? — Dylan se aproximou e encarou Tauro enquanto Bruce me pegava no colo.

— *Muchas gracias, señor...* — Balançava minha mão do ar enquanto Bruce me levava para o carro.

— Muito obrigado, Dylan. — Tauro bateu em seu ombro. — Que lindo, então saímos de férias e eu fico de chofer.

— Claro, eu fiquei enfrentando aquela empresa esses dias e você pôde desfrutar de Zelda, nada mais justo eu poder aproveitar agora. — Bruce me puxou em seus braços enquanto me arrumava, esticando minhas pernas no banco do carona.

— Para onde o playboy desejar ir? — Tauro se virou no banco, dando uma piscada para mim. Estiquei minha mão sentindo seu beijo em minha pele. — Foi tudo bem na viagem, docinho?

Balancei minha cabeça em positivo para ele, voltando para o peito de Bruce, sentindo seus braços moldando meu corpo. Ele beijou o topo da minha

cabeça, dando-me tanto segurança como carinho com seu toque suave e forte ao mesmo tempo.

— *Vamos a la playa.*



LA PLAYA

BRUCE

Meu rosto se virou, olhando a forma preguiçosa que se esticava na toalha ao sol, e as ondas do mar que quebravam na areia deixavam a visão perfeita da pequena sereia de cabelos negros brilhosos com pele de chocolate que batia suas mãos lentamente do lado do corpo, brincando com a areia. Ao acordar com o som do mar e tomar uma ducha, tinha encontrado Tauro na mesa do café, que me contava onde nossa pequena *rabiosa* se encontrava. Foi apenas preciso seguir a pequena estrada de pedras, onde terminava na areia da praia particular. Dylan tinha deixado tudo pronto, avisando os empregados que viríamos e se precisássemos estaríamos entrando em contato com eles. A casa arejada e limpa nos esperava com a geladeira abastecida. Os olhos de Zelda brilharam assim que ela parou próxima à grande porta da varanda, ouvindo o barulho do mar, seu rosto trazia calma e tranquilidade que há muito tempo não víamos.

Eu caminhava até ela, sentindo a quentura do sol sobre minhas costas e a areia morna em meus pés. Zelda se esticava, balançando suas pernas,

deixando-me ver sua barriga que já se erguia. Eu olhava em volta: nada além de areia e mar, nada de gente, nada de revista ou do inferno em Chicago. Apenas minha sereia ao sol. E todo o mar a sua disposição. Inclinei-me perto dela, assoprando lentamente, vendo seus olhos se abrirem para os meus.

— *Buenos dias, señor...* — Sua mão se ergueu, alisando as pontas dos meus dedos. Olhar sua face tranquila era algo que fazia tudo valer a pena.

Eu daria o mundo se ela me pedisse, mas apenas ali eu sabia que ela tinha tudo que o dinheiro não poderia comprar. Zelda queria apenas paz.

— Bom dia, *cariño*. Acordei e percebi que minha refém tinha desaparecido.

— *Dios*, estou aqui como sua refém? Por que se for, prometa que nunca vai me libertar desse cárcere!

— Se desejar, apenas peça. — Ela sorriu, apontando sua bolsa onde via a outra toalha. Eu a estendi ao seu lado, puxando meu calção e me sentando. — Quer que arrume o guarda sol?

— Não, por favor me deixe assim. Não suportava mais ficar trancada e agora só de sentir o sol em meu corpo me sinto bem.

Eu peguei o protetor solar enquanto esfregava em minhas pernas e meus braços.

— Passou protetor? — Ela vira seu rosto com seus olhos semicerrados.

— Já passei. — Seus dedos apontavam para seu corpo. Eu arqueei minha sobrancelha, vendo apenas um pouco de proteção a sua pele.

— Não vejo nada... — Ela apertou seus cotovelos, movendo uma parte do corpo para cima, olhando o mar.

— Eu entrei no mar, *cabrón...* — Ela ria, voltando a se deitar. — Deixe de ser tão controlador, se não acredita pode passar de volta que deixo.

Eu olhei para seu corpo que brilhava com algumas gotas que se secavam ao sol, seus seios que estavam fartos preenchiam o biquíni por completo. Gostava de como eles estavam assim, tão roliços. Ela se virou de lado, virando sua bunda para mim, e eu olhava suas curvas que estavam se modificando com a gravidez, deixando-a com mais volúpia.

— Acho que não passou nas suas costas... — Sussurrei baixo, passando o protetor solar entre sua nuca e a curva do seu ombro. Soltei a corda do biquíni, arrumando seus cabelos para cima.

Meus dedos esfregavam lentamente cada milímetro dela, ouvindo os doces sons baixos que ela ia soltando. Descendo minha mão até o meio de

suas costas, libertei a segunda amarra do biquíni.

— Bruce...

— Estamos apenas nós, *cariño*... — Eu me deitei ao seu lado esticando meu corpo, puxando o resto do biquíni e deixando seus seios livres.

Eu admirava seu corpo enquanto passava meus dedos distribuindo o protetor em sua pele, estiquei minha mão alisando sua barriga, dando um beijo em seu ombro.

— Está passando protetor, *señor*? — Ela ria aconchegando mais o seu quadril próximo a mim.

— Estou pensando sobre isso ainda... — Eu ria mais ainda com sua risada feliz e molenga.

— Me parece muito bom, pode continuar fazendo isso até se decidir.

— Pode deixar, *cariño*... — Eu a deixei sentir o volume que tinha dentro daquela sunga, esfregando mais sobre sua pele.

Minha mão esfregava seu corpo, alisando suas coxas e voltando para cima, parando na lateral da calcinha do biquíni, soltando o lacinho. Assim que tive certeza que a tinha deixado livre, voltei minha mão por sua pele até parar nos seios cheios e sensíveis. Beijeí seu ombro enquanto os massageava, deixando minha boca brincar por sua nuca que se arrepiava, mordiscando sua orelha. Ela gemia baixinho, me deixando sentir seu seio que tinha o bico ereto, a mão curiosa que entrou entre nossos corpos caminhava para dentro da sunga, massageando meu pau que crescia mais ainda em suas mãos, pulsando forte a cada deslize. Mordi com mais força seu ombro, ouvindo o som que ela soltava ao virar seu rosto para mim. Seus olhos cheios de desejos em sua face tranquila, com seus lábios carnudos entreabertos, eu me deixei perder em sua boca que ela me oferecia com tanto carinho e amor. Seu gosto doce se misturava ao salgado do mar.

— Já me decidi, *cariño*... — Respondi entre nossos beijos, soltando seu seio apenas para puxar minha sunga para baixo.

Ela tinha sua mão fechada sobre meu pau, esfregando-o com mais desejo, e gemia em meus lábios. Levei minha mão entre sua perna, sentindo as dobras quentes e molhadas que esperavam por mim.

Apenas me movi um pouco mais para perto dela, usando minha mão para segurar sua perna. Zelda retirou sua mão, ajudando meu pau achar o caminho que ele desejava. Eu me afastei de sua boca, arrumando meu outro braço em abaixo de sua cabeça, levando mais do meu pau para dentro do seu corpo. Olhar em sua face era como me recordar que já tinha encontrado tudo

que procurei um dia, eu fugiria para sempre com ela ao meu lado apenas para lhe ver assim. Sua boca se abria em desejo, sentindo-me dentro dela, tomando-a lentamente como se fosse a primeira vez, apenas nos dois e o sol como testemunha. Zelda gemia abafando seus pequenos gritinhos em meu braço. Eu movia meu quadril até se chocar com seu rabo que se empinava mais, deixando-me ter acesso completo à sua boceta molhada e quente.

— Bruce.

Eu movia mais lento, me retirando e voltando a entrar outra vez apenas para poder apreciar um pouco mais dela ali sendo preenchida por completo com seu rosto expressivo. Dando-me mais prazer do que podia suportar, ela me sugava mais ao fundo, movendo seu quadril para trás, implorando para que voltasse mais ao fundo.

Segurava sua perna, deixando-a sobre a minha. Eu estava tão fundo dentro dela que apenas queria ficar ali até sentir meu cérebro explodir... Ter Zelda em meus braços chutava para fora da minha mente toda preocupação e sabia que nada poderia me atingir.

Ela gemia mais baixo, suas unhas que cravavam em minha coxa me seguravam com medo de que eu fosse fugir de perto dela. Eu a tomei mais forte e rápido, levando-nos para longe até não sobrar mais nada além dos nossos corpos se unindo naquela praia. Ela abriu seus olhos, deixando-os perdidos no céu, gemendo enquanto chamava meu nome. Entre gemidos e estocadas aceleradas, eu a deixei vir primeiro sobre meu pau, apertando-se como um torno em volta dele e logo meu corpo se libertava mais forte, estourando uma última vez e deixando meu gozo fundo dentro dela.

Eu sentia meu peito acelerado enquanto beijava seu pescoço com seu coração que batia no mesmo ritmo. Sua mão alisava minha perna, sussurrando *eu te amo* com a voz dengosa. Eu ainda tinha meu pau dentro dela, sem nenhuma intenção de tirar, abraçando seu corpo enquanto nos dois ficávamos deitados.

— Te amo, *cariño*... — e beijei seu ombro, alisando sua barriga.



Zelda aproveitava cada minuto e deu um trabalho tirá-la da beira do mar, ela apenas saía para tomar suco ou comer algo e já voltava, Tauro e eu ríamos, brincando com ela entre mergulhos ou beijos roubados em paz, em libertação, sabendo que ali naquele paraíso escondido nada poderia roubar nossa felicidade. O passeio de carro à tarde foi divertindo: ela sentia o vento batendo em seus cabelos com os braços abertos e observava as paisagens através do jipe.

O pequeno desfile que tinha na vila de pesca a fazia rir enquanto dançava brincando com as crianças que vinham perto dela. Eu olhava para ela com a flor que Tauro tinha arrumado em seus cabelos negros, destacando-se naquela cascata negra. Ela balançava seu corpo, movendo o leve vestido florido, batendo suas palmas. Essa era nossa Zelda, a pequena *rabiosa* de espírito livre que ria se divertindo.

— Me dá um pouco, Zel. — Tauro ria tentando pegar o sorvete de sua mão.

— Não. — Ela negava com sua cabeça — Esse é meu.

Eu ia catando as coisas que os dois iam derrubando pela frente quando ele a pegou pela cintura para erguê-la.

— *Senõr... Senõr, ayudame!* — Ela ria mais ainda quando ele mordida seu pescoço; e seus olhos se colocavam em mim, pedindo socorro enquanto negava com a cabeça.

— Não quero saber da briga de vocês dois.

— É só eu e você, docinho. — Tauro conseguiu pegar o sorvete de

suas mãos, mas acabou derrubando entre o vale dos seus seios.

Os dois ficaram em silêncio um tempo, olhando para o sorvete caído. Joguei a bolsa dela no sofá, passando por eles e deixando meus dedos tocarem no sorvete.

— Pistache com Zelda... — Eu falei para Tauro que olhava. — Um sabor novo.

— Não... não... — Ela já ria, tentando escapar dele quando seu corpo foi ao sofá, abrindo seu vestido de botões e lambuzando mais seu corpo.

— Isso vai ser bom, docinho. — Ela negava com a cabeça, usando o que sobrou em seu corpo para passar na cara de Tauro.

— Veja se é bom agora. — Ele mordeu seus dedos.

Foi apenas nos três ali sem medo ou preocupação enquanto éramos livres do jeito que amávamos.

Tínhamos Zelda ali, com seu corpo nu na espreguiçadeira de casal da varanda, olhávamos o fim de tarde sobre o mar que ia deixando a paisagem mais linda. Sua cabeça deitada no peito de Tauro, que alisava seus cabelos, com suas pernas sobre as minhas, brincando com meus dedos ao seus. Tauro olhava para mim com seu olhar tranquilo e sabíamos.

Estava na hora.

— *Dio*, eu podia ficar olhando essa cena para sempre... — Ela sussurrou, olhando o pôr do sol.

Olhamos para ela com seus cabelos soltos, parecendo nossa Vênus com sua barriga redonda. Era perfeita. Eu me movi, apenas puxando minha bermuda junto à sacola ao chão, retirando do bolso a pequena caixa de joia e a delicada estátua, a mesma que ela tinha nos retratado no bibelô, deixando-nos perfeitos juntos.

— Isso é fácil, docinho... — Tauro deixou sua mão passar por suas costas e ela se arrepiou. — Você só tem que dizer sim.

Zelda se virou, suspirando, voltando seus olhos moles para ele. Seu corpo desnudo entre os nossos deixava a bela visão dos seus seios fartos, contra o peito de Tauro.

— Sim, para quê?

Tauro ergueu seus olhos para mim com um sorriso estampado. Eu abria a pequena caixa, posicionando a aliança sobre a imagem dela como uma coroa deixando sobre sua barriga e ela voltou seus olhos para lá, ficando em

silêncio. Via sua expressão mudando com seus olhos arregalados voltando para mim.

— Vocês a a guardaram?! — Sua voz baixa suspirou repleta de emoção.

— Senhorita Alonso, — minha voz saiu rouca. — Aceita se tornar a Senhora Zelda Osborne?

Tauro a abraçou, beijando o topo da sua cabeça.

— Aceita se casar com a gente, docinho?

Eu via as primeiras lágrimas descendo sobre seu rosto, ela tampou sua boca, olhando para mim. Eu me movi lentamente, me arrumando perto dela e retirei as duas alianças que se encaixam como uma só. Tínhamos feito exclusiva para nós: a aliança de Zelda virava duas. Eu as separei, pegando a que tinha *Bruce* gravado e entregando a outra para Tauro. Ele a arrumou, a deixando sentada sobre a espreguiçadeira, protegendo a estátua em suas pernas enquanto olhávamos para ela.

— *Sí*. Aceito *mi* amores...! — Zelda ria e chorava.

Sua pequena mão se esticou enquanto ela chorava, limpando seu rosto. Tauro levou a primeira aliança em seu dedo anelar; e, logo, pego sua mão à minha, levando minha aliança junto e fazendo as duas se encaixarem. Peguei a caixa de joia, entregando a ela que retirou as alianças que estavam lá, colando a primeira em meu dedo e a outra no de Tauro.

— Amo vocês.

Esticamos nossas mãos, deixando junto sobre à barriga dela, sentindo a dela por cima da nossa e vendo as três mãos brilhando com o laço.

— Você nunca vai se arrepender disso, Zel. — Tauro afirmou sério.

— A gente promete. — Eu beijei sua boca, sentindo o gosto salgado de suas lágrimas.

— Acho muito bom mesmo! — Ela ria enquanto alisava nosso rosto. — *Dio*, vão me deixar *loca*.

— Na verdade, tem mais uma coisa... — Tauro encolheu seus ombros e riu.

— O quê?

— O tabelião chega amanhã à noite.

— Como assim, seus safados?

A gente ria da sua cara de espanto enquanto jogava as almofadas em nos dois.



A pequena cerimônia foi na beira da praia sobre as tochas que foram arrumadas. Tauro já tinha deixado tudo programado quando o tabelião chegou com Dylan, Gastón veio junto com marido e os dois foram nossas testemunhas. A *rabiosa* que vinha com seu vestido praiano com uma trança lateral e um arranjo de flores na cabeça brilhava feito uma fada descalça na areia. Seus olhos iam de mim para Tauro, sorrindo com o pequeno buquê de flores na mão. Zelda estava linda, perfeita com sua barriga redonda, parando na entrada do luau.

Eu vi meu irmão que ia para ela, estendo os braços enquanto conduzia ela para nós. Zelda irradiava felicidade, me virei olhando para Tauro que tinha seus olhos presos aos dela, apenas se virando uma vez para mim. E, sim, nós dois sabíamos que tínhamos encontrado nosso lar, mas ele não ficava em quatro paredes, mas na pequena mulher que caminhava para nós. Nos dois estufamos nosso peito em orgulho e sorrimos para ela.



O APITO

ZELDA

— Como anda sua respiração? — Gastón jogava o aparelho de medir pressão dentro da bolsa, me deixando levantar da poltrona de Tauro.

Entramos no oitavo mês de gestação e o que pensávamos que passaria por ser apenas fofoca de mídia ainda se alastrava, fazendo-me evitar o máximo sair de casa, apenas ia quando tinha que fazer algum tipo de exame muito importante, mas ainda assim Tauro e Bruce faziam questão de estarem juntos feito guarda-costas de cara fechada. O sossego que tinha na casa de Tauro era diferente do silêncio do apartamento de Bruce. A grande casa, afastada de Chicago, era quase um paraíso escondido, Tauro a tinha tão bela quase como se estivesse esperando por uma grande família. O quarto dos bebês, onde reformamos, ficava colado ao nosso, Matias e Charlotte eram nossos pequenos milagres que nos faziam ficar horas e horas perdidos olhando para os berços, contando o segundo para estarem lá.

— *Dios*, parece que tem alguém me apertando... — Ri para ele, caminhando para o quarto dos bebês. — Venha, quero lhe mostrar o tamanho do urso que Bruce arrumou, *Dios*. Quero matar ele

— Onde estão os papais do ano, falando nisso?

— *Los dois* saíram logo pela manhã, ligaram atrás deles para ir verem uma obra. — Abri a porta do quarto, apontando com desgosto para o exagero de urso. — *Mira*, não é a coisa mais pavorosa que já viu?

Gastón ria junto comigo, olhando para o grande urso ao canto, o bicho de pelúcia era maior que ele, ele moveu o animal e, desistindo, caiu sentado no colo do urso.

— Meu Deus, ele é bom para as costas... — Eu me sentava na poltrona de amamentar perto dele, alisando minha barriga.

Ficamos em silêncio, admirando o delicado quarto. Os meninos tinham pintado meio a meio, era o nosso mundo colorido entre o rosa e o azul. Olhava as letras garrafais entalhadas em madeiras coloridas com os nomes dos bebês. Matias tinha o berço branco entre marrom escuro e claro com enfeites de ursinhos, já a pequena princesa Lotte, que Tauro apelidou carinhosamente, tinha cada canto do seu berço feito uma princesa que era, desde a coroa pequenas às bailarinas dançantes.

— E está feliz? — Eu me virei olhando para Gastón que me observava.

— *Sí*. Estou muito feliz e não vejo a hora de estar com meus *hijos* no colo... — Acaricieei minha barriga, sentindo tanto amor por aqueles pequenos.

— Mas seus olhos dizem que falta algo.

— Para eles, prometi que jamais faltaria nada, *mi* amigo.

— Sua mãe, ela não veio, não é?

Eu balancei a cabeça, sentindo a tristeza. De tudo o que sentia mais falta, era de *mi madre*. Queria que ela pudesse dividir esses momentos comigo.

— Ela não quis, Gastón. Disse que minhas escolhas eram minhas e devia arcar com as consequências.

Limpei a pequena lágrima teimosa que fugia do meu rosto. Logo estaria com meus *hijos* e talvez essa dor da falta de *mi madre* fosse embora, deixando todo meu amor para eles. Mas eu sentia a perda. Ela nem sequer me deu uma chance, nem me deixava ir a sua casa. Dizia que seria a vergonha da família. — *Mi madre* não consegue lidar com a escolha que fiz.

— Sabia que venho de uma família de três irmãs? — Eu olhava para ele que se arrumava no urso gigante. — Minha mãe era a mulher mais linda e doce que já conheci, e então como filho caçula eu amava brincar entre minhas irmãs, mesmo naquela época não tendo ainda o discernimento da minha

opção sexual. Quando meus pais descobriram, lembro que meu pai me bateu tanto... ele quebrou duas costelas minha e meu braço. — Ele balançava o braço, olhando perdido. — Ele me expulsou de casa e não me deixou ver mais minha mãe, dizendo que seu único filho homem tinha morrido. Eu terminei a faculdade e fui cuidar da minha vida, sofrendo a cada dia que tentava ter eles perto e a cada vez mais eu era afastado.

Eu estiquei meus dedos para ele que elevou o seus para mim, alisando em cumplicidade.

— Minha mãe morreu por um infarto e minhas irmãs não me deixaram ir ao velório, dizendo que seria uma desonra para todos.

— *Dio*, Gastón, que crueldade. — Limpei meu rosto, sentindo sua dor.

— Eu sofri meu luto afastado. Durante os anos que se seguiram, eu recebi uma ligação do Hospital da Carolina do Sul. Meu pai tinha sofrido um derrame em que grande parte dos seus movimentos tinham se perdido. Minhas irmãs não quiseram cuidar dele, então entrei no carro e dirigi até lá. Eu voltei para casa com aquele velho me xingando por mais de quinze horas de trânsito enquanto falava que preferia morrer cheio de merda que precisar da ajuda de um chupador de rola... — Ele soltou a respiração, olhando para o teto. — Meu marido era humilhado todos os dias por ele, enquanto me ajudava a cuidar e revezamos entre nossos horários de trabalho. Ele ainda ficou mais quatro anos comigo daquele jeito, lembro que quando o segundo derrame veio os médicos conseguiram trazer ele de volta, já era mais das três da manhã quando ele acordou. Eu estava sentado ao seu lado da cama e vi seus olhos parados em mim. — Ele limpou seu rosto enquanto eu já estava completamente chorando por sua dor. — Meu pai me olhou sério e eu já me preparava para tudo que ele iria falar. Mas então ele me perguntou por que eu ainda continuava ali. Eu me recordo que o abracei naquele momento lhe dizendo que tinha apenas feito o que ele me ensinou desde menino: a ser um homem bom e honrado.

Ele sorriu para mim com seus olhos tristes e calmos.

— Eu perdoei meu pai de tudo que ele já tinha me feito há muito tempo, mas mesmo assim lhe dei o perdão quando ele me pediu. Porque, na verdade, o que importava não eram as mágoas, mas sim as lembranças boas que tivemos, o que nos ensinaram. É isso que nos faz ser sempre melhores, Zel, não as opiniões deles.

Eu me levantei daquela poltrona enquanto o abraçava forte, sentindo

tanta felicidade por ter Gastón em minha vida.

— Quem nós escolhemos amar não é o que nos rotula, e sim o caráter que eles nos ensinaram a ter, amar os outros isso é uma dádiva. Isso sua mãe uma hora irá perceber.

Gastón e eu ainda ficamos um tempo lá abraçados, dando força um ao outro.

— Venha, deixe lhe dar algo para comer, *mi* amigo.



Estava na cozinha batendo uma vitamina quando o celular tocou.

— Alô?

Eu sorri ouvindo a voz de Dylan, desligando a máquina, pegando a jarra do liquidificador e enchendo os copos.

— Zel... aconte... — A voz dele cortava entre os barulhos altos e ficava uma gritaria ao fundo.

— Dylan, está cortando.

Eu caminhava para sala, onde Gastón estava sentado com a TV ligada. As imagens das ambulâncias na TV mostravam, junto à repórter que comunicava, um desmoronamento de um prédio onde seis pessoas ainda estavam desaparecidas e duas foram encontradas mortas. Isso me fez ir caminhando mais devagar e a voz de Dylan ir sumindo lentamente enquanto sentia a dor no peito que ia me pegando. Os copos deslizaram dos meus dedos, estilhaçando-se ao chão quando reconheci a obra. Era o SPA de luxo, o emblema da Ozbournes estava lá ao fundo.

— Zel... Zelda, está me ouvindo? — Eu já tinha Gastón ao meu lado retirando o celular de mim. Ele falava comigo enquanto apenas continha meus olhos presos à televisão.

— Alô, senhor Osborne, sou eu Gastón, médico de Zelda. — Meu amigo me segurava, me puxando para longe enquanto sentia meu mundo todo ir se acabando.

— Não... não... — E lá estava a fotos de Tauro e Bruce junto aos seis desaparecidos entre os escombros.

Sentia a dor me dilacerar, me arrancando a alma enquanto me apertava a Gastón, gritando em desespero.

— Zel... Zelda, olha para mim. — Gastón tentava me fazer sentar, alisando meu rosto. — Precisa se acalmar, ok?!

— Não quero me acalmar, eu quero... eu quero os meus maridos! — Olhava para ele tampando meu rosto em choro.



— O que está olhando? — Senti os braços fortes de Tauro que me apertavam pela cintura admirando a chuva enquanto eu olhava perto da porta.

— A chuva, — ri quando ele mordeu minha orelha, abrindo mais ainda a porta da varanda, as madeiras que tinham as gotas da chuva traziam um cheiro tão bom.

— Gosta daqui? — Eu virei meu rosto para ele que tinha seus olhos

de oceano me engolindo com amor.

— Sí, eu amo sua casa, consigo imaginar as crianças correndo.

Ele me virou, me fazendo ficar de frente para ele, abaixando sua cabeça enquanto me roubava um beijo. Eu perdia o ar, o limite dos meus pensamentos quando ele me tomava com seus beijos de fome e uma ternura escondida em um grande homem.

— Nossa casa, docinho... — Suas mãos desceram por minha barriga enquanto a beijava. — Vocês gostam daqui também?

Os bebês amavam ouvir as vozes deles e ficavam agitados se movendo enquanto ele ria mais ainda. Tauro se levantou, me puxando com ele enquanto íamos para fora e sentíamos a chuva que caía sobre nós com gotas frescas.

— Já foi beijada na chuva, senhora Osborne? — Eu balançava minha cabeça rindo para ele.

— Deixe-me pensar... — eu ria fazendo cara de longos pensamentos quando ele mordeu meu ombro. — No... Dio, não.

— Então isso será nosso.

Tauro segurou meu rosto com suas grandes mãos me fazendo esquecer qualquer coisa ligada ao mundo lá fora.



Eu olhava todo o caos à minha volta enquanto via mais carros de ambulância e bombeiros chegando ao local, tudo estava rodeado por faixas de segurança, as pessoas machucadas espalhadas na rua, eu olhava de rosto em

rosto atrás deles, e nada estava ali.

— Eu ainda não acho que seja bom você ter vindo, Zelda. — Eu nem olhava para Gastón apenas queria chegar até Tauro e Bruce. — Me deixa pelo menos lhe dar algo para se acalmar.

— Não quero me acalmar! — Respondia nervosa em agonia.

Eu via o lugar onde Tauro tinha me trazido, um dos prédios tinha desabado por inteiro. Os paramédicos cuidavam dos outros conforme podiam, grande parte dos operários estavam sem reação, em choque.

— A senhora não pode passar. — Eu ergui meu olhar para o homem à minha frente, o policial me deixava longe da fita.

— Meus maridos. Meus maridos estão aí... — Eu apontava com raiva enquanto erguia aquela fita, passando.

— Senhora, não me faça usar força...

— Pois use, mas nem o inferno me deixa longe.

— Deixa ela passar. — Eu me virei vendo Dylan que caminhava nervoso para mim. — Meu deus, o que está fazendo aqui?

— Onde eles estão? — Apertava seu terno com agonia. — Me diz, Dylan, onde eles estão!

Vi seu olhar ir se desmanchando em tristeza enquanto ele olhava para lá, seus braços me puxaram enquanto me abraçava com tanta dor.

— Eu quero meus maridos, Dylan... eu quero... — Chorava com mais dor enquanto apenas desejava ser Bruce que tinha em meus braços.

— Acha que eles vão gostar de nós? — Eu virei meu rosto vendo Bruce massagear meu pé enquanto olhava minha barriga.

— Claro que vão. — Sorri para ele. — Eles vão amar vocês.

— E você? — Eu via seus olhos negros confusos enquanto me observava.

— O que tem eu?

— Vai continuar nos amando? — Eu retirei minha perna lentamente.

Sabia que tinha os mesmos medos que seu pai trouxe a eles, a mãe de Dylan tinha partido, deixando o filho de cinco anos... até o pai deles encontrar a mãe de Bruce, onde, do amor, nasceu esse homem que amava, mas sua mãe não viveu muito, e a única coisa que ficou para eles foi o vazio.

— Posso desejar querer matar vocês em alguns momentos, mas

jamais vou deixar de amá-los. — Estiquei meus dedos, alisando seu rosto.

Ele fechou seus olhos, afagando mais sua face em minha mão.

— Se um dia eu fizer algo ou deixar algo acontecer para se afastar de mim... por favor me fala e me dê uma chance de consertar.

Quando aquele homem abriu seus olhos foi como ver uma fração do menino que se escondia entre os ternos de grife e falas arrogantes em suas reuniões. Eu deixei meu rosto encostar ao seu, esfregando nossos narizes.

— Você vai ter que fugir do planeta antes que possa se livrar de mim, señor... — O som baixo de sua risada fazia meu peito se aquecer, me deixando me embalar em seu abraço.

— Eu te amo, cariño.



Eu sentia uma parte minha ir morrendo a cada segundo que passava, a cada corpo que eles retiravam de lá. Tauro e Bruce estavam no primeiro andar quando o desmoronamento começou, tinham ajudado grande parte dos operários a sair do prédio, mas Bruce ficou... ele ficou para retirar algumas mulheres e Tauro voltou para tirar ele de lá. Então, quando o segundo veio, ninguém mais saiu. A cada apito dos bombeiros que avisavam que tinham encontrado alguém, eu sentia o medo e a felicidade andando juntos. Morria aos dois apitos altos que avisava que quem tinha sido encontrado estava sem vida.

— Zelda, precisa comer algo... — Eu olhava balançando minha cabeça para Gastón que tentava me empurrar alguma coisa. Era o começo da

noite.

— Não vai me dopar. — Eu cerrava meus punhos, não iria sair daqui enquanto não estivesse com meus maridos.

— Eu não vou lhe dopar, pelo amor de Deus, pelo menos vamos voltar...

— Não!

— Posso medir sua pressão, senhora? — Eu virei meu rosto com raiva para o paramédico que Dylan tinha posto ao meu lado, ele vinha de cinco em cinco minutos com aquele aparelho.

Tinha feito uma briga, mas dali eu não saía, e Dylan me dando por causa perdida me fez ficar do outro lado, perto da tenda dos bombeiros.

— Se vir com esse troço mais uma vez, juro por *Dio* que vou enfiar em seu rabo!

O paramédico olhava de mim para Gaston que apenas balançava a cabeça em negativo para ele. Eu me virei assim que ouvi o apito, eles tinham encontrado a quarta pessoa, e eu segurava minha respiração quando apenas o segundo apito veio. Isso dizia que não estava com vida. Eu segurava meus dedos juntos enquanto implorava a *Dio* que não fosse nenhum dos dois.

— *Santa Virgem los trae con seguridad* — Eu acho que nunca orei tanto à Nossa Senhora como naquele dia, a cada segundo que se passava.

Eu rezava por meus maridos, enquanto via algumas das famílias que estavam lá apenas recebendo os corpos dos que não saíram com vida. A mulher que chorava perto do marido cortava o coração de qualquer um. Eu não podia passar por aquilo, eu não era forte, eu nem tinha me preparado para me ver amando dois quanto mais os perdendo de uma única vez.

— Não é nenhum dos dois... — Eu me virei quando Dylan parou ao meu lado, esfregando meu braço. — Deus, você está fria.

— Estou bem. — Sussurrei, voltando a olhar para aquela mulher.

— Vai ficar tudo bem. Zelda. — Quando me virei para Dylan, ele me olhava com tanta dor, igual a mim.

— Eu não posso perder eles... Eu não posso. — Dylan me abraçava enquanto nos virava para longe dos malditos repórteres que gravavam.

— Não vai, eu prometo. — Ele me puxava caminhando, parando perto do posto dos bombeiros. — Quer algo? Precisa se aquecer.

— No, esses dois querem me encher de remédio... — olhava para Gastón e o paramédico.

— Ela acha que vamos dopá-la... — O rapaz respondeu.

— Seu *cabrón* mentiroso, tinha remédio naquele suco que tentou me dar.

— Aquilo era para sua pressão. — Gaston comentou e encolheu os ombros.

Eu balançava minha cabeça em negativo, era mentira. Eles queriam me tirar dali, eu sabia que estavam preocupados comigo e com os bebês, mas eles não entendiam que para a gente estar bem tínhamos que estar todos juntos.

— Zel, olha para mim. — Dylan me virou, me olhando. — Talvez... talvez não deva mais ficar.

— No... Eles estão vivos, eu sei. Eu não vou sair daqui sem eles. — Eu me sentei ao pé da escada do caminhão do corpo de bombeiro enquanto apertava meus dedos ao rosto.

As buscas viraram a noite, erguendo-se pela madrugada. Eu via os repórteres que estavam feito varejeiras sobre a desgraça, filmando cada canto. O som das ambulâncias não era mais tão alto, nem as conversas, era apenas o silêncio que precedia o abismo, aquele que te corroí sem saber se vai ter algo lá em baixo ou será apenas o fim. Eu rezava, eu implorava a *Dio* a cada segundo que ia passando sem sinal deles.



— Gostei de Charlotte... — Tauro ria para mim enquanto Bruce ficava falando o nome pelo quarto.

— Podemos chamar ela de Lotte. — Bruce deu outra mão de tinta na

parede enquanto Tauro tentava montar o berço. — Por que essa porcaria tem que ser tão difícil?

— Podia ter deixado o rapaz da loja vir montar como toda pessoa normal faz...? — Passei por ele para arrumar as cortinas.

— E deixar ele lhe ver desfilando pela casa apenas com minhas cuecas como top?

Ele ergueu a chave de fenda, balançando seu dedo em negativo.

— Nossa, estou mui sexy parecendo uma bola de basquete.

— Uma bola de basquete suave e quente com seios fartos. — Bruce pintou minha barriga e me deu uma piscada.

— Seu galanteador barato, nem venha, pode terminar essa parede. — Ri apontando para ela.

— Casamos com uma megera, Tauro. — Bruce me olhava com ar sexy, me puxando em seus braços.

— Uma megera mandona. — Tauro já estava largando as ferramentas me apertando por trás. — Com uma bunda suave e quente. — Eu ronronei baixo quando ele mordeu meu ombro suavemente.

— Gosto dos seus seios grandes. Acha que os bebês vão ficar bravos de dividir com a gente? — Os dedos curiosos de Bruce puxaram meu top, fazendo meus seios saltarem para fora enquanto os admiravam. — Uma verdadeira espanhola, cariño.

— Seus safados!



O som do apito que veio fez minhas pernas ficarem moles enquanto me levantava, eu olhava para direção dos escombros vendo os bombeiros que iam todos se encaminhando para o lugar de onde veio.

— Por favor... por favor, meu *Dio*. — Minhas pernas trêmulas caminhavam lentas e nem Gastón e nem o paramédico me fariam ficar.

— Zelda... Não vai. — Eu ouvia a voz longe de Gastón e dentro da minha cabeça apenas uma coisa martelava.

— São eles... *Dio*, são eles... — Meu rosto em lágrimas ia ficando mais molhado enquanto não entendia porque os paramédicos não estavam indo. — Vá... Vá... por que não vão?

Quando o segundo apito veio, eu já não tinha forças, apenas me segurava perto dos carros da polícia, negando com a cabeça.

— Não... não por.... — Eu morri junto com o segundo apito, eu estava indo para o inferno. — Toca... toca mais uma vez... — Sentia meu corpo ir escorregando naquele carro frio feito a vida que me esperava.

— Zelda... — Dylan me erguia me puxando em seus braços enquanto eu chorava mais ainda.

— Por que não toca o terceiro apito, Dylan, por quê? — Eu não podia acreditar, eu não poderia sobreviver.

Eu chorava mais enquanto via todos parados. Eu queria meus maridos, eu queria Tauro, eu queria meu Bruce.

— Toca... por favor, toca...

Meus dedos arranhavam o braço de Dylan enquanto gritava em choro, mesmo ele me apertando mais ainda, me segurando para não ir lá. E, então, veio alto, como uma vida que se ergue, o terceiro apito que cortou minha dor como um sopro de vida, enchendo meu mundo de cor outra vez. Via os paramédicos que corriam em direção aos escombros. Dylan me segurava congelado da mesma forma que eu, olhando para lá; e foram os minutos mais longos de toda minha vida enquanto as máquinas levantavam o paredão entre os escombros. A grande fumaça que se ergueu, o choro que prendeu em minha garganta... e foi entre a fumaça e os gritos dos bombeiros que os vi.

— *Oh, mi Dio!* — Eu chorava, mas dessa vez não era de dor, não era de tristeza e desespero, era de alívio os vendo sendo carregados para a ambulância.

Dylan me soltou e minhas pernas foram para eles feito libélula à luz, caminhava entre os bombeiros; e os olhos azuis foram os primeiros que me sugaram em seu mar com seu rosto sujo, com sangue na testa. Tauro

mancava, saindo da maca, se apoiando a ela, Bruce já estava se sentando na sua, e saindo brigando com os bombeiros quando eu quebrei a barreira até eles.

— Me solta, eu estou bem! — Bruce o empurrava parando perto de Tauro.

— Deixa ela passar, inferno!

E eu passei, eu passei do inferno ao céu esperando por aqueles dois e quando me coleí a eles, não me importava com nada, nem ninguém, nem câmeras, nem bombeiros, apenas nós, apenas a dádiva de amar e ser amada. Eu senti meu coração bater de volta.

— Não chora, docinho, a gente está aqui. — Meu rosto esfregava em Tauro com um braço nele e outro em Bruce.

— Você ia ter que ir para outro planeta para se livrar de nós, *cariño*...

Eu chorava quando ergui meu rosto para Bruce, seu rosto machucado enquanto ele tentava sorrir. Eu fiquei na ponta dos pés quando ergui meu rosto, beijando seus lábios e depois o de Tauro... tudo que me importava estava ali.

Quando me afastei, vi seus rostos erguidos olhando para trás de mim. Virei meu rosto, vendo todos nos olhando, todos os olhares, todas as câmeras, tudo focado em nós. Tauro deixou sua mão em minha barriga junto com a de Bruce. Eu estava cagando para o que a mídia iria dizer ou falar mais ainda na TV. Nada importava, nada.



— *Nosso amor é como o de qualquer outro.* — Eu senti os braços de Tauro passando por mim enquanto minha voz saía na TV, Bruce e Tauro dentro da ambulância enquanto um repórter persistente conseguiu passar, socando a câmera na nossa cara. — *Deviam parar de ficar se preocupando tanto em como uma pessoa ama ou quantos ela pode amar... se é tão ruim assim o que temos, por que Deus nos abençoou com esse presente?* — Bruce alisava minha barriga enquanto o câmera dava zoom em nós. — *Me chamo Zelda Osborne e sou mulher desses dois homens que amo e serei mãe dos filhos deles e nossos filhos serão amados como em qualquer outra família, porque o que importa é o amor que damos ao que nos realmente faz feliz. Toda forma de amar é válida.*

A matéria terminou com meu rosto encostado em Tauro enquanto o paramédico fechava a ambulância, nos tirando de lá. Bruce beijava o topo da minha cabeça sorrindo para mim enquanto desligava a televisão.

— Então quer dizer que nos ama? — Tauro virou seu rosto me olhando com amor.

— Mas que tudo. — Eu sentia a gratidão por estar com eles ali, tínhamos passado um inferno e agora mais uma vez nossos rostos estavam estampados em cada matéria.

Mas eu não ligava porque o que realmente me importava estava junto comigo. Tauro e Bruce tinham sobrevivido por conta de um milagre, a parede que desmoronou em cima deles fez uma V ao cair, se dividindo e os protegendo do restante. Como estavam ao fim dos prédios, foram os últimos a serem encontrados. Dylan estava um demônio em cima dos clientes que contratou a empresa para construir. Tinham fraudado a documentação de liberação da prefeitura para erguer os prédios naquele local, eles tinham subornado pessoas, deixando tudo parecer legalizado quando realmente não estava. O filho do prefeito estava tendo o pior tubarão em sua cola, desejando o sangue dele. Pelas pessoas que se machucaram e pelas vidas que perderam. Era triste saber que para algumas pessoas o que importava era o que elas iriam receber com aquilo. E quase me custou meus maridos, a ganância deles. Nesse momento, eu queria apenas nunca mais querer deixar eles saírem.

— Acho que vou tirar umas longas férias. — Tauro falou, esticando sua perna e torcendo o rosto.

— Eu sei lá, talvez a aposentadoria fosse melhor. — Bruce resmungou, me puxando para seus braços.

Eu ria sabendo que nenhum dos dois ficaria longe da empresa por muito tempo. Tauro se virou, me abraçando e prendendo seu braço entre os meus, sentindo o calor dos dois.

— Acho que não vão muito longe... — Sussurrei baixo para eles.

— Prefiro ficar assim... nós três... — Bruce falou e, para nossa alegria, os bebês chutaram e nos fizeram rir.

— Na verdade, nos cinco!

A voz grossa de Tauro resmungou em meu ouvido, deixando sua mão espalmar em minha barriga.

— Nos cinco — sussurrei com felicidade ouvindo aquilo.

Fim

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Tauro, Bruce e Zelda por me presentear com a forma livre de amor deles. Foi maravilhoso escrever esse livro e sair completamente da caixa.

Meu eterno amor às minhas *rabiosas* Janaina da Silva e Halana Oliveira por mais uma vez se perderem em meus livros comigo. São minhas deusas maravilhosas.

Agradeço a todos que estiveram ao meu lado durante esse projeto. Mellody Ruy por me deixar apaixonada com essa capa linda; Yasmim Mahmud Kader por me fazer me apaixonar mais por eles a cada etapa da revisão; e mais uma vez meus mais sinceros agradecimentos à minha doce Val por me deixar arrastá-la em mais essa jornada.

E muito obrigada do fundo do meu coração a você que se permitiu se apaixonar por eles assim como eu.

SOBRE A AUTORA

Caroline Andrade é paranaense, residente da capital Curitiba. Mãe de dois meninos lindos Nicolas e Jorge. Uma canceriana de coração gigante como o mar. Começou na adolescência a escrever as histórias em seus cadernos, mas os deixava guardado até conhecer a plataforma Wattpad em janeiro de 2014, onde postou suas histórias e não parou mais. Seu primeiro livro lançado na Amazon foi Katorze em outubro de 2019. Através da escrita transformou seus sonhos em histórias e, assim, uma parte fundamental em sua vida. Seus livros são do gênero dark romance.

[Instagram](#)

[Perfil no Facebook](#)

[Perfil no Wattpad](#)



KATORZE

SOMOS UM SÓ

CAROLINE ANDRADE

KATORZE

Sinopse:

Quando um pesadelo deixa marcas. Quando em um dos piores momentos, nasce uma luz para guia-la. Quando ela se apaixona por seu algoz e finalmente tudo está na mesa, o desejo carnal e selvagem se revelam. Mas a ferida agora, está aberta. Vocês irão odiá-lo, cobiçá-lo e até mesmo desejá-lo. Conheçam Daario Ávila e embarquem em uma aventura na Espanha, regada de erotismo e reviravoltas de tirar o fôlego. Será que o príncipe encantado, pode se tornar um pesadelo?

Katorze: Somos um só - [Amazon](#)

BEM-VINDO
À SELVA!



CAROLINE
ANDRADE

JOE - Bem-vindo à Selva

Sinopse:

Doty só queria uma coisa: achar o miserável que engravidou Tiffany e chutar seu rabo até Dallas.

A única coisa que Joe queria era dobrar o demônio de olhos negros que o tirou do sério, fazê-la pagar por sua língua afiada e boca suja.

Uma proposta!

Sete dias!

E tudo foi para os ares!

Billi

Bem-vindo à Arena

Sinopse:

Billi tinha traçado seu destino, já não era mais o menino delinquente, tinha se transformado em um homem, foi atrás do seu sonho e criou seu mundo em cada touro que montou aos 32 anos.

Arena Ranger lhe trazia apenas um desejo, o grande touro Asteroide 8 segundo que valeria sua carreira, mas o pequeno cometa que cruzou seu caminho. Fez o Cowboy mudar seus planos.

Joe: Bem-vindo à Selva - [Amazon](#)



PAOLO

A RENDIÇÃO DO MONSTRO

CAROLINE ANDRADE

PAOLO - A redenção do monstro

Sinopse:

Criado como um animal de estimação desde criança, entre a sarjeta e os abatedouros da fazenda Ávila, Paolo se tornou o cão de ataque perfeito de Joaquim Ávila, um animal feroz, sem remorso, sem empatia. Moldado pela dor e degradação, é uma alma condenada e vazia, que sente gosto de liberdade quando sua coleira invisível é quebrada. O destino, contudo, o leva, entre a vida e a morte, pelas águas turbulentas do rio, até os cuidados da pequena Yara. Em um ímpeto de desespero pela morte que o chama em seu leito, Yara faz de tudo para salvá-lo, até o que não deve. A pequena boneca solitária só não sabia que quem ela salvava não era apenas um forasteiro com faces tristes, mas sim um monstro que traz em seus olhos tanta morte quanto o cano do seu .38. Yara entende de monstros. Teve seu caminho cruzado por um, que a deixou marcada para sempre. Mas ali, diante da face do mal encarnada entre os olhos marrons daquele forasteiro, que traz uma dor tão antiga, não é medo que sente, mas sim sua luz, que se liga à escuridão dele.

Paolo – A Rendição do Monstro - [Amazon](#)

A dramatic movie poster featuring a close-up of a man's face in profile, looking down, with a lion's face superimposed behind him. The lighting is warm and low-key, creating a sense of mystery and tension. The man has a beard and is wearing a light-colored shirt. The lion's eyes are prominent, and its fur is detailed. The title 'PAOLO' is written in a large, red, brush-stroke font across the middle of the image.

PAOLO

O DESPERTAR DO MONSTRO

CAROLINE ANDRADE

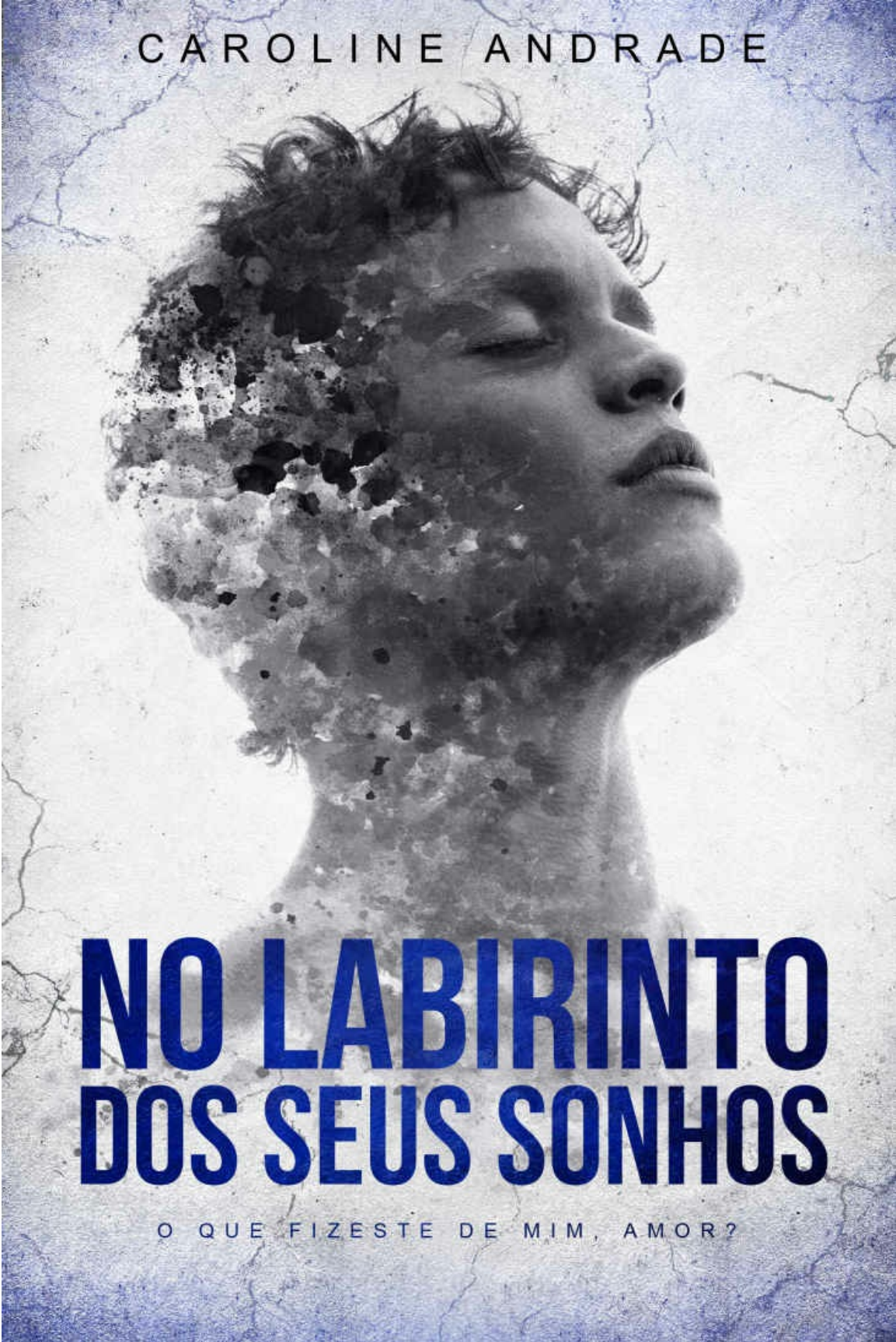
Paolo - O Despertar do Monstro

Sinopse:

Tudo nessa vida tem um preço, e Yara sabia disso quando salvou a vida do monstro que entrou em seu caminho. Tendo que escolher entre o homem que amava e os frutos dessa paixão que cresciam em seu ventre, partiu, deixando-o sem olhar para trás. O que ela não sabia é que sua magia deixou rastros, e agora algo muito pior vêm atrás dela. Seu mundo desaba quando suas filhas são levadas por um mal maior, e o destino brinca com a pequena bruxa, colocando-a frente a frente com o homem que tanto assombrou suas lembranças por longos anos. O monstro se perde assim que seus olhos pousam na pequena mulher solitária que vê em seus sonhos, e que agora está em carne e osso na sua frente. Algo dentro de Paolo desperta, puxando-o para ela cada vez mais, sem entender o que os liga.

O Cão e a Bruxa estão de volta em mais uma batalha. Yara lutará com toda sua força para ter suas filhas de volta. No meio da sua jornada, precisará mostrar ao monstro o poder e a força da magia do amor, e encarar a ira de cinco anos longe dos olhos tão sombrios quanto o portão do inferno. Poderá o cão de caça perdoar a bruxa que o jogou no limbo por cinco anos, sem despertar o monstro que habita nele?

Paolo – O Despertar do Monstro – [Amazon](#)



CAROLINE ANDRADE

NO LABIRINTO DOS SEUS SONHOS

O QUE FIZESTE DE MIM, AMOR?

No labirinto dos seus sonhos

Sinopse:

Se me perguntarem se já era amor desde o início, garanto-lhe com as minhas palavras salgadas pelas lágrimas que sim. Eu já o amava antes do princípio, assim como no meio e fim. Nosso amor mórbido e louco nos unia em nossa agonia chamada vida. Se existia um inferno, eu iria para lá por ele, pois onde mais dois pecadores poderiam descansar suas almas negras manchadas pelos pecados da carne? E então, eu fui. Joguei-me de cabeça em seu mundo. Conforme trazia Ben para mais perto de mim a cada sonho, a cada parte dele que eu salvava, uma parte minha ficava presa em seu labirinto. Em meu peito, onde batia um coração de uma menina apaixonada, não importava em quantos pedaços eu teria que destruir minha alma para salvá-lo, pois a loucura que o habitava era a mesma que tinha morada fixa em meu coração. Lizandra, essa sou eu, ou a sombra de quem eu fui um dia.

No Labirinto de seus Sonhos - [Amazon](#)

-
- [\[1\]](#) Deve ter cuidado com tua língua, carinho.
 - [\[2\]](#) Tenho tanto medo de deixar arruinar meu amor a ponto de me perder sem você.
 - [\[3\]](#) Não me chame de carinho, é falso!
 - [\[4\]](#) Se quer falar sobre o efeito de mentir, me conte sobre o teu amante.